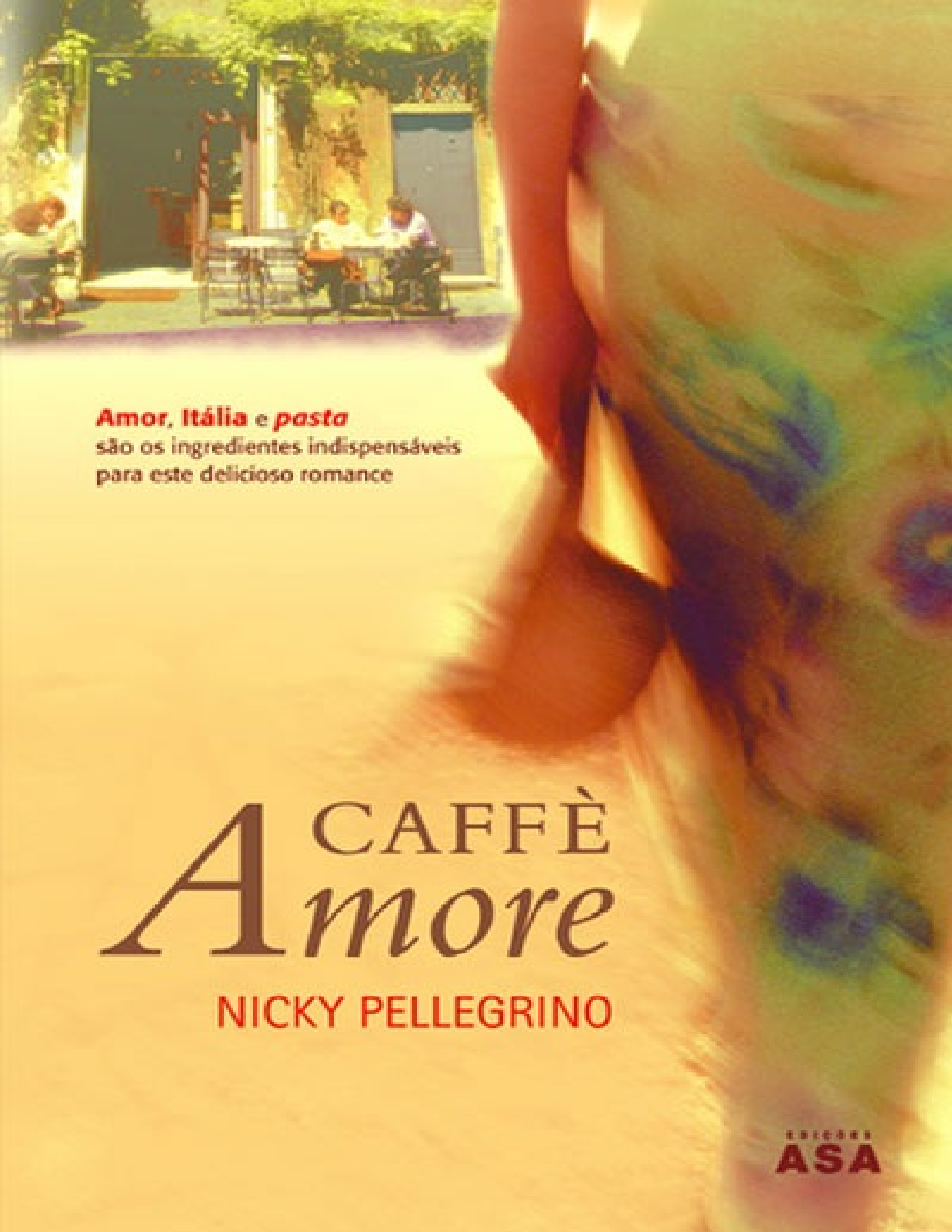




Amor, Itália e *pasta*
são os ingredientes indispensáveis
para este delicioso romance

A CAFFÈ *Amore*

NICKY PELLEGRINO

EDICIONES
ASA



Nicky Pellegrino
Caffè Amore

Nicky Pellegrino nasceu em 1964 em Inglaterra, tendo passado os Verões da sua infância no Sul de Itália. Vive actualmente em Auckland, na Nova Zelândia, onde trabalha como editora da *New Zealand Woman 's Weekly*. *Caffè Amore* é o seu primeiro romance.

Contra-Capa:

CAFFÈ AMORE

Itália, 1964. Maria Domenica é a filha mais velha de Pepina e Erminio Carrozza, uma família de agricultores da pequena aldeia de San Giuio. Aos dezasseis anos, a vida de Maria está limitada à cozinha da sua mãe e ao Caffè Angeli, um local de convívio, de café intenso e do famoso *ricotta sfogliatelle*.

Os pais de Maria têm grandes expectativas para a sua bela primogénita, mas ela tem outros planos. . entre eles, uma fuga para Roma. Um ano depois, Maria está grávida de oito meses e vê-se obrigada a regressar a San Giuio, onde a espera um casamento de fachada. Mas Maria não desiste de procurar uma nova vida para si e para a sua filha, Chiara, mesmo que isso signifique ir contra as convenções e tradições, e rapidamente volta a fugir, desta vez para a Grã-Bretanha. Muitos anos mais tarde, vai ser Chiara a regressar a San Giuio, onde descobre que a vida simples que procura não é tão simples como parece - principalmente no que diz respeito ao passado.

Repleto de personagens fascinantes, paisagens belíssimas, cheiros e sabores tentadores, Caffè Amore retrata de forma magnífica o universo feminino, num claro piscar de olhos a obras como *Chocolate*, de Joanne Harris

Amor, Itália e pasta são os ingredientes indispensáveis para o mais saboroso romance deste Verão CAFFÈ Amore

NICKY PELLEGRINO

TÍTULO ORIGINAL DELICIOUS

Para a Sylvia e o Dino que se conheceram na Via Veneto Primeira Parte
San Giulio, Itália, 1964

1

Aos domingos à noite pairava uma atmosfera de romance na pequena aldeia de San Giulio. Romance ao estilo italiano.

E era por isso que Maria Domenica Carrozza passeava pela rua principal, de braço dado com a sua mãe, Pepina. A sua irmã mais nova, Rosaria, pendurava-se de forma relutante no outro braço da Mamma.

A noite estava deliciosamente quente e Pepina não tinha pressa. Gostava de exhibir as suas filhas, caminhando com elas num ritmo calmo, passando por edifícios altos e estreitos cor de areia molhada e descendo os gastos degraus de pedra, em frente à igreja, em direcção à praça calcetada em baixo.

— Mamma — choramingou Rosaria, espicaçando a mãe com os dedos um pouco sujos. —

Estou cansada. Podemos ir para casa? Por favor?

— Basta, Rosaria — sibilou Pepina, sem alterar o ritmo que os seus melhores sapatos faziam sobre as pedras da calçada. — Ainda é muito cedo. Vamos tomar uma bebida no caffè, bellissima figlia.

Bamboleando as suas generosas ancas, conduziu as duas filhas de cabelos e olhos escuros em direcção às luzes brilhantes do Caffè dei Fratelli Angeli, onde os pastéis eram os mais ricos e cremosos, o café era forte e as mesas estavam sempre apinhadas de amigos, vizinhos e, quem sabe, talvez de um marido adequado para as suas bonitas meninas.

Desde que havia memória, o Caffè Angeli estivera de sentinela na esquina mais afastada da praça principal de San Giulio, uma aldeia antiga e poeirenta que se ergueu com ousadia nas planícies da Campania. Não havia colinas nem vales para San Giulio se aconchegar, nem paredes altas de pedra que a pudessem esconder. A enorme extensão plana de terreno na qual assentava estendia-se até ao mar Mediterrâneo.

Mas, apesar de San Giulio se encontrar exposta e desprotegida, os aldeões tinham conseguido, de alguma maneira, manter o mundo exterior à distância. Como a maioria das pessoas nascidas nas terras férteis que rodeavam Nápoles, aqui ainda se mantinham muito fiéis aos velhos costumes. As mulheres casavam cedo e vestiam-se de preto a partir do momento em que perdiam o seu primeiro ente querido; Rita Pavone cantarolava suavemente a partir da única jukebox da aldeia; e a mãe ainda sabia o que era melhor para as suas filhas.

Para Maria Domenica, de dezasseis anos, isso significava uma vida passada entre as quatro paredes da cozinha da mãe, excepto aos domingos à noite, altura em que saía por umas curtas horas para fazer la passeggiatta pelas ruas de San Giulio.

Maria Domenica nunca questionara o facto de ter sido forçada a abandonar a escola aos treze anos. Afinal, era a mais velha de seis. Havia pão para cozer, galinhas para alimentar, crianças a quem dar banho, e Pepina não conseguia fazer tudo sozinha.

Quanto a Erminio, o seu pai, andava ocupado a guiar o camião carregado de pêssegos e ameixas pelo país. Cuidar de bebés? Isso era trabalho de mulheres e seria melhor que Maria Domenica o aprendesse cedo, de modo a estar preparada para criar os seus próprios filhos quando estes chegassem dentro de alguns anos. A responsabilidade de encontrar maridos suficientemente bons para casar com as filhas recaiu sobre Pepina. Domingo após domingo, passeava de forma determinada através da poeirenta rua principal e em volta da pequena fonte na praça, mostrando à aldeia o que tinha para oferecer: belas moças nos seus melhores vestidos, boas raparigas que teriam bebés formosos e que manteriam as panelas a ferver com coisas deliciosas.

— Mamma — repetiu Rosaria, dando insistentemente toques com o ombro na mãe. — Posso tomar uma Coca-Cola? Mamma, por favor? Tenho sede.

Aos catorze anos, Rosaria era muito nova para ser exibida pela vila num domingo à noite, Pepina sabia-o, mas era melhor exibir duas filhas do que nenhuma, especialmente quando havia mais três em casa a crescer a olhos vistos. Seis filhos e apenas um deles rapaz—porca miséria. Onde teria ela falhado?

— Mamma, Coca-Cola.

— Está bem, está bem, Rosaria.

Do outro lado do movimentado caffè, Pepina avistou Elena Manzoni e acenou. Elena tinha um filho bonito, Marco, que tinha mais ou menos a mesma idade de Maria Domenica. Um bom rapaz que herdaria um dia a quinta dos Manzoni e tanto ela como Erminio concordavam que a filha mais velha poderia arranjar pior. De forma obediente, Maria Domenica deixou-se levar pela mãe, serpenteando por entre as mesas cheias de gente do Caffè Angeli. Não era uma rapariga verdadeiramente bonita. As pernas eram demasiado compridas e magras, a pele demasiado sardenta, os olhos demasiado encovados e o nariz comprido de mais para se tratar de uma beleza verdadeira. Tinha, contudo, longos cabelos negros que lhe caíam como água pelas costas e um sorriso que fazia com que os velhos lho retribuíssem.

Um beijo rápido nas bochechas de Elena e do filho. O olhar de Marco não encontrou o dela. Estava fixo, por cima do ombro dela, em Rosaria, de face redonda e barriga pronunciada, que já bebia com avidez a sua Coca-Cola por uma palha.

Pepina deu-lhe um toque com o cotovelo.

—Marco, vem ajudar-me a escolher uma canção na jukebox —balbuciou Maria Domenica, agitando umas moedas no bolso.

—Quem é que queres ouvir? A Rita Pavone? O Little Tony? Talvez haja canções novas esta semana.

Quando se afastou, contrariada, do campo de visão da sua irmã mais nova, Maria Domenica desejou poder dizer o que realmente lhe ia na cabeça: «Eu não te quero, Marco. Podes ficar com a Rosaria. Fica com ela, leva-a já. Estou tão cansada de a ouvir quei-xar-se, estou farta de a ver comer. Vai ficar velha e gorda num abrir e fechar de olhos e vai dar-te cabo da paciência durante os próximos quarenta anos, mas se a queres, fica com ela, Marco, perfavore, fica com ela.» Em vez disso, permaneceu de forma serena ao lado do rapaz que a mãe escolhera para ela, não sabendo bem como se deveria comportar.

O sorriso na boca carnuda e macia de Marco esmoreceu assim que ele passou os olhos pela jukebox. — Merda. Ninguém ouve esta porcaria na cidade. Em Roma, em Nápoles, ninguém gastaria dinheiro nesta porcaria.

— E o que é que tem se não ouvem isto na cidade? — contrapôs ela com alguma coragem. — Não quer dizer que aqui, em San Giulio, não possamos gostar.

— San Giulio — proferiu amargamente. — Não vou desperdiçar mais tempo nenhum da minha vida neste lugar. Na próxima semana não me vão encontrar a beber Coca-Cola com velhas e crianças.

— Tens planos ?

— Talvez.

— Diz-me, Marco. Aonde vais?

— Para a cidade, claro, aonde achas que iria?

— O que farás lá?

Franzindo o sobrolho na direcção da jukebox, Marco permaneceu em silêncio.

—Cala-te — sussurrou. — Queres que toda a gente fique a saber? Eu digo-te, se te calares por um minuto.

Acontecia que Marco tinha um primo a viver em Roma. Um primo que tinha um emprego num talho, um quarto alugado em Trastevere e uma grande lábia com as turistas bonitas que andavam à procura de la dolce vita na Via Veneto. Tudo o que Marco precisava era de um bilhete de comboio.

— Talvez eu pudesse ir contigo? Para Roma? — Os olhos negros de Maria Domenica arregalaram-se quando a possibilidade de fuga lhe ocorreu pela primeira vez.

— Ora essa, tu és uma rapariga — disse Marco, a expressão rabugenta dos seus

lábios mudando agora para um esgar divertido. -És apenas uma rapariga. E não vais a lado nenhum.

Em volta da sala, muitos pares de olhos observavam Maria Domenica e Marco a trocarem algumas palavras. As mães fitavam-nos esperançosas, à procura de algum sinal de romantismo. Quanto a Rosaria, o seu olhar era ressentido e apagado. De semblante carregado, batia repetidamente com a garrafa de Coca-Cola, agora vazia, no lado da mesa. O que estava a Mamma a fazer, tentando juntar aqueles dois de qualquer maneira? Não era óbvio o que Marco queria? E se dependesse dela, Marco iria concretizar o seu desejo antes do fim do ano. Por trás da bela máquina de café Gaggia que manuseava como se tratasse de um instrumento musical, Franco Angeli também vigiava o jovem casal. Quanto tempo faltaria para começar a ouvir as queixas daquele par?, pensou. Não há canções dos Beatles na jukebox. Não há música pop. E pousou com força com um jarro de leite batido no balcão brilhante de aço inoxidável, em sinal de repugnância. Do alto das paredes, muitos outros Franco Angeli olhavam para o casal com igual desaprovação. Quando Franco e o seu irmão Gennaro abriram o Caffè dei Fratelli, muitos anos antes, saciaram a sua paixão pela arte italiana. Contrataram um jovem e talentoso pintor que passara muitos, muitos meses em equilíbrio precário num andaime, cobrindo lentamente as paredes e o tecto com reproduções das pinturas favoritas dos irmãos. Na melhor tradição da Renascença, os rostos dos mecenas apareciam algures em cada pintura.

Assim, naquela parte do tecto, estava um Franco Angeli surpreendido quase a tocar no dedo de um Deus barbado n'A Criação de Adão de Michelangelo; ali na parede, um galanteador Gennaro Angeli observava a Vénus de Botticelli a sair da sua concha. E, por trás do balcão, encontrava-se um casal de atrevidos anjos rafaeles-cos, que tinham mais do que apenas uma leve parecença com as fotografias de Franco e Gennaro quando eram novos.

Os habitantes locais já mal levantavam os olhos para toda aquela beleza. A maioria dos jovens quase nunca se tinha apercebido sequer de que estava lá. Da forma mais discreta possível, enquanto servia café às pessoas o dia todo, aquilo partia o coração de Franco Angeli.

— Olha, Marco — Maria Domenica ria-se agora e erguia os olhos para o tecto —, se fores a Roma, poderás ver a verdadeira Capela Sistina e comparar com o Caffè Angeli.

Marco revirou os olhos. Beleza era o que ele via todas as manhãs ao espelho, não um bocado de tinta velha numa parede. — Quando chegar a Roma, não vou perder tempo — garantiu-lhe. — Arranjarei um emprego e, assim que começar a ganhar

dinheiro, comprarei uma Vespa como o meu primo António. E depois iremos divertir-nos.

— E voltarás algum dia?

— Talvez, daqui a dez anos. Por essa altura, estarás casada e com filhos, imagino. Ainda assim, irei visitar-te. A ti e à tua irmã Rosaria. E levarei as duas a passear no meu Ferrari. — Ele riu-se, afastando-se dela e da jukebox que tanto o decepcionara. — Vejo-te daqui a dez anos, Maria Domenica? Mal posso esperar. Se alguém tivesse estado a observar Maria Domenica naquele momento, teria visto instalar-se no seu rosto uma expressão que, em dezasseis anos de vida de irmã mais velha, obediente e conscienciosa, ela jamais exibira. Uma expressão que indiciava problemas.

Pepina tinha medo que o pão se acabasse. As prateleiras do seu grande armário de cozinha estavam sempre carregadas de pães duros e imperfeitos, que partiriam os dentes a qualquer um que não tivesse sido habituado às suas côdeas rijas. E, mesmo assim, todas as manhãs era suposto que Maria Domenica se levantasse cedo com a sua mãe e cozesse mais.

— Enquanto houver pão naquelas prateleiras, os nossos estômagos nunca estarão vazios — repetia Pepina todos os dias, sem falhar, enquanto tiravam para fora o grande saco de farinha e acendiam o forno. E se a filha mais velha deixasse escapar um suspiro ou lançasse um olhar à fila de pães feitos no dia anterior, ela nunca reparava.

Lado a lado, laboravam na longa mesa da cozinha enquanto o sol nascia, com as galinhas a cacarejar à volta dos seus pés. De costas curvadas, trabalhavam com dedos fortes a massa de pão amarela e espessa. E enquanto trabalhavam, falavam. Bem, nessa manhã, Pepina falou e Maria Domenica sonhou acordada com uma vida diferente, fora daquelas familiares paredes que caíam às lascas.

A cozinha, dominada por uma mesa de pinho polida por décadas de uso das mulheres Carrozza, era o sítio onde mãe e filha passavam a maior parte dos dias. As janelas davam para a horta, onde as duas cavavam e arrancavam as ervas daninhas pela fresca da manhã e do fim da tarde, e para o pomar de pêsegos, que se estendia para as traseiras e para a frente da casa.

A parte original da casa térrea era assim: as paredes tinham sido construídas para durar e o chão coberto com lajes. Todavia, mal se abria a porta que dava acesso aos quartos, tudo se tornava torto e accidental. Ali havia um caixilho de uma porta, surripiado dos escombros de uma demolição na estrada, acolá um peitoril de janela feito pelo pai de Erminio, que pregara alguns pedaços de madeira velhos com umas tachas. Com as paredes inclinadas para dentro e os tectos enviesados, Pepina vivia com medo do que poderia acontecer se houvesse um tremor de terra. Na parede, por cima de cada cama, estava pendurada uma imagem de Nossa Senhora e uma efígie de Cristo na cruz e, sempre que se lembrava, Pepina rezava a ambos para que mantivessem as suas decrepitas paredes de pé.

Os quartos, pregados à casa de cada vez que nascia uma criança, serviam de facto apenas para dormir. Durante as horas de vigília, a vida familiar girava em torno da cozinha, onde o dia começava sempre com a cozedura do pão.

A tarefa de misturar o açúcar e o fermento com a água morna e deixar a levedar era de Maria Domenica. E em seguida, assim que os pães redondos e espalmados que a mãe acabara de moldar estivessem no forno, ficava com a incumbência de

os borrifar com água para que as côdeas ficassem suficientemente rijas e assim durarem muitos dias. Não era um trabalho que pudesse ser feito à pressa e, muitas vezes, metade da manhã tinha decorrido sem que mãe e filha tivessem tido a satisfação de ver o seu pão quente a arrefecer na prateleira metálica por cima do fogão.

As mãos de Pepina eram duras e calejadas pelos anos de trabalho, os ombros curvados para a frente pelas horas que passava debruçada sobre a mesa da cozinha, mesmo assim não parecia infeliz com a sua sorte. Todas as manhãs, saudava a filha com um sorriso e conversava e ria ao longo de todo o dia de trabalho.

— Não me interpretes mal. Vou sentir a tua falta por aqui — dizia, ao mesmo tempo que trabalhava a massa. — És uma boa ajudante, Maria Domenica. Tens sido sempre uma boa rapariga. Mas a Rosaria pode ficar com o teu trabalho quando fores embora. Já é tempo daquela menina ter um pouco mais de disciplina. As palavras da mãe catapultaram-na de volta para a realidade. — Quando eu for, Mamma? Aonde é que eu vou? Eu nunca disse que ia a parte alguma.

— Scema! Ouviste alguma palavra do que eu disse? — Pepina pousou bruscamente a massa num local soalheiro e, cobrindo-a com um pano, deixou-a a levedar. — Já tens dezasseis anos. Eu fui prometida ao teu pai com a mesma idade. E o Marco Manzoni é um bom rapaz. Talvez um pouco vaidoso, mas hoje em dia os rapazes parecem todos obcecados pelas suas roupas e penteados. A Elena e eu achamos que vocês se vão dar bem. Tu e o Marco.

— Mas, Mamma, eu não quero casar com o Marco Manzoni. — Os dedos de Maria Domenica pararam e enterraram-se na massa enfarinhada. — E ele não quer casar comigo. Acho que tem outros planos.

— Oh, planos. Tenho a certeza de que tem muitos planos. É um rapaz inteligente, esse Marco. E ninguém está a dizer que se devam precipitar. Apenas que passem algum tempo juntos para se conhecerem. A Elena pediu que fosses almoçar com a família em breve. Não te esqueças de que ela não é lá grande cozinheira, por isso é melhor comeres um pouco de pão e queijo antes de ires. E sabes que mais, Maria Domenica, acho que o melhor é cozermos mais pão. Tenho medo que se acabe.

Lançando um olhar de desespero às prateleiras já cheias, Maria Domenica despejou outro monte de farinha grossa na mesa, fez um buraco no meio e encheu-o de água com fermento. Quando começava a misturá-la, uma Rosaria sonolenta abriu a porta da cozinha. O seu cabelo negro estava despenteado e a pele estava tão pegajosa com suor que a camisa de noite se colava às curvas do seu corpo

jovem e generoso.

— Oh, está tanto calor hoje — bocejou. — Mamma, posso ir à praia de tarde? Todos os Verões, a irmã de Pepina, Lúcia, alugava uma pequena barraca na extensão de praia mais próxima, conhecida como La Sabbia D'Oro e, nos dias mais abafados de Julho e Agosto, ela e as suas duas filhas despachavam a lida doméstica de manhã e passavam as tardes a refrescar-se junto ao mar e a bronzear-se.

Só que a família de Lúcia vivia num pequeno apartamento no centro da vila. Limpar e fazer compras não lhes ocupava muito tempo. Mas na desconexa casa de Pepina, situada no campo poeirento nos arredores de San Giulio, havia uma longa lista de tarefas domésticas a realizar e era raro o dia em que as raparigas conseguiam terminá-las a tempo de se juntarem às suas primas na praia.

— A praia? Hoje não, Rosaria. O que podes é ajudar a tua irmã a acabar de cozer o pão. E depois quero que faças gnocchi para o teu pai, para o caso de ele vir para casa esta noite.

— Sim, mas...

— E há uma pilha de louça suja assim que terminares isso.

— Mas, Mamma, os Manzoni alugaram uma barraca na Sabbia D'Oro este ano. Vão estar lá hoje. — Rosaria dirigiu um olhar matreiro à irmã. — Eu disse ao Marco que eu e a Maria Domenica faríamos um grande tabuleiro de cannelloni e que lho levaríamos para o almoço. Prometi-lhe.

— Bem, se estavas a pensar fazer uns cannelloni decentes, devias ter-te levantado há uma hora, sua preguiçosa. — Pepina estava já ruidosamente a tentar desenterrar um tabuleiro digno de transportar os cannelloni de Marco. — Despacha-te. Vai vestir-te, que nós vamos começando.

O triunfo brilhou por instantes nos pequenos olhos negros de Rosaria. Não era normal conseguir levar a sua avante com tanta facilidade e rapidez. Mas, ultimamente, a mãe seria capaz de concordar com quase tudo o que significasse atirar a irmã mais velha para os braços de Marco. Aquele ia ser um bom dia apesar de tudo... uma tarde na praia e um grande prato de cannelloni da Mamma para o almoço. E quem sabe? Talvez Marco estivesse mesmo lá.

Embora adorasse o mar, Maria Domenica apavorava-se com as idas à praia. As suas primas conheciam toda a gente na Sabbia D'Oro. Iam para lá desde que eram crianças. Agora eram adolescentes, bronzeadas e confiantes. Enquanto riam, trocando mexericos e pedaços de comida com os amigos, Maria Domenica estendia rigidamente o seu escanzelado corpo cor de cal na areia, tentando não parecer tão desenquadrada quanto se sentia.

Rosaria tinha razão. Estava calor, uma brasa. E, por um segundo, Maria Domenica sentiu-se tentada em ir à procura do seu velho e desbotado fato-de-banho e fazer-se à praia. Mas outros planos mais importantes estavam a formar-se no seu espírito e, se jogasse bem as suas cartas, aquele poderia ser o dia em que iria colocá-los em prática. Primeiro, tinha de tirar a Mamma e os outros do caminho durante algumas horas.

Ao longo dos anos, observara Rosaria o suficiente para ter aprendido a melhor forma de manipular a mãe.

—Mamma, porque é que também não vem à praia? — perguntou num tom de voz suficientemente alto para ser ouvido na horta onde Pepina apanhava tomates maduros para o molho dos cannelloni, e para ecoar ao longo do corredor e chegar aos quartos onde o irmão e as irmãs despertavam. — Podíamos levar os miúdos todos e fazíamos deste dia uma grande festa. Que diz?

Teve o efeito desejado. Em poucos segundos, um enxame de miúdos barulhentos rodeava a mãe. Os cães ladravam, Rosaria ria-se e vizinhas entoavam insistentemente: — Praia, praia, praia.

Maria Domenica esperou que a mãe estivesse ocupada a tentar encher tabuleiros de comida e a meter as crianças dentro do carro para dizer a primeira verdadeira mentira da sua vida.

Esfregando a barriga, começou: — Mamma, dói-me a barriga. Acho que deve ser o meu período. Importa-se que não vá à praia?

— Mas, Maria Domenica, a ideia era precisamente... realmente, vê-se que estás pálida.

— Não me sinto bem, a sério.

Minutos depois, observando a nuvem de pó levantada pelo carro da mãe a dirigir-se para a praia, Maria Domenica sentiu algo de facto. Mas não eram dores de barriga. Era uma leve palpitação de entusiasmo.

3

Franco Angeli estava a ter um dia tranquilo. Parecia que o calor tinha arrastado a vila inteira para a praia. Poderia ter fechado a loja e ido atrás deles, pensou, mas por vezes os momentos calmos eram os melhores no seu pequeno caffè.

Cantarolava baixinho com satisfação ao mesmo tempo que polia a máquina de café Gaggia, com a sua estrutura robusta em aço inoxidável e manípulos de madeira esmaltada, até que estivesse a brilhar.

Estava tão absorto nos seus pensamentos que nem reparou que a filha mais velha de Pepina Carrozza entrara sorrateiramente. Quando finalmente Franco olhou para cima, ela estava em silêncio a observar as musas de Botticelli que dançavam ao longo da parede.

— Já foi a Roma ver a original? — perguntou, por fim, Maria Domenica.

— Não está em Roma, está em Florença. Mas sim, já a vi. Chama-se Primavera e é uma pintura muito bela.

Ela acenou com a cabeça em direcção ao tecto: — E esta? Não está em Roma, na Capela Sistina? Lembro-me de aprender isso na escola. Já a viu?

— Sim, já as vi todas. E são todas extraordinárias. Talvez um dia consigas vê-las também.

Maria Domenica olhava-o com firmeza. Estava prestes a dizer a segunda mentira da sua vida. — É mais ou menos sobre isso que eu vim aqui falar consigo — começou, subindo para um banco e apoiando os cotovelos no balcão brilhante de Franco. — O meu pai Erminio... conhece-o, ele conduz o camião da fruta... e tem a possibilidade de viajar por toda a Itália e conhecer tudo. Mas a minha mãe, por outro lado, nunca foi para além de Nápoles. Por isso, eu tenho um plano secreto. Quero poupar dinheiro para levá-la numa viagem a Roma e mostrar-lhe a Capela Sistina.

— Bem, isso é maravilhoso, mas porque é que me estás a contar isso?

— Porque preciso de arranjar um emprego para ganhar o dinheiro. E pensei que poderia ajudá-lo aqui no caffè. Sou muito trabalhadora e boa cozinheira. Sei limpar, servir os clientes. Na verdade, tudo o que quiser.

Não era uma má ideia, agora que Franco pensava nisso. As coisas estavam um pouco complicadas no Caffè Angeli desde que a sua mulher morrera e o seu irmão Gennaro o deixara e se mudara para o Norte. Só tinha um filho, Giovanni, que andava ocupado com os estudos e era novo de mais para ser de grande ajuda no caffè.

— Estarás aqui para trabalhar e não para andares pelas mesas a conversar com os amigos — avisou Franco.

— Sim.

— Terás de trabalhar tanto quanto o Gennaro trabalhava, antes de se mudar para o Norte.

— Está bem.

— E talvez precise de ti algumas vezes à noite... como é que os teus pais vão reagir a isso?

— Vão reagir bem... só que não lhes poderá dizer porque que é que eu preciso do dinheiro — lembrou-o. — É uma surpresa secreta.

— Uma surpresa secreta? — As feições de duende de Franco desenharam um sorriso e os seus olhos dançaram por trás dos óculos redondos de armação em prata. — Está bem, parece-me que acabaste de arranjar emprego.

— Oh, grazie, Franco, grazie, grazie. — Maria Domenica en-gasgava-se na ansiedade de lhe agradecer devidamente.

— Prego — respondeu e, com um assobio da sua Gaggia, fez aparecer duas chávenas de café a fumegar. — Já que temos um acordo, é melhor brindarmos a ele — disse-lhe.

Assim que a chávena de café de Maria Domenica tilintou contra a dele, a expressão de Franco tornou-se mais séria. — Sabes que serás a primeira pessoa que não faz parte da família Angeli a trabalhar aqui. A primeira estranha. Espero que não me dês razões para me arrepender.

Uma ponta de culpa juntou-se à onda de excitação bem no fundo do estômago de Maria Domenica. Já dissera duas mentiras nesse dia e ainda faltava mais uma. A terceira mentira era a mais difícil. E veio mais tarde, logo que a sua família saiu aos tropeções do pequeno carro da Mamma. Vinham todos queimados pelo sol, cobertos de areia e de sorrisos satisfeitos.

— Perdeste um óptimo dia de praia — disse o irmãozinho Sal-vatore, dando pulos de tanta excitação. — Comemos gelados.

— A água estava tão quente, estava magnífica — sorriu Rosaria com preguiça. — A única coisa estranha foi o facto do Marco não ter aparecido por lá.

— Oh! Então onde estava?

— Ninguém soube dizer — respondeu Pepina, encolhendo os ombros e tirando os tabuleiros, com os fundos completamente rapados, da mala do carro. — De qualquer forma, houve muitos pretendentes para a massa. Não se desperdiçou nada, pois não, Rosaria?

Sentindo um aroma de cebolas a alourar lentamente em azeite, Pepina passou por baixo da entrada coberta pela vinha e entrou na cozinha. — Oh, és tão boa menina, Maria Domenica. Já começaste a fazer o jantar. E como é que te sentes?

As dores de barriga já passaram, figlia

— Oh, já me sinto melhor. — Ligeiramente chocada, tomou consciência de que, por essa altura, era praticamente uma mentirosa experiente.

— Mamma, queria perguntar-lhe uma coisa, antes que o pai chegue a casa — continuou rapidamente. — Estive a falar com o Franco Angeli ontem à noite quando fomos ao caffè e ele pergun-tou-me se eu podia ir ajudá-lo algumas noites. Desde que o irmão Gennaro se mudou para Milão com a mulher, o pobre homem anda exausto. Está a precisar de um par de braços extra.

Pepina franziu o sobrolho. — Isso será como ter um emprego, não? Não sei o que o teu pai dirá sobre isso.

— Bem, será mais um favor do que um emprego. Mas ele vai pagar-me alguma coisa. E eu pensei em poupar o dinheiro. Sabe, para o futuro, para quando eu... para quando eu... me casar.

Se ela conseguisse persuadir a mãe, estava convencida de que o pai não levantaria muitas objecções.

— O que acontece, Mamma, é que eu vou estar apenas no caffè.

A Mamma e a Rosaria poderão ir lá ver-me quando quiserem. — Misturou um pouco de polpa de tomate às pegajosas cebolas picadas. — E continuaria a estar em casa de manhã para ajudá-la a cozer o pão.

— Bem, não sei. — Pepina fora apanhada de surpresa.

Rosaria também não estava nada à espera de algo do género da parte da sua irmã mais velha, normalmente tão enfadonha, mas já conseguia ver as vantagens. —

Imagem os mexericos que a Maria Domenica vai ouvir naquele lugar todos os dias — disse com uma risadinha. — Toda a gente vai lá. Nada lhe vai escapar.

— Ela vai estar a trabalhar, não a bisbilhotar. — Pepina atingiu a segunda filha de raspão com uma toalha de cozinha. — E trabalho é o que tu também vais passar a fazer mais, figlia. Toma, pega nisto.

— Atirou-lhe a toalha. — Podes muito bem começar já.

E foi assim que Maria Domenica deu consigo do outro lado do balcão de aço inoxidável do Caffè Angeli, envergando um avental branco engomado e aprendendo, com um Franco Angeli eternamente paciente, os segredos da sua por vezes temperamental Gaggia.

Depressa conseguiu manusear os manípulos de madeira como uma especialista e colocar uma crema perfeita no topo de cada chávena de café expresso que servia. E todas as noites, quando caía na cama exausta com o seu longo cabelo negro ainda a cheirar a grãos de café, pensava no crescente monte de dinheiro que recheava o seu colchão. As suas poupanças, para o seu futuro.

Rosaria tivera razão numa coisa: do seu lugarzinho por trás da Gaggia, Maria Domenica ouvia todos os mexericos da vila. As pessoas falavam e ela escutava. — Soubeste da novidade? — Gina aproximou-se e subiu para um dos bancos de couro vermelho alinhados junto ao balcão de aço inoxidável. — O Marco Manzoni desapareceu. Saiu na segunda-feira, de manhã cedo, e, desde aí, nunca mais foi visto.

Mais tarde, da tia Lúcia: — Ouvi dizer que as roupas dele desapareceram. E os discos. A mãe não tem notícias dele há dias.

No dia seguinte: — Pobre Elena... foi roubada — confidenciou Gloria Ferrero, a mulher do carnicheiro. — Aquelas medalhas de devoção, em ouro, que ela costumava levar consigo para todo o lado na carteira como protecção, sabem? Foram-se! A Elena recusa-se a acreditar que foi o Marco. Mas, na verdade, quem mais poderia ter sido?

E depois, uma semana mais tarde: — Soubeste que a Elena Manzoni recebeu, finalmente, uma carta daquele seu filho ingrato? Está em Roma, segundo parece. A viver com um dos seus primos e a meter-se em problemas sem fim, aposto.

Por fim, a própria Elena, de queixo a tremer, anunciou bem alto a todos aqueles que estavam reunidos nos bancos e em volta das mesas: — O meu Marco é um rapaz tão trabalhador. Está apenas há uma semana em Roma e já tem um emprego no talho com o primo. Aquele meu filho vai longe. — Depois, dando uma palmadinha leve na mão de Maria Domenica: — Não te preocupes, cara. Eu sei que tinhas esperanças. Mas vais encontrar outro rapaz bom para namorar. Enquanto servia minúsculas chávenas de café expresso negro e forte aos clientes habituais no balcão, Maria Domenica apercebia-se dos olhares complacentes de que era alvo. Supôs que Elena, ou a sua mãe, tivessem andado a falar. Pois bem, eles que pensassem que ela estava desgostosa por causa de Marco. Não lhe fazia qualquer diferença. A única pessoa que ela não suportaria que acreditasse na mentira sobre o seu amor por Marco era Franco Angeli.

— Então o teu namorado pôs-se a andar? — arreliou-a Franco numa tarde movimentada, quando houve uma pausa no interminável fluxo de clientes.

— Ele não é meu namorado. As nossas mães insistiram em tentar juntar-nos. Mas juro que nunca mostrei o menor interesse por ele. Não quero um namorado, estou feliz assim.

— Todas as raparigas querem ter um namorado. — Franco ria-se dela. — Queres casar e ter filhos, não é?

— Importa-se de me dizer onde é que está escrito que todas as raparigas têm de

se casar e ter filhos e passar o resto das vidas a trabalhar como escravas na cozinha, tal como acontece com a minha mãe?

No canto, alguns clientes habituais levantaram os olhos dos copos de Campari e soda, surpreendidos com a sua veemência.

—Não está escrito em lado nenhum — respondeu Franco com sensatez. — É só que a maioria quer casar, apenas isso. Tal como os rapazes, embora muitas vezes finjam que não querem. O dia do meu casamento foi o dia mais feliz da minha vida. E o dia em que nasceu o meu Giovanni, aquele por quem senti o maior orgulho.

Maria Domenica ficou irritada com Franco e, logo depois, sentiu-se culpada. Ele não tinha culpa de não a conseguir entender... nem ela própria se compreendia totalmente a si mesma. E ficou a observar a pintura de Vénus que pairava por trás da jukebox.— Bem, não somos todos iguais, não é? — replicou. — Há pessoas que esperam coisas diferentes da vida.

Franco parou de limpar a Gaggia e deu-lhe toda a sua atenção. — E o que queres tu da vida, Maria Domenica, se não é casar e ter filhos?

Ela franziu o sobrolho. Como poderia explicar melhor? Há muito tempo que sabia que a casa da quinta onde fora criada era pequena de mais para ela. Gostaria de viver, apenas por algum tempo, num lugar onde ninguém soubesse quem era, onde ninguém conhecesse a sua família ou se lembrasse dela quando era bebé, onde ninguém se tivesse sentado ao seu lado na escola ou brincado com ela na Sabbia D'Oro. Onde pudesse ser alguém completamente diferente. Mas como conseguiria explicar aquilo a Franco?

— Não é que eu não queira ter um marido e uma família — conseguiu dizer por fim.

— Mas não é já. Primeiro, quero ser alguém.

— Tu já és alguém! — Franco riu-se de novo e atirou-lhe o pano. — Toma, podes ser alguém que termine isto. Vou num instante ao outro lado da rua comprar o jornal e depois gostaria de ter cinco minutos de paz e sossego para o ler antes que comece outra vez o movimento.

Havia dias em que o filho de Franco, Giovanni, abandonava os trabalhos de casa e vinha dar uma mãozinha por uma ou duas horas. Era um rapaz magrinho, de rosto sério, que a seguia pelo caffè como um cachorrinho fiel e corava até à raiz do cabelo cortado rente de cada vez que ela lhe dirigia uma palavra. Embora tentasse apenas ser útil, parecia estar sempre no meio do caminho de Maria Domenica. Deixava cair coisas e trocava os pedidos. Mas era o filho único de Franco e ela era amável com ele.

Havia dias em que Rosaria entrava e sentava-se num banco alto junto ao balcão. Nunca falava muito... parecia ficar contente apenas por comer e vê-los trabalhar. O seu apetite por bebidas doces com gás e bolos com creme até a Franco conseguia causar espanto.

—Adoro uma rapariga que saiba esvaziar um prato — dizia, empurrando um pastel estaladiço, em forma de concha, recheado com ricotta, baunilha e casca de laranja cristalizada na direcção de Rosaria, que comia calmamente. — Depois experimenta um sfogliatelle destes, estão deliciosos. Buon appetito.

Franco tinha um coração tão bondoso que metade das vezes não cobrava aqueles doces prazeres a Rosaria. Contudo, ela parecia ter sempre algumas moedas a tilintar no bolso para oferecer como pagamento. Por uma ou duas vezes, Maria Domenica tentou lançar-lhe um olhar intrigado quando ela lhe entregou uns pequenos trocados, mas recebeu uma expressão dura e mal-humorada em resposta.

Provavelmente Rosaria andaria a remexer na cómoda de Pepina quando a mãe estava de costas ou a surripiar uma moeda avulsa esquecida em cima da mesa sempre que tivesse a oportunidade. Maria Domenica sabia que deveria dizer ou fazer alguma coisa quanto àquilo, mas receava o drama que se seguiria. Era bem mais fácil ficar calada e ver Rosaria a mastigar.

Estava convencida de que a irmã tinha aumentado um número completo no tamanho da roupa que vestia, ou talvez dois, desde que Marco fora embora. Se se observasse atentamente, ela parecia estar a engordar a cada hora que passava.

— Outra Coca-Cola, per favore } — A voz de Rosaria era abafada pelo enorme pastel que lhe enchia a boca.

— Meu Deus, Franco, tira-lhe o prato da frente, senão ela come-o a seguir.

— Não sejas tão chata, Maria Domenica. Só estou com fome. Mal comi o dia todo.

Apenas algum pão da Mamma e um chocolate quente de manhã. Tem sido trabalhar, trabalhar, trabalhar o dia inteiro. Há semanas que não paro. Olha que nem tenho chegado perto da praia desde aquele dia em que tu quiseste ir à procura do Marco e depois mudaste de ideias.

— Tu é que quiseste ir à procura do Marco, não eu.

— Mas não o encontrei, pois não? — Rosaria terminou de comer o pastel com sofreguidão e bebeu um longo gole de Coca-Cola. — O que estará ele a fazer agora?

— Quem sabe?

— Talvez vá a Roma e o encontre.

— Pois, está bem. Tens catorze anos, Rosaria. Talvez sejas apanhada pela polícia e recambiada directamente para casa para um grande açoite da Mamma.

Com astúcia, Rosaria declarou: — Estás é com ciúmes. Ele sempre gostou mais de mim do que de ti.

—Não, ele sempre gostou mais de si próprio do que de qualquer uma de nós!

Franco cortou-lhes a palavra. — Meninas, meninas, nada de brigas. Maria Domenica, estão ali algumas mesas que precisam de ser limpas. E quanto a ti, Rosaria, posso trazer-te mais alguma coisa?

Enquanto limpava e a sua irmã mais nova comia, Maria Domenica sentiu-se inesperadamente satisfeita. Ultimamente, parecia-lhe que alguns dos seus momentos mais felizes eram passados naquele caffè pequeno e vibrante. Adorava a vista que tinha por trás do balcão — as banquetas de couro vermelho que se estendiam ao longo de uma parede, as mesas e cadeiras de madeira que limpava todos os dias, a jukebox que brilhava no canto e o enorme espelho de moldura dourada na parede distante, que reflectia todo o ambiente. Havia alturas em que sentia que jamais iria deixar aquele lugar. Mas bastava-lhe apenas olhar em direcção às pinturas que cobriam o resto das paredes e tecto para se lembrar do mundo enorme que havia lá fora. Seguramente, não seria assim tão errado ter vontade de conhecer apenas um bocadinho desse mundo?

O pai de Maria Domenica estava finalmente em casa. O seu enorme camião bloqueou a entrada poeirenta que dava acesso à casa da quinta e o seu corpo enorme agigantava-se sobre a mesa da cozinha.

Quem não soubesse de onde vinha a paixão de Rosaria pela comida não precisava de ir muito longe, bastava olhar para Erminio, que regressava a casa com meia dúzia de frangos de churrasco assados numa barraca de beira de estrada. O êxtase iluminou-lhe o rosto quando cortou em fatias o fresco e leitoso queijo mozzarella de búfalo ou rachou a meio uma sumarenta melancia vermelha. Beliscou com regozijo as bochechas dos filhos e alarmou Pepina quando assaltou a sua reserva de pão.

— Ah, é tão bom estar em casa — suspirou, inalando o vapor da grande tigela de spaghetti con le vongole.

A quinta era um lugar diferente quando Erminio estava em casa. Os cães ladravam menos, as crianças brincavam silenciosamente e até Rosaria se levantava cedo todas as manhãs para cozer o pão com a irmã sem que uma palavra de queixume se lhe escapasse dos lábios.

Salvatore, o seu único filho, era naturalmente o predilecto. Era ainda suficientemente pequeno para se enrolar no colo do pai e descansar a negra cabeça na sua barriga macia e redonda, que abanava e estremecia de cada vez que ele achava graça a alguma coisa. Mas para a Maria Domenica, a primogénita, havia também um lugar especial no coração de Erminio. E quando Erminio soube que ela tinha arranjado um emprego, o sorriso desapareceu-lhe imediatamente da grande face risonha.

— Um emprego? Mas porque é que tu queres um emprego? Eu não te sustento? — Ficou zangado e magoado. — Não estou a fazer um bom trabalho com toda a família?

— Não é isso, Papa.

— Não? Então o que é?

— Estou a dar uma ajuda ao Franco Angeli.

— Se o Franco Angeli quer ajuda, ele que a procure na sua própria família e deixe a minha em paz.

— Mas é precisamente por isso. Ele não tem mais família. — Maria Domenica estava completamente desesperada. — A mulher morreu, o irmão mudou-se para Milão e o seu único filho ainda está na escola.

E passou a tarde toda a argumentar em sua defesa, enquanto comiam o que estava na comprida mesa de madeira: durante os pratos da massa, da carne e dos

vegetais; enquanto o pai comeu um prato de enguias fritas e debicou os pedaços mais deliciosos de uma salada. Finalmente, quando a mãe colocou o queijo pecorino e algum do seu precioso pão, grosseiro e dourado, na mesa, Erminio cedeu.

—Está bem, está bem, ganhaste, Maria Domenica. Ganhaste só desta vez. Podes ter o teu emprego. Mas nunca uma mulher trabalhou nesta família. — Pensativo, mastigou o pão duro. — Nenhuma das tuas tias, nem certamente a tua avó. Acompanhar o pai de garfada em garfada mantivera Rosaria sossegada até ali, mas agora interveio num tom alto: — E eu? Também posso arranjar um emprego, Papa?

Rindo novamente, empurrou uma pilha de louça suja na sua direcção. — Tu já tens um emprego, cara. E é melhor começares já.

Rosaria lavou, Maria Domenica secou. Parecia, no entanto, que o monte de tachos gordurosos e de pratos com molho de tomate não diminuía.

Maria Domenica tirou os pratos ensaboados das mãos da irmã e observou a sua família. O pai mexia no painel do rádio tentando sintonizar algo para ouvir; a mãe, de olhos semicerrados e barriga cheia, lutava contra o sono; as irmãs e irmão mais novos brincavam tranquilamente na esperança de que ninguém se lembrasse de que estavam ali e os mandasse fazer uma sesta; e Rosaria, debruçada com má cara sobre o lava-louça cheio de pratos, esfregava apenas metade da sujidade. Amava-os a todos, mas por vezes Maria Domenica sentia-se uma estranha.

Disse em voz alta o que lhe ia no pensamento: — A vida não será nada mais do que isto?

Rosaria apanhou apenas metade das palavras da irmã e lançou-lhe um longo olhar de soslaio. — O que é que estás para aí a dizer?

Maria Domenica hesitou e depois arriscou: — Nunca pensas em viajar, Rosaria? Em ver o mundo? Em sair daqui.

Rosaria encolheu os ombros. — A filha da Francesca Maggio passou duas noites em Capri durante a lua-de-mel. Disse que era bonita. Não me importava de ir lá quando casar.

—Sim, mas o que eu quero dizer é se não pensas em ir para além de Capri? Talvez para além de Itália.

Rosaria voltou a encolher os ombros. — Porque haveria eu de querer isso? Como Maria Domenica não tinha uma resposta fácil para ela, não disse mais nada.

Em vez disso, pegou na panela da massa, enxa-guou-a, retirando-lhe a espuma do

sabão, e secou-a cuidadosamente.

—Oh, estou tão empanurrada — queixou-se Rosaria. — Foi um verdadeiro festim. Mas porque é que a Mamma tem de fazer esta balbúrdia terrível? Seja quem for que faça alguma coisa nesta casa deixa sempre uma grande sujeira e sou eu que a tenho de limpar.

Quando os rumores se espalhavam pela vila de San Giulio, infiltravam-se mais tarde ou mais cedo no Caffè Angeli. E, embora raramente tomasse parte nas bisbilhotices, Maria Domenica teria de tirar as mãos dos manípulos da Gaggia e pressioná-las com firmeza sobre os ouvidos para evitar ouvi-las de todo.

— Não vão acreditar! Não vão acreditar! — A tia Lúcia estava excitada e quase sem fôlego. Saíra claramente a correr de algum sítio, com as jóias a tilintar e o cabelo loiro oxigenado armado e hirto na brisa quente, na sua ânsia de ser a primeira a dar a notícia. — O Marco Manzoni engravidou uma rapariga em Roma. — O quê?

As chávenas de café chocaram contra os pires e os clientes habituais do Caffè Angeli ficaram silenciosos, enquanto esperavam para ouvir a história toda.

— Bem... — Lúcia deslizou para cima de uma das banquetas de couro vermelho alinhadas na parede distante do caffè, o seu rosto brilhava com o prazer de um saber secreto prestes a ser revelado. — Aparentemente, é uma rapariga inglesa, que vive em Roma e é professora, ou ama de crianças ou seja o que for. Claro — Lúcia foi directamente à parte mais importante e dramática —, Marco terá de se casar ou a reputação dela ficará arruinada.

As raparigas de San Giulio não engravidavam a não ser que fossem casadas. E se, de alguma forma, elles conseguissem encher-lhes as barrigas, podiam ter a certeza de que o passo seguinte seria estarem na frente de um padre antes que ficassem grandes de mais para continuarem respeitáveis dentro de um vestido de noiva.

O escândalo provocou um burburinho no caffè durante toda a semana.

— A Elena vai a Roma para conhecer a rapariga — confidenciava um cliente.

— Ouvi dizer que se vão casar em Roma e que ela só virá a San Giulio depois de o bebé nascer.

— Segundo parece, o Marco tem é muita sorte em não ter uma dúzia de raparigas à espera de filhos seus, a julgar pelo modo como se tem comportado em Roma — sibilou uma Lúcia escandalizada.

E, finalmente, a própria Elena: — O meu Marco é tão bom rapaz. Queria casar com a rapariga e fazer dela uma mulher digna de respeito. Mas o pai dela, que é inglês, disse que não queria ter uma filha casada com um italiano gorduroso. — A voz dela agudizou-se com a indignação. — Gorduroso, disse ele, gorduroso! — Depois baixou o tom para um sussurro. — Para ser honesta, ela era uma rica peça.

Seduziu o meu Marco. Só posso agradecer a Deus por ele não ter caído na armadilha de ficar casado com ela para o resto da vida. Escapou por um triz.

Maria Domenica quebrou por fim o silêncio. — E o bebé? Será seu neto — perguntou com alguma pertinência. — Não vai querer vê-lo pelo menos ? — Oh não, não, não. — Elena abanou cabeça com movimentos pequenos, rápidos e nervosos. — É melhor não, eu acho. Haverá outros netos, tenho a certeza, quando o meu filho assentar com uma boa rapariga. Esta estará longe em Inglaterra... como se não existisse. O neto não é meu. Não, não.

Como padres no confessionário, Franco e Maria Domenica ouviam as histórias que eram reveladas todos os dias no pequeno caffè, murmurando um ocasional comentário onde e quando lhes parecia apropriado. Não se podiam dar ao luxo de tomar partido quando rebentava uma discussão. Um cliente ofendido podia não voltar e Franco precisava do negócio.

Mas por vezes, quando o letreiro de «fechado» estava pendurado na grande porta de vidro, enquanto Franco colocava as cadeiras de madeira sobre as mesas e a Maria Domenica limpava o chão de tijoleira com a esfregona, trocavam impressões.

— Não posso acreditar que a Elena não queira conhecer o filho do Marco. A sério que não consigo acreditar. Ela está a fazer-se forte — afirmou Maria Domenica naquela noite.

— Acho que tens razão. — Franco não ficara surpreendido com a perspicácia dela.

Trabalhando lado a lado, semana após semana, apercebera-se de que ela conseguia discernir a verdade muito frequentemente. — É triste para a Elena, perder assim um membro da família. Se fosse o bebé do meu filho... não desistiria assim tão facilmente.

— Mas também o obrigarias a casar com a rapariga? Franco mostrou-se pensativo. — Depende.

— Do quê?

— Da situação. O casamento não é uma coisa fácil, sabes.

Precisas de sentir um amor verdadeiro antes de fazeres esses votos.

De outra forma, estarás a condenar-te a uma vida inteira de infelicidade.

— E a desonra de ter um filho e não ter marido ?

— Infelicidade ou desonra? — Franco encolheu os ombros. — Eu sei em qual é que preferia viver. Mas eu sou um homem. Suponho que seja diferente para nós. Maria Domenica movimentava a esfregona por baixo das pequenas mesas redondas para eliminar a sujidade do dia. — Sim, suponho que é diferente. Não deveria ser, mas é. Se fosse comigo, não sei o que preferiria. Embora — acrescentou com uma gargalhada — esteja bastante certa de que não iria querer

casar com o Marco.

O homem tinha razão... ele é um bocado gorduroso!

Quando chegou a casa naquela noite, as notícias já tinham chegado à família. O pai estava tão horrorizado quanto a irmã Rosaria estava alegre.

—Aquele cretino — a voz de Erminio vibrava como o Vesúvio prestes a explodir —, aquele disgraziato. Devia ser obrigado a casar com a pobre rapariga. A vida dela está arruinada. Quem casará com ela agora? Cobriu a família inteira de vergonha. É uma tragédia.

Para os filhos, Erminio pareceu zangado. Apenas ele e a mulher sabiam que, na realidade, o que sentia era medo. As raparigas metem-se em trabalhos, ficam grávidas. Precisam de vigilância apertada, uma mão de ferro e de se casar o mais cedo possível. E ele tinha cinco filhas.

—Só estou agradecida por nunca ter-te deixado envolver com aquele Marco. — Pepina abanou a cabeça de forma dramática para a filha mais velha. — Eu nunca gostei dele. A Elena Manzoni era tão insistente... o Marco e a Maria Domenica fazem um casal tão bonito, dizia ela. Mas eu sabia que havia algo naquele rapaz que não me agradava.

Erminio vociferou: — Não quero que filha nenhuma minha se aproxime dele, ouviram? — Os seus olhos varreram a sala, passando de Maria Domenica para Rosaria, fixando-se em Sandra por um momento, depois em Giovanna e pararam na pequena Claudia que, aos quatro anos, não fazia ideia do que se passava mas desconfiava fortemente que as suas hipóteses de ouvir uma história decente antes de ir para a cama diminuía a cada minuto.

— Nenhuma filha minha está autorizada a falar com ele. — Erminio estava com as faces muito vermelhas e os maxilares tremiam com a indignação. — Nunca, jamais!

— Mas, Papa... — Rosaria não podia acreditar no que estava a ouvir. — Ele ofereceu-se para casar com ela! O que mais poderia fazer? A culpa não é dele. Não é justo culpá-lo.

— Não!

—Mas...

-Não!

Quando Rosaria voltou para o já atafalhado lava-louça com mais um monte de pratos sujos, murmurou de forma audível: — Não é justo.

A resposta de que estava à espera chegou do seu pai como um trovão. — A vida não é justa, Rosaria, a vida não é justa.

A medida que as semanas foram passando, Franco tomou consciência de que já não conseguia imaginar o Caffè Angeli sem Maria Domenica. Ela já fazia parte da mobília. Aliás, tinha-lhe ocorrido uma ideia por uma ou duas vezes... mas não, ainda não estava preparada para isso; talvez fosse um pouco prematuro. Uma boa ideia mas...

Naquele dia o local estava tranquilo. Franco introduziu rapidamente algumas moedas na jukebox e a voz de Gianni Morandi começou a ecoar. «Ho chiuso le finestre» cantava Gianni apaixonadamente.

Maria Domenica dava risadinhas.

— Do que é que te estás a rir?

— Oh, o Franco sabe.

— Não, não sei.

— Da música, Franco. Porque é que não pode haver alguma música inglesa na jukebox? Ou algumas canções americanas?

— Também tu. Tinha-te em melhor conta. — Franco revirou os olhos de um modo exagerado, mas Maria Domenica pôde ver que ele ficara genuinamente aborrecido com ela.

Mesmo assim, insistiu: — Apenas uma ou duas canções, Franco. Não morreria por causa disso.

— Oh, não — respondeu. — Não, enquanto eu estiver à frente do Caffè Angeli.

— Mas toda a malta nova se ri desta música, Franco.

— Que riam. Estamos em Itália e ouvimos música italiana —replicou com firmeza.

Maria Domenica nunca antes gostara de alguém fora da sua família, mas, de repente, percebeu que gostava de Franco. Gostava da sua cara sisuda de duende e do brilho dos seus olhos. A forma como limpava a Gaggia com esmero e a voltava a limpar uma e outra vez. Gostava das profundas rugas de expressão em volta dos seus olhos e, acima de tudo, gostava dos momentos em que colocavam o letreiro de «fechado» na grande porta de vidro e ela conversava com ele como não o fazia com mais ninguém.

Num impulso, tocou-lhe no ombro e pressionou os lábios rapidamente contra a sua bochecha.

— O que foi isso? — Franco corou um pouco.

— Foi um beijo. — E sorriu-lhe de forma disparatada.

— E que fiz eu para merecer um beijo tão bom de uma bela rapariga como tu?

— Deu-me este emprego, Franco, e eu adoro trabalhar aqui, de verdade.

— E eu adoro ter-te aqui. — Ela pôde ver que Franco o dissera com sinceridade. — Por esta altura já deves ter poupado muito dinheiro para levaraes a tua mãe à Capela Sistina.

— Sim. — Fez uma pausa e olhou para ele. Por um instante, Franco teve a certeza de que ela estava prestes a confessar-lhe algo importante. Depois os seus olhos desviaram-se do rosto dele. — Sim, já tenho quase o suficiente, sem dúvida.

— Bem, trabalhaste duramente para o merecer. Só espero que a tua mãe dê valor, a ti e ao Michelangelo. — E riu-se.

Maria Domenica ficou a observá-lo quando ele se virou para se ocupar de alguma pequena tarefa. Seria tão fácil ficar ali e relaxar ao ritmo da vida no Caffè Angeli. Porque é que ela se foi lembrar de pôr em prática aquele plano maluco de fugir de San Giulio? Seria aquele desejo ainda tão forte como quando começara ali a trabalhar há tantos meses, com mãos de manteiga, tentando convencer a Gaggia a trabalhar para ela?

— O meu filho Giovanni quer começar a ajudar um pouco mais aqui no caffè — comentou Franco em conversa, à medida que as suas mãos desenvoltas arrumavam os pratos em pilhas ordenadas.

— Quer? — Maria Domenica franziu o sobrolho.

— Não fiques tão triste. Isso é bom — assegurou Franco.

Giovanni tinha apenas doze anos, mas estava a crescer depressa. Em breve, iria querer um emprego atrás do balcão no Caffè Angeli. Chegara a altura de Maria Domenica ir-se embora. Era fácil de ver. Era o momento de tirar o dinheiro do colchão, entrouxar os seus poucos pertences e fugir de San Giulio antes que a vila a sufocasse. Podia fazê-lo naquele dia se quisesse. Não havia nada que a impedisse. A ideia era inebriante... e assustadora também. Tocou com a mão, uma vez mais, no ombro de Franco e, depois, tirou-a e começou a roer a pele em volta da unha.

— Não te preocupes, cara. — Às vezes parecia que Franco conseguia ler-lhe os pensamentos. — O Giovanni não vai ocupar o teu lugar. Haverá sempre um emprego para ti aqui no Caffè Angeli. .. durante o tempo que quiseses.

Rosaria abriu os olhos e fechou-os rapidamente ao ver a luz do dia. Meu Deus, já era de manhã? Estava exausta. Com lentidão, calculou quantas horas teria de enfrentar até poder rastejar de volta para os seus lençóis.

Ao seu lado, a cama de Maria Domenica estava vazia. As cobertas estavam puxadas para cima, lisas e esticadas, e os cantos exteriores eficientemente apumados.

Parecia até que ninguém dormira ali.

A maluca da irmã levantara-se outra vez com as galinhas, pensou Rosaria ao mesmo tempo que abriu a janela, se debruçou e acendeu o primeiro cigarro do dia.

Tinha o cuidado de expelir bem o fumo para fora do quarto. A Mamma matá-la-ia se soubesse que ela começara com aquele hábito, especialmente porque ela própria deixara de fumar apenas há um mês ou pouco mais. Mas Rosaria também tinha direito a ter alguns prazeres na vida, ou não?

O espelho acabou por dizer a Rosaria o que a irmã tentara dizer-lhe durante meses... estava demasiado gorda. Determinada a controlar de alguma forma as suas curvas generosas, cortara com os doces e os pastéis que tanto adorava, e parara de pegar numa fatia do pão rijo e dourado de cada vez que passava pela prateleira carregada de pães na cozinha.

Não gostava assim tanto de fumar, mas pelo menos mantinha a boca ocupada durante o tempo que normalmente passaria a mastigar.

E que mal poderia fazer o ocasional cigarro às escondidas ? O que a Mamma não via, o coração não sentia.

Rosaria abanou a mão em redor para expulsar quaisquer resquícios de fumo e espreitou para fora do quarto. Estranho. Onde estava o aroma a levedura quente que habitualmente lhe invadia as narinas todas as manhãs? Descalça, percorreu o corredor escuro e estreito e, com um rangido, abriu a porta da cozinha. A divisão estava vazia, a mesa limpa de farinha, o forno desligado.

—Maria Domenica — chamou. — Onde estás?

Debaixo da mesa uma galinha cacarejou alto em resposta.

—Sai daqui. Vamos, xô, xô. — Abrindo a porta, Rosaria enxotou para fora a criatura ainda a cacarejar. Os cães soltaram uma rajada de latidos em resposta. Onde diabo é que se tinha metido a Maria Domenica? Não podia ter ido trabalhar tão cedo, ou será que podia? Seria capaz de a matar se o tivesse feito. Havia aquele pão todo para cozer, dentro de um minuto as crianças estariam acordadas a reclamar o pequeno-almoço, e se o Salvatore tivesse molhado a cama novamente?

—Ótimo, era só o que me faltava. — Rosaria atirou um saco de farinha para cima da mesa e mostrou-se relutante em começar um novo dia de trabalho. Quinze minutos depois, ouviu a mãe arrastando os pés pelo corredor.

—Mamma — chamou com indignação —, a Maria Domenica já foi para o Caffè Angeli e deixou-me tudo para fazer. Não é justo.

O rosto cansado de Pepina estava tão cinzento como o céu da manhã. — Foi trabalhar? A esta hora? Não pode ser. — Bocejou e caiu pesadamente numa das cadeiras grandes de vinil vermelho. — Faz-me um café, Rosaria, é disso que preciso.

Pousando violentamente a cafeteira em cima do fogão, Rosaria virou-se e gritou para o fundo o corredor: — Sandra, Sandra, sai da cama imediatamente, ouviste? Preciso de mais um par de braços aqui.

Se Maria Domenica achava que se ia safar com aquele truque, enganara-se outra vez. E Rosaria ia marchar até ao Caffè Angeli para lhe dizer isso.

Depois de quatro horas de trabalho duro, uma Rosaria beligerante pôs o lenço na cabeça e, sozinha, dirigiu-se a passos largos através dos campos poeirentos e da estrada longa e recta que ia dar à praça principal de San Giulio. Quando irrompeu pela porta do Caffè Angeli, Franco olhou por cima do jornal pelo qual estava a passar os olhos.

— Onde é que ela está? — perguntou Rosaria abruptamente.

— A tua irmã? Não a vi. Só estou a contar com ela daqui a algumas horas.

— Ora, se não está aqui, onde está ela? — perguntou Rosaria num tom autoritário.

— Bem, eu não sei, pois não? Talvez tenha ido às compras?

De repente, Rosaria pareceu distraída. Os seus olhos negros, pequenos e severos, desviaram-se para um tabuleiro carregado da mais soberba selecção de bolos e pastéis.

— Há alguma coisinha que te interesse esta manhã? — Franco sorriu. — Tenho aqui os teus preferidos, olha.

Rosaria suspirou. — Talvez apenas um pastelinho. — E sentou o seu generoso traseiro numa cadeira. — Tive uma manhã terrível. Acho que mereço.

Quando Rosaria olhou novamente para o relógio era a hora do almoço, uma extravagante decoração de migalhas enfeitava a sua mesa e ainda não havia sinal da irmã.

— Não posso ficar o dia todo aqui sentada — decidiu por fim.

— Quando vir a Maria Domenica, diga-lhe que ela está metida em sarilhos... com a Mamma e comigo.

Mas Franco não viu Maria Domenica. Trabalhou o dia inteiro sozinho. Quando

fechou o café após o último cliente ter saído, sentiu-se apreensivo. Aquilo não fazia o género dela. Nunca faltara um único dia desde que ele concordara em dar-lhe emprego. O que é que estaria a passar-se?

Em casa de Pepina, começavam também a ficar inquietos. Já escurecera lá fora e ninguém pusera a vista em cima de Maria Domenica durante todo o dia.

— Quem me dera que o teu pai estivesse aqui. — Pepina andava nervosamente de um lado para o outro na cozinha. — Não sei o que fazer.

Até Rosaria estava preocupada. — Oh, por amor de Deus, Mamma, sente-se! — Tirou o maço de cigarros do bolso do avental.

— Pegue, fume um destes comigo. Bem que precisamos... é uma emergência. Sentaram-se juntas sob uma nuvem de tensão e fumo até que raios de luz cinzenta começaram espalhar-se pelo céu escuro.

— Vê as horas. — Rosaria içou um saco de farinha para cima da mesa e, contrariada, começou as tarefas do dia. — Daqui a nada os miúdos estarão acordados a pedir o pequeno-almoço.

Só encontraram o bilhete três dias depois. Estava escondido por baixo de um pão gigantesco, na prateleira de cima do armário da cozinha. E lia-se: Desculpem-me se têm estado preocupados comigo. Não é necessário. Apenas fui para Roma, tal como o Marco. Prometo que vos contacto assim que arranjar um emprego e um sítio para viver.

Maria Domenica

Pepina gritou: — Ela foi atrás daquele Marco Manzoni em Roma. Nunca perdeu a esperança nele durante todo este tempo. Não posso acreditar. Vai ficar arruinada. De rosto pálido e furioso, Rosaria só ouviu metade dos queixumes da mãe. Sempre assumira que, assim que tivesse desfrutado da sua quota-parte daquilo que Roma tinha para oferecer, Marco haveria de voltar para casa e, aí, ela avançaria.

Será que a irmã levará a melhor sobre ela? Jamais a perdoaria se assim fosse. Entretanto, no centro da vila, por trás da pesada cortina de veludo vermelho que separava a área pública do Caffè Angeli do seu mundo privado, Franco inclinou a cabeça sobre uma outra carta e leu-a uma última vez:

Querido Franco,

Lamento tanto tê-lo deixado sem aviso. Mas, em breve, o Giovanni terá idade suficiente para o ajudar a gerir o caffè e, até lá, espero que consiga desenrascar-se sozinho.

Lamento muito uma outra coisa também: menti-lhe sobre a razão pela qual eu lhe pedi o emprego. Nunca planeei levar a. minha mãe numa viagem até à cidade

como lhe disse.

Quando estiver a ler isto, eu estarei sozinha num comboio em direcção a Roma. Estou tão entusiasmada. Prometo que irei à Capela Sistina um dia muito em breve e darei os seus cumprimentos a Michelangelo.

Por favor, não fique zangado comigo. Vou sentir muito, muito a sua falta e do caffè. Estou certa disso.

A sua amiga,

Maria Domenica Carrozza

A vida continuou na pequena vila de San Giulio. Os pães eram cozidos e o café servido. Celebravam-se casamentos e nasciam bebês. Os pessegueiros por trás da casa de Pepina deitavam os seus rebentos, desabrochavam em flor e davam fruto. Mas, para além de alguns postais sarrabiscados à pressa, assegurando toda a gente de que estava bastante bem, ninguém viu ou ouviu mais nada de Maria Domenica Carrozza.

Um Erminio de coração partido forçou a passagem do seu grande camião pelas ruas de Roma, examinando os rostos de desconhecidos, esperando e rezando para ver as feições familiares da sua filha mais velha. Mas nem sinal dela. Quando Erminio soube que ela tinha fugido, ficou de cabeça perdida: — Já não é mais minha filha! — vociferou. Mas ninguém acreditou nele e, mais tarde, Pepina viu as lágrimas nos seus olhos. Erminio ainda não tinha desistido da sua busca e acrescentava algumas horas à viagem sempre que o seu camião passava por Roma, para poder varrer a cidade que escondia a sua Maria Domenica.

Enquanto o marido procurava, Pepina chorava e as crianças, contagiadas pela tristeza, choravam também. Só as faces e os olhos de Rosaria permaneciam secos. Em silêncio, amaldiçoava a irmã mais velha. Maria Domenica não só fugira para roubar o homem que lhe pertencia por direito, como também, desde que ela se fora embora, os pais de Rosaria acabaram com todas as pequenas liberdades de que antes desfrutava. Para começar, não podia mais ir sozinha à vila. Deixara de poder ir até à praia para se juntar às primas e agora até queriam tirá-la da escola. — Eu já não consigo fazer tudo sozinha aqui em casa — disse-lhe Pepina. — A tua irmã não vai voltar, por isso terás de assumir as coisas que ela costumava fazer. — E depois voltou a chorar.

A vida também continuou no Caffè Angeli. Giovanni, o filho de Franco, reduziu as horas que passava a fazer os trabalhos de casa e aliviou algum trabalho dos ombros do pai, o que deixou Franco livre para sonhar acordado e para conceber o plano de uma nova pintura que cobriria um dos escassos fragmentos nus das suas belas paredes.

Às vezes, os clientes perguntavam-lhe, de forma indolente, se recebera algumas notícias de Maria Domenica. Ele resmungava e fingia estar ocupado de mais para falar. Mas quando pressionado, acabava por mostrar um postal que guardava atrás do balcão. Na parte da frente, tinha uma imagem do tecto da Capela Sistina de Michelangelo. No verso, apenas uma breve mensagem: «É fabuloso... muito mais do que eu alguma vez poderia imaginar. Agora só tenho de ir a Florença ver as pinturas de Botticelli!»

Era bastante complicado explicar a Giovanni porque é que se afeiçoara tanto àquela rapariga. Franco era um homem duro que não gostava de falar sobre os seus sentimentos. Toda a sua alma, a sua paixão e cor estavam representadas nas paredes do seu caffè. As palavras que escapavam da sua boca saíam a preto e branco.

— Ela era como uma filha para mim — conseguiu dizer finalmente. — Conversávamos muito... com ela, eu podia realmente conversar.

— E o que achas que ela estará a fazer agora?

Franco franziu o sobrolho. — Não sei... estou preocupado com ela. E não compreendo porque é que teve de fugir. Os pais não são nenhuns ogres. Se tivesse falado com eles e explicado que o que ela queria não era casar e ter filhos, estou certo de que não tentariam forçá-la a nada. Fugir não foi sensato... e, no entanto, ela sempre pareceu uma rapariga tão sensata.

-As pessoas sensatas não se metem em sarilhos — respondeu Giovanni com seriedade.

Esfregando vigorosamente o balcão sempre no mesmo sítio, Franco proferiu em voz alta o que lhe ia na cabeça: — Oh, mas ela corre tantos perigos, sozinha numa cidade como Roma. Só espero que tenha arranjado um bom emprego, algures num pequeno caffè, com pessoas que sejam boas para ela.

Por fim, os alcoviteiros fartaram-se de dissertar sobre o que poderia ou não ter acontecido à jovem Carrozza. Nunca havia novidades decentes para alimentar a fogueira. Nem sequer Elena lhes dizia uma palavra sobre o assunto. Jurou que o seu filho Marco nunca tinha visto Maria Domenica em Roma. Em breve, surgiram novos escândalos e ela acabou quase por cair no esquecimento.

Por isso, quando o autocarro entrou com os travões a chiar pela pequena praça de San Giulio, um ano depois, ninguém olhou duas vezes para a rapariga morena que lutava desajeitadamente para conseguir sair das portas com a sua pequena mala coçada.

Franco podia tê-la avistado facilmente do seu sítio por detrás do balcão, mas estava ocupado com os clientes no animado caffè.

Giovanni, que atravessara a rua para comprar o jornal, reparou nela e deteve-se por um segundo. Pareceu tão derrotada e exausta ao pegar na mala que ele quase se ofereceu para a ajudar. Mas havia algo no seus olhos que não convidava a uma aproximação e, sem dizer uma palavra, acabou por deixá-la ir, com a sua barriga grande e saliente, descendo a rua com desconforto.

Maria Domenica voltara finalmente para casa.

Arrastando-se penosamente pelas ruas empoeiradas, Maria Domenica teve o cuidado de não olhar nem para a esquerda, nem para a direita. Passou devagar pela única igreja de San Giulio, sem olhar para a fachada branca descascada, e seguiu em frente, passando pela banquinha da limonada na esquina da praça, sem encarar o rosto chocado de Gina Rossi que espreitava por detrás da grinalda de limões.

Retomou o passo quando o aroma do forno da pasticceria atingiu as suas narinas, seguido do som metálico e agudo vindo do talho. De olhar fixo nas lajes de pedra por baixo dos pés, com os seus longos cabelos negros a caírem-lhe sobre a face e os seus ombros magros e curvados, caminhava através da vila suja e velha.

A mesma palavra sussurrada perseguia-a em cada rua estreita: «Grávida, grávida, grávida.»

Depois, num tom mais alto, uma voz familiar chamou-a: — Maria Domenica!

Ela acelerou o passo.

— Maria Domenica. Abranda. Sou eu, a tia Lúcia. Pára e espera por mim.

Os seus saltos altos muito fininhos ecoavam insistentemente no passeio.

Relutante, Maria Domenica deu meia-volta para a encarar.

— Ciao, Lúcia — cumprimentou com firmeza. E — Ciao, Gabriella — disse para a prima de olhos grandes e redondos que vinha três curtos passos atrás.

— Bem... — Lúcia fez questão de a olhar de alto a baixo, com os loiros cachos baloiçando de excitação. — Bem, olha para ti.

— Já estou com mais de oito meses — informou Maria Domenica.

— Pois, bem vejo. — Lúcia ergueu as sobrancelhas.

— Hum, mas é bom ver-te em casa, aqui de novo em San Giulio, não é, Mamma?

— O

sorriso de Gabriella era dissimulado. — E onde está o teu marido? Não veio para casa contigo?

— Não há marido nenhum, Gabriella. Sou só eu. — Acariciou a sua barriga inchada.

— E o bebé.

— E para aonde vais agora? — perguntou Lúcia. — Não podes ir para casa assim. O

teu pai vai enlouquecer. Partes o coração à tua mãe. O que vais fazer, Maria Domenica?

O rumor espalhara-se pela vila. Mulheres vestidas de preto, com cestos de compras nos braços robustos, aproximavam-se delas a conta-gotas, ansiosas por

não perder pitada. O velho Luciano, o idiota da vila, passou como um louco aos ziguezagues na sua bicicleta enferrujada, guiando atabalhoadamente só com uma mão e agarrando, com a outra, uma espiga de milho que andava a roer.

—Puttana — gritou energicamente, cobrindo Maria Domenica com uma saraivada de grãos e saliva.

Lúcia apertou o ombro dela com força. — Isto é ridículo. Vamos sair da rua.

Vamos subir até ao apartamento, sentar-nos e pensar nisto como deve ser.

Gabriella, pega na mala dela. Vamos, despachem-se.

Maria Domenica tentou argumentar, mas a imagem do rosto triste do seu pai tinha estado fixa na sua mente durante meses e tor-nava-se agora cada vez mais clara.

Por isso, permitiu que a tia a conduzisse pela rua fora e pelo chão liso do hall, para dentro do pequeno elevador abafado e até ao apartamento no quarto andar.

Lá dentro tudo brilhava. A sua mãe sempre brincara dizendo que Lúcia seguia os seus convidados com um pano do pó, limpando as dedadas dos puxadores de latão, e não estava muito longe da verdade.

A casa dela era um palácio com mármore brilhante no chão e bonitos lustres de vidro a cintilar nos tectos altos. Cheirava a bolas de naftalina e à cera dos móveis com que Lúcia polia afectuosamente a mobília de carvalho entalhado todos os dias. Fizera um bom casamento, o marido trabalhava para a Câmara e gostava de se rodear do bom e do melhor.

Empurrando-a com a sua mão bem tratada, Lúcia conduziu Maria Domenica para dentro da cozinha, mais estreita do que a da casa da quinta e repleta dos utensílios mais modernos. Fazendo-a sentar-se numa cadeira, agachou-se no chão em frente a ela. Levando as mãos macias ao rosto da sobrinha, perguntou suavemente: — Quem é o pai?

Fez-se silêncio.

—Tens de me dizer, cara. Quem é ele? — A sua voz aumentava - Foi o Marco?

Um riso seco.

— Então?

— Não, o Marco não. Claro que não. Vi-o duas vezes quando estava em Roma e, de ambas as vezes, ele mal me dirigiu a palavra. Foi um rapaz que eu conheci.

Ninguém que conheça. Foi-se embora. Não sei onde está.

— Qualquer pessoa pode ser encontrada — disse-lhe a Lúcia. — Queres encontrá-lo?

— Não serviria de nada.

— Amava-lo?

— Sim, claro.

— E ele amava-te?

— É óbvio que não.

O ruído de pequenas pancadas secas na porta interrompeu-as. Contrariada, Gabriella ergueu-se com rapidez e correu para abrir a porta. Regressou com um copo alto de limonada caseira e turva na mão.

— A Gina Rossi mandou isto. Achou-te cansada quando passaste pela banca dela. Maria Domenica aceitou agradecida e bebeu devagar a bebida amarga. — Que boa — disse a Gabriella. — Obrigada.

Mas alguém bateu de novo na grande porta de madeira polida e a Gabriella estava de novo em movimento.

Desta vez, voltou à cozinha com um pequeno saco de papel de biscotti. — O Stefano da padaria pensou que estarias a precisar de comer alguma coisa — explicou. — Estão todos preocupados contigo.

A terceira vez que bateram à porta não trouxe os cuidados de ninguém. Trouxe Rosaria. Uma Rosaria mais magra, mais arranjada, mais bem vestida do que aquela que ela deixara há doze meses. Uma Rosaria zangada.

— Se for um rapaz, vai chamar-se Marco? — proferiu encolerizada.

— Como é que soubeste que eu estava aqui? — perguntou Maria Domenica.

— O telefone. Ainda não parou de tocar desde que saíste do autocarro.

— Vocês agora têm um telefone em casa?

— A vida não parou desde que nos deixaste, Maria Domenica. Nós não parámos e as coisas mudaram.

— A Mamma já sabe... — O seu olhar fixou-se no ventre protuberante.

— Foi a Mamma que me mandou vir aqui. — Rosaria mostrou desprezo. — Disse que não perdesse tempo a ir lá a casa enquanto não tiveres o teu marido contigo.

— Não posso ir para casa?

— Não, não podes.

— E o que diz o Papa?

— Não está cá.

— Ele sabe?

— Toda a gente sabe, Maria Domenica. A vila inteira sabe.

Num gesto elegante, Rosaria deu meia-volta e foi-se embora.

Maria Domenica ouviu a porta da frente bater mas não tentou chamá-la de volta. De que serviria?

As palavras da tia Lúcia eram mais carinhosas. Apesar do seu vistoso cabelo descolorado, dos berloques de ouro que pendiam dos seus braços e orelhas, das camadas de rímel que enegreciam as suas pestanas, tinha um bom coração e uma

natureza generosa. Maria Domenica podia ficar ali com ela temporariamente. Teria de partilhar a cama com as primas, o que não seria um problema por uma ou duas semanas, mas depois teria de providenciar uma solução alternativa.

—Tens algum dinheiro? — perguntou a tia Lúcia.

—Não, não muito. Estive a trabalhar como empregada de mesa num restaurante perto das Escadas de Espanha. Mas fui despedida quando a minha gravidez começou a notar-se. Desde aí, tenho vivido das minhas poupanças. Não me resta muito. Foi por isso que voltei para casa. Não tinha mais para onde ir. Não sabia mais o que fazer.

Lúcia afagou-lhe o cabelo. — Então só tens realmente uma escolha — declarou serenamente.

— Qual? — Havia esperança na voz de Maria Domenica.

— Tens de ir ter com as freiras. Tomarão conta de ti até dares à luz e depois encontrarão um lar para o bebé.

— Não.

— Existem casais bons que não podem ter os seus próprios filhos. Poderás trazer-lhes felicidade. E depois serás livre para continuar com a tua vida. Não aqui. Não poderás ficar aqui, a má-lín-gua acabaria por te destruir. Mas talvez em Nápoles, ou em Roma de novo.

— Eu não vou dar o meu bebé.

—Não tens escolha, Maria Domenica. Realmente, não me parece que tenhas outra escolha.

A porta da frente bateu outra vez e Rosaria apareceu novamente à entrada da cozinha. A sua expressão era agora rancorosa.

—Perguntaste sobre o Papa — começou ela, acendendo um cigarro num gesto algo provocatório. — Bem, ele não está em San Giulio. Quando soube das novidades não pronunciou palavra, meteu-se no camião e saiu. A Mamma diz que ele foi a Roma, que vai trazer o Marco de volta com ele e que depois haverá um casamento.

Dando voltas e voltas à cozinha, conversaram pela noite dentro. Agora, com Marco a caminho, Maria Domenica percebeu que afinal tinha uma escolha. Podia desistir do seu bebé e ficar com a sua liberdade. Ou desistir da sua liberdade e ficar com o bebé.

—Não posso escolher nenhuma das duas — disse desesperada a tia. — Não posso casar com o Marco. Não gosto dele. E ele vai odiar-me por tê-lo encurralado num casamento, quando sabe perfeitamente que o filho não é dele. Lúcia suspirou. As filhas e o marido tinham ido para a cama há muito tempo.

Doía-lhe a cabeça e ela ansiava por descansá-la na almofada. Aquilo poderia levar a noite toda e já estava a perder a paciência.

—Pára por um momento e pensa — ordenou à sobrinha.

— Ninguém acreditará no Marco quando ele disser que não é o pai.

Já engravidou pelo menos uma rapariga, não foi? É um rapaz estouvado. Estarás a fazer-lhe um favor ao casares-te com ele. Algum dia terá de assentar, não é? A mãe dele também ficará satisfeita.

Embora não o admita, tem estado muito preocupada com ele durante este tempo todo e com este casamento tê-lo-ia de novo em casa, debaixo de olho. E ainda teria um neto para adorar.

— Eu não o amo.

— Amaste o outro, não foi? E isso não te trouxe nada de bom. Se pretendes ficar com esta criança, tens de lhe arranjar um pai. Dorme sobre o assunto, Maria Domenica. De manhã, talvez as coisas se tornem mais claras.

Maria Domenica não conseguia dormir. Sentou-se na cozinha bem arrumada, descansando a cabeça no tampo fresco da mesa e sentindo os pontapés fortes do bebé dentro de si. Quando o sol nasceu, já tinha tomado uma decisão. Rosaria tinha razão. Ia haver um casamento.

O filho não é meu. Aquela cabra! Foi isso o que ela vos disse? Nunca encostei um dedo nela. Nem pensem que me vou casar com ela.

Ninguém acreditou nas negações de Marco. Quanto mais veemente se tornava, mais culpado soava.

E enquanto a sua mãe tentou convencê-lo com falinhas mansas — Faz a coisa certa, Marco —, o pai cingiu-se às verdades incômodas. Marco tinha uma herança em que pensar, uma quinta próspera e uma terra boa que um dia seriam suas. Será que queria arriscar-se a perder tudo?

Depois, o pai de Maria Domenica sacou da última arma — o livro de cheques. Lentamente, escreveu um número. Se Marco casasse, precisaria de dinheiro para montar casa. O dinheiro estava no banco. Ele queria-o ou não?

Marco era um rapaz teimoso e ainda levou algum tempo para que as ameaças e subornos acabassem por convencê-lo. Mas, por fim, estendeu a mão e aceitou o cheque de Erminio. — Quando é o casamento? — perguntou penosamente.

— Em breve, em breve. — Erminio sorriu pela primeira vez em muitos dias. — O teu pequeno bambino é esperado a qualquer minuto. Não há tempo a perder.

Não houve vestido branco, nem flores. Nem celebração, nem sequer as tradicionais fotografias de família nos degraus na frente da igreja. Em vez disso, com os tornozelos inchados pelo calor] Maria Domenica foi empurrada pela porta lateral da capela, onde o padre e Marco estavam à sua espera e um odor a incenso pairava pesado e doce no ar subitamente frio.

Ela reparou que Marco não resistira a alguns pequenos esmeros. Um botão de rosa preso na lapela do seu melhor casaco, um lenço de seda a espreitar pelo bolso de cima e o cabelo, que deixara crescer em ondas delicadas, elegantemente alisado para trás.

— Vamos lá despachar isto, está bem? — disse ao padre. — Antes que mudemos de ideias.

Sem expressão na voz, Maria Domenica repetiu os votos. Aquilo não parecia real. Mesmo quando a aliança fina e fria lhe foi enfiada no dedo e a voz do padre declarou que eram marido e mulher, ainda lhe custava a acreditar. Pensou que estava provavelmente em choque.

Por trás de si podia ouvir o som de um leve choro entrecortado de soluços, mas não conseguia distinguir se vinha da mãe ou de Rosaria. A igreja estava sombria, nem sequer se tinham dado ao trabalho de acender as luzes todas.

Maria Domenica virou-se ligeiramente e olhou por cima do ombro para o seu pai, sentado de cabeça baixa em sinal de desilusão] e vergonha. Ao seu lado, os

caracóis loiros de Lúcia sobressaíam na escuridão.

A tia dirigiu-lhe um leve aceno numa saudação derrotada e esboçou um sorriso encorajador.

Em seguida, Maria Domenica deitou-se na velha cama da casa da quinta, enquanto os outros almoçavam juntos. Ouvia o som] abafado das vozes através das grossas paredes de pedra. Rosaria] cobrira as paredes do quarto que um dia partilharam com fotografias de estrelas de cinema. Fizera dele o seu espaço, mas isso não] incomodava Maria Domenica, que, de qualquer forma, não iria dormir ali aquela noite.

Havia uma pequena casinha que fora preparada para ela e Marco no terreno dos Manzoni. Os trabalhadores agrícolas tinham carregado para lá grandes peças de mobiliário díspares que ninguém queria: uma mesa de fórmica lascada para a cozinha, um armário de cozinha em pinho que estivera a acumular teias de aranha no celeiro, duas poltronas deformadas e bafientas e uma cama de casal coberta com roupa de cama engomada e branca à espera da primeira noite dos recém-casados.

Maria Domenica não conseguia imaginar-se deitada ao lado do corpo esbelto de Marco nem conceber o seu rosto bonito e macio junto ao dela na almofada. Em vez disso, talvez a deixassem ficar ali, pensou. Ouviu as vozes tornarem-se cada vez mais altas à medida que as garrafas se esvaziavam. Ficara então com o sobrenome de Marco e isso seria, certamente, suficiente para lhe comprar alguma respeitabilidade. Ele podia mudar-se sozinho para a casinha e ela ficaria ali na estreita cama individual, onde dormira em segurança desde criança. Se arrumasse alguma da tralha de Rosaria, haveria até espaço para colocar o berço do bebé ao lado. Confortada pela familiaridade do lar, fechou os olhos e deixou-se adormecer.

Na cozinha, Marco esvaziou o copo com leite, com a face a ficar rosada do álcool. Cada minuto que passava sentia-se mais animado. Talvez aquele casamento não fosse afinal uma ideia má de todo. Para ser franco, já estava a ficar farto de Roma. As horas no talho eram longas e o patrão era um autêntico tirano. Tinha começado a odiar o fedor das carcaças da carne. Parecia que se colava a ele por mais que esfregasse a pele no duche. Não era, pois, de admirar que as raparigas não ficassem muito tempo com ele. Aquelas turistas parvas e galdérias.

Não teria escolhido Maria Domenica para sua mulher. Gostava de raparigas com corpos macios e sensuais, cheias de vivacidade, raparigas como a Rosaria, cujo traseiro generoso se lhe apresentou, naquele preciso momento, como apetecível,

quando ela se curvou à procura de amêndoas açucaradas no armário. Muito agradável, mesmo muito agradável. E porque haveria ele de desistir de raparigas como ela só porque tinha uma mulher e um bastardinho em casa? Poderia divertir-se na mesma. Até o pai lhe dissera isso. — Sê discreto, Marco. Afasta-te das raparigas da vila, senão haverá problemas — avisara.

Maria Domenica serviria bem para outras coisas: cozinhar e limpar, criar os filhos. Assim que ela desse à luz o bastardo, faria o seu melhor para lhe dar um bebé Manzoni. Estendeu o copo para que fosse de novo enchido com o vinho forte, quase preto, de Pepina e bebeu mais um gole. Afinal a vida não era assim tão má. Talvez as coisas estivessem a correr pelo melhor.

Enquanto Marco se embriagava, Erminio olhava-o de cima a baixo. Não estava contente com o seu novo genro. Marco não era o homem que teria escolhido para a sua filha mais velha. De facto, não era um homem, era um rapaz. Já tinha quase vinte anos, no entanto, as suas faces eram tão macias que pareciam nunca terem visto uma lâmina. Andava sempre com um pente no bolso de trás. As suas pestanas eram demasiado longas.

E o rapaz não tinha coragem. Quando abriu a porta do quarto em Roma e deu de caras com as figuras de Erminio e do pai no limiar da entrada, quase desmaiou. Não ofereceu resistência quando o meteram na cabina do camião e Erminio nem teve de sacar da espingarda que enfiara por baixo do assento, caso precisasse de exemplificar as ameaças.

Maria Domenica podia ter arranjado muito melhor do que aquilo. Mas que escolha tivera? A rapariga tinha-se metido em problemas. Era melhor ter um marido como o Marco que não ter marido nenhum. Uma lágrima caiu morosamente pela face esquerda de Erminio que, impaciente, a enxugou com a mão grande e áspera. Ninguém reparou. Nem a sua mulher, que estava ocupada a levantar os pratos vazios da mesa e a substituí-los por travessas carregadas de queijo, pão e fruta. Ele olhou com ternura para a mulher com quem partilhara a sua vida todos aqueles anos. O seu cabelo escuro estava agora salpicado de cinzento e grosseiramente puxado para trás a partir do rosto redondo, quase sem rugas. O corpo alargara com o passar do tempo e ficava agora comprimido entre as costuras do seu melhor vestido de domingo. Era uma mulher maravilhosa. Talvez a sua filha e Marco pudessem, a seu tempo, encontrar o tipo de felicidade serena de que ele desfrutava com Pepina. Não podia pedir mais do que isso.

Franco Angeli estava sentado no seu lugar privado, o espaço fresco e obscuro por trás da grossa cortina vermelha que o separava do caffè movimentado. Dormira mal na noite anterior e sentia-se cansado. O seu filho Giovanni dissera-lhe para descansar um pouco antes do rebuliço da hora do almoço. — Eu tomo conta das coisas por aqui. Vá fechar os olhos por uma hora — ordenou o rapaz, soando subitamente muito adulto. E os olhos de Franco estavam agora obedientemente fechados, mas ainda assim o sono não chegava.

Ouvia o assobio da Gaggia ao formar a espuma no leite para mais uma bandeja de cappuccino, o tinido das chávenas e as gargalhadas sonantes de Gloria Ferrero na mesa do canto. Depois, de repente, o barulho extinguiu-se e fez-se silêncio.

— Papa! — gritou Giovanni, e Franco percebeu a excitação na voz do rapaz. — Tens uma visita. Não, não saias daí... ela vai aí ter contigo.

A cortina vermelha foi afastada para o lado e surgiu a barriga de Maria Domenica, coberta por algo grande e florido. Mas não era para aí que Franco olhava, ele estudava o seu rosto. Ela estava igual, talvez um pouco mais velha e um pouco mais abatida, mas essencialmente igual.

— Nunca fui autorizada a entrar aqui antes — começou ela, observando com curiosidade o pequeno espaço escuro à sua volta, que quase ficava cheio com o seu volume.

— Não — concordou Franco —, pois não. Mas agora estás aqui e é melhor sentares-te.

Maria Domenica acomodou-se na poltrona em frente a ele e suspirou. — Assim está melhor. Os meus pés estavam a dar cabo de mim. Esta história de gravidez não é fácil, posso assegurar-lhe. — E sorriu para Franco. — Não preciso de lhe contar nada, pois não? Já soube de tudo?

— Podes estar certa de que causaste um grande alvoroço. As pessoas ainda continuam a falar e já chegaste há quase três semanas.

— Faz três semanas amanhã.

— Porque é que tardaste tanto em visitar-me, cara? Tenho estado à tua espera. — Franco parecia estar magoado.

— Sentia-me envergonhada, culpada por lhe ter mentido — admitiu. — Sentia-me estúpida por me ter metido nesta trapalhada. Achei que estaria muito decepcionado comigo.

— Cometeste um erro — disse-lhe Franco. — Toda a gente comete erros.

— Na verdade, penso que cometi uma série de erros, a começar por ter ido embora.

Devia ter ficado aqui. Eu era feliz.

— Ah, mas assim nunca terias visto as coisas que viste, feito o que fizeste.

Terias trocado tudo isso só para ficares aqui e viveres a mesma vida de sempre?

Não me parece.

— Mas agora estou a viver a mesma vida de sempre, não estou? — realçou Maria Domenica amargamente. — Apenas uma versão pior.

— O Marco é cruel contigo? — Havia uma ponta de preocupação na voz de Franco.

— Não, não, ele não é nada cruel — respondeu apressadamente. — Para um rapaz que foi obrigado a casar-se com uma rapariga que carrega o filho de outro, tem-se portado bem. Quase me ignora. Trabalha com o pai o dia inteiro, chega a casa, eu dou-lhe de comer e ele sai para ir tomar um copo com os amigos. Como eu estou assim — ela acariciou a barriga —, nós ainda não tivemos de, bem, o Franco sabe...

— E depois de o bebé nascer? Como é? — perguntou.

Maria Domenica franziu o sobrolho e Franco viu o princípio de uma ruga que formaria um dia uma prega profunda entre os seus olhos. — Vamos continuar na mesma, acho... mais ou menos — acrescentou. — Não tenho outra escolha.

— Quanto tempo é que achas que precisas para estares apta a regressar ao trabalho? — perguntou Franco de modo casual.

— Regressar ao trabalho? Aqui no Caffè Angeli? — Ela não conseguiu evitar um tom de esperança na voz. — Isso seria impossível. O que faria com o bebé?

Franco encolheu os ombros e olhou em volta para o espaço exíguo por detrás da cortina vermelha que havia atulhado, ao longo dos anos, de peças avulsas de mobília e de fotografias antigas de família. Se mudar um pouco as coisas, haverá espaço suficiente para um berço aqui atrás — decidiu. — Posso livrar-me dessa poltrona onde estás sentada. Isto é um negócio de família, Maria Domenica. Há sempre lugar para um bebé. A única questão é... será que o teu marido o permitirá?

Ela reflectiu sobre o assunto por uns momentos. — Não penso que ele se vá importar — disse, hesitante. — Não parece importar-se com o que eu faço, desde que a casa esteja limpa e ele de barriga cheia. Pode ser que até fique satisfeito por eu começar a ganhar o meu próprio dinheiro, já que está sempre a dizer-me como ficará caro sustentar-me a mim e ao bebé. Não, não acho que se importará de todo. Oh, Franco, obrigada. Nem sequer pode imaginar como me fez feliz.

— Não me agradeças já — advertiu Franco. — Tens de falar com o Marco. Ele é teu marido e seria errado tomares uma decisão destas sem ele.

Nem isso apagou o sorriso do rosto de Maria Domenica. Ficava tão bonita quando sorria, pensou Franco. Só esperava que o bebé não fosse muito chorão, caso contrário poderia afugentar-lhe os clientes.

Giovanni também sorriu, um sorriso rasgado, quase de orelha a orelha, quando soube da notícia que Maria Domenica iria voltar a trabalhar ali. Quaisquer receios que a rapariga tivesse de que o rapaz pudesse sentir o seu lugar ameaçado com o regresso dela dissiparam-se quando Giovanni lhe tomou os braços, a beijou nas faces e lhe deu um ou dois abraços mais demorados do que o estritamente necessário.

Giovanni mudara naquele último ano. Ela observou-o quando ele se virou para servir outro cliente. Estava mais alto e mais largo e andava de um lado para o outro no caffè com um ar de confiança que não tinha antes.

O rapaz sentiu o olhar dela sobre ele, olhou para cima e sorriu de novo. — Despacha-te e tem lá esse bebé — disse-lhe. — O Papa e eu precisamos de ti aqui.

Vê só o movimento que temos.

Maria Domenica caminhou pela sombra das palmeiras da praça em direcção à velha e feia igreja. Sentia-se diferente. Não exactamente feliz, mas calma. Sentia que, agora, seria capaz de enfrentar tudo. Muito em breve daria à luz o seu bebé e, apesar de poder ser doloroso, sabia que conseguiria lidar com isso. Dentro de um mês não teria desculpa para não dormir com Marco como sua mulher, mas poderia ser que não fosse demasiado horrível. Acabaria por ter de carregar um filho dele e até esse pensamento não a preocupava muito agora. Desde que pudesse voltar ao ritmo da vida no Caffè Angeli, seria capaz de conviver com tudo o resto que viesse.

Ouviu chamar pelo seu nome. Por detrás da sua banca, Gina Rossi estava a acenar e a tentar chamar a sua atenção. — Cara, aqui. Não queres comprar um delicioso copo de limonada fresca. Seria bom para ti e para o teu bambino.

Maria Domenica sorriu e entregou uma mão-cheia de moedas à velha e barulhenta vendedora de rua. Bebendo o líquido amargo, fez a pergunta a que Gina tanto gostava de responder ao longo do dia, todos os dias: — Então, o que há de novo? — Bem — Gina inclinou-se de forma conspiradora —, não soubeste? Gloria Ferrero teve uma enorme discussão com o marido. Perseguiu-o pela rua abaixo empunhando uma faca de trinchar. O pobre homem ainda estava de pijama e tinha um buraco enorme mesmo aqui. — Dando uma palmada nas nádegas, soltou uma gargalhada. — Toda a gente viu o seu grande e velho traseiro. Parecia um naco de fiambre!

Maria Domenica juntou-se às gargalhadas. Finalmente, havia alguma novidade para servir de mexerico. Em breve, não ficariam a olhar tão fixamente para ela ao descer a rua, nem a cochichar com tanta crueldade. Já era quase uma notícia antiga. Era apenas uma mulher casada, prestes a ser mãe. As pessoas não esqueceriam, nunca se esqueciam de nada por aquelas bandas. Mas os relatos diários sobre a sua situação deixariam de ser negociados na padaria ou transaccionados no talho.

Esvaziando o copo, sorriu para Gina. — E ela conseguiu apanhar o marido? - perguntou.

— Não. — A velhota ainda respirava mal por causa das gargalhadas que dera. — Acho que não. Quem diria que o velho sacana ainda corria tão depressa? Não fazia ideia de que ele fosse capaz!

Rosaria fazia um grande alarido com os tachos na cozinha decrepita da irmã. As águas de Maria Domenica tinham rebentado naquela manhã e, desde essa altura, estivera fechada no quarto ao lado com a mãe e a parteira. De vez em quando, ouvia-se um grito, mas não parecia mais perto de dar à luz.

Por isso, ela, Rosaria, fora para lá organizar as coisas. O Marco precisaria de uma refeição quando chegasse dos campos e não havia] mais ninguém para a cozinhar. Como havia feijões secos a demolhar numa tigela e um molho de aipos cobertos de folhas na mesa da cozinha, a irmã devia, claramente, ter programado uma pasta e fagioli. Estava tudo bem para Rosaria. Haveria tempo suficiente para alguns cigarros e uma revista de fofocas enquanto deixava os feijões a cozer. Olhou em volta da casinha com desdém. Maria Domenica não tinha feito, de facto, um grande esforço. Estava limpa, tinha esse mérito, mas não havia cortinas nas janelas nem qualquer tentativa de cobrir as velhas poltronas, deterioradas pelo uso, com um cobertor ou um pano, nem de pendurar quadros nas paredes lisas e brancas.

— Se esta casa fosse minha, tinha-a muito bonita, como um verdadeiro lar — resmungou, enquanto misturava um pouco de salsa e alho nos feijões a ferver. — O Marco merece mais do que esta espelunca.

Na porta ao lado, ouviu a irmã a gritar de novo. Os gritos estavam agora a tornar-se cada vez mais frequentes, o que significava que o bebé estava a caminho.

Rosaria examinou o aipo. Havia pedacinhos de terra agarrados à nonta dos caules, mas seria mesmo necessário lavá-los? Um bocadinho de terra nunca tinha feito mal a ninguém, decidiu, e cortou-os em bocados grandes. Suspirando, fritou uma cebola, finamente picada, em azeite verde com pancetta. Colocou o aipo, com folhas e tudo, e uma pequena cenoura cortada em bocados na caçarola de fundo pesado. Encontrou duas chávenas de caldo de galinha no frigorífico e deitou-as na aromática mistura escaldante, juntamente com a omnipresente polpa de tomate.

Um pouco de açúcar, uma pitada de sal, uma ou duas pitadas de pimenta, o testo por cima e Rosaria poderia relaxar até que os feijões estivessem tenros e chegasse o momento de os adicionar à caçarola.

Quando Marco entrou, Maria Domenica estava a gritar muito mais do que parecia necessário e Rosaria estava sentada, satisfeita com o seu molhinho a borbulhar no fogão.

— Mmm, cheira bem — disse Marco com um grande sorriso, levantando o testo e inalando o vapor. Deu uma palmada no traseiro de Rosaria enquanto ela se

apressava para separar o spaghetti e atirá-lo para uma panela de água a ferver temperada com sal. — Tu sabes mesmo como agradecer um homem, hã?

Logo a seguir, Maria Domenica soltou outro grito agudo, seguido de uma série de palavras que meninas bem-comportadas não pronunciavam. A Mamma desta vez vai deixar passar, pensou Rosaria animadamente. Mas, em vez disso, ouviu a voz de Pepina encorajando a irmã: — Está quase, está quase!

Empalecendo subitamente, Marco sentiu-se manifestamente enjoado. — Tem sido esta barulheira o dia todo? — perguntou a Rosaria.

- Nem por isso. Mas acho que esta é a pior parte e que ela daqui a nada já fica sossegada. — Calmamente, Rosaria mexeu o spaghetti para o impedir de pegar ao fundo e tapou-o com o testo Para que continuasse a cozer.

A massa ainda não estava cozida quando Rosaria percebeu que os gritos da irmã tinham cessado e haviam sido substituídos pelo vagido frágil de recém-nascido.

— Já está — disse a Marco. — Vou ralar um pouco de parmigiano, porque está quase pronto a ser servido.

No quarto ao lado, embalando a filha nos braços, Maria Domenica estava exausta, mas feliz. Nunca pensou ver uma coisinha tão pequenina, tão indefesa, tão bela.

— Vai chamar-se Chiara — disse à mãe.

— Não achas que devias esperar para saber como é que o Marco lhe quer chamar? — perguntou Pepina. — Acho que o ouvi chegar a casa há uns minutos atrás. Vou chamá-lo.

— Chame-o se quiser — os olhos negros de Maria Domenica fixavam os da mãe de forma calma e segura. — Mas o nome da minha filha vai ser Chiara.

Cumprindo a sua obrigação, Marco esforçou-se. Pegou na menina e afirmou que era muito bonita antes de fugir de novo para a cozinha para terminar a sua tigela de pasta e fagioli. Rosaria foi menos afável. Dispensou-lhe apenas um olhar digno de uma bruxa má e comentou: — Ufa! Os recém-nascidos são tão encarquilhados, não são?

Maria Domenica não se preocupou em responder. O rosto do seu bebé preencheria todo o seu mundo e tudo o resto ficara reduzido a quase nada.

Os dias seguintes perderam-se numa suave neblina de felicidade. Durante os nove meses em que esteve grávida, Maria Domenica não tinha a certeza de como se iria comportar com aquele bebé que supostamente não deveria ter tido. Por isso, estava admirada com a intensidade de amor que sentia e não deixava que lhe tirassem a filha dos braços. Até a sua própria mãe tinha de implorar para que lhe fosse permitido fazer-lhe alguns mimos.

Quanto a Marco, não se metia no seu caminho. A noite, dormia nas duas velhas

poltronas, encostadas uma à outra, e, durante o dia, espreitava pela porta de vez em quando ou levava-lhe um prato com pão, pedaços de fruta e fatias de queijo. Mas, depois daquela primeira vez, nunca mais pedira para pegar no bebê nem mostrara o mínimo interesse no nome, nas roupas, no sono ou nos hábitos de alimentação, nem em nenhuma das milhentas ínfimas coisas que Maria Domenica achava tão fascinantes.

Durante quatro estranhos e mágicos dias, permaneceu fechada no quarto, acordando quando Chiara chorava para ser amamentada, dormindo quando ela dormia. Era assim que a vida deveria ser. Ao quinto dia, Pepina começou a barafustar com ela.

—Levanta-te, veste-te. Tens um marido lá fora para quem cozinhar. Podes deixar esse bebê sozinho por cinco minutos, sabes.

Não lhe fará mal nenhum.

Maria Domenica fez como lhe mandaram. Passava os dias fechada com a filha, mas quando Marco chegava a casa estava na cozinha a descascar ervilhas ou a cozer o pão segundo a receita da sua mãe.

Chiara tinha já um mês de idade quando Maria Domenica se atreveu a colocar ao marido a questão que andava a pairar nos seus pensamentos. — Marco, importavas-te que eu voltasse para o meu antigo emprego no Caffè Angeli? — Maria Domenica usou o tom mais humilde que conseguiu. — Não teria de trabalhar muitas horas e o Franco diz que posso levar a menina comigo. E o dinheiro que ganhar poderá ajudar em algumas despesas extra.

Marco olhou para a sua tigela de minestrone. — E eu? Quem é que vai cozinhar para mim quando estiveres a cozinhar para estranhos no caffè} — inquiriu mal-humorado.

—Oh, terei o almoço pronto para ti e estarei sempre de volta a tempo de te fazer o jantar — assegurou Maria Domenica, detestando o tom de súplica da sua própria voz. — Tu estarás sempre em primeiro lugar, não te preocupes.

Marco sorriu com malícia. — Bem, se estás pronta para trabalhar, é porque já te sentes com forças?

—Sim, sim.

Ele lançou um olhar às duas poltronas ainda juntas. — Então, não precisarei de dormir aqui hoje à noite, pois não? Estás finalmente pronta para ser uma mulher a sério.

Naquela noite, o corpo nu do seu marido meteu-se na cama junto a ela. Apesar do trabalho duro na quinta, a sua musculatura não se desenvolvera muito. Sem pêlos no peito, o seu corpo era delicado como o de uma rapariga. Aquela seria tão

diferente da última vez. Da última vez, em Roma.

A constituição ligeira de Marco pareceu não lhe pesar nada quando ele se colocou sobre ela. Enquanto o seu pequeno pénis branco entrava dentro dela e o seu rosto bonito se contraiu com o prazer do orgasmo, ela manteve os olhos firmemente fechados.

— Não acordes o bebé — sussurrou, ao mesmo tempo que ele gemia.

Rolando sobre si, saiu de cima dela e limpou o pénis ao canto do lençol branco com o monograma dos Manzoni. — Um pouco disto todas as noites e rapidamente estarás grávida — disse-lhe. — Só que desta vez terás um bebé que mereça realmente o meu nome.

— E olhou para o berço ao canto onde a filha dela continuava a dormir tranquilamente. — Não como a pequena Chiara Manzoni ali. Diz-me, qual deveria ser mesmo o sobrenome dela?

Maria Domenica permaneceu em silêncio.

— Quem é o verdadeiro pai de Chiara? Quem é o homem que devia ter casado contigo?

— Achas que isso realmente importa? Agora estou casada contigo — disse, lutando contra a intensidade da irritação na sua voz.

— Tens razão, agora és casada comigo. — A sua mão alcançou a nuca dela e empurrou-a para baixo, pressionando-a com firmeza ao longo do seu corpo. — Então porque é que não continuas a comportar-te como uma mulher casada?

Ficou desesperada e, por momentos, pensou em lutar contra ele. Mas não valia a pena o risco. Se nessa noite fizesse o que Marco queria, amanhã estaria atrás do balcão brilhante de aço inoxidável no Caffè Angeli, onde era o seu lugar.

Colocaria o avental branco engomado e serviria um café exemplar durante todo o dia. De olhos bem fechados, começou a chupar obedientemente.

Maria Domenica empurrou Chiara no berço em segunda mão pelas ruas poeirentas de San Giulio, passando pelas casas das pessoas mais abastadas, construídas em volta de pátios privados, e pelo moderno bloco de apartamentos onde Lúcia vivia.

Demorou uma eternidade a percorrer a rua principal, contemplando as montras das lojas, e depois acelerou o passo para passar rapidamente à frente da igreja onde fora obrigada a casar e atravessar a praça, adornada pela pequena fonte atarracada e as graciosas palmeiras. Enquanto caminhava, Maria Domenica sentia-se como se cada par de olhos na vila a seguisse no seu percurso. O Franco vai fazer bom negócio hoje, concluiu. Assim que percebessem para onde ela se dirigia, ninguém resistiria a passar pelo Caffè Angeli para poder dar uma boa vista de olhos a ela e à filha.

Franco tirara o velho berço de madeira de Giovanni do sótão e arranjava-o com esmero. Maria Domenica encontrou-o por detrás da cortina vermelha, preparado com roupa de cama branca e lavada, mesmo à espera de um bebé.

— Oh, não precisava de se ter dado ao trabalho. Ela podia ficar no carrinho de bebé — disse a Franco.

— Diz apenas obrigada, Maria Domenica.

— Obrigada, obrigada e mais uma vez obrigada. — Beijou-o rapidamente em cada face e depois deu-lhe mais um beijo de boa sorte.

— —Não que Chiara passasse muito tempo no berço; era demasiado popular. Tal como Maria Domenica previra, metade da vila passou pelo caffè durante o dia e quase todos pediram para ver o bebé.

— Trá-la cá para aqui, trá-la cá para aqui, deixa-me dar-lhe maminhos — implorou Lúcia.

— A seguir sou eu, a seguir sou eu — disse Gabriella.

—Primeiro apaga esse cigarro — ordenou Elena Manzoni.

— Não queres deitar o fumo para cima de um bebé recém-nascido.

Não é saudável. Vá, dá-ma cá, estará em segurança com a avó. Oh, cheira a parte de cima da cabeça dela... não é divino? É tão parecida com o pai quando tinha esta idade. Tão parecida com o meu Marco.

Maria Domenica virou os olhos para Franco e pensou que a sua sogra tinha de ser realmente uma das mulheres mais estúpidas do mundo.

A hora do almoço trouxe Rosaria e Pepina à vila. — Viemos só para uma ou duas fatias de pizza — anunciou a irmã. — E talvez um pedacinho de bolo.

— E para ver se o boato de que tu estavas a trabalhar aqui era verdade — admitiu

Pepina à filha mais velha. — Aquele maldito telefone não parou de tocar toda a manhã. Quem me dera que nunca nos tivéssemos dado ao trabalho de ter aquilo. — Estamos nos anos sessenta, não na Idade Média, Mamma. — resmungou Rosaria. —

Hoje em dia só os campônios não têm telefone próprio.

Mas Pepina não estava a ouvir. Reparou que Gloria Ferrero, na mesa do canto, estava a fumar e a beber café com uma mão enquanto pegava na sua neta com a outra. — Vamos, dá-ma cá — sibilou, tirando-lhe rapidamente Chiara dos braços. Com um suspiro, colocou a bebé em cima de uma mesa de café e calmamente começou a tirar-lhe a fralda suja. Franco ficou visivelmente pálido.

— Aqui não, Mamma. — disse Maria Domenica, alarmada. — Aqui não é lugar para se fazer isso. Venha comigo.

— Ora, aqui não é lugar, acima de tudo, para um bebé — quei-xou-se Pepina quando a filha a empurrou através da cortina de veludo vermelho. — Se fosse suposto os bebés estarem num caffè, Deus ter-lhes-ia dado o gosto por café. Devias estar em casa com ela e não aqui, a trabalhar de novo neste sítio, rodeada destas pinturas pagãs nas paredes.

— Silêncio, Mamma — pediu Maria Domenica. Deitou a bebé no berço e, com destreza, envolveu-a numa fralda limpa. — Estou satisfeita com o emprego e estou satisfeita com o dinheiro. E o Marco também.

— Oh, bem, se o Marco está contente... — começou Pepina, depois a graciosidade singela de Chiara conteve-a e ela beliscou delicadamente a sua bochechinha gorda. — É uma coisinha tão linda. É tal como tu quando eras bebé. Maria Domenica não podia acreditar que alguma vez fora assim tão linda. A sua filha tinha cabelo brilhante e negro, pálpebras de um púrpura escuro e, no rosto, uma divertida expressão severa. Chiara parecia saber que precisava de se portar bem e compreender que a mãe não era suficientemente forte para aguentar noites sem dormir e um bebé vermelho de tanto chorar. Chorava quando tinha fome e o resto do tempo gorgolejava para si própria ou dormia.

—É um anjinho — pronunciou docemente Pepina.

— E eu também era um anjo nesta idade? — troçou Maria Domenica.

— Oh, sim, sim. — Pepina recostou-se na única poltrona que restava a Franco. — O

teu pai engravidou-me pouco depois de casarmos. Disse que não queria ver-me entediada. Nunca me hei-de esquecer da expressão no seu rosto quando te viu... a sua filha, a sua menininha. Eras uma criaturazinha tão feliz, quase nunca choravas. Ao contrário de Rosaria, que não parou de gritar durante os três primeiros anos

pelo menos. Eu costumava pagar à filha da Francesca Maggio para a levar a dar um passeio todos os dias. Ouvia os gritos dela a acalmar à medida que a criança se afastava, levando-a no carrinho de bebê, e a aumentar novamente, cerca de meia hora depois, quando voltava com ela de novo para casa.

Mas tu não. — Pepina inclinou-se e afagou o cabelo brilhante e macio de Chiara. — Tu eras assim como a Chiara, não deste trabalho nenhum. Mesmo quando começaste a gatinhar e a andar, nunca tive de me preocupar demasiado contigo.

— Desculpe, Mamma.

— Porquê, cara} — Pepina olhou para cima.

—— Por ter-lhe causado tanta preocupação durante o ano que passou. Por ter fugido para Roma e regressado a casa grávida e ter a vila inteira a falar de mim.

— Maria Domenica susteve com dificuldade as lágrimas nos seus olhos negros.

— Arrependo-me todos os dias do que vos fiz, a si e ao Papa. Devia estar maluca.

A mãe encolheu os ombros. — Não vou fingir que não ficámos perturbados.

Partiste o coração do teu pai e acho que ainda não recuperou verdadeiramente.

Preocupamo-nos muito... se isto foi o que a nossa boa menina nos fez, só Deus sabe o que os outros nos reservam. Mas olha para ti agora... com uma filha linda, um marido bem-parecido, boas perspectivas. No fim, acabou por correr tudo bem.

— A custo, levantou-se. — De qualquer maneira, não posso ficar aqui sentada o dia inteiro.

Há trabalho a fazer. Posso contar contigo e com o Marco para o almoço de domingo? Passei a semana toda a fazer massa e, ontem, o Fabrizio Maggio trouxe-me uma bacia de enguias vivas, portanto vamos ter um verdadeiro banquete. O teu pai adora ter a família toda em volta da mesa outra vez.

Segurou o rosto de Maria Domenica com as mãos e, por momentos, pareceu que a ia beijar. — Não voltes a deixar-nos, promete-me isso — disse serenamente. —

Fica aqui. O teu lugar é aqui.

Maria Domenica atirava estrume malcheiroso para a parcela de terra revolvida e espalhava-o com a pá. Era um trabalho duro e intenso. Cuidadosamente, tentava manusear a pá de forma a não matar muitas das minhocas gordas cor-de-rosa que se contorciam por baixo dela.

— É bom teres muitas minhocas na tua horta — exclamou Elena num tom aprovador, a partir da velha espreguiçadeira de lona que colocara à sombra de uma árvore. — Enchem o solo de ar e ajudam os vegetais a respirar... por isso vão ser os mais deliciosos.

Não era a primeira vez que Maria Domenica perguntava a si própria como é que iria conseguir aguentar os comentários imbecis daquela mulher uma vida inteira. Pegando na enxada, começou a trabalhar os pedaços duros de terra vermelha. Fora Marco quem decidira ter uma horta como a que a sua mãe tinha na casa grande. —

Quero tomates, manjerição e salsa — dissera. — Talvez feijão e algumas folhas de rúcula. Tudo aqui, mesmo à porta da cozinha, para que possas colhê-los frescos quando estiveres a preparar as minhas refeições.

Acometido por um entusiasmo repentino, passou uma hora a cavar diligentemente um rectângulo de terra plana, transformando-o em tiras grandes e toscas. — Aqui está, já dei um bom avanço — disse, por fim, recuando para admirar o seu trabalho.

Por isso agora, quando a frescura do início de uma manhã de domingo avançava para o calor do meio-dia, Maria Domenica terminava o serviço, sachando a terra pacientemente, secção por secção, e misturando-a cuidadosamente com o estrume negro e malcheiroso. Em seguida, plantou os feijões ao fundo, com estacas de bambu para os suportar, depois os tomates no meio e as folhas de salada mesmo na parte da frente.

— Claro que já é demasiado tarde para estares a plantar — disse uma Elena bem informada, com a cara redonda a suar ligeira mente à medida que o calor se tornava mais intenso. — Devias tê-lo feito há várias semanas. No próximo ano não podes esquecer-te de começar bastante mais cedo.

Maria Domenica fez uma pausa por um segundo e fitou os búfalos que pastavam serenamente no cercado do outro lado da casa. — No próximo ano? — perguntou. — Sim, sim, debes espalhar o estrume pelo menos um mês antes de começar a plantar, para depois sementes quando a terra está quente mas a chuva ainda cai. Assim, terás a melhor colheita possível.

— Estou a ver.

— E debes plantar o manjeriço no meio dos tomates, e não todos de um lado numa secção própria. É melhor para os insectos.

— Sim.

— Eu cultivo vegetais desde miúda, Maria Domenica, sei do que estou a falar. Vocês, jovens, não se preocupam em ouvir os conselhos dos mais velhos, percebo isso, mas por vezes compensa prestar atenção. Lembro-me de quando tinha a tua idade...

E prosseguiu sem parar. Era como ter o som de fundo de um rádio... sintonizado numa daquelas estações irritantes em que se ouve muita conversa e pouca música.

— Em todo o caso, minha querida — continuava ainda a matraquear, movimentando as bochechas redondas e agitando imperiosamente os dedos curtos no ar —, fico satisfeita por estares a fazer aqui uma horta. Continua a acumular o estrume e o composto e o solo vai estar magnífico quando eu e o pai do Marco nos mudarmos para esta casinha.

— O quê? — Maria Domenica ficou confusa. — Mas porque é que haveriam de querer mudar para aqui?

— Oh, estou a falar daqui a alguns anos. Por essa altura, tu e o Marco terão mais bebés e a tua família ficará muito apertada neste espaço reduzido. — Recostou-se na espreguiçadeira e esticou as pernas peludas e morenas com deleite. — É esse o plano... trocaremos de casas. E depois, quando estivermos mortos e enterrados e os teus filhos crescidos e com as suas próprias famílias, mudarás de novo para aqui e eles ficarão na casa grande. É assim que funciona na família dos Manzoni, é a tradição. E eu acho que é bom ter o futuro já delineado. Assim não há surpresas.

— As surpresas são más?

— Bem, parece-me que, ultimamente, já tivemos surpresas que chegassem nesta família, não achas? — Elena lançou um olhar a Chiara, que dormia tranquilamente no carrinho de bebé a seu lado. — Penso que poderemos passar bem sem elas durante os próximos cinquenta anos.

Por momentos, enquanto obrigava a terra dura e vermelha a resignar-se, Maria Domenica soube exactamente como seria estar enterrada nela até ao pescoço. Sem se poder mexer, a ideia de uma vida toda delineada, sem mudanças, sem surpresas...

— E se for forçada a mudar? — perguntou ansiosamente à sogra. — Forçada pelas circunstâncias.

— Quais circunstâncias? — A testa de Elena enrugou-se em sinal de perplexidade.

— Aqui, nada precisa de mudar... nunca. As pessoas vão sempre querer comer bom queijo mozzarella, por isso continuaremos a criar búfalos. Nada precisa de mudar nas nossas vidas. Podemos ficar aqui nesta quinta a fazer o que fazemos até que nos carreguem numa caixa e depois os nossos filhos tomarão conta disto por nós.

É assim que acontece. E assim que tem acontecido sempre.

— Não pode prever o futuro. — Maria Domenica transpirava agora de forma abundante, enquanto golpeava furiosamente a terra.

Elena semicerrava as pálpebras contra o sol. — Bem, posso prever o futuro imediato — respondeu num tom presunçoso. — E se não fores para casa para te lavares convenientemente, posso prever que nos atrasarás a todos para o almoço de domingo da tua mãe.

Desta vez Maria Domenica não pôde argumentar. Juntando as ferramentas no alpendre de chapa ondulada ao lado da feia casinha, tentou sentir mais afecto pela sogra. Mas não era fácil. A mulher era tão irritante. Fora ela, sem dúvida, quem estragara Marco. Era simples de ver porque é que ele se havia tornado naquele homenzinho vaidoso, preguiçoso e incapaz que era hoje. Durante toda a vida, Elena não só lhe fazia a comida e tratava da limpeza, como também lhe lavava o cabelo e cortava as unhas das mãos e dos pés. E, agora, ele esperava o mesmo da mulher. Da primeira vez que ele lhe passou para as mãos a tesoura das unhas e pôs o pé no seu colo, Maria Domenica nem quis acreditar.

— Corta-as de um lado ao outro — instruíra Marco. — E depois vai buscar uma lima para tornear os cantos.

Como é que um homem que realizava trabalho físico numa quinta todos os dias podia ser tão meticuloso com a sua aparência, isso ela não sabia. Quando se debruçou sobre o lavatório do seu pequeno quarto de banho, lavando com sabão a terra e o suor, Maria Domenica sorriu. Esperava que os búfalos e os porcos apreciassem os seus pés bem tratados.

Ouviu a voz de Elena a ecoar ao fundo no pátio da entrada, insistindo para que se apressasse. Rapidamente, arranjou o cabelo e enfiou a deselegante vestimenta vermelha e florida que, naqueles dias, era tida como o seu melhor vestido. — Só um minuto — gritou em resposta.

Lúcia aconselhara-a a começar a usar um pouco de maquilhagem. Apenas um pouco de bâton e uma camada de rímel, insistira. Dar-lhe-ia alguma cor. Mas ficava estranha no seu rosto. Lambendo os dedos e humedecendo o cabelo para o tornar mais liso, decidiu que isso seria suficiente.

A viagem até à casa dos pais era curta, graças a Deus. A ideia de estar enfiada

num pequeno Fiat ao lado de Elena arrepiava-lhe a pele. De cada vez que a sua sogra mudava de velocidade, uma mão gorda e morena roçava-lhe o joelho, e quando virava o volante, um cotovelo surpreendentemente afiado atingia-lhe as costelas.

Era insuportável. O Marco saiu de dentro do corpo desta mulher, pensou com repulsa, encostando-se à porta do seu lado. Ele toca-me... ela toca-me... é como se me possuíssem.

Apertou Chiara contra o peito quando a sogra derrapou no pó ao entrar depressa de mais numa curva. Já não faltava muito. Era só descer o caminho de terra, passando pela casa de Francesca Maggio, subir até à movimentada estrada principal e estariam em casa.

Assim que viraram para a rampa de entrada da casa, conseguia ver a família toda reunida à volta da longa mesa de madeira que fora colocada debaixo do limoeiro. Erminio estava à cabeceira da mesa, contemplando com entusiasmo o tabuleiro de lasagna à sua frente. Ao seu lado estava Marco e o pai, Gino, que viera directamente da vila, onde, de manhã, participava num jogo de cartas ilícito. Maria Domenica reparou que o copo de Marco já estava quase vazio e que o seu rosto começava a ficar rosado.

As irmãs mais novas estavam comprimidas no banco alto ao fundo da mesa, com Salvatore no meio delas. Abafando os risinhos nos longos cabelos umas das outras, falavam discretamente sobre aqueles assuntos que só dizem respeito às meninas.

Não se via Rosaria, mas um som zangado de tachos vindo da cozinha sinalizou claramente o local onde podia ser encontrada.

Erminio olhou para a filha mais velha com amor e ternura. Dando umas pancadinhas na cadeira a seu lado, chamou: — Vem cá e senta-te. Mostra-me a tua bebé. Deixa-me ver como cresceu.

Maria Domenica hesitou. — Talvez devesse ir ver se é preciso ajuda lá dentro — disse-lhe, acenando em direcção à cozinha.

—Não, não. A tua irmã tem tudo sob controlo. Hoje não trabalhas, descansas.

Agora, traz cá a bambina e deixa-me dar-lhe um beijo.

Grata, Maria Domenica afastou-se da sogra e deixou-se cair na cadeira de vinil velha e gretada, ao lado do pai. — É bom estar em casa — disse-lhe.

—É bom ter-te em casa — respondeu, estendendo a mão e apertando a bochecha de Chiara entre o polegar e o indicador. —Não é linda? A minha netinha, a bebé mais bonita do mundo.

As suas palavras foram quase abafadas pelo ruidoso estrondo que ecoou a partir

da cozinha, seguido de um grito: — Merda. — Desta vez, Rosaria partira algo. Elena quase saltou da cadeira com o susto; mais ninguém pareceu ter registado algo de errado. Talvez as meninas tivessem dado umas risadinhas mais altas e Pepina, quente e suada como os pimentos que assava no fogareiro, tivesse revirado os olhos algumas vezes.

Finalmente, cambaleando com o peso de uma pilha de pratos, Rosaria saiu da cozinha. — Já não era sem tempo — disse Erminio com moderação. — A lasagna está a ficar fria e estamos aqui todos a morrer de fome. — Forçou o polegar para dentro da cintura demasiado apertada. — Vês, as minhas roupas estão a ficar folgadas a cada segundo que passa.

O rosto redondo de Rosaria exprimiu irritação e mau humor, quando distribuiu os pratos como um baralho de cartas. Erminio não fez caso. Estava ocupado de mais a sorrir para a enorme travessa com massa, tomates, mozzarella e um cremoso molho bechamel que se encontrava à frente. — Quem é que tem fome? — perguntou, enquanto cortava cuidadosamente a lasagna. — Lembrem-se de que este é apenas o primeiro prato. Temos alcachofras, temos melanzane alia parmigiana, temos pollo alia cacciatora e enguias na brasa, temos o melhor pecorino salgado e prosciutto dos nossos porcos caseiros e, claro, muito pão cozido pela minha mulher. E depois, para terminar, eu mesmo preparei uns pêssegos frescos embebidos em vinho tinto, que vão estar deliciosos.

Beijou a ponta dos dedos e distribuiu um caloroso sorriso ao longo de toda a mesa.

Enquanto Rosaria transportava as travessas cheias e vazias para dentro e para fora da cozinha, Erminio comia calmamente. Limpou o prato e ajudou Maria Domenica a acabar com as sobras. Por entre garfadas, sujeitou-a a um carinhoso interrogatório.

— Estás feliz?

— Não estou infeliz.

— O Marco é bom para ti?

— Não é mau.

— Trabalhar no Caffè Angeli não é duro de mais para ti?

— Não, o Franco não me deixa trabalhar muito.

— Tens saudades de Roma?

— Sim, um pouco.

— Do que é que sentes falta?

— Oh, dos lugares... das pessoas.

— O que é que fazias lá durante todo o dia?

Que estranho. Aquela era a primeira vez que alguém mostrava tanto interesse em alguma coisa que acontecera em Roma, que não fosse saber quem era o pai da bebé.

A maioria das pessoas só se preocupava com isso... excepto Franco, claro, mas ele era uma pessoa demasiado discreta para se intrometer na vida dos outros. Mas agora o pai fizera a pergunta. E o que lhe diria? O que é que lhe poderia contar?

— Bem — começou —, a primeira coisa que fiz foi arranjar um emprego. Acabei num pequeno caffè perto das Escadas de Espanha. Era muito diferente do Caffè Angeli... apinhado de turistas, de rostos diferentes todos os dias e de pessoas a falar todo o tipo de línguas estranhas. Havia muitos ingleses...

-Sim?

— Ao princípio os proprietários do caffè eram simpáticos. Alugaram-me um quarto no último andar do prédio... eram tantas escadas. Havia dias, quando o caffè tinha tido muito movimento, em que mal tinha força para as subir.

— Davam-te dias de folga?

— Oh, sim. Tinha dois dias de folga por semana e eram maravilhosos. Na maioria das vezes, passeava pela cidade e observava os edifícios. Em Roma, parece que, de cada vez que viramos numa esquina, encontramos uma bela fonte ou praça mesmo ali à nossa frente. Não levava comigo nenhum mapa, ia caminhando e explorando.

Às vezes, tentava ver se conseguia encontrar as pinturas de que me lembrava das paredes do Caffè Angeli. Sempre que via uma, sentia-me um pouquinho mais perto de casa.

— E encontraste muitas?

— Algumas. Mas muitas delas não estão em Roma, estão em Florença. E nunca consegui ir lá. Talvez um dia, quem sabe... — Maria Domenica conteve-se. Percebera que Marco estava a olhar para ela e imaginou há quanto tempo estaria ele a ouvi-la.

Erminio desviou rapidamente o olhar do prato de galinha, tomates, cebolas e alecrim e, por instantes, concentrou-se no seu genro. — Marco, vai à cozinha e descobre o que é que Rosaria está a fazer àquele prosciutto. Diz-lhe que o quero cortado em fatias finas. Pode precisar de ajuda.

Marco esgueirou-se obedientemente e Erminio virou-se de novo para a filha mais velha. — Talvez um dia vás a Florença, para Uma visitinha — concordou. — Não há razão para não ires. Mas aPenas por pouco tempo, depois regressas a San Giulio. É aqui que pertences.

Maria Domenica assentiu com a cabeça.

— Esta é a tua casa., figlia.

— Sim, a minha casa é esta. Não aquela casinha na quinta dos Manzoni. Por favor, deixa-me voltar para aqui. O Marco não se importará. Não sentirá a minha falta.

E precisam de mim aqui. — E olhou sem rodeios para a cozinha. — A Rosaria não está a conseguir fazer o trabalho, a Mamma está cansada. Deixa-me voltar para casa e ajudar-vos. Por favor?

— A Rosaria vai conseguir desenrascar-se — disse o pai com dureza. — Já é tempo de dar o seu melhor. Não te preocupes com ela. E a tua mãe? Talvez esteja um pouco abatida. Mas ela não iria querer que voltasses para cá, pois sabe que o teu lugar agora é ao lado do teu marido. Todos o sabemos.

— Seria mais feliz aqui.

Erminio suspirou. — Tens de lhes dar algum tempo. Eu sei que pode parecer estranho, mas eles não são assim tão más pessoas. — Lançou um olhar a Elena, que aparava nervosamente a gordura imaginária da sua carne, e à brilhante cabeça careca de Gino debruçada sobre o seu prato, atafalhando a boca de comida. — Eles querem o melhor para ti. Podem não fazer as coisas da mesma maneira que nós...

mas tu hás-de habituar-te.

Depois levantou-se da cadeira e acariciou a sua barriga dura e inchada. — Está demasiado cheia — disse-lhe. — Vou ver se arranjo algum espaço.

Maria Domenica não conseguia suportar mais. Tinha visões de Rosaria sozinha na cozinha, rodeada de pilhas vacilantes de pratos sujos, lavando e secando pela noite dentro. Por isso, colocou uma Chiara adormecida nos braços agradecidos de Pepina, encontrou um dos seus velhos aventais e ofereceu ajuda.

— Não é preciso — disse-lhe Rosaria com enfado.

— Tu lavas e eu seco — replicou Maria Domenica, passando os olhos pela cozinha familiar, agora com o estranho lugar vazio onde era suposto estar a mesa.

— Já disse que não é preciso.

— Eu quero ajudar.

— E tu consegues tudo o que queres, não é? — A voz de Rosaria era tão amarga como a limonada de Gina Rossi.

— O que queres dizer com isso? — perguntou Maria Domenica, embora soubesse perfeitamente o que Rosaria queria dizer.

— Ora, tu tens tudo, não é? — proferiu Rosaria violentamente. Acabara de lavar os copos e estava a esvaziar o lava-louça para poder enchê-lo novamente e começar com os pratos. — Tens o homem, a casa, o emprego, o bebé e, mesmo assim, andas por aí a lamuriar-te o dia todo.

— Talvez as coisas não sejam tão perfeitas como te parecem — acrescentou Maria Domenica.

Rosaria riu. — Era capaz de te matar — disse em voz baixa, enquanto esfregava as crostas de mozzarella e tomate derretidos nos pratos de massa. — Odeio-te. Porque é que tiveste de ficar com o Marco? Não podias ter encontrado o teu próprio homem?

— Rosaria, acredita em mim... — Maria Domenica deteve-se. Como conseguiria explicar à irmã que não queria Marco, que nunca o quisera? E nem valeria a pena lembrá-la dos muitos defeitos que ele tinha, porque ela não os enxergaria. Por razões que Maria Domenica jamais compreenderia, a irmã tinha uma enorme paixoneta pelo seu marido. Havia de a superar, pensou Maria Domenica, encolhendo os ombros, mas até lá ia ser um inferno aturá-la.

— Não quero falar contigo, só quero ajudar-te com a louça — disse por fim a Rosaria. — Portanto, chega-te para lá e dá-me esse pano da louça ou vais ficar aqui durante horas.

Ao som da conversa em volta da comprida mesa de madeira, as duas irmãs lavaram, secaram e arrumaram em silêncio. Maria Domenica guardou as sobras no frigorífico para que o seu pai, dali a uma hora ou duas, lhe fizesse um assalto. Rosaria esfregou a parte de cima do fogão e todas as superfícies da cozinha.

A tarde solarenga terminou numa noite quente. As meninas cansadas acabaram por desfilar todas juntas para cama e o volume das vozes dos adultos aumentou.

Maria Domenica conseguia ouvir a voz de Marco, uma oitava mais alta que a do pai dela, gabando-se de qualquer coisa. Da quinta, provavelmente, ou da maneira brilhante como lidava com os búfalos. Tentou não ouvir.

Depois ouviu um outro som... o choro de Chiara. Atirando o avental para o chão, saiu rapidamente da cozinha. — Precisa de mamar, Mamma. Dê-ma cá.

Pepina não se mexeu. — Deixa-a chorar. Não podes dar-lhe de mamar sempre que ela quer. Tens de criar uma rotina adequada.

— Mamma, ela é minha filha e eu decido quando é que ela precisa de mamar. Dê-ma cá.

Pepina encolheu os olhos. — Eu criei cinco filhas e um filho. Acho que sei o que estou a fazer. Deixa-a estar.

Para surpresa de Maria Domenica, foi a sogra Elena quem a defendeu. — Não, Pepina. Está a fazer-se tarde. Deixe-a amamentar a bebé e depois é melhor irmos andando para casa. Odeio conduzir por essas ruelas na escuridão. E, de qualquer forma, queria que estes dois jovens casados viessem tomar um digestivo comigo antes de deitar. Apenas uma bebida antes de irmos dormir.

A viagem de regresso no ruidoso Fiat de Elena foi de pôr os cabelos em pé. O carro derrapou nas curvas mais apertadas e, por mais do que uma vez, Maria Domenica pensou que iriam parar à valeta.

—Que almoço magnífico. Um verdadeiro sucesso. — Elena tagarelava. — Como cozinham maravilhosamente na tua família.

E que casinha encantadora têm. Não consigo acreditar como é que vos criaram a todos naquele lugar minúsculo. A tua pobre mãe, onde é que ela vos punha a todos? Fez-me perceber a sorte que eu e o Gino tivemos com a nossa casa na quinta de dois pisos e todos os nossos quartos maravilhosos e enormes.

Elena travou de repente e o carro deu meia-volta, derrapando na poeira.

Maria Domenica dirigiu um olhar à sogra. As suas faces estavam completamente vermelhas. Quanto vinho da Mamma teria ela bebido? — Talvez fosse melhor abrandar — sugeriu nervosamente. — Está a ficar muito escuro.

—Nunca tive um acidente na vida — disse Elena, aos soluços, fazendo outra curva de lado.

Quando pararam num canto inclinado da rampa de entrada da casa, Maria Domenica sentia-se bastante fraca. Não teve forças para argumentar com Elena quando ela a empurrou para dentro para tomar um digestivo. — Uma última

bebida antes de irmos dormir. Vai ajudar-te a adormecer — foi-lhe dizendo.

Na cozinha escura e abafada, Maria Domenica observou Elena a deitar o licor espesso em dois copos de vinho tinto e a bebê-lo com vontade.

— Mmm, que bom. — Elena sorriu. — Os rapazes não gostam disto. Dizem que é demasiado doce. É melhor abrir uma garrafa de vinho tinto para eles. Devem estar mesmo a chegar.

— Nunca bebemos muito em casa — disse Maria Domenica. A sua volta, reparou na mobília que atravancava a cozinha. Numa das paredes, surgia como um espectro um enorme e sombrio armário de cozinha; alinhada noutra, encontrava-se uma otomana intrinsecamente esculpida e, perto da porta dos fundos, estava uma espécie de arca de madeira com pés.

Elena seguiu o seu olhar. — É uma vitrola — explicou, levantando a tampa da arca para mostrar à nora o gira-discos escondido por baixo. — O Gino ofereceu-mo no ano passado. Não é chique? — Bebendo mais um gole do seu copo, prosseguiu, informando Maria Domenica da proveniência de todas as suas reluzentes peças de mobiliário.

— O armário foi um presente de casamento — explicou, passando os dedos pela superfície sem pó. — A otomana, herdei-a da minha avó. A velha mesa da cozinha em carvalho está há gerações na família Manzoni. A porcelana — Elena acenou com a mão em direcção aos armários de vitrinas cheios de pratos e copos — vem sendo acumulada por todas as esposas Manzoni. Estou certa de que algumas peças sejam muito valiosas.

Sentindo um arrepio, Maria Domenica imaginou-se a envelhecer rodeada por aquele museu de mobília gigante e a limpar-lhe o pó até soltar o último suspiro. Como se lhe tivesse lido os pensamentos, Elena sorriu generosamente. — Um dia será tudo teu e do Marco, cara.

Lá fora, a porta de um carro bateu e ouviu-se a voz de Gino insistindo: —

Levanta-te, cretino, levanta-te. — Depois de ouvirem sons tumultuosos e risinhos agudos, viram a grande cabeça careca de Gino a espreitar pela porta de entrada.

— Têm de vir ajudar-me a pô-lo em casa — disse com um sorriso tolo. — Não sei o que se passa com o rapaz. Deve ter bebido um copo de vinho estragado.

Entre eles, meio a carregá-lo e meio a arrastá-lo, conseguiram levá-lo para dentro da casinha e metê-lo à força na cama. Maria Domenica deu as boas-noites aos sogros e, depois, despiu as roupas do corpo delgado do marido e puxou um dos lençóis com monograma e cobriu-o.

— Água. Preciso de um copo de água — disse-lhe Marco, quando ela ia a sair do quarto.

— Está bem, só um minuto. Preciso de ir ver a bebé.

— Despacha-te. Tenho sede. Quando regressou com o copo cheio e o estendeu na sua direcção, Maria Domenica sentiu o braço de Marco a enroscar-se na suas pernas. A sua mão era surpreendentemente forte.

— Vem para a cama — ordenou.

— Sim, vou daqui a pouco.

— Não, vem já.

Puxou-a para cima e o copo cheio de água saltou da mão dela e desfez-se contra a mesinha-de-cabeceira.

— Não, larga-me. — Ela tentou lutar contra ele, dando-lhe murros no ombro descarnado, mas ele conseguiu virá-la com facilidade, fazendo pressão sobre ela com o seu peso.

— Marco, agora não. Não quero fazer isto agora.

— Incumbiram-me de casar com a frígida irmã Carrozza — disse amargamente, agarrando num punhado dos seus longos cabelos negros e puxando-os bruscamente. —

Aposto que a tua irmãzinha Rosaria não estaria a choramingar «Agora não», se o marido quisesse fazer amor com ela.

Um pequeno soluço escapou dos lábios de Maria Domenica. — Isto não é fazer amor, Marco — disse-lhe.

Mas ele não a estava a ouvir. Levantou-lhe a saia do vestido florido e rasgou-lhe a roupa interior prática. Agarrou-lhe rudemente o braço com uma mão e penetrou-a com violência. Maria Domenica sentiu na face o seu bafo quente e azedo, com o cheiro avinagrado a vinho passado e, na pele, as gotas de suor que pingavam da sua testa quente.

Mantendo os olhos muito abertos, esperou que o rosto corado de Marco se contorcesse com o prazer do orgasmo. Pareceu demorar uma eternidade naquela noite. Mas, por fim, os seus olhos arregalaram-se ligeiramente, depois contraiu-os, franziu os lábios e gemeu. Tinha terminado. Rebolou para cima dos lençóis e limpou-se com a ponta do vestido dela.

— Merda, amanhã vou estar de ressaca — disse-lhe. — Aquele vinho que a tua mãe faz é muito forte.

— Vou buscar-te outro copo de água — respondeu. — O último entornou-se.

Na manhã seguinte, quando Maria Domenica chegou cedo para abrir o Caffè Angeli, havia um estranho à espera. Era um homem alto, de cabelo negro desalinhado, roupas salpicadas de tinta e segurava um escadote. — O Franco está à minha espera — informou com uma voz carregada de um sotaque desconhecido.

—
Ele sabe que eu venho.

—
Está aqui para fazer algum tipo de decoração? — perguntou ela com um gesto em direção ao escadote e às latas de tinta.

—Alguns trabalhos de pintura — respondeu sucintamente. 1

Maria Domenica equilibrou Chiara num braço e com a mão livre abriu a grande porta de vidro. Ao seu lado, o estranho enrolava preguiçosamente um cigarro. Não parecia ter pressa de começar a trabalhar.

Saboreando o cigarro, deambulou pelo caffè, observando os frescos de Franco, escolhendo uma balada na jukebox e deixando claro, com um aceno de cabeça e uma sobrelanceira levantada, que um café lhe saberia mesmo bem. Enquanto convencia a Gaggia a trabalhar, Maria Domenica observou o forasteiro a fumar. Não tinha filtro no cigarro que ele mesmo enrolara, por isso de cada vez que o levava aos lábios, ficavam para trás, coladas, algumas partículas de tabaco de um tom castanho-dourado. A cena deveria ter-lhe sido pouco aprazível, mas de alguma forma não o foi.

— Tem nome? — perguntou ela por fim.

— Vincenzo. — E deteve-se junto da jukebox, bebericando o café.

—Bem, Vincenzo, chamo-me Maria Domenica e se há alguma coisa que precise para começar com a sua pintura, avise-me. Vou estar ali na cozinha a organizar a coimida para hoje.

Ele fez-lhe um sinal com a cabeça, empurrou a chávena de expresso vazia para o outro lado do balcão e sorriu lentamente.

—Outro? — perguntou ela.

Ele assentiu de novo.

Maria Domenica encolheu os ombros e foi buscar mais grãos de café. Desejou que o que quer que Franco lhe tivesse pedido para fazer no caffè não se tratasse de um grande trabalho, ou o homem ficaria com eles durante meses — a fumar, a beber café e a fazê-la sentir-se pouco à vontade com aqueles seus caracóis negros, corpo robusto e modos tranquilos.

Enquanto se ocupava atrás do balcão, Maria Domenica manteve um olhar curioso

nele. Passou uma hora e depois mais outra, e ainda não tinha feito nada. Pelo contrário, permanecia sentado, direito, numa das frágeis cadeiras de madeira, a fixar o espaço em branco na parede. Era um espaço bastante grande entre a cópia d'O Nascimento de Vénus de Botticelli e uma outra do mesmo artista, onde Marte e Vénus descansam languidamente, rodeados por sátiros travessos. Sem dúvida que Vincenzo achava aquilo fascinante.

Estava uma manhã calma, com poucos clientes, mas Vincenzo tinha abastecido bem a jukebox de moedas e o som das músicas românticas que escolhera encheu o caffè.

Não que ele estivesse realmente a ouvi-las. Estava no seu próprio mundo. Mesmo quando o Velho Luciano, o idiota da vila, entrou aos tropeções e guinchou alegremente «Cretino, puttam», Vincenzo não tirou os olhos do espaço em branco na parede.

Finalmente, levantou-se e esticou as pernas. Reunindo as latas de tinta e o escadote, começou a amontoá-los na área privada de Franco por detrás da cortina de veludo vermelho.

— Não pode deixar isso aí — disse-lhe ela.

Vincenzo limitou-se a sorrir novamente. — Estarei de volta dentro de alguns dias.

— Foi tudo o que disse e foi-se embora.

No meio do tilintar da louça e dos talheres, Maria Domenica Pensava naquele atrevimento. Talvez estivesse à espera que ela mudasse aquele material de pintura sujo para um local mais adequado. Ora, ela não via porque haveria de o fazer.

Quando Franco avistou o escadote e a confusão das latas de tinta, sorriu com satisfação. — Então o Vincenzo esteve cá — notou. E atou as fitas do avental impecavelmente branco atrás das costas.

— Não fez grande coisa — queixou-se ela. — Mas afinal o que é que é suposto ele fazer exactamente?

— Oh, apenas alguns melhoramentos — respondeu Franco. — Restaurar um pouco este velho espaço.

Não teve tempo de dizer mais nada. O movimento da manhã tinha finalmente começado e clientes sedentos obstruíam o pequeno caffè. Só depois de ouvir um gemido frágil e dócil é que Maria Domenica se apercebeu de que tinha estado a negligenciar a sua filha. Correu a cortina de veludo vermelho e quase tropeçou numa lata de tinta na sua ânsia de chegar ao berço da bebé. Chiara tinha fome e tinha-se sujado. Comida em primeiro lugar, pensou Maria Domenica. Desabotoou a blusa. Enquanto Chiara mamava ávida mente no mamilo inchado, a mãe remexia no saco. Bolas, não tinha fraldas. Tinha a certeza de que colocara lá algumas

toalhas limpas mas com a pressa de chegar cedo ao trabalho nessa manhã, devia tê-las deixado diligentemente dobradas na velha poltrona na cozinha. Bolas, bolas.

Maria Domenica considerou as suas opções. Provavelmente poderia comprar algumas fraldas numa das lojas no outro lado da praça, mas seria uma extravagância — tinha imensas em casa. Ou poderia pedir algumas emprestadas a alguém ali perto, mas, fazendo uma careta, pensou se queria que a filha usasse as fraldas de uma criança estranha. Como poderia saber se teriam sido bem lavadas? Só havia uma coisa a fazer: teria de caminhar até casa para ir buscar algumas das fraldas de pano da própria Chiara, perfeitamente lavadas e passadas a ferro. Levaria uma hora para chegar lá e outra para voltar. Maria Domenica amaldiçoou a estupidez de ter saído à pressa de casa sem as fraldas nessa manhã.

— O que se passa? — Franco espreitou pela cortina vermelha.

— Oh, esqueci-me das fraldas da menina em casa e, como ela está toda suja, preciso de a mudar.

— Sendo assim, vai a casa — disse. — E podes muito bem tirar o resto do dia. Esta manhã está tudo tão bem organizado por aqui que eu quase não tenho nada para fazer.

— Não, não, ainda tem o movimento da hora do almoço. Não o posso deixar sozinho nessa altura. Vou a casa o mais depressa que puder e depois volto imediatamente para cá.

— Não precisas de ir a pé — salientou Franco. — Vou dizer ao Giovanni para vir aqui ter de carro e dar-te uma boleia até casa. Não demoro nada.

— Mas ele não está ocupado a estudar? — O filho de Franco decidira que queria ir para a universidade um dia e, desde então, andava embrenhado nos livros. — Não o quero interromper.

— Que disparate. Desde que o ensinei a conduzir quase não larga aquele meu carro velho. De qualquer forma, estou certo de que poderá dispensar algum tempo.

Grata, Maria Domenica sorriu. A sua linda filhinha estava a chorar discretamente, mas de forma rabugenta, e um cheiro inconfundível começava a sair-lhe das fraldas.

Nessa manhã, Rosaria também acordara cedo. Sentia-se imbuída de um novo sentido de força de vontade e determinação. Aquele dia era o dia, o seu dia. Ia meter mãos à obra.

Descalça, escapuliu-se silenciosamente do quarto e, na penumbra da cozinha, procurou às apalpadelas a chave do Fiat Cinquecento da mãe. Por cima da

cabeça, as prateleiras do armário rangeram com os redondos e toscos pães cobertos de farinha. Naquela manhã, contudo, não iria haver nenhum pão acabado de cozer.

Rosalia tinha coisas mais importantes para fazer do que trabalhar a massa e reforçar as provisões doidas da mãe.

Pôr o pequeno carro a trabalhar foi fácil. Rosaria vira Pepina dar à chave da ignição milhares de vezes. Aquela história dos pedais e que não era assim tão simples, como ela rapidamente verificou. Saiu aos solavancos, arranhando as mudanças com barulho suficiente para acordar a vizinhança inteira.

Respirou de alívio quando atravessou a salvo a estrada principal e começou a ziguezaguear pelos caminhos calmos e poeirentos que iam dar à quinta dos Manzoni. Afinal de contas, conduzir não era assim tão difícil. A terceira era a sua mudança favorita, decidiu Rosalia. Em terceira parecia que o carro andava quase sozinho.

Como estremecia um pouco quando ela abrandava, manteve o pé firme no acelerador durante a viagem inteira.

Ficou grata ao avistar a casinha da irmã e conseguiu encostar na berma do caminho. Devido a uma pequena confusão entre o travão e a embraiagem, não parou o pequeno carro tão depressa quanto desejava. Apesar disso, não era assim tão mau ter estacionado no meio de um arbusto frondoso. Ao menos mantinha-a bem escondida.

Rosaria ficou à espreita, esperando por sinais de vida na pequena casa. Maria Domenica apareceu primeiro, empurrando o carrinho de bebé de Chiara, com um grande saco a baloiçar no ombro. Voltando-se, gritou algumas palavras secas em direcção à porta quando saiu. Do seu lugar por detrás do arbusto, Rosaria não conseguiu ouvir o que a irmã dissera, mas a informação que lhe interessava chegou até ela: Marco ainda estava em casa. Ainda não tinha saído para os campos.

Rosaria esperou até que as costas direitas da irmã tivessem desaparecido rapidamente de vista. Depois, com o seu corpo amplo e macio abriu caminho através dos ramos até ao campo aberto. Respirou fundo e sacudi os pedaços de folhas e galhos dos cabelos negros e do seu melhor vestido azul lápis-lazúli. Chegara finalmente a sua vez.

A porta da casinha não estava fechada e Rosaria entrou imediatamente. Marco estava debruçado sobre o balcão da cozinha, com um aspecto macambúzio, a beber café com leite. Olhou para cima, surpreendido.

—Rosaria. O que estás aqui a fazer?

Ela olhou para ele, mas não disse nada.

—A tua irmã acabou de sair — continuou. — Perdeste-a por segundos.

Rosaria avançou pela cozinha em passos rápidos e determinados até ficar cara a cara com Marco. Pôs-lhe as mãos fortes e morenas nos ombros e empurrou-o contra o balcão da cozinha. Pressionando de forma autoritária os seus lábios contra os dele, beijou-o com força. Soube-lhe bem quando, com a língua, explorou a suavidade da sua boca. Por um momento, ele não reagiu e depois devolveu-lhe o beijo. Rosaria sentiu o desejo a inundar todo o seu corpo.

—Leva-me para o quarto. — A sua voz era abrupta e insistente. — Leva-me para a cama.

- Não posso. — Marco sentiu-se completamente bambo. - Não posso, Rosaria. Mas o seu corpo dizia-lhe que podia. Rosaria pôde confirmá-lo enquanto se roçava nele.

—Cala-te, tu sabes que queres.

Marco fechou os olhos e deixou as mãos explorar o corpo de Rosaria. Sentiu-a tão disponível, tão apetecível. Mas as palavras do seu pai não lhe saíam da cabeça.

«Faz o que te apetecer, mas afasta-te das raparigas da vila ou haverá problemas.» Era um bom conselho. Marco sabia-o.

— Não posso, Rosaria — repetiu.

Ela apertou-lhe a mão com firmeza e puxou-o em direcção à porta aberta do quarto. Ignorando os seus fracos protestos, deitou-o à força na cama e deixou-se cair por cima dele.

— Eu não posso, não posso — sussurrou. No entanto, as suas mãos arrancaram-lhe o vestido, tocaram-lhe os seios e beliscaram com força os seus mamilos. Ela deitou-se de costas e ofereceu-se.

— Não, não, não podemos — gemeu. Mas agora estava em cima dela e já não conseguia parar. Num impulso selvagem tirou-lhe a virgindade e já não havia como voltar atrás. — Não, não — murmurou entre dentes, sem convicção, quando penetrou no seu corpo quente e sensual.

— Oh, sabe bem, tão bem — gemeu ela. — Não pares, não pares.

Marco não teria conseguido parar mesmo que quisesse. Com uma energia animal, as suas ancas magras desapareciam repetidamente por entre os montes macios do interior das coxas de Rosaria. Estava perdido.

Por baixo dele, Rosaria arqueou as costas e atirou a cabeça para trás, espalhando na almofada o seu cabelo magnífico. Ela tentou impulsionar as suas ancas por uma ou duas vezes, mas o ritmo de Marco era tão selvagem que lho impossibilitava.

Por isso, desistiu e ficou simplesmente estendida, como uma estrela-do-mar, desfrutando das sensações novas e estranhas que tinham tomado conta do seu corpo. Se aquilo era sexo, então ela gostara e queria mais, muito mais.

— Estou a vir-me, estou a vir-me. — Marco respirou fundo e já estava. Depois ficaram deitados, enlaçados um no outro, com metade do lençol a cobri-los e o suor a secar-lhes nos corpos.

Rosaria roçou os lábios sobre a fina camada de pêlos loiros que cobria o peito de Marco. Ele fechou os olhos e ela admirou a forma como as suas longas pestanas se estendiam em direcção às faces macias cor de pêssego. Esticando um dedo, tocou-lhe no sinal azul por baixo do canto direito dos seus lábios.

— Jesus, o meu pai vai matar-me — lamentou-se ele. — Vou chegar tão tarde ao trabalho.

— Não vás, fica aqui comigo. Os búfalos não vão sentir a tua falta por um dia. Podes sempre dizer ao teu pai que estiveste doente.

Marco lembrou-se da sua ressaca — da dor aguda na cabeça e do sabor amargo e intragável dos goles de café com leite que engoliu quando esteve apoiado no balcão da cozinha. Parecia-lhe que já tinha sido há muito tempo. Sentia-se muito melhor agora.

—Rosaria, o meu pai não vai querer saber disso. Vai dizer-me: «Isto é uma quinta, há trabalho a fazer.»

— Não preferes ficar aqui comigo? — perguntou de maneira sedutora.

— Sim, mas... — Ela interrompeu-o com um beijo. Depois, começou a acariciar-lhe o corpo, sentindo a tensão da sua pele, as saliências duras das costelas e deixando os dedos curtos e fortes mergulharem, de forma provocadora, nos pêlos crespos entre as suas pernas, antes de percorrerem as suas nádegas bem proporcionadas e as suas costas magras. Os seus olhos logo se cerraram e ele começou a ressonar suavemente. Rosaria pousou a cabeça junto a ele, de modo a conseguir respirar o perfume do seu corpo, e adormeceu também.

Quando o carro de Giovanni encostou lá fora, eles não se mexeram. Não ouviram o ruído do motor, nem os travões a chiar, nem Maria Domenica a gritar ao rapaz atrás do volante: «E só um minuto.» A porta da entrada da casa abriu-se e eles continuavam a dormir, alheios a tudo.

Maria Domenica agarrara um monte de fraldas e, quando estava prestes a fechar a porta da entrada ao sair, ouviu o inconfundível ronco do marido. Não podia acreditar que ele ainda estivesse na cama. Pasmada, espreitou para dentro do quarto. Apesar da obscuridade e das cortinas corridas, pôde distinguir dois vultos na cama. Um era, com toda a certeza, o de Marco. E o outro? Aproximou-se. Uma

rapariga grande, de peito generoso e longos cabelos negros, estava deitada nas almofadas brancas de algodão, a sua irmã Rosaria.

Por um instante, Maria Domenica permaneceu respirando de forma breve e silenciosa. Não disse nada. Devagar recuou e saiu do quarto, apertando o pequeno monte de fraldas contra o peito. Em poucos segundos estava fora de casa e dentro do carro de Giovanni.

— Tudo bem? — perguntou.

Ela fez um gesto afirmativo com a cabeça e acenou com fraldas. Ainda não se sentia capaz de falar.

Enquanto Giovanni conduzia de regresso à vila, Maria Domenica tentou decidir como se sentia. Não estava zangada nem com ciúmes. Nem sequer desiludida. Chegaram aos arredores de San Giulio e aos casebres em ruínas onde viviam os pobres antes do entorpecimento passar, Maria Domenica apercebeu-se de que, para além do choque o que mais sentira fora tristeza e, talvez, pena da sua irmã Rosaria o que poderia trazer-lhe isto senão infelicidade? Infelicidade e desgraça Pepina estava furiosa. Não havia sinal de Rosaria. a cozinha vazia, o dia de trabalho por começar. Lançou um olhar abatido em volta da cozinha que raramente deixava. Aquela filha era uma irresponsável. As coisas eram bem mais fáceis quando Maria Donenica ainda estava em casa.

Pensou nas tarefas que tinha pela frente nesse dia. A casa estava imunda e ela não podia deixar passar mais tempo, tinha que a limpar convenientemente. As ervas daninhas brotavam no jardim e havia tanta comida para preparar. Pelo aspecto da mesa da cozinha as crianças mais novas tinham-se servido de leite e biscoitos ao pequeno-almoço, mas havia ainda mais duas refeições para preparar antes de poder descansar novamente.

—Estou tão cansada que até me doem os dentes — murmurou para si mesma. Se calhar estava a ficar doente.

Ouviu Erminio a caminhar aos tropeções pelo corredor e para a cozinha. Trazia uma grande toalha branca enrolada em volta da enorme barriga e o cabelo grisalho espetado. — Estou esfomeado—pronunciou com uma voz profunda enquanto vasculhava o frigorífico. — O que é que há para o pequeno-almoço?

—O que houver — respondeu Pepina secamente.

Surpreendido, Erminio ergueu os olhos. — Mas o que se passa com a minha linda mulher? — perguntou, segurando a face vincada pelo sono de Pepina com as mãos enormes em concha.

—Oh, não sei. Hoje não me sinto muito bem, é só isso.

—Espera aqui — mandou. — Eu sei como fazer-te sentir melhor. Vou só vestir

qualquer coisa, demoro dois segundos.

De facto, voltou um minuto depois, envergando uma camisa e umas calças mal combinadas. — Vem comigo, depressa — insistiu.

Enquanto era arrastada pela porta fora e pela esquina da casa, ouviu o barulho dos miúdos a arrelhar os porcos. Tentou libertar-se do marido e salvar os pobres animais aos guinchos, mas a mão de Erminio era gentil e firme.

— Aonde vamos? — perguntou, resistindo-lhe com todo o peso do seu corpo.

— Apanhar pêssegos, pêssegos frescos para o pequeno-almoço—respondeu, fazendo-a avançar.

Quando chegaram à zona das árvores de fruto, fê-la sentar na terra dura, transformada pelo sol em terra-de-siena queimada, e deixou-se cair a seu lado.

Beijou-a — a princípio, como um velho amigo e, depois, de forma mais apaixonada.

Quando se preparava para pôr-se em cima dela, Pepina tentou libertar-se dele. —

Agora não, sai de cima de mim, tenho muito que fazer. E então os pêssegos?

— Mmm — Erminio voltou a beijá-la e desapertou as calças.

— Erminio Carrozza, se me engravidares outra vez, eu juro que desta vez abandono-te e vou viver com as freiras — sibilou.

—Não quero mais filhas.

— Mmm. — Ele ignorou-a.

— Alguém poderá ver-nos — avisou ela —, assim aqui a céu aberto.

Mas o marido não se importou. O peso do seu corpo pressionou-a contra a terra firme e ela sentiu o toque familiar das suas mãos acariciando-a. — Pepina, amor mio — sussurrou Erminio.

Ela revirou os olhos e afastou as pernas. De certeza que fora apenas há uma semana ou isso que tinha sangrado? Não podia engravidar naquela altura, pois não? Tentou lembrar-se do que o padre lhe dissera da última vez em que cedera. Era tarde de mais para se preocupar, Erminio estava já dentro dela. Teria de esperar que não acontecesse o pior. Respondendo ao desejo do marido, sentiu-se novamente, por momentos felizes, a rapariga apaixonada que fora outrora.

Depois Erminio abraçou-a com força. — Tens terra na cara — disse-lhe.

— Oh, só na cara? — perguntou, rindo-se. — Meu amor, tenho terra em todo o lado.

Toda a minha vida é terra à espera de ser limpa. — Levantou-se com esforço. —

Vê lá se apanhas os pêssegos para o pequeno-almoço. Vou para a cozinha.

Encontramo-nos lá.

Marco abriu os olhos e perguntou a si mesmo que horas seriam. Sentiu o calor do dia a envolvê-lo como um cobertor quente e húmido e apercebeu-se de que deveria ser a hora do almoço. Tarde de mais para se preocupar com o pai ou com os búfalos. Tarde de mais para se arrepender de ter dormido com a jovem rapariga cujo corpo macio ainda se recostava no dele. Doía-lhe a cabeça. O que estava a fazer com a Rosaria na cama? O que é que lhe tinha passado pela cabeça? Não podia permitir que voltasse a acontecer.

Estendeu a mão e tocou nos montes macios que o corpo dela formava quando estava deitada. Os picos dos seios, as montanhas das nádegas, a pequena colina do ventre.

— Cara — murmurou agastado e os olhos dela abriram-se.

— Marco — respondeu com alegria, apoiando a face no seu peito.

— O que é que estamos a fazer? — perguntou-lhe.

— Como assim, o que é que estamos a fazer? — replicou, com a voz amortecida pelo seu corpo.

— Se nos vissem, matavam-nos. Os teus pais, os meus pais, a Maria Domenica.

— Mas eles não nos podem ver. — Rosaria já estava bem acordada e os seus olhos brilhavam. — A única coisa que estamos a fazer é usufruir da felicidade que merecemos, Marco. Seríamos estúpidos se não o fizéssemos. Fomos feitos um para o outro.

— Não podemos voltar a fazê-lo — argumentou.

— Ai isso é que podemos — afirmou com veemência. — Podemos fazê-lo repetidamente, quantas vezes quisermos. Ninguém nos pode impedir.

— E se eles descobrem? — Marco pareceu receoso.

— Eu não lhes direi. — E empinou o queixo para ele. — E tu?

— Não.

— Amo-te — disse-lhe.

— Tu és tão nova — retorquiu com nervosismo.

— Eu sei o que quero — respondeu. E depois beijou-o novamente. — E tu sabes o que queres? — perguntou.

Marco teve medo de responder. Mas, mais uma vez, o seu corpo falou por ele. Sentiu-se endurecer contra o corpo dela.

— Já alguma vez tiveste um orgasmo? — perguntou a medo. Ela abanou a cabeça.

— Penso que não.

— Nunca tiveste um orgasmo antes?

— Não. Senti-me bem. Mas não, acho que não.

Subitamente, Marco sentiu-se poderoso. — Bem, se calhar desta vez. — A boca contorceu-se num sorriso, começou a acariciá-la e colocou-se entre as pernas dela. — Vais sentir-te bem, Rosaria, tão bem — prometeu.

No Caffè Angeli, as bochechas de Maria Domenica tornavam-se mais rosadas à medida que punha pratos cheios de comida na frente de clientes esfomeados e retirava rapidamente os pratos vazios dos que estavam saciados.

— Como vai o teu bebé? — perguntou um deles.

— Como vai o teu marido? — inquiriram outros.

Maria Domenica apenas sorria e continuava a trabalhar. Felizmente, estava ocupada de mais para falar, mas não conseguia esquecer o que tinha visto. Podia limpar as mesas, mas não era capaz de expurgar do pensamento a imagem do marido com a irmã, enlaçados na cama.

— Então, não gostaste do Vincenzo? — A voz provocadora de Franco intrometeu-se nos seus pensamentos.

— O quê?

—Do meu amigo Vincenzo, o pintor. Não gostaste dele? —repetiu Franco.

Maria Domenica torceu o nariz. — Bem, ele não fez grande coisa, pois não? Só deixou uma grande confusão.

— Ah, mas ele ainda não começou a sério. Vai voltar.

— Sim, ele disse.

— E aí estou certo de que ficarás impressionada.

—Franco? — Havia um tom profissional na voz de Maria Domenica. -Sim?

—A Gloria Ferrero quer um expresso e o marido pergunta se tem um baralho de cartas a mais atrás do balcão, porque ele se esqueceu do dele.

O longo dia de trabalho prosseguiu. Quando Franco a mandou embora, estava exausta. Ao anoitecer, Maria Domenica empurrou o carrinho de bebé através das nuvens de mosquitos que povoavam as ruas quentes e secas de San Giulio. O caminho de regresso a casa pareceu-lhe interminável.

Quando chegou, Marco estava sentado à mesa da cozinha à sua espera.

— Estás muito atrasada — queixou-se. — Estou cheio de fome.

— Não demora um minuto — assegurou-lhe, apressando-se a instalar Chiara no berço. — O Franco deu-me algum frango frio. Só preciso de preparar uma pequena salada para acompanhar.

Enquanto preparava a comida, olhou algumas vezes para o marido. Estava exactamente igual e cheirava a limpo, como tivesse acabado de sair do banho.

Não havia nada que pudesse denunciar o facto de ter passado o dia enrolado nos lençóis com o monograma dos Manzoni, no seu minúsculo quarto, com a sua

gulosa irmã mais nova, Rosaria.

Algo mudara. Naquela noite, quando se deitaram juntos na cama, Marco não a procurou. Não houve braço nenhum a serpentear por ela na escuridão, nem nada da fricção e coacção habitual e frenética de que ela tinha pavor. Ao contrário, Marco deitou-se, de costas para ela e, exausto, desejou-lhe uma boa noite.

— Se essa tua filha não berrar durante horas até ficar rouca, pode ser que eu tenha uma noite de sono decente — resmungou. — Só Deus sabe como preciso.

Por uma vez Marco levantou-se cedo. Maria Domenica viu-o vestir com esforço as calças e a camisa de trabalho na escuridão e resmungar para si mesmo.

— Acordaste cedo — comentou ela, ainda sonolenta, esperando que o barulho que ele estava a fazer não acordasse Chiara..

— Sim, bem, tenho muito que fazer, não tenho? A agricultura não é para trabalhadores em part-time, como o meu pai costuma dizer.

Maria Domenica esboçou um sorriso. Marco estava bem consciente de que se metera num grande sarilho ao faltar a uma jornada inteira de trabalho no dia anterior.

Não ia dar a Gino mais razões para reclamar.

—Se fosses uma mulher em condições, levantavas-te para me preparar o pequeno-almoço — protestou Marco. Mas ela fingiu estar a dormir e, batendo a porta de casa, ele saiu sem se despedir.

O estrondo da porta acordou Chiara. Maria Domenica ouviu o seu choro suave. Saiu da cama e tirou a filha do berço. Aquela era a sua hora predilecta do dia... aquele momento do despertar, lembrando-a de que agora era mãe, apertando o pequeno embrulho quente nos braços. Apesar do que lhe tinha acontecido, da forma como estava aprisionada na sua vida, a única coisa de que nunca se arrependia era de Chiara.

Estava a amamentar a filha na cozinha quando ouviu pa_ssos lá tora e presumiu que fosse Marco, impelido pela fome, que vinha reclamar o seu pequeno-almoço em falta. Ficou surpreendida ao ouvir bater à porta de forma leve e educada.

—Olá. Quem é? — gritou Maria Domenica.

Uma cabeça loira espreitou pela porta.

—Tia Lúcia — exclamou com algum prazer. — Que bom vê-la. O que faz aqui tão cedo? Entre, entre.

A tia trazia um tabuleiro de bolos embrulhado num papel branco e dourado. — Quase morreram de susto quando me viram na pasticeria a esta hora — disse com um risinho abafado. — Mas queria trazer-te alguns baba. Mmm, estão tão fresquinhos,

ainda quentes. — Rasgou o papel, arrancou uma das cúpulas douradas dos bolos embebidos em rum e trincou-a com leite. — Vou fazer café para acompanhar — balbuciou com a boca ainda cheia. — Não, tu ficas aqui. Eu faço.

Lúcia gostava do café forte. Moeu mais grãos de café e amon-toou-o numa débil pirâmide antes de o comprimir na cafeteira e colocá-la no fogão.

Maria Domenica observava-a, confusa. — É muito bom vê-la, tia Lúcia, mas...

— Porque é que eu estou aqui?

— Bem, sim.

Lúcia comprimiu os lábios e olhou em volta da cozinha, para a pobreza das paredes despidas e da parca mobília. — Este lugar é horrível — disse abruptamente.

— Oh, não é assim tão mau.

Lúcia acenou na direcção da casa de Elena. — Ela tem aquele espaço velho e enorme atafalhado de mobília que não usa. Seria de esperar que te deixasse ficar com algumas peças. Aquelas mulheres Manzoni são uma raça sovina. Sempre foram.

— Eu não me importo — asseverou Maria Domenica. — Não quero nada dela. Temos tudo o que precisamos. E, de qualquer forma, não passo aqui muito tempo. Tento ficar no Caffè Angeli o máximo de tempo que posso.

— Eu sei — anuiu a tia. — É por isso que vim aqui tão cedo. É a minha única oportunidade de conseguirmos ter uma conversa decente em privado.

— Sobre o quê?

— Estou preocupada contigo. Com tudo o que aconteceu, eu... bem, só queria ter a certeza de que estás feliz.

Maria Domenica não disse nada, limitou-se a olhar, desconfiada, para a tia.

— Ou pelo menos não muito infeliz — acrescentou Lúcia rapidamente.

— E se eu estivesse infeliz? O que faria?

— O que faria? Não sei se poderia fazer alguma coisa, Maria Domenica. A altura para se ter feito alguma coisa já passou. Estás aqui. Estás casada. Nada vai mudar isso. Mas queria que soubesses que podes desabafar comigo... falar sobre as coisas com as quais, se calhar, não queres incomodar a tua mãe.

Maria Domenica assentiu com a cabeça, mas permaneceu em silêncio. A tia deu mais uma vista de olhos à cozinha e ao quarto austero através da porta aberta. — O que eu poderia fazer era animar um pouco esta casa. Trazer alguns adornos, um ou dois quadros. Talvez costurar umas cortinas bonitas e coloridas. Ver se a pequena contessa ali do lado se digna a ceder-te alguma da sua excelente porcelana.

Maria Domenica abanou a cabeça. — Obrigada, mas não preciso de nada disso.

— Então do que é que tu precisas?

Maria Domenica fez uma pausa, olhou para baixo para a bebé agora sossegada e deixou escapar: — Se ao menos ele a tivesse visto. Tenho a certeza de que se ele tivesse visto a Chiara, não teria partido.

— Estás a falar do pai dela?

Maria Domenica aquiesceu. A cafeteira estava a borbulhar, enchendo a cozinha com o aroma dos amargos grãos de café torrados.

— Ainda pensas nele? — perguntou Lúcia com brandura.

— O tempo todo. Penso nele a cada minuto do dia.

— Como é que ele era?

Maria Domenica sorriu. Por mais que quisesse guardar os seus segredos, falar sobre ele trazia-o de volta à sua vida. — Tinha o cabelo loiro e as mãos fortes — começou. — Era tão inteligente, um artista, e eu adorava estar com ele.

Estivemos tão pouco tempo juntos. Ele fugiu de mim exactamente como eu fugi de San Giulio.

— Amava-lo muito ?

— Amava-o e estava tão segura de que ele me amava também.

Era uma sensação maravilhosa. Não consigo imaginar-me a ter de viver cada dia do resto da minha vida sem nunca, jamais voltar a senti-la.

— Talvez possas aprender a amar Marco?

Maria Domenica estalou a língua contra o céu-da-boca num gesto irónico.

— Sabes que esse amor que sentias, esse amor arrebatado, não dura para sempre — garantiu Lucia. Deitou o café nas duas minúsculas chávenas lascadas e serviu-se de outro baba. — Os anos vão passando e desgastando o amor. As mulheres casadas há muito tempo, como eu, tiram o seu verdadeiro prazer das suas casas, dos seus filhos e um dia, esperemos que sim, dos netos. Claro que gostamos dos nossos maridos, mas não ardemos de paixão. — Lucia riu-se. — Não, não.

Maria Domenica olhou nos olhos da tia, bem maquilhados com lápis de contorno e rímel mesmo àquela hora da manhã, e disse num tom de voz calmo, mas intenso: —

Não era isto o que eu queria. Não queria que a minha vida fosse assim. Eu ia ser diferente.

Lucia suspirou. — Ah, és tão parecida com a tua avó.

— Nunca ninguém me tinha dito isso.

— Não posso dizer que já tivesse reparado antes, mas é verdade, és mesmo. Ela era tão visionária e cheia de fantasias, tão maravilhosa e criativa, às vezes penso como é que ela nos deu à luz, a mim e à tua mãe. — Lucia bebeu o café pensativamente.

— Porque é que diz que ela era cheia de fantasias?

— Oh, não sei. Acho que ela tinha amor de mais para dar e o meu pai... bem, ele nunca soube como o aproveitar. Então acabou por esgotar todas as suas energias a fazer coisas. Conheces aqueles lindos vestidos de baptizado bordados que eu e a

tua mãe temos? Foi ela quem os costurou todos. Aliás, fez tantos que conseguiu encher uma gaveta para cada mãe aqui da vila antes de morrer.

—E acha que eu sou como ela? Que tenho amor de mais para dar?

Lucia anuiu. — Sim, em alguns aspectos, acho que sim.

Maria Domenica pôs-se de pé e colocou Chiara no carrinho de bebé.

Cuidadosamente, embrulhou o tabuleiro dos baba de rum no papel e empurrou-o na direcção da tia. — Tome, leve-os para a sua família. Aqui, não vamos comê-los — declarou.

— Estás zangada comigo?

— Zangada, não. Mas não concordo consigo. Não acho que seja possível amar de mais. Veja o meu pai e a minha mãe... ainda se adoram, não é? — Aconchegou

Chiara com um cobertor leve e beijou-a na face macia. — De qualquer forma, a tia tem razão. Esta é a minha vida e não há nada que eu possa fazer para a mudar.

Na verdade, nem é assim tão má. Tenho a minha filha. Posso dar-lhe o meu amor.

Virou o carrinho de bebé para o lado da porta. — Obrigada pela visita, Lucia.

Fico-lhe grata, de verdade — disse educadamente —, mas agora tenho de ir andando para o Caffè Angeli. O Franco e o Giovanni estão à minha espera.

Rosaria estava deliciosamente dorida. A parte interior das suas coxas estava pisada das investidas das ancas de Marco e, de cada vez que se sentava, sentia as pontadas agudas que a lembravam de que já era uma mulher.

Queria sorrir o dia todo, mas não podia. Tinha de ser cuidadosa para não se denunciar. Ninguém poderia saber que ela e Marco eram amantes.

Mas Rosaria sentiu-se tentada a ir ao Caffè Angeli, não conseguiu evitar.

Caminhou até lá, meneando as ancas, empoleirou-se num banco ao balcão e, com um movimento floreado, acendeu um cigarro.

— Quero comer — anunciou. — Vou querer um desses croquetes de batata, umas sanduíches de fiambre frito e queijo... e uma coisa doce e deliciosa para terminar.

— Vou já ter contigo, estou só a terminar de fazer este café — disse-lhe uma Maria Domenica incomodada. — Mas o que estás tu aqui a fazer? Não tens trabalho em casa?

Rosaria encolheu os ombros e fingiu estar absorta numa revista. Mas apesar de os seus dedos folhearem as páginas, os seus olhos não estavam, na realidade, concentrados nas fotografias glamorosas da Sophia Loren ou da Gina Lollobrigida.

Em vez disso, espreitava dissimuladamente, observando a irmã mais velha com atenção.

Nariz bicudo, decidiu Rosaria, olhos de porquinho e demasiado magricela na generalidade. O cabelo parecia áspero, puxado para trás daquela maneira e o nariz estava mais polvilhado de sardas do que nunca, graças a todas aquelas horas de trabalho no jardim solarengo sem chapéu. Não representava mesmo qualquer tipo de concorrência. Se não tivesse apanhado Marco daquela forma tão inteligente, Rosaria estava convencida de que ela nunca teria encontrado um homem para casar.

—Qual é o teu problema? — Maria Domenica reparara que estava a ser observada.

-Hã?

—Porque é que estás a olhar assim para mim? Há alguma coisa que me queiras dizer?

As bochechas redondas de Rosaria ficaram cor-de-rosa. — Não, não, nada. — Pegou no prato de comida do balcão, enfiou a revista debaixo do braço e dirigiu-se para uma mesa no canto mais afastado do pequeno caffè. — Vou deixar-te trabalhar— murmurou.

Assim que Maria Domenica se livrou da irmã, apercebeu-se de um outro par de

olhos arregalados. O pintor Vincenzo regressara e hoje, em vez do espaço em branco na parede, parecia que era ela que era digna de observação. Estava sentado na mesa junto a Rosaria, com uma pilha de livros debaixo do braço. Maria Domenica olhou-o nos olhos, mas ele não desviou o seu olhar fixo. Estava a interiorizar os seus graciosos dedos longos, a forma como o cabelo negro brilhante lhe caía pelas costas e os intensos tons de ouro da sua pele. Admirou os seus olhos fundos em forma de amêndoa e o modo calmo e fluido como se movia por entre as mesas.

Aquele olhar fixo era bastante desconcertante e Maria Domenica começou a atrapalhar-se e a confundir os pedidos.

— O que se passa contigo hoje? — soou, divertida, a voz de Franco. — Não parece nada teu, arranjares esta trapalhada.

— Bem — respondeu furiosamente —, não é nada fácil, sabe, ser mãe e manter um emprego ao mesmo tempo. Não é de admirar que sintas a cabeça a andar à roda de vez em quando.

— Então é isso, tens a cabeça a andar à roda. — E continuou a rir-se.

— Franco, agora não. Não estou com disposição — disse enervada, fulminando Vincenzo, que continuava a observá-la meticulosamente, com um olhar. O seu rosto duro e atraente continuava inexpressivo e era impossível adivinhar aquilo em que estaria a pensar.

— Por fim, a curiosidade venceu-a. Estava a retirar as chávenas e os copos vazios de uma mesa perto dele e olhou de relance para um dos livros de Vincenzo. Foi a capa com uma reprodução do Nascimento de Vénus de Botticelli que lhe chamou a atenção. Aquela era bastante menos grosseira do que a Vénus na parede por cima da jukebox de Franco, uma mulher de feições belas com uma testa alta e olhos separados, cujas longas madeixas de cabelo dourado se escapavam das fitas e esvoaçavam ao vento. Por cima da imagem, numa fonte em negrito, as palavras *A Arte da Itália Renascentista* estavam impressas em inglês.

Esticando a mão, tocou respeitosamente no livro. Vincenzo empurrou-o na sua direcção. — Vê à vontade — disse-lhe com os dentes brancos a reluzir num sorriso.

Ela não precisou de um segundo convite. Instalando-se numa cadeira ao lado dele, perdeu-se nas folhas grossas e acetinadas. Franco levou-lhe uma Coca-Cola, que permaneceu intacta enquanto ela bebia página após página de lindas pinturas e histórias fascinantes acerca dos artistas e do seu trabalho.

— Maria Domenica? — interferiu a voz de Franco.

-Hã?

—Estás realmente a ler isso?

— Oh. — Ela olhou para cima, sentindo-se culpada. — Desculpe, Franco, vou voltar ao trabalho.

— Não, eu não te perguntei isso. — Franco olhou-a de modo trocista. — O que eu perguntei foi se tu estavas realmente a ler isso?

— O que quer dizer?

— Bem, está tudo em inglês, não está? — E ergueu a sobrancelha. — E tu não falas inglês. Não podes ter aprendido na escola. Afinal de contas, abandonaste-a quando tinhas treze anos.

—Hum... — Maria Domenica mexia-se na cadeira pouco confortável. Pelo canto do olho podia ver Rosaria na mesa do fundo, com a revista esquecida, ouvindo furiosamente às escondidas.

Franco e Vincenzo ainda estavam à espera de uma resposta. — Estava só a ver as imagens — começou e, depois olhou para baixo e compreendeu que a página que estivera a contemplar por vários minutos quase não tinha imagens, apenas um aglomerado compacto de palavras inglesas, contando a história do artista Masaccio e da sua criação de uma pintura sobre a expulsão de Adão e Eva do Paraíso.

Franco ergueu de novo as sobrancelhas.

— Bem, suponho que estava a ler um pouco — admitiu Maria Domenica. — Aprendi um bocadinho de inglês quando estive em Roma. O caffè onde trabalhava estava sempre apinhado de turistas e muitos deles eram estudantes de arte e eu cheguei a conversar com alguns deles e... bem... percebem... aprendi um pouco da língua.

Mas, na verdade, não a compreendo muito bem. Apenas o suficiente para ficar com uma ideia geral sobre as coisas.

— Então diz alguma coisa em inglês. — Rosaria não foi capaz de resistir a aproximar-se.

— Não.

— Oh, vá lá — insistiu Rosaria com meiguice.

— Não consigo lembrar-me das palavras agora. — O seu rosto corou, Maria Domenica largou o livro e foi refugiar-se na segurança da volumosa Gaggia, que começou a limpar energicamente. Mas Vincenzo foi atrás dela.

— Estiveste em Roma? — perguntou.

— Ora — abanou a cabeça com indignação —, no ano passado.

— E em que caffè é que trabalhaste?

Ela suspirou. Será que ele não conseguia ver o quanto a estava a irritar? Mas era

educada de mais para não lhe responder. — Num local perto das Escadas de Espanha — começou. — Repleto de turistas que gostavam de chá com rodela de limão.

— Acho que conheço — reflectiu. Depois assentiu com a cabeça e sorriu ao reconhecê-la.

— Sabes, da primeira vez que te vi tive a impressão de que me eras familiar mas não consegui identificar-te.

— Bem, eu não me lembro de si. — A voz dela era mais fria do que a Coca-Cola gelada de Franco.

— Não, não te lembrarias. — Os dentes brancos de Vincenzo reluziram de novo.

— Quando não estavas a servir chá com rodela de limão, parecias estar sempre entretida com aquele rapaz alto e loiro, que andava sempre com um bloco de desenho.

— Ah, sim? — Rosaria esticava-se, querendo desesperadamente fazer parte da conversa. — Que rapaz loiro?

Maria Domenica bateu com a lata do café no balcão e lançou um olhar carregado a Vincenzo. Miraculosamente, ele pareceu compreender.

— Bem, não posso ficar aqui o dia todo — acrescentou rapidamente e virando costas. — Deixo aqui os livros. Podes lê-los à tua vontade.

Quando a porta bateu atrás dele, Rosaria deslizou até Maria Domenica e deu-lhe uma cotovelada. — Rapaz loiro? — perguntava insistentemente.

— Ora — interrompeu Franco —, não disseste que querias uma coisa doce e deliciosa para terminar, Rosaria? Hoje tenho um cornetto especial, tens de o provar. É absolutamente divino.

— Um cornetto? — Rosaria olhou para cima com atenção. — Com chocolate? Tenho estado todo o dia com uma vontade terrível de comer chocolate.

Distraída, a sua irmã mais nova encheu o prato e Maria Domenica virou a cara com alívio. Aceitava que Rosaria lhe roubasse o marido, mas não a queria perto das suas recordações do rapaz loiro do caffè perto das Escadas de Espanha.

Vincenzo fazia-a rir e sabia tanto sobre as pinturas que ela adorava... muito mais do que Franco. Nos dias em que ele não aparecia no pequeno caffè, ficava surpreendida com a falta que lhe fazia.

Era mais do que um simples decorador, como ela depressa percebeu, e parecia ter planos ambiciosos para a extensão de parede vazia de Franco. A parede ainda não tinha uma pincelada de tinta e as latas e os pincéis permaneciam intactos por detrás da cortina vermelha.

Dia após dia Vincenzo fazia esboços. Folhas e folhas de papel estavam espalhadas em volta da mesa da qual se apropriara, algumas furiosamente amarrotadas, outras amontoadas de modo ordenado numa rima.

— Ah, é uma imagem da Virgem com o Menino — exclamou Maria Domenica. Debruçou-se sobre a mesa dele e olhou para a forma que ele estava a delinear repetidamente.

— É o que vai pintar? Uma Virgem com o Menino?

— Bem, é essa a ideia. — Vincenzo passou as mãos grandes e fortes pelos caracóis negros desalinhados. — Mas não estou a conseguir modelá-la correctamente.

— Está a copiar? — Maria Domenica apontou para a imagem que tinha sido arrancada de um dos seus livros de arte. Mostrava uma Virgem bastante simples e sólida, embalando um bebé gordo e saudável num dos seus grandes joelhos.

— Sim, é a Virgem com o Menino, de Masaccio, a que Franco quer que eu pinte na parede.

— Mas o que desenhou aqui não está bem — observou Maria Domenica. — A Virgem de Masaccio parece que aprecia um bom prato de pasta; e esta está magra de mais.

Vincenzo riu. — Bem, a minha Virgem está de pé o dia inteiro. Não teve oportunidade de engordar.

— E depois de terminar o esboço, o que fará a seguir? Qual é o próximo passo para pintar um fresco? — Maria Domenica estava fascinada.

— É um processo bastante longo — começou Vincenzo. — Não pode ser apressado, portanto ainda vou andar por aqui durante algum tempo.

— Porque é que isso não me surpreende? — provocou Maria Domenica.

— Não, não, estou a falar a sério. É preciso fazê-lo de forma correcta.

Antigamente era ainda mais complicado pintar a fresco. Costumavam usar gesso húmido e estavam vários a trabalhar ao mesmo tempo. Podia ser uma grande confusão.

— Bem, nós não queremos isso.

— Não, certamente que não. — Vincenzo virou a página e arrancou uma folha de papel limpa do bloco de desenho. Entregou-lha juntamente com um lápis comprido e macio. — Desenha qualquer coisa.

— O quê?

— Já percebi que és fascinada por arte mas quero ver se tens algum talento — disse-lhe. — Por isso, desenha qualquer coisa.

— Não posso, estou a trabalhar.

— Isto está quase vazio. Pára de arranjar desculpas.

— Mas o que hei-de desenhar?

— O que te apetecer. — E fez um gesto com a mão. — Há centenas de coisas neste sítio que podes desenhar se quiseres. Mas desenha-me a mim, não consigo pensar em nada melhor.

Maria Domenica apertou o lápis na mão e fixou o pedaço de papel em branco. Sentiu-se constrangida, sem graça, estúpida. Não sabia por onde começar.

— Bem, se vais desenhar-me, vais ter de olhar para mim — declarou Vincenzo. Ela corou. Mesmo assim, levantou o olhar e observou-o.

— Não estou certa de conseguir desenhar algo tão feio — disse com descaramento.

Vincenzo atirou a cabeça para trás e deu uma gargalhada. — Tens de ser insensível, é o meu conselho. Às vezes os mais feios dão origem aos melhores temas.

Enquanto Rita Pavone cantarolava na jukebox, Maria Domenica estudava o homem à sua frente. Começavam a aparecer rugas no rosto e, observando mais atentamente, alguns cabelos grisalhos raiavam o preto. O nariz era direito e robusto, os lábios carnudos e os olhos castanhos eram perigosos. Parecia ser o tipo de homem com tendência para engordar com facilidade. Tinha indícios de duplo queixo e um ligeiro inchaço em volta dos olhos, que sugeria uma predilecção pelas coisas boas da vida. Havia algo nele que ela considerava irresistivelmente atraente.

Vincenzo não parecia importar-se por estar a ser observado fixamente. De cabeça inclinada, retomou o trabalho de aperfeiçoamento da sua Virgem. Maria Domenica reparou que ele não tinha receio: esboçava livre e facilmente, com o lápis a fluir no papel.

— Desenha — insistiu, sem tirar os olhos do bloco.

— Estou a desenhar, estou a desenhar. Estou só a estudar o meu tema.

— Não, não estás. Estás a procrastinar. Não comeses pelo pormenor — instruiu.

— Senão vais acabar com as proporções erradas. Esboça uma forma aproximada e depois trabalhas nos detalhes.

Então, nervosa, a princípio, começou a delinear a forma da cabeça, dos ombros robustos e dos braços.

—Não te preocupes se ficar mal. Tenho mais papel — disse Vincenzo.

O nariz era difícil. Era tão direito e cinzelado na vida real que se tornava quase impossível fazê-lo parecer natural no papel. O cabelo também colocava alguns problemas, para não falar nas sobrancelhas rebeldes, tão compridas e encaracoladas, que dominavam o seu rosto sem pudor.

Enquanto desenhava, Giovanni passou por trás da sua cadeira e espreitou por cima do seu ombro. — Está fantástico. És tão talentosa — disse com admiração.

Mas ela estava concentrada de mais

para lhe dispensar algumas palavras e, depois de alguns segundos em silêncio, foi-se embora, decepcionado.

No final, não ficou contente com o que desenhou. Não estava nada mal para a primeira tentativa, embora houvesse algo de definitivamente errado com o nariz e fosse impossível apreender a expressão dos seus olhos. O homem no seu desenho era sensual, de uma forma libertina. Era simpático, mas não inteiramente de confiança. E precisava, sem dúvida, de fazer alguma coisa quanto àquelas sobrancelhas indisciplinadas.

Vincenzo tirou-lhe o esboço e avaliou-o. — Vês, não foi assim tão difícil depois de começares, pois não?

Ela esperou por mais. Mas Vincenzo retornou ao seu próprio trabalho.

—Mas gostou? — perguntou ela. — Acha que se parece consigo? Tenho talento?

Ele pousou o lápis, inclinou-se para trás e sorriu. — O que é que tu achas?

Estás satisfeita?

—Bem — hesitou —, não acho que se pareça exactamente com o Vincenzo, mas penso que captei a sua essência... o seu espírito.

Ele anuiu.

—Não vai dizer-me o que pensa? — perguntou de novo.

Vincenzo sorriu e abanou a cabeça. Alcançando o seu grande saco preto de lona no chão, retirou lá de dentro um bloco de desenho novo e um molho de lápis. —

Toma, são para ti — disse, pressionando-os contra a mão dela.

—Não posso aceitá-los. Devem ter sido tão caros. — E tentou devolvê-los.

Vincenzo levantou as mãos. — São um presente. Aceita-os no espírito em que foram oferecidos. Só te peço que os uses. Não penses demasiado, apenas desenha.

Desenha a tua mãe, a bebé, a tua irmãzinha gorducha. Desenha o Franco a servir café, o Giovanni a esfregar o balcão e o velhote a jogar às cartas. Enche as folhas.

— Mas porquê? Nunca serei uma verdadeira artista como o Vincenzo. Teria de frequentar aulas ou tirar um curso na universidade e não tenho esperança disso.

— Toda a gente pode tirar esses cursos. Saem com um diploma no final e podem autodenominar-se artistas. Mas continuam tão bons como o trabalho que fazem, não interessa o que esse diploma diz.

— Mas como é que eu aprenderei a pintar?

Vincenzo riu-se. — Acabaste de pegar num lápis e já queres pintar? Um passo de cada vez, Maria Domenica. — E agitou o pequeno desenho no ar. — Em troca do papel e dos lápis, reivindico o teu primeiro trabalho. Vou afixá-lo numa parede algures, prometo. Isto é, se este for verdadeiramente o teu primeiro trabalho.

Já tinhas feito algum em Roma? Aquele teu rapaz inglês loiro nunca te encorajou a desenhar?

— Não. — Ela mordeu o lábio. — Adorava mostrar-me os trabalhos dele... muitos eram maravilhosos... mas nunca sugeriu que eu própria fizesse uma tentativa.

— Provavelmente preocupado com a concorrência que lhe poderias fazer.

Maria Domenica contraiu o rosto e riu-se.

— Não te subestimes — disse-lhe Vincenzo com uma expressão séria e começou a arrumar a confusão de papéis dentro do saco preto de lona. — És capaz de mais do que pensas.

Animada pelas suas palavras, Maria Domenica andou de um lado para o outro no caffè num estado de excitação quase irrefreável durante o resto do dia. Tinha a cabeça cheia de ideias para desenhos e técnicas para os realizar. Avistou um rapaz lá fora, sem capacete, acelerando numa Vespa, com a namorada atrás, e imaginou como poderia representar os seus cabelos a esvoaçarem.

Cinco minutos mais tarde, um agricultor fazia avançar uma instável carroça de madeira puxada por dois bois brancos. A cena era-lhe familiar, já deveria ter visto aquele velhote com a carroça milhares de vezes, mas naquele momento ficou em pulgas para ir buscar o seu bloco e desenhá-lo. Era absolutamente extraordinário, pensou, que algo que fora tão pouco importante quando saltara da cama naquela manhã se tornara agora na única coisa na sua mente.

Quando Franco lhe disse que devia ir para casa, não se deixou ficar a conversar como de costume, nem a ajudar a limpar. Colocou Chiara apressadamente no carrinho, enfiou o bloco de desenho e os lápis ao lado dela, e lá foi, meio a andar,

meio a correr pelas ruas poeirentas que a levavam a casa.

Irrompendo pela porta de entrada da feia e velha casinha, encontrou Marco às voltas na cozinha à procura de algo para petiscar.

— Rápido, rápido, senta-te na poltrona — disse ela, quase sem fôlego.

— O quê?

— Na poltrona. Senta-te. Toma o bebé. Não te mexas.

— Que raio estás a fazer?

Maria Domenica tirou o bloco e os lápis e estava a puxar uma cadeira.

— Vou desenhar-te com a Chiara.

Marco ficou confuso mas não recusou. — Quanto tempo vai demorar? Posso mexer-me ou tenho de ficar sentado completamente imóvel? E se a bebé começar a chorar, ou sujar as fraldas, ou algo do género?

Mas Maria Domenica não estava a ouvi-lo, apenas a observá-lo intensamente. O seu lápis começou a voar sobre o bloco e foi como se tivesse entrado numa espécie de transe.

— Os meus braços estão a começar a doer-me. A bebé está a ficar pesada — queixou-se Marco, quebrando o silêncio.

Cinco minutos depois: — Maria Domenica, vou ter de ficar aqui sentado a noite inteira? E o meu jantar?

Vinte minutos mais tarde: — Isto começa a tornar-se aborrecido. Agora vou ter de me mexer.

—

Não, não, estou quase a terminar. — Maria Domenica levantou o desenho. — Vês, está ainda um pouco imperfeito, mas poderei acrescentar mais alguns detalhes depois.

Marco pousou a bebé e aproximou-se para ver mais atentamente. Pareceu ter ficado deslumbrado com o que ela desenhara.

— Parece-se mesmo muito comigo — disse num tom de surpresa.

— Talvez os meus olhos sejam um pouco maiores na realidade, mas é só isso.

Depois, começou a despir a camisa. — Desenha-me outra vez, cara — pediu, estendendo-se no chão e lutando para tirar as calças.

— Mas desta vez, desenha-me nu.

Quando começou a fazer o esboço, Maria Domenica apercebeu-se de que nunca antes reparara verdadeiramente no marido, nas pestanas negras, nas feições regulares do rosto, na pele lisa e macia. Como usava um chapéu de abas largas durante o dia, não ficava bronzeado, mas, durante essas longas horas nos campos, os raios de sol acabavam por encontrá-lo e tisonar-lhe a pele num tom de caramelo

suave. As finas madeixas de cabelo que tentara deixar crescer faziam-no suar na nuca e, por isso, acabara por cortá-las, usando agora o belo cabelo curto e ligeiramente alisado para trás com Brylcreem. Debatendo-se para captar a sua essência no papel, como de alguma forma fizera com Vincenzo, acabou lentamente por perceber o que é que as raparigas como Rosaria viam em Marco.

— Qual é o meu melhor lado? — perguntou-lhe num tom grave, empinando o queixo para um lado e para o outro.

— As tuas feições são muito equilibradas — assegurou-lhe. — Ficas bem de qualquer ângulo.

Quando Marco começou a ter fome, não exigiu à mulher que pousasse o lápis e pusesse um avental. Em vez disso, enrolou um dos lençóis com o monograma dos Manzoni como uma toga e saqueou o frigorífico, enchendo um prato de queijo, salame, azeitonas, pão, tomates da horta e anchovas em conserva. Colocou-o no chão e não na mesa da cozinha, enroscando-se de seguida e apoiando-se em duas almofadas antigas. Deitado ali, enfaixado no lençol e a comer com as mãos, parecia tão decadente e satisfeito consigo próprio como um imperador romano. Maria Domenica virou a página e começou a desenhá-lo novamente.

Mesmo quando ficou tarde e Marco foi para a cama, ela não conseguia separar-se do seu bloco de desenho. Sob a luz ténue projectada por única lâmpada, Maria Domenica encheu as folhas vazias que o seu novo amigo Vincenzo lhe oferecera. Por fim, cansada, mudou-se para a poltrona e dormiu somente uma ou duas horas. Quando o choro débil de Chiara a acordou, teve a sensação de que tinha acabado de fechar os olhos. Mas ainda assim, sentiu-se inundada de energia e agilidade, e espalhou os esboços da noite anterior em cima da mesa da cozinha para os reexaminar. Havia um de Marco a comer uvas que estava bem, mas o primeiro que fizera dele, sentado na poltrona com Chiara, estava bastante mal. A menina estava rígida e irreal, como uma boneca de porcelana. «Como é que se capta a essência de um bebé?» pensou Maria Domenica.

Deixou os desenhos espalhados na sala para Marco. De certeza que haveria de querer vê-los, mas não podia esperar que ele acordasse. Ainda havia algumas folhas vazias no bloco e, caso chegasse à vila suficientemente cedo, sabia como poderia enchê-las: Gio-vanni, ainda um rapaz mas em breve um homem, a contemplá-

la com adoração; Gina Rossi a fazer grinaldas de limões na sua banca; Franco a abrir o Caffè Angeli; o padre, como um corvo preto, a dar bicadas e exasperar-se do lado de fora da decrepita igreja branca onde fora forçada a casar. Conseguia ver com clareza cada uma daquelas imagens no seu espírito e mal podia esperar

para começar a pô-las no papel. Assim que amamentou e mudou a sua doce e paciente bebé, colocou-a de novo no carrinho e correu pela longa estrada que levava a San Giulio.

Rosaria caminhava também, arrastando-se penosamente pela poeira, transformando-a em nuvens que lhe cobriam as pernas vigorosas com uma camada suja de ouro. Não podia acreditar que a Mamma fora capaz de lhe fazer aquilo. Tinha levado o carro em-prestado uma vez... uma única vez e, agora, Pepina achou necessário esconder as chaves.

Naquela manhã procurou-as por todo o lado na escuridão da cozinha. Tacteu as prateleiras altas, por baixo dos pães rijos, verificou até dentro dos frascos e panelas. Nada. Por isso, não tinha agora outro remédio senão ir a pé até à casa de Marco. O caminho estendia-se de forma interminável à sua frente. E Rosaria arrastava-se, cheia de pena de si própria. Quando ela chegasse, Marco já teria saído para os campos.

Apanhou um pau e ia batendo nos pequenos arbustos secos e nas ervas daninhas à medida que passava, levantando mais pó. Um] caso amoroso secreto era muito bonito em teoria, pensou. Mas, na prática, significava longas e monótonas horas a fingir que tudo estava normal e poucas, muito raras, fracções de segundo de prazer.

Queria mais.

A irmã passava a noite inteira deitada ao lado de Marco, pensou com amargura. Ele tocava-a, respirava sobre ela, talvez até fizesse amor com ela em algumas noites. Nunca se atrevera a perguntar-lhe. Os ciúmes subiram-lhe à garganta como a bÍlis e deram-lhe a volta ao estômago como no dia em que insistira em comer uns restos de peixe que estavam no frigorífico há quatro dias. Sentira-se mal dessa vez, mas agora sentia-se ainda pior.

A raiva tornava-a audaciosa. Nem se incomodou em parar perto da casa e esconder-se atrás dos arbustos até se assegurar de que Maria Domenica fora trabalhar.

Qual seria o problema se a irmã lá estivesse? Podia sempre inventar uma desculpa para justificar o seu aparecimento àquelas horas da manhã.

Mas a casa estava calma e a cozinha vazia e desarrumada. «Que papéis eram aqueles espalhados pelo chão?», pensou. Rosaria apanhou uma folha e examinou-a mais de perto. A luz do reconhecimento brilhou imediatamente nos seus olhos. Era um desenho de Marco, estendido languidamente nos azulejos pretos e brancos da cozinha e nu, quase nu. Atirou-o ao chão e pegou noutro, e noutro. Um soluço atingiu-lhe a garganta, lágrimas brotaram-lhe dos olhos e ela fungou furiosamente.

—Estás a ficar constipada, Rosaria? — A voz de Marco era sonolenta e estava despido quando se encostou à entrada da porta.

— Não quero os teus micróbios, sabes. Não quero ficar doente.

Rosaria escondeu o rosto banhado em lágrimas por detrás de uma grossa madeixa de cabelo. — Não, não tenho micróbios. Estou óptima. Não te preocupes — murmurou.

—Ah! Encontraste os desenhos que a Maria Domenica fez. —E foi colocar-se a seu lado, contemplando a pequena galeria de Marcos na mesa da cozinha. — Nada mal, hã?

Ele estava tão perto que Rosaria podia estender a mão e tocá-lo, mas não o fez. Ao invés, manteve os braços cruzados de forma rígida e escudou-se por detrás da barreira de cabelo.

—Acho que gosto mais deste. — Marco pegou no desenho do imperador de Roma. — Quem imaginaria que a pequena Maria Domenica viria a revelar-se uma artista, hã?

Rosaria deixou escapar um pequeno sussurro sibilante.

— Bem, não estão nada mal, tens de admitir — teimou. — Este parece-se mesmo comigo. E nem fazia ideia de que ela soubesse desenhar, sabes?

— Bem, para mim não é surpresa nenhuma. — Rosaria estava amuada.

— Ela costumava desenhar em casa quando vocês eram mais novas?

— Nunca.

—Então como é que descobriste que sabia desenhar?

Rosaria encolheu os ombros. — Ora, deve ser das companhias, não é?

Marco exasperou-se. — Pára de falar por meias palavras. Seja lá o que for o que queres dizer, desembucha. — Nunca antes havia usado aquele tom impaciente com ela.

— Aquele artista que está sempre metido no Caffè Angeli. Chama-se Vincenzo qualquer coisa. Formam um parzinho muito unido, com as cabeças sempre juntas. Passam o dia aos segredinhos. Acho que se conhecem de Roma ou algo assim.

— O que é que estás a querer dizer, Rosaria? — Marco falou cuidadosamente.

— Não estou a querer dizer nada. — Rosaria foi defensiva. — Não estou a acusá-la de nada. Tudo o que sei é que ele está sempre a olhar para ela e disse que se lembrava dela de Roma... é tudo o que sei.

Marco levantou um braço esguio e, com um movimento, varreu os desenhos. — Ninguém faz de mim parvo — disse com a voz entrecortada. — Para começar, eu não queria casar-me com aquela cabra nojenta e agora ela anda a fazer uma figura ridícula com outro homem em frente à vila inteira.

—Não, eu não disse isso. — Rosaria estava preocupada por achar que tinha ido longe de mais. — Eu apenas disse...

Mas era tarde de mais. Marco estava de joelhos, no amontoado de papéis que varrera da mesa, rasgando-os em pedacinhos minúsculos. — Sai daqui — gritou-lhe de rosto vermelho e olhos raiados de sangue. — Estou farto da tua família. A minha vida era tão boa antes de vocês aparecerem e darem cabo dela. Eu disse para saíres. Fora da minha casa. Fora!

— Marco, por favor, estás a exagerar. Eu só disse que...

— Fora! — Ele estava de pé outra vez e a dirigir-se para ela com a palma da mão aberta no ar, exactamente como se fosse dar-lhe uma bofetada. Ela saiu num ápice e, formando outra nuvem de pó amarelo, correu para casa.

Queria chorar mas as lágrimas não vinham. Enquanto corria, o seu corpo estremecia com fortes soluços secos. Agora Marco odiava-a. Estragara tudo com os seus ciúmes estúpidos. Depois, imagi-nou-o ali deitado no chão axadrezado enquanto Maria Domenica o desenhava uma e outra vez, e a inveja que a inundou foi tão dominadora que lhe deixou um sabor ácido na boca.

Quando encontrou Vincenzo à porta do Caffè Angeli, Maria Domenica transbordava de excitação. Ele estava sentado num pequeno muro, a fumar descontraidamente um dos seus cigarros enrolados, à espera que ela abrisse a grande porta de vidro e o deixasse entrar.

—Vais gostar de saber que hoje tenciono parar de procrastinar— disse-lhe, com pedacinhos de tabaco a cair-lhe dos lábios enquanto falava. — Já esbocei que chegue. Se a minha Virgem não está bem agora, nunca estará. Por isso, vou começar a trabalhar na parede. Vou ter de desarrumar um bocadinho, mas prometo não te atrapalhar.

Maria Domenica não dava importância a algo tão trivial como a desordem. Afastando com delicadeza os pés rechonchudos de Chiara para o lado, tirou o agora reduzido bloco de desenho do carrinho de bebé e pôs-se à procura dos lápis. — Estive a desenhar a noite inteira — disse-lhe rapidamente. — Não conseguia parar. E se tiver tempo, gostaria de fazer mais um desenho antes de começarmos a trabalhar. Quero desenhá-lo outra vez, para ver se consigo fazer melhor do que ontem.

—Está bem, está bem. — Vincenzo deixou que ela o empurrasse para trás em direcção a uma cadeira. — Só tens de me servir um café e podes fazer o que quiseses comigo.

Hoje tudo parecia mais fácil. O longo nariz direito, as sobrancelhas selvagens, as pregas de pele por baixo da linha do queixo, nada se revelou difícil perante o

lápiz de Maria Domenica. Enquanto desenhava, vibrava de pura alegria. A rotina da manhã no caffè começou sem ela. Franco atou o avental branco e engomado à cintura e ficou atrás da sua Gaggia. Os clientes habituais vinham beber um expresso ao balcão antes de continuarem com o dia de trabalho. Maria Domenica estava tão concentrada no desenho que mal ouvia o estalido da grande porta de vidro a abrir e fechar.

Mas o som do nome do seu marido a ser pronunciado trouxe-a de volta à realidade.

— Ah, Marco, buongiorno — disse Franco. — Ultimamente não tens aparecido por aqui. O que vais tomar?

— Um expresso — respondeu bruscamente, sem desviar o olhar da mulher, que estava a desenhar o estranho de cabelo preto na mesa do canto.

— Marco. — Maria Domenica ergueu os olhos, ainda atordoada pela concentração. — O que é que estás aqui a fazer? Viste os desenhos que te deixei na mesa da cozinha?

Ele anuiu e deu uma outra instrução em staccato a Franco.

—E um whisky.

Bebendo o café e o whisky escocês com lentidão, Marco diri-giu-se até à jukebox.

Os dedos experimentavam os botões e, com uma expressão de desdém nos lábios, fez algumas escolhas. O lápis de Maria Domenica abrandou no bloco de desenho. Não se sentia à vontade. Havia algo de errado, mas não conseguia perceber bem o que era.

Marco bebeu outro café e outro whisky.

—Ainda é um pouco cedo, não achas? — comentou Franco brandamente, mas ele apenas rosnou em resposta.

Encostado à jukebox, Marco fitava a mulher e o forasteiro no qual ela parecia tão absorvida. Com os olhos semicerrados, observou Vincenzo a enrolar outro cigarro e, por fim, aproximou-se da mesa.

— Você... como é que se chama? — perguntou com agressividade.

— Chamo-me Vincenzo — respondeu o artista, e estendeu a mão, que continuou estendida, já que Marco permaneceu com os braços imóveis. — Como está? — disse, apesar da resposta.

— Não me enrola um desses? — Marco acenou em direcção ao tosco cigarro.

— Claro, sem problema. — Vincenzo sacou de outra mortalha, colocou um pouco de tabaco, lambeu-a, enrolou-a e entregou-lhe o cigarro. — Quer lume? — ofereceu afavelmente.

Marco puxou uma cadeira, sentou-se e inclinou-se sobre o fósforo aceso. — Obrigado. — Foi tudo o que disse.

—Tenho estado a desenhar mais alguns, vês? Fiz um retrato do Vincenzo. — Maria Domenica sentia-se incompreensivelmente nervosa, tinha consciência de que estava a falar de maneira rápida e nervosa.

Marco anuiu, bebeu e fumou.

O silêncio entre eles só foi quebrado pelo barulho dos riscos desanimados do lápis de Maria Domenica. Por fim, pousou o bloco e levantou-se. — Já chega disto

— declarou. — Tenho coisas para fazer.

O marido e Vincenzo observaram-na enquanto ela desaparecia por detrás da Gaggia.

Mas nada disseram. Fumaram juntos e deitaram à vez a cinza no pequeno cinzeiro que partilhavam.

Maria Domenica desejou que Marco se levantasse e fosse embora. Normalmente nunca chegava perto do caffè, pois preferia evitá-la durante o dia e, por isso, não conseguia imaginar o que estaria ali a fazer.

Finalmente, as suas preces foram ouvidas. Marco apagou a beata do cigarro, esvaziou o copo de whisky, arrastou a cadeira para trás e saiu sem dizer uma palavra.

— O que foi aquilo? — perguntou Franco.

— Só Deus sabe. — Maria Domenica despediu-se do marido com um aceno de cabeça.

— Está tudo bem convosco? — A preocupação de Franco entrou em conflito com a sua tendência natural para não se meter na vida dos outros.

— Suponho que tão bem como sempre estive.

— Se houver alguma coisa que eu possa fazer... — continuou, hesitante. — É só pedires.

— Eu sei. — Maria Domenica tocou-lhe levemente no ombro. — Eu sei.

Vincenzo virara-lhes as costas. Estava novamente a fixar o pedaço de parede em branco. O que quer que se estivesse a passar, ele não queria envolver-se, concluiu ela. Estava só de passagem.

O resto do dia no Caffè Angeli correu mal. Maria Domenica deixou o leite ferver até transbordar quando estava a preparar um cappuccino. Marcello Bruni encontrou um cabelo no seu pastel.

Chiara não parou de choramingar atrás da cortina vermelha. Foi um alívio quando chegou a hora de a aconchegar no carrinho de bebé e levá-la para casa. A

expressão de Franco denunciou inquietação quando ela fechou a porta atrás de si. — Tem cuidado — articulou em silêncio atrás do vidro. Maria Domenica esboçou um aceno e começou a caminhar.

Tinha receio do que poderia encontrar quando chegasse a casa. Um Marco furioso?

Ou monossilábico? Ou, pior ainda, à sua espera para a levar para a cama e aí resolver as suas frustrações. Abrandou o passo, sem pressa de descobrir.

Tudo parecia bastante tranquilo quando chegou ao caminho que dava à quinta dos Manzoni. Nos campos, os búfalos pastavam na erva rala e amarela, projectando enormes sombras devido ao sol do final da tarde. Na horta havia tomates maduros que precisavam ser colhidos e o manjerição ameaçava começar a espigar.

A casa estava vazia, a porta bem fechada.

—Marco? — chamou de modo hesitante quando entrou na cozinha sombria e abafada.

Havia algo de errado naquele lugar, mas à primeira vista não conseguiu dizer o quê. Depois descobriu o amontoado de papel, branco como a neve, no chão da cozinha. Apanhando o fragmento que estava mais perto de si, reconheceu o trabalho do seu lápis. Marco destruíra tudo, até ao último desenho. Caindo de joelhos no meio de toda aquela ruína, sentiu-se vazia e sem esperança, como pedra. Deveria ter-lhe sido suficientemente fácil chorar, mas as lágrimas não vieram. Maria Domenica ficou ali ajoelhada até perder a noção do tempo, a olhar para o que lhe restava dos seus breves momentos de felicidade.

Sentiu Marco, antes de o ver ou ouvir, sentiu o seu punho cerrado atingi-la de lado na cabeça. Gritou com a dor e Chiara respondeu com um grito também.

—Marco, não. — Tentou arrastar-se pelos azulejos e levantou os braços para proteger o rosto, mas os punhos dele acertavam-lhe uma e outra vez. — Por favor, por favor, não — implorou, e as mãos fechadas de Marco, tão femininas com os dedos longos e elegantes, acertaram-lhe em cheio com uma força masculina brutal.

Tinha um zumbido nos ouvidos e na boca um sabor forte a sangue, e continuava a suplicar. — Por favor, pára, Marco. Não faças isso, por favor. — Mas parecia que a sua voz ainda o enraivecia mais.

Pegou numa mão-cheia de pedaços de papel e, forçando Maria Domenica a abrir a boca, tentou metê-los lá dentro. Ela engasgou-se, cuspiu e esforçou-se por se libertar.

Os berros de Chiara eram agora mais altos, o seu corpo vermelho e rígido.

—Cala-te, cala-te, cala-te — gritou Marco à criança a chorar.

O medo profundo eliminou a dor. Não faças mal a minha filha. Por favor não faças mal à minha filha, pensou Maria Domenica. Mas não ousou pronunciar alto aquelas palavras.

Enfurecido, Marco abriu o punho e, com a mão aberta, deu-lhe uma bofetada em cheio na cara. Enrolou o seu longo cabelo negro com os dedos da outra mão e ela sentiu como se ele o estivesse a arrancar pelas raízes.

— Porquê? O que foi que eu fiz? — perguntou atabalhoadamente Maria Domenica, ainda engasgada com pedaços de papel. — Marco, por favor, pára. Diz-me o que foi que eu fiz de errado.

— Tu sabes, sua cabra. — O bafo dele no rosto de Maria Domenica tinha um cheiro forte a whisky. Devia ter estado a beber durante todo o dia.

— Eu não sei. Não compreendo. — As lágrimas corriam-lhe agora livremente pela face, uma mistura de água salgada com sangue quente infiltrava-se-lhe no lábio.

— Marco, por favor pára e diz-me o que é que aconteceu de errado.

Ele curvou-se no chão junto a ela e segurou-lhe a cara a centímetros da sua. Ela tentou desviar a cara do alcance do hálito fétido mas ele segurou-a ainda mais perto e mais rápido.

—Estás a ver, é assim que vai ser a partir de agora — disse, e Maria Domenica conseguiu sentir o ritmo cardíaco dele a abrandar quando ele se esforçou por acalmar-se. — Tu és a minha mulher e vais ficar aqui na minha casa, percebes? Ela só conseguia pestanejar em resposta.

—Podes esquecer o caffè. Não quero que voltes lá. Nunca mais. Vou falar com Franco de manhã e dizer-lhe que desististe do emprego. Não voltarás a falar com ele. E o teu amigo artista? Também nunca mais voltarás a falar com ele. Não me vais envergonhar mais à frente da vila inteira. Não há razão para saíres da quinta sozinha. Se precisares de ir à vila fazer compras, a minha mãe irá contigo. Fora isso, ficas aqui exactamente onde estás, longe de sarilhos.

Maria Domenica sabia que seria mais seguro não argumentar enquanto ele estivesse naquele estado. Mas não era justo, ele conseguiria certamente ver isso. E tentou explicar. — Marco, eu não sei o que é que tu achas que se tem passado, mas estás enganado...

Vermelho como um pimento e cuspiendo de raiva, agarrou-lhe nos ombros e abanou-os violentamente. — Não tentes dizer-me que estou errado. Que espécie de idiota pensas que sou? Achavas que podias fazer outro filho com aquele artista cretino e criá-lo debaixo do meu tecto?

Depois deteve-se e Maria Domenica ficou paralisada a olhar, com o coração nas

mãos, quando ele agarrou na pega do carrinho de Chiara. — E parecida com o pai.

— Debruçou-se, exalando o seu hálito ácido sobre a bebé. — E, sem dúvida, cedo vai precisar de levar um estalo na cara como a mãe.

Sem mais, saiu batendo com a porta da casa e ela ouviu o ronco de um motor quando ele arrancou numa nuvem de poeira.

Por fim, a duração e profundidade do silêncio convenceram-na de que ele não voltaria. Pelo menos por algum tempo. Levantou-se com esforço. O choro de Chiara acalmara e o calor húmido que sentia nas faces provinha do sangue e não das lágrimas. Limpou o rosto cuidadosamente com um pano da louça e abraçou a sua filha.

Lá fora escurecera, mas Maria Domenica não se preocupou em acender as luzes. Enroscou-se na poltrona, o seu corpo envolvendo a criança de forma protectora, absorta em pensamentos. Por fim, os seus olhos fecharam-se e o sono apagou tudo.

O corpo de Maria Domenica estava rígido quando acordou com o choro de fome de Chiara. Endireitou-se desastradamente na poltrona e pestanejou ao ver a luz do sol da madrugada. Doía-lhe tudo. Os acontecimentos da noite anterior acorreram-lhe como um dilúvio e ela levou a mão ao rosto. Começava a formar-se uma crosta no canto da boca, a pele à volta dos olhos estava inchada, a face sensível ao toque. Sabia que quando se examinasse no pequeno espelho quadrado pendurado na parede do quarto de banho, veria as nódoas negras e os cortes feitos pelos punhos do marido. Sentiu-se tão vazia e derrotada quanto dorida.

Naquela manhã, tudo levou mais tempo. Tomar banho, amamentar e mudar Chiara, fazer uma cafeteira de café forte para despertar, morder um pedaço rijo de pão duplamente cozido embebido em água e depois em azeite, e coberto com tomates aos cubos... tudo lhe pareceu demorar horas. Quando verificou o relógio despertador no chão junto à cama, eram quase horas do almoço. Não que isso lhe importasse. Não tinha para onde ir e nada mais que fazer para além de limpar os pedaços de papel ainda dispersos pelo chão.

Sentou-se à mesa de fórmica da cozinha, cheia de cicatrizes, roendo a pele à volta das unhas e fixando, sem expressão, as paredes brancas e lisas. Aqui e ali, estavam salpicadas de pintas de um tom vermelho-acastanhado, onde Marco esmagara bruscamente com a palma da mão um mosquito cheio de sangue que se tinha estado a alimentar dos seus tornozelos. Durante os meses de Verão era atormentado pelos insectos, que adoravam o seu sabor.

Maria Domenica imaginou onde Marco teria passado a noite. Na casa grande com os pais, supôs. Elena ficara provavelmente aflita com o seu menino, limpou e desinfetou os nós dos seus dedos, feridos devido ao contacto com a face da mulher, e assegurou-lhe de que fizera a coisa certa. Marco ter-lhes-ia enchido a cabeça com disparates e mentiras e eles estariam prontos para pensar o pior dela. Eventualmente, quando acalmasse, mandá-lo-iam de novo para casa. Mas talvez ela pudesse contar com um ou dois dias de graça.

A meio da tarde, o calor do dia parecia ter sugado todo o oxigénio da insípida casinha. Maria Domenica pôs um chapéu à filha e deitou-a delicadamente no carrinho. Não se atreveria a ir à vila, mas tinha de se libertar da rigidez das pernas.

As rodas finas do carrinho não foram concebidas para andar sobre os caminhos sulcados e duros da quinta, e Chiara ia aos solavancos e abanões à medida que avançavam. Não que parecesse importar-se. Observava à sua volta com um olhar sério e Maria Domenica estava convencida de que, apesar de ser tão nova, estava

a interiorizar tudo. Parecia estar a ver a pequena casa e a casa grande desaparecerem ao fundo enquanto a mãe empurrava o carrinho pelos campos secos. E

o seu rosto iluminou-se, sem dúvida, com um sorriso quando viu os búfalos pretos a pastar tranquilamente ao sol no terreno pantanoso junto ao lago. Chiara estava a crescer tão depressa, em breve já não seria um bebé, pensou Maria Domenica com tristeza. Vai ser uma menina e a quinta dos Manzoni será o seu mundo. Ofegante, empurrou o carrinho até ao topo de uma encosta suave e voltou-se para admirar a paisagem. O céu azul, limpo e os campos planos e amarelecidos pareciam estender-se por quilómetros e quilómetros de distância e, mesmo assim, Maria Domenica sentia-se aprisionada. Para lá dos campos, podia ver a estrada que ia dar a San Giulio e depois a Roma e Florença. E muito mais para além, existiam outros países cheios de estrangeiros. — Suíça, França, Alemanha, Inglaterra. — Maria Domenica recitou em voz alta aquelas palavras como se as saboreasse. Para ela, eram apenas nomes dos quais se recordava de um quadro da escola e línguas que ouvira naquele pequeno caffè junto às Escadas de Espanha. Ficou ali, sentada tranquilamente junto à filha, até sentir que o sol da tarde começava a queimar-lhe a pele. Suspirando, soltou o travão do carrinho de bebé e segurou-o com força enquanto avançava pelo caminho irregular que descia até ao casebre. Alguém estivera lá, provavelmente Elena, e deixara um pequeno embrulho de papel castanho num local à sombra junto à soleira da porta. A porta nunca estava trancada, portanto poderia ter colocado o pacote dentro de casa. A sogra não a queria ver, concluiu Maria Domenica. Era suposto que ela ficasse sozinha.

Encontrou queijo mozzarella fresco e fatias finas de prosciutto no embrulho. E uma nota onde se lia: «O Marco foi para a cidade com o pai por alguns dias. Tu tens de ficar aqui. Vou estar a vigiar-te.» Estava assinada por Elena.

Maria Domenica partiu o mozzarella e enrolou cada fatia esbranquiçada numa tira de prosciutto cru. Não era aquilo a que o seu marido ou pai chamariam de refeição, mas serviria. Os seus dentes rasgaram o saboroso presunto cru sem dificuldade e afundaram-se no queijo macio. Comer confortou-a. Enquanto mastigava a comida, tentou desanuviar a cabeça. Sentira-se tão deprimida. Sentira que Marco a tinha encostado contra a parede. Mas, naquele momento, engolindo avidamente e empurrando outra bola de mozzarella para dentro da boca, lembrou-se de que tinha pessoas a quem recorrer.

Havia a tia Lúcia, embora tudo o que ela podia fazer era oferecer-lhe café e solidariedade. E, depois, havia o Franco... ele ajudá-la-ia seguramente. Já devia

estar preocupado com ela naquela altura, imaginando o que teria acontecido. Sim, talvez fosse melhor que se mantivesse afastada do Caffè Angeli.

Não queria causar mais problemas a Franco. Não, iria ter com os seus pais. E quando eles vissem o que Marco fizera ao seu rosto, nem sabia como iria conseguir impedir o pai de o matar.

Era tentador escapar imediatamente. Tentador mas talvez pouco sensato. Maria Domenica sabia que Elena conseguia ver a casinha a partir da janela da cozinha, pois ela própria tinha estado lá, após o almoço de domingo, a lavar a louça e a olhar lá para fora, para a frágil casinha a que chamavam lar. Elena poderia estar lá naquele preciso momento a observá-la. Raramente usava a sala de estar de cerimónia, com os sofás duros e a mobília esplendidamente polida. Destinava-se apenas a visitas importantes... que raramente vinham.

Não, Elena estaria na cozinha, a ouvir rádio, a limpar superfícies sem qualquer mácula e, de vez em quando, a espreitar pela janela, vigiando a nora, tal como prometera.

jogando pelo seguro, Maria Domenica esperou que escurecesse. Então, como um ladrão, saiu sorrateiramente de casa. A chiadeira das rodas do carrinho de bebé parecia-lhe ensurdecadora. Estava certa de que o barulho seria ouvido no sossego da noite e rezou para que se a sogra ouvisse alguma coisa pensasse que se tratava do assobio de um pássaro ou do uivo de um animal.

Avançando o mais depressa que podia, Maria Domenica ganhou alguma distância entre si e a quinta dos Manzoni. Com uma mão empurrava o carrinho de bebé, na outra carregava uma pequena trouxa com o essencial. Não tencionava voltar nunca mais para aquele lugar onde fora tão infeliz. Ia para casa de uma vez por todas.

—Talvez o Papa construa mais um quarto onde nós possamos viver — disse à filha adormecida. Dormiria nas lajes de pedra por baixo da mesa da cozinha, se fosse preciso, desde que não tivesse de levar a sua filha de volta para aquele casebre miserável.

Foi uma longa caminhada ao luar e, carregada com o peso da trouxa e do bebé, pareceu-lhe demorar uma eternidade chegar à estrada principal. Atravessou-a com cuidado, sondando um lado e o outro à procura de faróis dianteiros que alertassem para a aproximação de carros. Não queria ser atropelada. Não agora que estava tão perto de casa.

Foi um alívio quando reconheceu a forma baixa e escura da casa. Esperou que ainda não estivessem todos na cama a dormir àquela hora.

—Mamma, Papa — chamou, mas não obteve resposta.

Ainda alguém estava acordado. Maria Domenica podia ver luz

que se escapava pelas frinchas das persianas das janelas. Abriu a porta da cozinha e inspirou profundamente. Sentiu vários aromas... pão cozido, panelas cheias de molho de tomate a ferver, parmesão gratinado... os aromas de um milhar de refeições deliciosas que a mãe cozinhara enquanto criava a sua família. Foi o suficiente para fazer com que sentisse fome outra vez.

—Madonna mia, olha para ti. — A mãe estava do seu lado agora, agitada e preocupada.

Maria Domenica sentiu uma onda de alívio. Mergulhou no conforto dos braços de Pepina, macios e familiares. — O Marco bateu-me — sussurrou, e só depois as lágrimas começaram a deslizar pela face magoada. Não conseguia parar de chorar.

O seu corpo estremecia com soluços e as lágrimas salgadas provocavam-lhe ardor nos cortes do rosto. Tentou falar, mas só muito tempo depois conseguiu fazer as palavras sair. E só foi capaz de repetir estupidamente: «O Marco bateu-me.»

Pepina examinou-lhe o rosto por momentos e, depois, desviou o olhar para um canto. — Eu sei — disse pesarosamente. — Eu sei de tudo o que se passou.

—O que é que ele vos contou?

Pepina afagou o cabelo da filha e limpou levemente a sua face inchada com um lenço de Erminio.

—Mamma? — Os soluços de Maria Domenica estavam a abrandar e os olhos a arregalar-se com indignação. — O que é que Marco vos disse que eu fiz? Não pode acreditar nele. Não é verdade, o que quer que ele vos tenha dito.

Os ombros de Pepina descaíram bruscamente. Ainda não conseguia olhar a filha nos olhos. — Tenho de admitir que não contava ver-te assim neste estado. Ele disse que te deu apenas um estalo e que tu o mereceste.

-O quê!?

— Acalma-te, Maria Domenica. Não és a primeira mulher a levar um ou dois tabefes do marido — garantiu Pepina num tom neutro.

— O Papa nunca te bateu. Nem uma vez.

— Não, mas eu nunca lhe dei razões para ele me bater. Eu não andava para a frente e para trás, sozinha pela vila, a trabalhar num caffè, a falar com homens o dia inteiro. Nunca envergonhei o meu marido com um artista qualquer de cabelo comprido. — O tom de voz de Pepina aumentava agora. — Onde é que estavas com a cabeça? Como é que esperavas que o teu marido reagisse?

Maria Domenica sentiu-se à beira de uma discussão, mas controlou-se e, em vez disso, mais calma, perguntou: — Onde está o Papa?

— Já foi.

— Aonde?

—O Marco e o pai dele vieram buscá-lo. Foram à vila para terem uma conversa com esse tal Vincenzo, mas ele desapareceu. A tua irmã Rosaria achou que talvez pudessem encontrá-lo em Roma e, então, foram para lá atrás dele.

Maria Domenica não conseguia assimilar o que estava a ouvir.

—Como pôde ele acreditar em Marco? Não confia em mim?

—Não, nem por isso. Ele costumava confiar em ti, mas depois tu fugiste, lembra-te? E chegaste grávida a casa e perdeste a confiança dele.

Eu culpo-me, dei-vos liberdade a mais quando estavam a crescer. Mas o que poderia fazer? Tinha tantas filhas para vigiar.

—Lágrimas quentes começaram a fluir pelo rosto de Pepina abaixo. Fez um gesto em direcção ao saco que Maria Domenica pousara junto ao carrinho de Chiara.

— Trouxeste as tuas coisas contigo?

Perdoa-me, cara, mas não podes ficar aqui. O teu pai disse que tens de ficar na tua casa e esperar pelo teu marido. E que não podes trazer mais vergonha a esta família.

— Não, Mamma, por favor, deixa-me ficar aqui. Não me obrigues a voltar. Por favor... — As duas mulheres agarraram-se uma à outra, ambas a chorar. Maria Domenica sentiu o corpo da mãe a contorcer-se com os soluços e a humidade do rosto pressionado contra o seu.

— Eu lamento, figlia, lamento muito. — Pepina estava a empurrá-la para fora da cozinha rumo ao pátio poeirento. Colocou o saco nas mãos da filha e virou o carrinho de Chiara, apontando-o na direcção da quinta dos Manzoni. — Não me atrevo a desobedecer ao teu pai. Tens de ir para casa. Mas eu ou a Rosaria iremos ver-te todos os dias para saber como estás. E não deixaremos que ele te bata novamente, prometo-te.

Maria Domenica sentiu o último aperto da mão da mãe e, quando a porta se fechou na sua cara, encheu os pulmões do aroma adocicado que vinha da cozinha quente uma última vez. Depois virou-se e, lentamente, começou a caminhar através do frio de uma noite clara de Outono. Nem sequer dissera adeus.

SEGUNDA PARTE
NEWBRIGHTON, INGLATERRA, 1968

1

Os Banhos de New Brighton estavam situados junto às águas cálidas e pardacentas onde o rio Mersey se encontrava com o mar da Irlanda. Era um espaço extenso, com pouca altura e art deco, construído numa época em que aquela cidade costeira era muito animada, repleta de trabalhadores fabris em excursões de um dia e turistas hospedados em pensões de Bed and Breakfast ao longo da estrada. A piscina ao ar livre era a grande atracção a que as famílias afluíam nos dias quentes de Verão.

As crianças brincavam na piscina enorme e profunda e nas fontes, deslizavam pelos escorregas e ansiavam pelo dia em que teriam idade suficiente para subir à prancha mais alta e mergulhar de cabeça no escuro rectângulo de água por baixo. Mas a outrora grandiosa cidade costeira estava a perder o vigor, idos os tempos de glória. Restava ainda um parque de diversões variadas com uma roda gigante, carrinhos e carrosséis e, o melhor de tudo, os waltzers, onde os jovens adolescentes cheios de acne faziam as raparigas mais bonitas rodopiar nos bancos de cores brilhantes até que gritassem ou ficassem enjoadas, o que quer que acontecesse primeiro.

Os Banhos de New Brighton ainda se mantinham erguidos no mesmo lugar junto à praia, talvez um pouco mais decadentes do que antes. Nos meses mais quentes, as famílias locais continuavam a estender as toalhas no terraço com bancos de madeira, a partir os dentes nas maçãs caramelizadas e a ficar com as suas claras peles inglesas tão vermelhas que depressa estariam a retirar longas tiras de pele morta das costas uns dos outros.

Também havia um pequeno café que no Verão fazia um negócio esplêndido. O café tinha duas entradas. Uma pelo lado da rua, para que as pessoas convenientemente vestidas, que haviam estado a passear ao longo da promenade, pudessem interromper a caminhada e entrar para tomar um chá. A outra porta dava directamente para a área da piscina, pela qual as crianças, encharcadas durante todo o dia, se precipitavam fora e dentro, abastecendo-se de bebidas gaseificadas, nuvens cor-de-rosa de algodão doce, gelados e sanduíches de ovo e agrião.

No centro do café havia um corrimão de madeira que evitava o cruzamento das duas espécies de clientes e impedia os adolescentes de entrarem à socapa para a piscina através do café, em vez de pagarem o ingresso e passarem pelo torniquete como deveriam.

O café cheirava a fatos-de-banho molhados e a infusões de chá. Por detrás do balcão, barrando manteiga em scones e fatias de pão branco, estava uma rapariga

esguia de olhos negros e pele dourada. Talvez o nariz fosse demasiado bicudo e os olhos encovados de mais para se tratar de uma verdadeira beleza, mas o seu cabelo brilhante caía-lhe pelas costas como água e ela movia-se com uma graciosidade e fluidez que a diferenciavam do resto das raparigas em fato-de-banho, robustas e queimadas pelo sol, que entravam e saíam constantemente do café.

— Quer um pouco de açúcar, querida? — perguntou a rapariga de cabelo preto, quando passou com uma bandeja de chá e scones, a uma velha senhora que entrara pelo lado da rua e que estava protegida por um casaco e um chapéu apesar do calor do dia.

— O quê? Como diz? — A idosa senhora espetou um ouvido na sua direcção e inclinou-se. — Não consigo compreender uma palavra do que ela diz — anunciou ao café.

Maria Domenica encolheu os ombros. Após três anos a trabalhar naquele sítio o seu inglês era suficientemente bom, contudo não se apercebia de que o seu sotaque acentuado tinha sido contaminado por sons de vogais curtas nortenhas e que, por vezes, não era nada fácil decifrar o que estava a dizer. A pequenina sentada, meia escondida, por baixo do balcão é que nunca tinha quaisquer problemas. De tez mais pálida e cabelo mais claro do que a mãe, com a cabeça inclinada sobre um livro ilustrado, Chiara brincava sozinha, de modo tranquilo e ordeiro, até que lhe dissessem que eram horas de ir embora.

Eram estranhas ali, ela e a mãe, «eye-talians», embora a maioria das pessoas fosse bastante amistosa. Se se esforçassem, quase conseguiam dizer o nome «Chiara» no seu tom de voz monótono, mas Maria Domenica desistira de tentar ensiná-las a pronunciar o seu próprio nome. — Maria do quê, querida? É um palavrão e tanto, não? — queixavam-se e, portanto, acabava por lhes pedir: — Tratem-me apenas por Maria, é muito mais fácil.

Levara algum tempo a chegar ali, mas nunca duvidara de que o conseguiria. Depois de a mãe a mandar embora naquela noite fria, fora directamente pedir ajuda a Franco, não ao Caffè Angeli, que àquela hora estaria completamente fechado, mas à sua casa ali perto. Nunca antes o tinha visitado.

Era uma das casas antigas, escondida atrás de muros grandes e construída à volta de um pequeno pátio calcetado. Franco deixara o portão meio aberto e, através de uma janela iluminada, Maria Domenica pôde ver claramente Giovanni, sentado à mesa da cozinha por detrás de uma pilha de livros, estudando pela noite dentro. Ele estava a crescer e no seu rosto podiam ver-se os macios indícios pubescentes de uma barba, mas mesmo assim era ainda tão novo. Novo de mais para ouvir a

história que Maria Domenica trazia consigo.

Naquele momento hesitou. Os seus passos detiveram-se na soleira e ela interrogou-se sobre o que deveria fazer. Mas tocar com os dedos no rosto inchado e dorido da pancada e dirigir um olhar à sua filha a dormir foi o suficiente para a impulsionar através do pátio de Franco até à porta de entrada.

Chocado ao ver o seu rosto ferido, Giovanni abraçou-a com força. — O que aconteceu? O que aconteceu? — perguntou.

Foi ela quem se afastou dos seus braços. Fazendo Giovanni sentar-se numa poltrona, colocou-se ao seu lado e deixou-o segurar-lhe na mão. — O Marco bateu-me — respondeu suavemente. — Ficou completamente louco e eu não sei bem porquê.

Acho que talvez esteja com ciúmes do Vincenzo. Pensa que há algo entre nós.

Os olhos de Giovanni encontraram os dela. — E há?

— Não sejas ridículo. Eu mal o conheço.

— Desculpa, Maria Domenica, desculpa. — Apertou a mão dela com mais força e ouviu-a em silêncio enquanto ela contou a história do como a mãe lhe virara as costas e a mandara de volta para casa, para Marco.

— Não posso voltar para casa. Receio que ele me bata outra vez. Ou pior, que bata na Chiara

— disse-lhe.

— O que vais fazer?

Maria Domenica abanou a cabeça e os seus ombros descaíram, derrotados.

— Já sei. — O desafio tornou a voz de Giovanni mais forte e profunda. — Vou ter com o Marco. Vou dizer-lhe o que penso dos homens que batem nas mulheres. E, se for necessário, eu mesmo dou cabo desse filho da mãe.

— Não, não, não podes fazer isso.

— Posso, sim — insistiu Giovanni. — Sou quase tão forte como ele e quase da mesma altura.

— Mas eu não quero. Isso não vai ajudar.

— Bem, então o que é que pode ajudar?

— Não tenho a certeza. Só sei que não quero que faças nada que te cause problemas, a ti e ao Franco. Vocês têm um negócio para gerir. Não podem envolver-se.

— Não te preocupes connosco. Sabemos tomar conta de nós.

— Eu também sei tomar conta de mim, Giovanni. Consegui-o durante um ano inteiro em Roma. Posso fazê-lo outra vez.

— Não fujas, por favor, Maria Domenica. — Agora Giovanni estava aflito.

—Mas acho que tenho de o fazer. Não seria melhor se eu não estivesse mais aqui? Se eu não existisse?

— Não nos abandones.

— E que escolha tenho?

Giovanni olhou para Chiara, que ainda dormia tranquilamente no carrinho. Não disse nada por momentos. Depois levantou-se e começou a remexer num grande cesto de verga cheio de envelopes, canetas e moedas. Retirou uma pequena chave de bronze e abriu a gaveta de cima de uma escrivaninha de madeira polida.

Maria Domenica tentou recuar quando ele lhe colocou um grosso rolo de dinheiro na mão.

— Sim, aceita-o — insistiu. — O meu pai haveria de querer que o aceitasses.

Giovanni beijou-a na face, colocou os braços à sua volta e aper-tou-a. — Voltarei a ver-te?

— Talvez não.

— Para onde vais ?

Por um instante, ela hesitou. Como poderia abandonar a família pela segunda vez? A mãe e o pai amavam-na, achavam que o que estavam a fazer era o melhor para ela. Mas aquela era a sua única oportunidade. Era agora ou nunca.

—Desta vez acho que vou para mais longe do que Roma, Giovanni. Por favor, diz ao meu pai para não tentar encontrar-me.

E diz a Franco que eu lamento muito.

Logo que amanheceu, meteu-se no primeiro autocarro da manhã para Nápoles, depois apanhou um comboio rumo ao norte. As carruagens estavam a abarrotar, mas uma família de Salerno arran-jou-lhe lugar, apertando-se até que houvesse metade de um assento onde ela coubesse. Partilharam com ela a comida: o pão duro, o queijo pecorino salgado e a gordurosa salsicha de mortadella cor-de-rosa. Em retribuição, Maria Domenica cantou canções com as crianças e contou-lhes histórias.

Em Roma trocou de comboios e as paisagens que agora desfilavam pela janela tornavam-se cada vez menos familiares. Os campos eram mais verdejantes, as colinas salpicadas de ciprestes e o vento, que soprava pelas janelas abertas, era mais fresco no seu rosto.

Depois, quando chegaram aos Alpes, Maria Domenica sentiu a tristeza a abandoná-la quando pressionou o nariz contra a janela e se deleitou com a beleza das montanhas cobertas de neve.

Surgiu um contratempo quando chegou à fronteira com a Suíça. Sem os papéis necessários não a deixariam passar.

—Precisa de um passaporte — atirou um oficial. — Onde está o seu passaporte? Efoi assim que Maria Domenica se viu obrigada a abandonar o comboio e a ficar numa fila do lado de fora de um gabinete na câmara municipal mais próxima durante meio dia. No corredor, que cheirava a naftalina e a sapatos bem engraxados, não havia sítio para se sentarem, por isso, quando as suas pernas ficaram cansadas, deixou-se cair no pó do chão de mármore ao lado do carrinho de Chiara.

Chegou, por fim, a sua vez de se sentar do outro lado da secretária de um homenzinho oficioso com olhos severos e um bigode bem aparado. A princípio, tentou impressioná-lo com lágrimas, mas ele limitou-se a retirar um lenço de papel duma caixa e a ocupar-se dos processos até que ela secou os olhos e parou de chorar. Depois, Maria Domenica desenrolou algumas notas do rolo de dinheiro de Franco e entregou-lhas. Ele meteu-as no bolso de cima do casaco e tamborilou com os dedos na secretária até que ela lhe passasse mais algumas.

Valeu a pena. Com os papéis certos, foi autorizada a embarcar no comboio seguinte e atravessar a fronteira para a Suíça e depois para França. Desenrolou mais umas notas do rolo de Franco e pagou o extra necessário para viajar num compartimento com couchette. A noite os assentos eram recolhidos e, das paredes da carruagem, saíam seis pequenos beliches. A carruagem era quente e apertada, mas havia algo de romântico em adormecer num lugar e acordar num outro completamente diferente. O ar de França tinha um cheiro estranho, decidiu. Um cheiro estrangeiro.

Em Calais embarcaram no ferry para atravessar o canal. Nunca antes havia entrado num barco e, quando desembarcaram em Dover, não teve vontade de repetir a experiência. A ondulação provocara-lhes náuseas e, enquanto Maria Domenica se esforçou por engolir a bÍlis de sabor amargo que lhe subia à garganta, a filha, compreensivelmente, não foi capaz de fazer o mesmo. Os olhares dos outros passageiros enquanto Chiara soluçava e vomitava pela noite dentro provocaram-lhe algum desconforto.

A partir de Dover houve ainda um comboio para Londres. Pensou em ficar lá algum tempo, desfrutando da cidade, mas não era nada do que ela estava à espera. Era tudo demasiado grande, desde a multidão na estação de comboios às ruas cheias de trânsito. Não saberia por onde começar a explorar uma cidade como aquela. Assim, continuou em frente e embarcou num comboio com destino ao norte.

Acabou por chegar ali, a New Brighton, alugou dois quartos no último andar de uma casa alta vitoriana na Promenade de Egremont. A casa estava virada para o

rio, o que Maria Domenica pensou que fosse agradável, mas a lama espessa e cinzenta, sem peixes e coberta de espuma, do Mersey era uma substituição medíocre do cintilante mar Mediterrâneo. No entanto, à noite, no lado oposto do rio, as luzes de Liverpool brilhavam com uma certa alegria e, assim que Chiara adormecia, passava horas sentada confortavelmente junto à janela a mirá-las. Quando chegou o momento de procurar trabalho, apostou no que melhor sabia fazer.

Andou a perguntar pelos cafés locais até que, por fim, encontrou um onde lhe disseram que sim, que precisavam de mais um par de braços. Ali, em vez das minúsculas chávenas de expresso, ela servia bules de chá a fumar. No lugar de fatias de pizza e pastelaria rica, havia sanduíches de pasta de peixe e doughnuts com compota.

Chiara ia todos os dias com ela para o trabalho, tal como ia para o Caffè Angeli. No início, os proprietários tiveram dúvidas quanto a isso. — Não consegues arranjar uma ama ou algo do género, Maria, querida? — perguntaram. Mas quando se aperceberam de que Chiara era um anjo e viram a mãe irredutível quanto à hipótese de se separar da filha, deixaram-na em paz.

— Sabes, ainda bem que resolvemos contratar-te — diziam-lhe agora Mr. e Mrs. Leary com frequência. — Nunca tivemos ninguém tão trabalhador como tu. Nunca. Mr. Leary tinha o rosto comprido e os dentes tortos como os de um cavalo; a sua mulher era corpulenta, cheia de sardas e sinais. O café proporcionava ao casal um nível de vida razoável, excepto nos meses de Inverno, quando a porta que dava acesso à piscina vazia estava trancada e não havia turistas suficientemente corajosos para enfrentarem uma caminhada na ventosa promenade. Nesses dias gelados, Maria Domenica só era necessária durante algumas horas, o que a deixava livre para embrulhar a filha em camisolas e luvas de lã e vaguear pelas ruas.

Juntas caminhavam quilómetros, explorando estradas, ruelas e becos que se estendiam de New Brighton até aos arredores de Wallasey. Enquanto patrulhavam os cinzentos passeios de pedra, Maria Domenica percorria com um olhar perscrutador os rostos das pessoas por quem passavam, como se estivesse à procura de algo ou de alguém. E quando avistava uma cabeça loira a sobressair na inexorável tonalidade cinzenta, parava e nxava-a por momentos antes de soltar um leve suspiro e continuar a caminhada.

— O que andas a fazer, querida? — perguntara-lhe Mrs. Leary uma vez quando passara por elas de carro e insistira em lhes dar boleia para casa. — Está um frio de rachar. Estarias melhor dentro

de casa.

Felizmente era quente e aconchegado lá dentro. Mr. Fox, o senhorio, possuía um fogão Aga que estava sempre quente na cozinha comprida e estreita. Ao lado, havia três grandes vasilhas de plástico cheias de um misterioso líquido com bolhinhas.

—Vinho de beterraba, vinho de cenoura, vinho de amora silvestre — elucidou-a Mr. Fox, dando uma pancadinha em cada um dos recipientes com orgulho.

Maria Domenica fez uma careta. — Em casa, fazemo-lo a partir das uvas — informou educadamente.

—Ah, mas espera até os provares, querida. Nunca mais vais querer beber esse sumo de uva detestável, tenho a certeza.

Mr. Fox tinha um filho chamado Alex. Estava desempregado mas sempre ocupado. A maioria do tempo, tudo o que Maria Domenica lhe via eram as pernas a sair por debaixo de qualquer um dos carros a cair de velhos em que estivesse a trabalhar.

Quando Alex não estava a reparar carros, ficava fechado na sala da frente a ouvir discos dos Beatles, a banda que tinha animado a cidade do outro lado do rio Mersey. Maria Domenica ouvia com frequência a música ecoar pelos pisos e, por momentos, permitia-se recordar o modo como Franco nunca fora sensível às suas súplicas para que pusesse uma ou duas canções dos Beatles na jukebox. A maior parte das vezes, tentava não pensar no que tinha deixado para trás. Era melhor pensar no futuro, planeá-lo e sonhar com ele. No Verão havia menos tempo para passear, mas os Leary tiveram a iniciativa de lhe dar uma folga à segunda-feira e Maria Domenica usava o seu dia livre para tentar palmilhar a maior distância possível. Às vezes dava uma espreitadela para dentro dos pubs e agências de apostas pelas quais passava, locais escuros e masculinos onde ela jamais se atreveu a demorar muito tempo.

Uma vez encontrou uma escola de arte no meio do parque e sentou-se durante horas do lado de fora, a observar os estudantes a entrar e a sair, até que Chiara finalmente perdeu a paciência e a arrastou para os baloiços e para o lago dos patos.

Aquele era um bom Verão. Maria Domenica nunca imaginara que Inglaterra pudesse ser tão seca e quente. E tentava que isso não a fizesse lembrar-se da sua casa, mas por vezes não conseguia evitar virar o rosto para o sol e manter os olhos semicerrados até conseguir ver somente uma parcela de céu azul e imaginar-se, de novo, deitada de costas, à sombra dos pessegueiros no pomar dos pais.

Numa segunda-feira, Maria Domenica vestiu Chiara com roupas leves, pôs-lhe um chapéu e preparou-se para saírem para o habitual passeio.

Quando ia a sair, encontrou Alex escondido na cozinha, corado até à raiz dos cabelos castanhos e curtos tentando, nervosamente, chamar a sua atenção.

— Então, o que vais fazer? Sair para dar um passeio? — perguntou.

— Exactamente — anuiu. — Pensei em levar algum pão seco e ir até ao parque. A Chiara quer dar de comer aos patos.

Ele olhou pela janela, para o céu limpo. — Está um dia bonito de mais para ir ao parque. Porque é que não vais até à praia? — sugeriu de modo hesitante. — A miúda podia construir castelos de areia.

Aquela fora a ocasião em que Alex mais falara com ela, deixando Maria Domenica completamente desconcertada. — A praia? — replicou estupidamente. — Qual praia?

— Tu sabes, aquela depois dos Banhos de New Brighton, ao fundo de Harrison Drive. É muito agradável e tem muita areia — disse-lhe. — Espera aí, vou só desencantar um balde de praia velho e uma pá para a miúda e eu mesmo vos dou boleia até lá.

Ela tentou recusar mas Alex já estava remexer no alpendre à procura da pá e do balde prometidos. Com um rosto ligeiramente cómico e ruborescido de prazer, surgiu com algo sujo e coberto de teias de aranha na mão. — Só precisam de uma lavadela no mar — insistiu. — Vamos lá, querida, saltem para dentro do carro para nos pormos a andar.

— Qual carro? — Maria Domenica olhou para os três calhambeques enferrujados que obstruíam a estrada. Aos seus olhos, nenhum deles lhe parecia uma possibilidade. E, por um instante, até

o radiante e entusiasmado Alex se mostrou desorientado. — Eh, ora, deixa-me ver... — reflectiu. — Os travões do Austin têm de ser afinados e quanto a esse Morris, não sei... E que tal o Triumph? A porta do carro rangeu de forma assustadora quando ele a abriu para ela e o banco do passageiro da frente estava deformado e rasgado. Mas Maria Domenica conseguiu entrar a custo, segurando Chiara no colo e, após um pequeno embalo do motor e umas nuvens de fumo do escape, arrancaram.

— Recostem-se e terão uma viagem mais confortável — gritou Alex, acelerando ao longo da rua. Maria Domenica olhou-o, perplexa. — Pelo menos era o que a minha avó costumava dizer — apressou-se a acrescentar.

A praia, quando a encontraram, era grande e desabrigada. Em vez de se proteger à

sombra de um guarda-sol, como sempre fizera na sua terra natal, Maria Domenica descobriu que era suposto aco-tovelar-se atrás de um pára-vento às riscas, que oferecia alguma protecção da forte brisa proveniente do lamacento mar da Irlanda, que atirava a areia contra os seus rostos.

— Que lindo dia. — Alex acenou a uma família vizinha que também tomava banhos de sol e estendeu as toalhas de praia na areia.

— Magnífico — concordaram, esticando os braços longos e brancos com prazer. Maria Domenica achou que eles eram completamente doidos. Observou Alex a despir rapidamente a roupa do seu corpo branco, escanzelado e hirto como uma tábua de passar a ferro.

— Posso segurar uma toalha à tua volta se quiseres mudar de roupa — ofereceu-se ele, arregalando os olhos de um azul diluído.

— Não, não, estou óptima — respondeu Maria Domenica.

— Então não vens tomar um banho?

Maria Domenica observou a paisagem com uma expressão de dúvida. Do seu lado direito, podia ver os guindastes e os depósitos dos estaleiros que formavam a linha do estuário do Mersey. A sua frente, a areia castanha estendia-se até às ondas cinzentas que, por fim, se encontravam com o céu deslavado. Para o lado esquerdo, a praia extensa e plana estava salpicada de famílias que jogavam críquete, construíam castelos de areia e desfrutavam do dia tanto quanto podiam. — Bem, vou dar um mergulho — declarou Alex. — E quando voltar vou comprar um gelado para a miúda.

Ela seguiu-o com o olhar enquanto ele corria para dentro do mar de modo desajeitado. Pôde adivinhar o momento exacto em que o frio o atingiu. Alex parou, começou a saltitar e encolheu os ombros até às orelhas.

— Chiara, queres ir chapinar na água? — perguntou.

A filha, com o balde numa mão e a pá na outra, fitou-a com os olhos castanhos e sérios.

Maria Domenica estendeu-lhe a mão. — Então, anda daí, puxa-me para cima e vamos brincar na água.

Chiara abanou a cabeça. — Gelado — disse numa voz baixa e determinada.

— Está bem, gelado. Gelato. Diz gelato para mim, Chiara.

Perante o som da palavra estrangeira, Chiara enfiou os dedos nos ouvidos, contraiu o rosto e gritou: — Gelado, gelado, gelado.

Semblantes curiosos espreitaram por detrás dos pára-ventos. Maria Domenica tirou-lhe carinhosamente as mãos dos ouvidos.

— Está bem, está bem, gelado — disse suavemente em inglês. — Daqui a um

minuto, assim que o Alex voltar, vamos comprar o teu gelado.

Por instantes, ela desviou o olhar da filha. Apesar da brisa, a sensação do sol a aquecer-lhe a pele era boa. Encostou-se para trás apoiando-se sobre os cotovelos e ficou a absorvê-lo.

Alex saiu a correr da água gelada muito mais rapidamente do que entrou e secou o corpo rosado e brilhante com uma toalha áspera.

—Brr, está de arrancar os cabelos do peito — declarou para ninguém em particular e depois, virando-se para Chiara, disse:

—Certo, querida, primeiro o gelado e depois vamos construir um castelo inglês a sério, está bem?

Chiara anuiu e deixou-o pegar-lhe na mão e levá-la até à carrinha dos gelados.

Regressaram com cones de laranja, com bolas amarelas de gelado de leite e flocos de chocolate a sobressaírem orgulhosamente no topo. — Aqui tens. —

Alex colocou um na mão dela. — Toma.

Entre lambidelas, babas e risinhos, Alex e Chiara competiram para ver quem terminava primeiro o gelado. Depois atiraram-se para a areia e começaram a cavar e a construir. Alguma da rigidez de Alex pareceu desaparecer enquanto brincava com a filha dela. Em primeiro lugar, moldaram a forma de um barco, depois cercaram-no de castelos de areia e, por fim, Alex enterrou Chiara na areia até ela ficar apenas com a cabeça e os pés de fora. Parecia incansável.

— Que dia fantástico — acabou por dizer.

Maria Domenica reparou, tardiamente, que ele estava a ficar mais rosado do que o habitual. — Estás a ficar queimado — avisou.

Vasculhando desajeitadamente o saco de praia, Alex retirou um frasco besuntado de óleo bronzeador Ambre Solaire e pediu: — Não te importas, então, de esfregar um pouco disto nas minhas costas?

Ela quis dizer que não, mas percebeu que não podia. Por isso, aplicou-lhe o óleo dando palmadas e sapatadas nas costas, em vez de o massajar. Tocar nele era estranho. A pele estava repleta de sardas e minúsculas borbulhas vermelhas com cabeças brancas.

Ele sorriu. — Sabe bem — disse-lhe.

Envergonhada, devolveu-lhe o óleo solar e rolou sobre si na toalha para permitir que o sol lhe aquecesse os ombros. Devia ter adormecido pois quando abriu os olhos apercebeu-se de que o calor desaparecera e levantara-se uma brisa.

Alex estava a desmontar o pára-vento. — Despacha-te — gritou —, vamos pôr esta tralha no carro e, para o lanche, vamos comer fish and chips no caminho de casa?

Chiara olhava para ele a sorrir. A areia castanha e húmida cobria-lhe os pés e os joelhos e agarrava-se-lhe ao cabelo. O fato-de-banho descaía na parte de trás de forma cómica. Estava imunda, reparou Maria Domenica, e estava feliz.

A três quartos do caminho de casa, o Triumph estremeceu com um solavanco e Alex tentou, em vão, pô-lo em andamento. Acabaram por ter de o empurrar para a berma da estrada e fazer a pé o resto do percurso. Alex não deixou que aquilo lhe arruinasse o bom humor. Pelo contrário, içou Chiara para cima dos ombros e começou a galopar pelo passeio gritando: — Clop, clop... cavalinho, cavalinho... A criança riu-se até ficar quase histérica.

Maria Domenica gostava de acordar cedo. Não havia pão para cozer nem galinhas para alimentar naqueles dias, mas estava habituada a saltar da cama com os primeiros raios de sol e não conseguia perder o hábito.

Habitualmente tinha a casa só para si àquela hora do dia. Havia manhãs em que andava de um lado para o outro na cozinha, preparando torradas com compota para Chiara e arrumando alguma coisa que Alex ou o pai tivessem deixado na véspera.

Outras vezes, ia buscar o jornal à caixa do correio e, devagar, esforçava-se por ler um ou dois artigos na tentativa de melhorar o seu inglês. Já compreendia bastante bem a língua, embora continuasse a pensar e a sonhar em italiano.

Nessa manhã, ia a meio das escadas quando ouviu o som de um assobio. Alex já estava acordado e a deambular de roupão pela cozinha.

— Bom-dia, querida. — Ofereceu-lhe um sorriso sonolento. — Apetece-te um chá?

— Levantaste-te cedo. Não conseguias dormir? — perguntou ela.

— Não, não. Apenas pensei em começar bem o dia. — Deitou leite numa tigela de cereais e esmagou-os com uma colher. Debruçando-se sobre o balcão, devorou o pequeno-almoço. — Vou pôr a chaleira ao lume, sim? — perguntou por entre colheradas da mistura empapada.

— Maria Domenica sentiu o olhar de Alex segui-la quando se dirigiu à caixa do pão.

Constrangida, pôs o pão debaixo da grelha e esperou que torrasse. O silêncio entre ambos era desconfortável, por isso deu voltas à cabeça para conseguir dizer alguma coisa.

— Então, quais são os teus planos para hoje? — acabou por perguntar.

— Por acaso, se não te importares, pensei em ir contigo para os Banhos. — Já tinha acabado de comer e agora estava a encher a chaleira com água.

— Mas eu vou estar ocupada a trabalhar.

— Sim, eu sei. Lembrei-me de que podia brincar com a miúda enquanto estivesse a trabalhar. Podíamos divertir-nos um pouco na piscina... mantê-la-ia entretida.

Deve ser aborrecido para ela estar o dia todo no café contigo sem fazer nada.

— Ela não se importa. — Maria Domenica estava na defensiva.

Alex apercebeu-se rapidamente do seu tom de voz. — Não, claro que não — disse com ligeireza. — Mas é mais divertido dar uns mergulhos e brincar nos escorregas?

Parecia não haver argumentos suficientes para ele. Já tinha os calções de banho enfiados dentro do rolo que fizera da sua toalha e o saco com o óleo bronzeador à espera junto à porta das traseiras. Maria Domenica mordiscava distraidamente um canto da torrada de Chiara.

Normalmente Alex era uma presença invisível na casa. Ouvia-o do outro lado das portas e das paredes, encontrava a sua louça suja na banca e os seus fatos-macacos cheios de óleo amarrotados no chão do quarto de banho. Era uma casa grande, com quatro pisos, e Maria Domenica tinha um quarto e uma sala mesmo no último andar. De qualquer forma, como estava fora de casa durante a maior parte do dia, não era muito surpreendente o facto de ela e Alex quase nunca se encontrarem cara a cara. Agora sentia que estivera mais tempo com ele naquele último dia do que durante os três anos anteriores. Tinha as suas suspeitas quanto ao que se estava a passar, mas esperava estar errada.

Enquanto bebiam o chá e tomavam o pequeno-almoço, dançaram, embaraçados, um em volta do outro na cozinha estreita. Maria Domenica manteve sempre alguma distância dele.

— Ora então — disse finalmente Alex, esvaziando a sua caneca. — Vou vestir-me e ver se consigo pôr o Morris a trabalhar.

— Não é necessário. Podemos ir a pé. É só meia hora de caminho.

— Ainda dás cabo de ti de tanto andares se não tiveres cuidado, rapariga. — E esboçou um sorriso carinhoso para ela. — Em todo o caso, acho que sei qual é o problema. Não me vai levar muito tempo para o pôr a funcionar. É canja.

Afinal acabou por não ser nada canja. Maria Domenica ouvia o motor do carro a tossir de forma pouco saudável enquanto ela e Chiara se lavavam e vestiam. Mas, quando já tinham os dentes escovados e andavam à procura de uma das sandálias de Chiara, o barulho desapareceu misteriosamente, ele conseguira pôr a coisa a funcionar.

— Castelos de areia? — perguntou uma Chiara esperançosa, quando Alex lhe abriu o carro com um gesto floreado.

— Hoje não, querida. — Apontou para uma bóia insuflável de borracha à espera dela no banco de trás. — Hoje vamos aprender a nadar.

— Fantástico — declarou, e entrou, encaixando-se ao lado da bóia.

Maria Domenica sorriu involuntariamente. — É mesmo muito simpático da tua parte

— disse a Alex. O carro saiu aos solavancos do caminho da entrada.

— Não há problema. Eu gosto da tua filhota. Rimo-nos juntos. E, de qualquer maneira, não tenho o que fazer.

— Pois, parece que não — reflectiu. — Importas-te que te faça uma pergunta?

— Força.

— Porque é que não arranjas um emprego? Ele riu-se. — Agora parecias o meu pai.

— Não, mas a sério, não te aborreces o dia inteiro?

— Nunca fiquei aborrecido na vida, garanto-te. De qualquer forma, tenho os carros para reparar e consigo uma boa maquia de cada vez que vendo um. O suficiente para sobreviver. Isto responde a tua pergunta? — Tirou os olhos da estrada por um momento e olhou para ela.

— Acho que sim.

—E agora, posso fazer-te uma pergunta?

Ela consentiu com um aceno de cabeça.

— O que é que faz uma rapariga «eye-talian» como tu num lugar destes, sozinha com a filha?

— Bem... apeteceu-me mudar, suponho que não queria ficar em Itália a vida toda.

— Sim, mas porquê aqui? Quero dizer, isto é um buraco, não achas?

— Tinha um amigo que me disse que vivia aqui — começou devagar —, mas acho que já se foi embora. Não o consigo encontrar de maneira nenhuma.

— Namorado?

— Do género.

—O pai da miúda? — perguntou no mesmo tom de voz neutro.

Maria Domenica abanou a cabeça. — Isso já é mais do que uma pergunta. — disse-lhe. — Agora é novamente a minha vez. Aqui vai a minha próxima pergunta: É difícil guiar?

Alex riu-se. — Isso é que é mudar de assunto. A resposta é não, é muito fácil assim que se lhe apanhar o jeito. Gostavas que te ensinasse?

Maria Domenica hesitou. — Posso não ter jeito nenhum.

— Olha, se eu consigo, qualquer um consegue. Digo-te uma coisa, vou arranjar umas matrículas especiais de aprendizagem para o carro e podemos experimentar na tua próxima folga, está bem?

— Está bem — concordou.

Durante o resto da curta viagem, observou-o cuidadosamente quando ele mudava de velocidade, olhava pelos espelhos e indicava de modo diligente de cada vez que virava para a esquerda ou para direita. Sentiu um formigueiro de entusiasmo. Ia aprender a guiar. Por instantes, sentiu-se leve e livre. O seu futuro estava ali, a abrir-se para ela. Havia tantas possibilidades, tudo podia acontecer. Mal podia esperar para ver como a sua vida iria evoluir.

Alex conduziu lentamente pela colina abaixo. As filas de lojas e casas chegaram ao fim e confrontaram-se com a imensidão da costa. O céu estava tão azul naquela manhã que até o mar não parecia tão denso e ilimitado como de costume.

—Outro dia estupendo. Aposto que vai ser um dia abrasador— comentou Alex, quando passaram pela feira de diversões e pelo minigolfe. Os Banhos de New Brighton surgiram à frente deles, desenhando uma curva graciosa ao longo da linha do molhe, encarando de expressão vazia as ondas turvas. Dali, podia parecer apenas mais um edifício municipal utilitário, não fossem os postes de cores vivas das pranchas mais altas a dominarem o telhado.

— Nadar, nadar, nadar. — Chiara dava pulos de excitação no banco de trás.

— Vais ter cuidado com ela, não vais? — De súbito, Maria Domenica virou-se para Alex com uma expressão ansiosa.

— Claro que terei cuidado — prometeu. — Não precisas de te preocupar. Vamos divertir-nos imenso.

O céu azul era como um chamamento para os fanáticos do sol, que respondiam às hordas, enchendo os terraços com bancos de madeira que iam formando uma espécie de anfiteatro em volta da piscina.

No café andaram atarefados e acelerados o dia todo, tal era o movimento, mas mesmo assim Maria Domenica não conseguiu evitar olhar de vez em quando para o espaço por baixo do balcão, que Chiara habitualmente ocupava, e de se aperceber, com um sobressalto, de que ela não estava lá.

Não lhes pôs a vista em cima até passar a hora do almoço. Depois, avistou Alex a dirigir-se para o café e uma Chiara cansada, mas feliz, arrastando-se atrás dele. O seu cabelo molhado estava liso e escuro e a sua pele a adquirir um tom castanho dourado. Parecia uma verdadeira menina italiana e Maria Domenica quase se surpreendeu quando ela abriu a boca e saíram palavras inglesas.

—Mamma, tenho fome — reclamou Chiara.

—Eu também comia qualquer coisa — acrescentou Alex.

Enquanto punha manteiga no pão e cortava fatias de queijo e tomate, Maria Domenica ouviu tudo sobre o dia deles. Tinham aprendido a nadar na parte menos funda, brincaram na fonte, fizeram amizade com um menino travesso que tinha estado a salpicá-los e estiveram no escorrega pequeno, mas não no grande.

—Deves estar exausto — riu-se, servindo uma grande sanduíche a Alex e um prato cheio de cheesy soldiers à filha.

Chiara torceu o nariz em desaprovação. — Bah! — declarou.

—O que queres dizer com «bah»? Parece delicioso — disse-lhe Alex.

— Não! Bah! — E afastou o prato.

— Ah, bem, se tu não queres, como eu. — Encolheu os ombros e fingiu devorar uma fatia de cheesy soldiers. Maria Domenica tentou esconder um sorriso. — Mmm, que delícia.

Chiara agarrou outra vez no seu prato e começou a comer devagarinho. Quando Maria Domenica regressou uns minutos mais tarde com gelados para a sobremesa, eles estavam a comer juntos como dois companheiros. Faziam um par engraçado, pensou. Ninguém os confundiria com pai e filha, contudo pareciam dar-se tão bem como se o fossem.

Mrs. Leary, a proprietária do café, exibiu um sorriso rasgado e luminoso durante todo o dia, como acontecia sempre que o lugar estava movimentado, mas agora estava a irradiar alguns watts a mais e a acenar-lhe por detrás do balcão. Assim que teve oportunidade, deslizou para junto de Maria Domenica e sibilou: — Não me tinhas dito que andavas a namorar, sua malandrecinha.

— O quê?

— Finalmente arranjaste um homem. E bem bonito por sinal. — E acenou outra vez de forma animada para Alex.

— Oh, não, nós não estamos, de facto, a namorar. — Apressou-se Maria Domenica a corrigi-la. — É o filho do meu senhorio. Somos apenas bons amigos. — Apenas bons amigos, não é? — Os sinais e as sardas de Mrs. Leary afundaram-se-lhe nas rugas quando o rosto se contorceu num sorriso imenso. — Não percas tempo, Maria Domenica. Dá para ver que ele está interessado em ti só de olhar para ele.

Maria Domenica não queria que ninguém estivesse interessado nela, especialmente Alex. Ela gostava dos pequenos quartos no último piso da casa alta e esguia e temia que uma situação embaraçosa com o filho do senhorio pudesse levar a que lhe pedissem para sair de lá. Teria simplesmente de o evitar por algum tempo até que ele ultrapassasse aquela pequena paixoneta. Era uma pena porque Chiara gostava muito dele, mas não podia ser de outra forma. Os homens significavam más notícias, tinham destruído tudo na sua vida até agora. Embora fosse simpático, não ia permitir que Alex arruinasse aquilo que lhe restava.

3

Evitar Alex não era apenas difícil, era impossível. Ele desenvolvera um estranho hábito de simplesmente aparecer onde quer que ela estivesse. Dava de caras com ela na frutaria e ajudava-a a carregar as compras para casa. Ou então ela ouvia o ruído seco e metálico do motor do Morris no caminho de regresso a casa do trabalho e ele parava para lhe dar boleia. Havia sempre um sorriso afável no seu rosto e desfazia-se sempre em atenções com Chiara. A menos que fosse mal-educada, não conseguiria livrar-se dele.

E, tal como prometido, chegou a sexta-feira seguinte e ele abanou umas matrículas e perguntou: — Estás pronta para aprender a guiar?

— Oh... — hesitou. — Não sei.

— Vá lá, estavas mortinha por experimentar na semana passada.

— Sim, mas...

— Experimenta, Maria. Entra no carro.

Por força do hábito, entrou para o banco ao lado do condutor. — Oh, não, aí não

— disse-lhe Alex. — Vem por aqui.

Era uma sensação estranha ter um volante à frente. Fixou pasmada os comandos do carro como se nunca tivesse visto nada igual. Chiara subiu a custo para o banco de trás. — Vais guiar? — perguntou, esperançosa.

Maria Domenica rodou a chave na ignição e o motor acordou Para a vida.

—

OK, lembra-te, espelho, sinal, manobra — instruiu Alex.

— Alex, eu não sei fazer manobras, nem sequer sei como começar a pôr esta coisa a mexer. — Maria Domenica ria-se em desespero.

Então o motor foi desligado e Alex começou de novo pelo princípio, explicando como funcionavam a embraiagem, o acelerador, o travão e todas as diferentes mudanças. Era um professor incrivelmente paciente e quando Chiara começou a aborrecer-se e a choramingar no banco de trás, simplesmente voltou-se e ordenou com autoridade: — Calada agora, a tua mãe está a concentrar-se.

Quando a lição terminou, Maria Domenica conseguira apenas dar uma volta ao quarteirão e fazer a maior parte do caminho a conta-gotas e aos solavancos, mas Alex parecia satisfeito com os progressos. — Na próxima semana, iremos um pouco mais longe — prometeu.

— Está bem — respondeu.

— Agora, acerca dos meus honorários...

— Oh, os teus honorários! — Não se tinha apercebido de que ele queria ser pago.

— Exactamente, em troca de eu ter disponibilizado algum do meu tempo tão

ocupado para te dar uma lição de condução, acho que deves conceder-me algum do teu para apreciáres comigo a sétima arte.

Por momentos Maria Domenica pensou que Alex queria ir a uma galeria de arte com ela. — Gostas de arte? — perguntou, surpreendida.

— Sim, gosto. O que mais adoro são os musicais e está em exibição um ciclo especial de musicais no cinema ali da esquina — continuou entusiasmado. — Esta semana está em cartaz o Música no Coração. Já o vi antes mas adoraria ver outra vez. Então, vens comigo logo à noite?

Apanhando, por fim, o sentido das palavras, Maria Domenica esforçou-se por inventar uma desculpa. — E a Chiara? — perguntou. — Quem ficará a tomar conta dela se eu for ao... hum, cinema?

— Não há problema. O meu pai e a Maureen, a namorada, terão todo o gosto em tomar conta dela.

Maria Domenica encontrara Maureen uma ou duas vezes. Uma criaturinha engraçada de cabelo farfalhado e óculos de lentes grossas que parecia ter nascido para tomar conta de crianças.

— Vá lá... — tentou convencê-la Alex. — Estás a dever-me uma. Dei-te uma lição de condução, lembras-te? É o mínimo que podes fazer.

Colocara-a entre a espada e a parede e ela não conseguia ver nenhuma alternativa. — Está bem. — E, lembrando-se das suas boas maneiras, acrescentou:

— Gostaria muito, obrigada.

De alguma forma Alex conseguiu levá-la para a última fila da sala de cinema. Espalhando chocolates embrulhados em papel celofane no seu colo, sentou-se bem perto dela na escuridão. Ela sentiu o braço dele avançar lentamente por trás de si antes de lhe sentir também o peso e o calor. Mantendo uma postura rígida, deixou-o descansar sobre o seu ombro. Aquilo era namorar, concluiu, quando o grande ecrã à frente deles se iluminou. Todos os seus planos para evitar Alex haviam redundado num enorme fracasso.

A cortina do teatro moveu-se para cima aos esticões, ouviu-se um vibrar de cordas e uma voz elevou-se cantando. «As colinas estão vivas...» Julie Andrews cantou tão energicamente que a sua voz parecia estar a ser projectada das suas próprias botas enquanto saltitava pelos Alpes Suíços.

Quando as crianças Von Trapp estavam a dançar em volta da fonte vestidas com roupas feitas de velhos cortinados, o braço de Alex estava já completamente estendido à volta dos seus ombros e ele estava a brincar distraidamente com o seu cabelo. Ela pensou que fosse ficar muito mais incomodada do que na realidade

ficou.

— Foi fantástico — disse-lhe ele, mais tarde, metendo o carro no caminho da entrada. Ela pensou que Alex iria inclinar-se para a beijar mas, em vez disso, ele apenas sorriu. — Devíamos voltar a fazer isto um dia destes — disse com suavidade. — Na próxima semana está em exibição o My Fair Lady, apetece-te ir?

— Talvez.

— É bom para o teu inglês, não é, ires ao cinema? Ajuda-te a melhorar.

— E o meu inglês não é suficientemente bom? — perguntou, um pouco ofendida.

— Maria, querida — e sorriu de novo, desta vez mais timidamente —, tudo em ti é suficientemente bom.

Como sempre, o sorriso de Mrs. Leary desapareceu com o Verão. A onda de calor terminou, as multidões nos Banhos de New Brighton diminuíram e as filas no café ficaram cada vez mais pequenas.

— Calculo que, em breve, iremos reduzir as tuas horas — disse a Maria Domenica num tom deprimente num dia em que o café estava especialmente vazio.

— Mas foi um bom Verão, não foi?

— Oh, não foi mau. Conseguimos amealhar o suficiente para aguentar o Inverno e isso é o mais importante.

Passar menos tempo no café seria um alívio. Maria Domenica estava farta de olhar para as paredes brancas e vazias e para os tampos vermelhos das mesas de fórmica. Mrs. Leary era avessa a investir algum dinheiro na sua renovação.

Ninguém ia ali por causa da decoração, constatou. Todavia, era um espaço nu e fazia eco quando estava vazio. Maria Domenica não sentiria pena do o ver pelas costas durante alguns meses.

O que ela queria era passar mais tempo nos seus dois aconchegados quartos no topo da casa alta e esguia. Havia muito para ver ali. Alex levava-a finalmente a ver a verdadeira arte, aquela que estava exposta na Walker Art Gallery, apenas a uma viagem deferry de distância pelo Mersey até Liverpool, e ela voltou com um enorme saco cheio de postais e posters. Ele passou praticamente um dia inteiro a ajudá-la a afixá-los pelas paredes todas.

—Eu nunca liguei muito a arte — admitiu —, mas este material dá mesmo muita vida ao teu quarto, não achas ?

Alex tornara-se no seu companheiro permanente. Maria Domenica já há muito tempo que deixara de corrigir Mrs. Leary quando ela se referia a ele como «o teu namorado». Agora ela permitia que Alex lhe desse a mão e, por uma ou duas vezes, ele até se atrevera a inclinar-se e beijá-la dentro do carro. Fora um beijo rápido e educado, mais um roçar de lábios, na verdade. Parecia consciente de que se tentasse mais qualquer coisa, estaria a abusar da sorte.

Como teria mais tempo livre, Maria Domenica assumiu que eles se fossem ver mais.

Ele prometera levá-la outra vez a Liverpool para verem de novo a galeria e dissera que desta vez passeariam pelas ruas interiores e dariam uma vista de olhos ao famoso clube Cavern, onde os Beatles nasceram. Chiara ficara ansiosa. Gostava de estar na coberta superior do ferry, a ver as gaivotas a esvoaçar e a guinchar por cima da sua cabeça. Contudo, quando o tempo arrefecesse a sério, não seria muito divertido lá em cima.

— Mrs. Leary, acha que posso tirar o dia de amanhã? — Maria Domenica perguntou sem pensar.

— Não vejo porque não. Será difícil o café encher de novo. Tira o tempo que quiseres.

Mas quando chegou a casa e foi apressadamente partilhar os seus planos com Alex, não havia sinal dele. Mais tarde nessa noite, ouviu a porta da frente bater e presumiu que fosse ele, mas estava cansada de mais para se dar ao trabalho de descer até lá em baixo. Não fazia mal, pensou, amanhã dar-lhe-ia as novidades. Nessa noite sonhou com Alex e embora tenha acordado um pouco mais tarde do que o costume e sem conseguir lembrar-se exactamente do sonho, ainda tinha a sua imagem gravada na mente, com a boca curvada e olhos azuis enrugados pelo riso, e sentiu-se logo animada.

Quando desceu, bocejando sem pudor, encontrou Mr. Fox saindo à pressa.

— O Alex ainda está na cama? — perguntou.

— Hum, não, acabou de sair.

— Saiu? Bem, sabe quando voltará?

— Oh, acho que à hora do costume. Ele não disse que chegaria tarde de novo.

—E com isto o senhorio foi embora e Maria Domenica ficou sozinha com um dia livre pela frente.

Estava confusa. Mas que diabo é que ele quis dizer com «à hora do costume»?

Nunca houve uma hora do costume para Alex. Como não tinha um emprego para o manter acorrentado a uma rotina, vivia a vida ao ritmo do seu próprio relógio interior.

Ficou ligeiramente irritada. Afinal, Alex estava sempre ali quando ela precisava. Com uma doçura inesgotável. E agora que ela tirara um dia de folga de propósito, ele desaparecera, deixando-a sem ter o que fazer.

A sua filha acordara por fim e vinha a deslizar de rabo no chão pelas escadas abaixo, descendo um degrau de cada vez, agarrando o seu ursinho de peluche com uma mão e um cobertor cor-de-rosa imundo com a outra. Estava a tentar chuchar no polegar da mão que segurava o ursinho de peluche, em vão.

—Chiara, tira o dedo da boca e vem dizer-me o que queres fazer hoje — ordenou. — Apetece-te ir dar um daqueles longos passeios como fazíamos antigamente?

Recebeu um amuo como resposta. — Não, não quero caminhar, quero passear de carro.

— Não podemos ir de carro, ainda não tenho a minha carta de condução e o Alex não está aqui para nos levar. Vamos ser só nós as duas, como nos velhos tempos.

Portanto, vamos ter de caminhar.

— Quero o Alex, quero ir de carro.

Por amor de Deus, como a sua filha era teimosa. Às vezes temia reconhecer nela rasgos da sua irmã Rosaria. Conseguiu ser a menininha mais doce, mas quando metia alguma coisa na cabeça, Chiara infernizava-lhe a vida até levar a sua avante.

— Não podemos ir de carro, mas podemos apanhar oferry — propôs. — Que tal?

Um sorriso iluminou o rosto pequeno e moreno de Chiara e foi a dançar alegremente até ao quarto e vestir roupas quentes para a curta viagem de barco.

Apanharam o autocarro para o terminal do ferry. E, ali, Maria Domenica descobriu que se comprasse um bilhete podia atravessar e voltar a atravessar o Mersey quantas vezes quisesse desde que não tentasse sair do outro lado. Não era exactamente permitido, mas o barqueiro dispôs-se a fechar os olhos com todo o gosto, especialmente tratando-se de uma rapariga de olhos negros e de aparência exótica e da sua bonita filhinha, que parecia estar a diver-tir-se imenso na coberta superior do barco.

Comeram empadão de carne ao almoço, comprado no café abrigado na parte de baixo.

Estava tão repugnante que ela permitiu que Chiara o desse quase todo de comer às gaivotas que perseguiam oferry para a frente e para trás.

Levara algum tempo, mas Maria Domenica começava agora a enxergar a beleza do lugar que escolhera para fazer o seu lar. Sombras negras e foscas abraçavam a linha da margem do rio do lado de Liverpool, monumentos a uma época em que aquele era um porto florescente. Os edifícios, outrora graciosos, foram construídos com uma pedra porosa e, durante anos, absorveram os fumos expelidos por uma cidade industrial em crescimento até que, com o passar do tempo, o cinzento-claro das fachadas se transformou em ébano. Agora, Maria Domenica via a forma como o rio lamacento se encontrava com os edifícios negros por baixo dos céus de granito e os seus olhos de artista descobriram o drama intrínseco.

Sentiu-se quase tentada a comprar papel e lápis para ver se conseguia desenhar o que via. Mas a recordação do que acontecera às suas últimas experiências com a arte estavam ainda vívidas na sua memória e decidiu resistir ao apelo.

Era um Outono típico. Os passeios cinzentos e monótonos estavam enterrados sob tapetes de folhas douradas, que esvoaçavam em redemoinhos quando o vento soprava em rajadas. Os dias tornaram-se mais frios e mais curtos e Maria Domenica via o sol quase tão raramente como via Alex.

Sentiu-se aliviada quando finalmente resolveu o mistério do seu desaparecimento: arranjava um emprego. Estava a trabalhar na garagem ao fundo da rua, ajudando o mecânico na reparação de carros. O lugar tinha muito movimento e Alex estava disposto a fazer o máximo de horas extra possível. Dissera, corando um pouco, que queria poupar algum dinheiro. Depois, de cabeça metida debaixo do capot de um dos seus carros a cair aos bocados, desencadeou um zumbido desafinado que desencorajou mais perguntas.

O emprego absorvia a maior parte do seu tempo. Não tinha havido oportunidade para as habituais aulas de condução e apenas conseguiram sair à noite para ir ao cinema uma ou duas vezes.

— É ótimo que estejas a trabalhar tanto — disse a Alex, sem na realidade o sentir. Descobrira que tinha saudades de o ter por perto. Até Chiara, alegre por natureza, andava maldisposta e sentia-se esquecida.

Por isso, quando Alex a convidou para jantar fora, Maria Domenica ficou algo entusiasmada. — Oh, não gastes o teu dinheiro, ganho com tanto trabalho, num restaurante — disse-lhe apesar daquele

entusiasmo. — Será igualmente divertido se formos buscar fish and chips e comermos na promenade.

— Não, quero levar-te a um sítio bonito para desfrutarmos de um jantar decente —

insistiu.

— Mas eu não posso... não tenho nada para vestir.

— Não sejas pateta, tens montes de roupa. Andas sempre linda — assegurou com um sorriso rasgado.

Os restaurantes chiques nunca fizeram parte da vida de Maria Domenica, portanto não conseguiu evitar sentir-se nervosa enquanto se vestia para sair. Os poucos conjuntos de roupa que tinha no guarda-vestidos não demoraram muito a ficar espalhados pelo quarto, à medida que experimentava e punha de parte saias e blusas, tentando escolher a melhor combinação. Decidiu-se por um vestido creme cintado, cuja bainha lhe assentava decentemente por cima do joelho. Embora se sentisse suficientemente confortável quando saiu de casa, no preciso momento em que entrou no restaurante, ela soube que não pertencia ali. A sala era luxuosa, com

uma luz demasiado brilhante. O chefe de mesa, cheio de formalismos e com ares de superioridade, compreendeu instantaneamente que aquele era para eles um jantar de quando o rei faz anos e não teve interesse em cair nas suas boas graças. As coisas não melhoraram quando os acompanharam àquela que seria a sua mesa. Para Maria Domenica havia demasiados talheres, demasiados pratos e uma ementa demasiado longa, repleta de palavras francesas desconhecidas, para conseguir ler a custo até ao fim.

Ela e Alex conversavam em sussurros, com receio de perturbar a santidade do local. Maria Domenica quase sentiu que devia arregaçar as mangas e dar uma ajuda na cozinha ou, pelo menos, servir algumas mesas. Mas tudo o que disse a Alex foi: — Isto é encantador. Um verdadeiro prazer. — Ele anuiu e engoliu em seco.

Parecia nervoso e estava mais corado do que o habitual.

Comeram as entradas e estavam prestes a iniciar o prato principal quando Alex meteu a mão no bolso e retirou uma caixinha quadrada que fez deslizar para o outro lado da mesa.

—Maria, queres casar comigo? — perguntou com uma voz frágil.

Ela ficou atónita a olhar para ele, em choque absoluto.

—Eu amo-te — continuou. — Quero que cases comigo.

Maria Domenica sentiu-se como se estivesse a representar num filme e alguém se esquecera de lhe dar a deixa seguinte. Procurou desesperadamente uma resposta na sua cabeça. — Alex, eu não posso. Lamento, mas não posso.

Para seu horror, as lágrimas começaram a correr pela cara de Alex. Ficaram todos a olhar, os empregados, os outros clientes, o homem a tocar piano no canto. Mas Alex não parava de chorar em silêncio. Maria Domenica sentiu lágrimas a arderem-lhe nos olhos em resposta.

—Alex, eu gosto muito, mesmo muito de ti — conseguiu dizer. — Penso em ti como o meu melhor amigo. Mas não posso casar contigo. Simplesmente não é possível.

Ele olhou para ela por entre os pratos amontoados de bife, batatas fritas e de um molho cremoso. — Não queres pelo menos ver o anel? É uma esmeralda.

—Não, guarda-o, Alex. Por favor, guarda-o.

Tentaram comer mas a comida tornou-se subitamente numa papa impossível de engolir. Quando o chefe de mesa os acompanhou à saída, Alex tinha os bolsos mais leves e um estômago vazio. Com o corpo outra vez hirto como uma tábua de passar a ferro, evitou o olhar dela.

Maria Domenica quis explicar-lhe que havia uma boa razão para não poder dizer

que sim, ela já era casada. Lá na sua terra natal, em Itália, havia uma pessoa chamada Marco que se dizia seu marido embora nunca a tivesse amado. Mas apesar de conseguir articular as palavras no seu pensamento, de alguma forma não foi capaz de as dizer.

Regressaram em silêncio no carro e quanto mais tempo estavam calados, mais difícil se tornava falar. Foi um alívio para Maria Domenica refugiar-se lá em cima no santuário dos seus aposentos e escapar ao seu olhar de reprovação e à protuberância, agora óbvia, no bolso onde estava o anel de noivado. Mas, se pensou que conseguiria dormir, enganou-se. Permaneceu acordada, nos lençóis brancos e limpos, a ouvir o tiquetaque do relógio, como se tivesse esquecido de como se dormia, como se jamais voltasse a dormir.

Como parecia não adiantar ficar ali deitada, levantou-se e foi para a poltrona, que posicionara de forma a ter uma vista sobre o rio escuro e as luzes da linha do horizonte da cidade de Liverpool.

Enroscada e abraçada a uma almofada, ficou a olhar para a vista e esforçou-se por organizar as ideias.

Em primeiro lugar, era casada. Casar novamente seria ilegal. Mas mesmo que estivesse livre, se o divórcio tivesse sido uma opção para ela, será que teria aceitado o anel de Alex? Não o amava. Não sentia paixão quando olhava para ele, nem excitação quando ele lhe tocava.

Por outro lado, se fosse casada com Alex, podia viver naquela casa grande e antiga para sempre. Ele era tão bom, nunca levantaria um dedo contra ela, nunca a deixaria. O seu amor seria confortável e aconchegante, e ela tomaria conta dele. Se calhar, como dissera a tia Lúcia, isso era suficiente para um casamento.

Maria Domenica olhou para o relógio. Era uma da manhã, ele já estaria na cama a dormir àquela hora. Saiu sorrateiramente do quarto sem fazer barulho, com cuidado para não acordar Chiara, e desceu as escadas.

A porta de Alex estava entreaberta e, embora não o conseguisse ver na penumbra, podia ouvi-lo respirar. Ficou ali, por um bocadinho, a ouvir o ritmo regular.

Estava à beira de fazer alguma coisa. Entrar por aquela porta seria a coisa mais imprudente que alguma vez fizera e, ao mesmo tempo, a mais sensata.

Não era a ideia de infringir a lei que a preocupava. As leis foram feitas por homens corruptos e, certamente, haveria algum disposto a aceitar uma mão-cheia de dinheiro para pôr tudo certo, tal como tinha feito aquele funcionário na fronteira suíça. Quanto a estar perante Deus e prometer ficar com Alex até que a morte os separasse — bem, não tinha receio de o fazer. Seguramente, nenhum deus no seu juízo perfeito esperaria que ela ficasse com um homem que a

maltratara e ameaçara fazer mal à sua filha.

Afastar Marco do seu pensamento não era problema. Ela era uma pessoa diferente daquela rapariga assustada que fora obrigada casar com ele, grávida, vazia de sonhos. Se isso lhe comprasse alguma felicidade a ela e à Chiara, então, não tinha dúvida de que poderia suportar a grande vergonha de ser bígama, raciocinou Maria Domenica. Sabia guardar um segredo. Nunca ninguém precisaria de saber. O que ela temia era não conseguir encontrar alguma paixão por Alex dentro de si. Tentou imaginar-se deitada a seu lado e a deixá-lo tocar-lhe com as suas mãos ásperas. Imaginou as suas pernas compridas entrançadas nas dela, e a pele dele colada à sua, mas não lhe parecia possível, quanto mais provável. Vacilava na entrada, os seus olhos estavam agora acostumados à escuridão e eram capazes de distinguir a silhueta dele na cama.

Os pés transportaram-na para a frente antes de o cérebro o ter consentido.

Sentiu areia por baixo dos pés descalços e a sua mente registou, entre tudo o resto, que ele não devia aspirar a tapete há algum tempo. Depois, começou a puxar para trás os lençóis moles e sujos e enfiou-se na cama a seu lado.

Pressionou a face contra o seu peito e sentiu-o subir e baixar com a respiração.

Num reflexo, os seus braços envolveram-na, mas logo depois acordou, num sobressalto, e sussurrou incrédulo: — Maria?

— Alex, a resposta é sim.

— O quê?

— A resposta é sim, eu caso contigo.

— A sério?

— Sim, sim.

— Então porque é que disseste antes que não podias? Pensei que...

Ela cortou-lhe as palavras com um beijo. Não apenas um roçar de lábios ou um beijo de amigos, mas um beijo a sério. A sua língua forçou a entrada por entre os lábios dele e Maria Domenica colocou-se em cima dele. Sentiu a resposta do corpo dele ao seu.

— Meu Deus, és tão linda. Eu tenho tanta sorte — gemeu.

— Não, eu é que sou a afortunada. — E beijou-o de novo. — Nem consigo acreditar na sorte que tenho.

Timidamente, ele percorreu-a com as mãos e ela sentiu a aspereza das suas palmas, endurecidas pelo contacto contínuo com os motores dos carros, que, ao passarem sobre a sua pele, lhe causavam uma sensação de formigueiro.

Ele colocou-se em cima dela e ela enlaçou-o. Por um momento, pensou saber como uma prostituta se sentia, embora estivesse a dormir com Alex por bondade e

segurança, não por dinheiro. Ele beijou-a e ela, surpreendida pelo desejo que lhe invadia o corpo, esqueceu-se de tudo o resto.

Alex era um amante carinhoso. Acariciou-a e beijou-a durante o que pareceram horas e depois, por fim, penetrou-a a medo. Ela ouviu um gemido de prazer e percebeu que fora ela a emití-lo. Alex mexia-se agora de forma mais insistente, os seus corpos tornaram-se escorregadios com o suor, a respiração irregular.

Pela primeira vez na vida, Maria Domenica sentiu um orgasmo a crescer dentro dela. Por um instante, insuportavelmente sublime, ela atingiu o prazer máximo e depois suspirou e estremeceu com a libertação final.

Depois Alex colocou-lhe a mão sobre o ventre e sussurrou-lhe ao ouvido: — Não seria maravilhoso se um bebé estivesse a ser concebido aqui neste preciso momento?

— Mmm — respondeu, com o espírito ainda desorientado pela intensidade da reacção do seu corpo a Alex.

— Vamos casar-nos sem demora, não vamos? Não vejo interesse em noivados longos.

— Sim.

— Espera um minuto. — Saltou da cama e começou a remexer nas roupas que deixara amontoadas na carpete suja.

— Volta para a cama — disse ela, agora ensonada.

— Só um minuto, só um minuto — sussurrou. — Ah, aqui está.

Num movimento sinuoso, voltou para debaixo dos cobertores e tomou-lhe a mão esquerda. Cuidadosamente, enfiou o anel de noivado com a esmeralda no seu dedo. — Parece que serve — disse-lhe na escuridão. — Mas só conseguiremos ver como fica amanhã de manhã.

— Deves ter trabalhado tanto para pagar o anel e o jantar.

Ele riu-se. — Bem, o jantar já está pago, mas quanto ao anel ainda falta pagar uma parte —

admitiu. — No entanto, não me levará muito tempo a saldar a dívida.

Estou a trabalhar arduamente e vou tomar conta de ti e da Chiara, prometo-te.

E... Maria Domenica?

-Sim?

— Se houver coisas que me não queiras contar, sabes, acerca de Itália e do pai da Chiara, da razão pela qual vieste para New Brighton e tudo isso, não faz mal. Eu não quero saber do passado, só do futuro.

Ela adormeceu com a cabeça no peito de Alex e envolvida pelos seus braços. Ao contrário dos lençóis, a sua pele cheirava a sabão. A janela estava aberta e ela

podia ouvir o som das ondas a rebentarem contra o molhe.

Sentiu-se protegida e segura, e prometeu a si mesma que, o que quer que acontecesse, nunca magoaria aquele homem que estava deitado a seu lado.

6

De cada vez que os seus olhos captavam o brilho da esmeralda que trazia no dedo, Maria Domenica estremecia. As pessoas abraçavam-na e beijavam-na e davam-lhe os parabéns. Pareciam mais entusiasmadas do que ela.

—Estou tão feliz por ti, minha querida — disse Mrs. Leary, encostando uma bochecha peluda contra a dela. — Se há alguém que merece, és tu.

E Maria Domenica estendia obedientemente o terceiro dedo da mão esquerda para que os poucos clientes que estavam, por acaso, no café pudessem admirá-lo convenientemente.

Os preparativos para o casamento estavam a ser levados a cabo praticamente à sua revelia. Para seu alívio, Alex não tinha insistido num casamento pela igreja, portanto encaixaram uma marcação de quinze minutos na repartição do registo civil. O senhorio, Mr. Fox, que queria que ela o tratasse por pai, andara a comprar uma garrafa de champanhe todas as semanas quando recebia as rendas e os Leary tinham conferenciado e concebido um plano para a boda de casamento.

— Podes dá-la aqui no café, querida — comunicou-lhe Mrs. Leary com excitação.

— Mr. Leary vai ter aqui os pintores na próxima semana e eles vão dar uma pintadela por todo o lado. Vamos ter flores e toalhas de linho branco, tudo a preceito.

— É muito, mesmo muito generoso da sua parte, Mrs. Leary. Maria Domenica sentiu-se embaraçada.

—Não tens de quê. É o mínimo que posso fazer. Tens sido uma jóia nestes últimos anos, uma jóia. Mr. Leary e eu estamos sempre a dizê-lo. As raparigas que trabalharam aqui antes de ti, bem, nem fazes ideia... Não, é com todo o gosto que te oferecemos uma festa decente no dia do teu casamento.

Quanto a Alex, havia alturas em que parecia estar ao rubro com toda aquela excitação, mas havia outros momentos em que Maria Domenica podia ver que alguma coisa o incomodava. — O que se passa? — perguntava ela repetidamente, mas ele apenas abanava a cabeça e respondia: — Não se passa nada. Nunca estive tão feliz na minha vida.

Por fim, numa noite, quando estavam enroscados na sala da frente a ouvir música, ele abriu-se com ela.

— Eu sinto muito, Maria. Tenho andado a poupar como um louco mas não vou conseguir proporcionar-te a lua-de-mel que tinha planeado.

— Alex, eu nunca esperei ter uma lua-de-mel.

—Eu sei que não, mas isto era algo que eu gostava muito de fazer por ti.

Queria levar-te a Itália. Queria conhecer a tua família.

Maria Domenica ficou paralisada. Na sua mente, viu a pequena casa onde cresceu, rodeada de pó e pessegueiros, e ansiou vê-la de novo, ao vivo. Mas só a ideia de aparecer por lá, com Alex a reboque, e de encarar os seus pais e Franco, de encontrar as pessoas de San Giulio e a família na quinta dos Manzoni, sem falar em Marco, o seu marido, provocava-lhe calafrios. Agarrou Alex com firmeza pelos dois braços. — Promete-me que nunca me pedirás para lá voltar.

— Mas porquê?

— Tu disseste que nunca me perguntarias isso. Tu disseste que o passado não importava, só o futuro.

— Eu sei o que disse e disse-o com intenção, mas estás certa disso, Maria?

Afinal, tens lá uma família, não os queres ver? Não gostariam de saber que te vais casar?

Maria Domenica lutava contra as lágrimas. — Promete-me que nunca mais me falarás de Itália outra vez ou eu não caso contigo. Eu agora sou inglesa. O meu nome vai ser Maria Fox e serei inglesa. Tão inglesa como eles — e acenou com a cabeça em direcção ao disco no prato do gira-discos —, como os Beatles.

— Não consigo compreender.

— Não há nada para compreenderes. Apenas aceita as coisas como elas são e seremos felizes.

Alex ficou em silêncio por um momento. Ela sentou-se calmamente ao seu lado e deixou-o pensar. Era um silêncio amistoso, não ficou muito preocupada. Passado um bom bocado, ele acabou por falar. — Eu quero que sejas feliz, Maria — disse-lhe. — Talvez um dia confies em mim o suficiente para me falares de Itália, mas até lá eu prometo não fazer perguntas sobre isso. Certo?

— Certo.

— Portanto, nada de voltar a falar em desistir do casamento?

Ela sorriu. — Não, não te preocupes. Não voltarei a fazê-lo.

Alex respondeu com outro sorriso e afastou-se do sofá para virar o disco e pôr a tocar o lado B.

Ainda assim, apesar da sua promessa, ela sentia-se inquieta. No seu tempo livre, não conseguia evitar calçar os confortáveis sapatos de passeio e fazer-se de novo à estrada. Voltou a percorrer o rendilhado de ruelas que se estendia a partir da promenade, seguia pelas casas grandes com os jardins bem tratados, e levava até às lojas do outro lado. Observava com atenção as prateleiras de buns¹ e pães nas montras da padaria e espreitava nos pubs e agências de apostas.

— Desculpe — dizia a qualquer um que ficasse a olhar —, estou à procura de uma

pessoa.

E, puxando para baixo a manga do casaco, sobre a sua mão esquerda, de forma a cobrir completamente o anel, continuava a andar.

Por vezes, encontrava rostos familiares. A mulher da loja das lãs, onde comprara a lã para a primeira camisola de Inverno de Chiara ou o homem da mercearia que lhe vendera tomates podres. Mas após um rápido olhar ou um aceno, prosseguia a sua caminhada.

Tentava tornar os passeios divertidos para Chiara, dando pontapés nos montes das últimas folhas de Outono enquanto andavam ou parando para dar pão seco aos patos no parque. Em dias chuvosos, saltavam nas poças para ver quem conseguia produzir o maior som e, quando o sol brilhava, demoravam uma eternidade 1 Pães-de-leite com uvas passas. (N. da T.)

no regresso ao longo da promenade para que Chiara pudesse examinar as poças de água no meio dos rochedos à procura de caranguejos.

Apesar dos seus esforços, a menina deixava escapar que preferia estar noutro sítio. — Ferryboat} — inquiria educadamente quando saíam de casa todas as manhãs. — Carro?

—Não, meu amor, hoje só vamos dar um passeio.

A criança ficava cabisbaixa. — Está bem, passeio... — dizia, de modo quase penoso.

À medida que o dia do casamento se aproximava, Maria Domenica lançava a rede mais longe e as suas caminhadas cobriam mais terreno. Observava cuidadosamente os homens por quem passavam, imaginando aquele sem barba e o outro com o cabelo loiro. Mas, em cada fim de tarde, quando contornavam a última esquina e percorriam o longo caminho para casa, fazia um esforço enorme para não mostrar a sua desilusão na prostração dos seus ombros e inclinação da cabeça.

—Che será, será — disse para consigo. — O que será, será.

Lembrou-se de que Alex era um bom homem e que ela tinha muita sorte em tê-lo. Havia amizade, haveria de encontrar paixão. Seguramente, chegaria o dia, não muito distante, em que o seu anel deixaria de lhe pesar tanto no dedo e ela sentiria que estava finalmente apaixonada por ele.

Maria Domenica percebeu que era tempo de parar de caminhar e, definitivamente, era tempo de parar de fugir. Poderia agora fazer uma pausa na casa velha e alta junto ao rio. A sua filha começaria a ir à escola e ela faria o exame de condução para poder levá-la todos os dias num dos carros de Alex e deixá-la nos portões. Limparia a fundo os cantos mais empoeirados da casa e colocaria noutro lugar os

grandes recipientes de vinho a fermentar que atravancavam a cozinha estreita e, em vez disso, enchê-la-ia do aroma do pão a cozer. No Verão, Maria Domenica e Chiara ficariam mais bronzeadas do que toda a gente, embora isso só servisse para as diferenciar. Alex trabalharia na reparação de carros, ela serviria chá e sanduíches, e os anos passariam. Eles envelheceriam e Chiara cresceria, mas de resto nada mais mudaria e, de repente, isso não lhe parecia mau de todo.

Maria Domenica nunca antes vira chover assim. Gotas enormes caíam torrencialmente de um céu tempestuoso, sobrecarregando as caleiras e fazendo transbordar as águas agitadas dos bueiros, que corriam pelas ruas abaixo como um rio. Olhando pela janela, era quase impossível dizer onde terminava o rio Mersey e começava o passeio. As ondas rebentavam sobre o molhe e alcançavam a casa antes de recuarem para a massa em ebulição. Aquele era o dia do seu casamento, pensou Maria Domenica, fitando, desconsolada, a tempestade. Não era suposto o sol brilhar?

—Brrr, chove a cântaros lá fora. — Mrs. Leary estava no degrau da entrada da frente, de impermeável brilhante a pingar. — É melhor protegeres a entrada com sacos de areia. Isto vai piorar antes de melhorar e, se o rio subir mais, vais ter problemas.

Maria Domenica olhou em direcção ao estuário e ao furioso Mar da Irlanda e percebeu que ela tinha razão. As ondas eram cada vez maiores, a tempestade cada vez mais feroz.

— Talvez devêssemos cancelar o casamento? — sugeriu.

— Não sejas ridícula. Isto daqui a pouco passa. E não vamos deixar que estrague o teu grande dia. — Mrs. Leary agarrou-a pelo braço e puxou-a ao longo do hall de entrada em direcção à cozinha. - Vem cá, Maria, querida. Tenho uma coisa para ti. — Tirou do bolso um pequeno lenço branco, bordado com flores azuis. — Isto é para lebares contigo.

— Oh, obrigada. — Maria Domenica ficou confusa, mas era educada de mais para recusar a estranha prendinha.

— É uma tradição — explicou Mrs. Leary. — Todas as noivas devem levar consigo quatro coisas: uma velha, uma nova, uma emprestada e uma azul. E acho que o teu vestido vai ter de servir como a coisa nova.

O vestido de Maria Domenica estava pendurado lá em cima no guarda-vestidos, ainda resguardado com o plástico. Era a coisa mais bela que alguma vez possuía. Pura seda branca, cortado em viés, com um enfeite de botões de rosa que trepava por um dos ombros acima, em seda cor-de-rosa. Irremediavelmente fora de moda, estava escondido ao fundo de uma loja e a vendedora ficara tão aliviada por conseguir vendê-lo que concordou com um enorme desconto. Maria Domenica era capaz de morrer congelada numa coisa tão fina num dia como aquele, mas não se importava.

Chiara também levaria um vestido novo. Tinha uma saia imensa com camadas e camadas de tule, e, quando a experimentou, parecia-se menos com uma dama de

honor e mais com fada no topo da árvore de Natal. — A Mamma vai casar com o Alex e eu vou ajudar — andara a dizer a toda a gente que a ouvisse.

Estava excitadíssima com o casamento e mal dormira na noite anterior. Maria Domenica também dera voltas na cama. Os seus sonhos com a sua terra natal tinham sido tão intensos que a fizeram acordar sobressaltada mais do que uma vez e, de manhã, o seu aspecto era o que sempre tinha quando não descansava devidamente. A sua pele brilhante estava macilenta e os seus olhos encovados foram engolidos por círculos negros. Esfregou-os ferozmente com as costas da mão.

— Não faças isso — ralhou Mrs. Leary, afastando-lhe a mão com uma palmada.

—

Vais ficar com eles todos vermelhos e inchados se os esfregares assim. Eu digo-te o que deves fazer, vai lá para cima e deita-te com uma rodela de pepino em cima de cada olho durante meia hora. Ficarás fresca que nem uma alface.

Maria Domenica até teria sido capaz de ter experimentado se dispusesse de meia hora. Mas mal despachou Mrs. Leary de volta à tempestade, apareceu Mr. Fox fazendo-lhe sinal para irem até à sala da frente. Tinha aquele olhar meio furtivo de quem queria trocar duas palavras com calma.

—Tens um minuto, querida? — perguntou.

Mr. Fox — ou «pai», como era suposto chamá-lo agora — tinha a aparência que ela imaginava que Alex teria dentro de vinte cinco anos. O trabalho de escritório tornara-o mole. Os seus braços e pernas ainda eram magros mas o tronco começava a arredondar. Tinha a tendência para ficar com as costas curvadas quando estava de pé, com o estômago e o peito preguiçosamente descaídos dentro das camisas justas de nylon que invariavelmente usava. O seu rosto seria como o de Alex, se o nariz e as orelhas do filho crescessem e a pele rosada começasse a ficar às pregas. Não era um homem atraente, mas fora abençoado com um sorriso carinhoso e modos serenos. Maria Domenica sempre gostou dele.

— Sim, Mr. Fox, tenho um minuto — respondeu-lhe.

— Pai — corrigiu ele com delicadeza.

— Desculpe, pai.

Ele esfregou as mãos com nervosismo. — Aliás, é por causa disso que eu queria falar contigo. O Alex explicou-me porque é que a tua família não pode vir ao casamento e, por isso, fiquei a pensar no que dirias se fosses conduzida por mim ao altar. In loco parentis, por assim dizer.

Ele falava depressa e baixinho e Maria Domenica às vezes não apanhava uma ou outra palavra. Mas, naquele dia, não teve dificuldade em compreender. Por um

instante, pensou no seu próprio pai, tão grande e alegre que, se estivesse ali na sala, Mr. Fox desapareceria no padrão desbotado do papel da parede.

— Seria maravilhoso se me levasse ao altar — conseguiu dizer. — Ficaria muito grata.

— Não, eu é que te estou grato, Maria. — As palavras saíram-lhe num atropelo. —

Tens feito tão bem ao nosso Alex. Antes de o aceitares, ele era um caso perdido, era mesmo. Não queria trabalhar, era feliz a desperdiçar a vida. Já não sabia o que fazer com aquele rapaz.

Maria Domenica murmurou algo imperceptível.

— Bem, estou extremamente contente por ele te ter conhecido. É e tudo o que vou dizer sobre o assunto — continuou. — Portanto, sê bem-vinda à família.

E com isto abraçou-a e apertou-a contra a camisa de nylon às riscas. Tinha um cheiro forte a tabaco e loção da barba e não era muito agradável estar apertada contra o seu peito mole. Manteve-se rígida até ele a soltar.

— Vai lá então — disse-lhe. — Vai pôr-te bonita para o dia do teu casamento.

Ela escapou-se, agradecida, mas apenas conseguiu chegar até ao primeiro lance de escadas antes de alguém a deter novamente. Desta vez era Alex, todo barbeado e engomado e a corar nervosamente. Olhou para ela como se ela fosse a coisa mais preciosa que alguma vez vira e, por um instante, ela ficou com medo.

— Eu sei que não é suposto vermo-nos antes do casamento — começou —, mas eu tenho uma coisa para ti e queria muito dar-ta agora.

— Para eu vestir?

— Não. Mas querias algo novo para vestir? — Ele estava tão ansioso por agradar que era quase insuportável.

— Tu não tens de me dar mais presentes, Alex — replicou docemente. — Já me deste tanto.

— Ah, mas isto é diferente. — Com um sorriso misterioso, foi-se embora, subindo a passos largos o lance de escadas seguinte para o seu quarto. Maria Domenica ouviu um barulho frenético e depois ele reapareceu com um saco de papel castanho na mão, com as palavras «Materiais para Artes Plásticas de Liverpool» impressas.

— Isto foi uma ideia um bocado doida. Não sei se vais gostar — disse-lhe, empurrando o saco para as suas mãos. Não foi necessário abri-lo. Maria Domenica soube o que era no minuto em que lhe tocou.

— Um bloco de desenho e lápis. — Ela ficou atordoadada. — Oh, e tintas de aguarela. Alex, o que te fez pensar que eu gostaria de algo assim?

— Não sei, pareceu-me teres gostado tanto daquelas pinturas na Walker Art Gallery que pensei que tu própria talvez gostasses de experimentar. Mas se não quiseses, acho que aceitam o material de volta. Ou podes dá-lo à Chiara para brincar.

— Não, eu gostei, Alex, adorei. — Apertou o saco contra o peito. — É o melhor presente que algum dia me poderias ter dado.

—Deu um passo à frente e beijou-o levemente nos lábios. — MUITÍSSIMO obrigada.

O seu rosto pareceu irradiar o sol. — Também fui saber de aulas de desenho para ti. — prosseguiu entusiasticamente. — Há aulas às terças-feiras à noite no centro de educação de adultos ao fundo da rua. Pode ser que até vá contigo experimentar. Posso ser um talento por descobrir!

Maria Domenica beijou-o outra vez muito rapidamente e precipitou-se pelas escadas acima, rumo ao quarto, para se preparar para a cerimónia do seu casamento. Sentia-se leve e feliz. O bloco de lombada dura na sua mão parecia ser um sinal de que ela estava, finalmente, a tomar o caminho certo na vida. Não havia nada neste casamento que a lembrasse do último. Desta vez não havia igreja, apenas uma simples repartição do registo civil com cadeiras de plástico cor de laranja e uma grande secretária de madeira com um homem sorridente por trás.

Alex estava a seu lado, inquieto e desconfortável no fato, e Maria Domenica sentiu que ele estava ansioso por ver aquela parte do dia terminada. Do outro lado, a pequena fada Chiara agarrava o ramo de flores de seda branca e sorria vitoriosamente para os convidados, como uma criança que nasceu para o estrelato.

Não ficaram perto de encher as longas filas de cadeiras cor de laranja, mas todas as pessoas importantes estavam lá. Mr. Fox e a sua tímida namorada Maureen estavam sentados ao lado de uns radiantes Mr. e Mrs. Leary. Fred, o mecânico que empregava Alex, trouxera Brenda, a namorada terrivelmente elegante. E, ao fundo, estavam Bob e Tony, os antigos colegas de escola, com quem Alex às vezes bebia uma ou duas cervejas Bass no Framers' Arms Pub ao virar da esquina.

Resplandecente no seu vestido de botões de rosa, Maria Domenica sentiu-se bela, amada e rodeada de amigos. Era uma sensação magnífica e foi ganhando força ao longo do dia.

A única música no copo-d'água era o som da chuva fustigando as janelas do café. Lá fora, o vento transformara a piscina num oceano e miniatura, mas lá dentro

estava calor e havia champanhe para beber e grades do vinho de beterraba e de cenoura de Mr. Fox para qualquer um que ainda tivesse sede.

Mrs. Leary fizera um esforço adicional para tornar aquele copo-d'água especial.

Colocara as prometidas toalhas de linho branco, aparara as côdeas das sanduíches, cortara em fatias oblíquas os folhados de salsicha e recorrera abundantemente a paninhos decorativos. No centro da mesa estava o bolo com cobertura de açúcar e corado com uns noivos de plástico que ela própria fizera. E, ao lado deles, tinha colocado cuidadosamente uma minúscula fada de árvore de Natal.

—Aquela sou eu — exclamou Chiara, encantada. — Sou eu, ali no bolo. Sou uma damazinha de honor!

Maria Domenica riu-se e olhou da filha para o marido, que sorriu para ela.

— Estás feliz, Mrs. Fox? — perguntou Alex com timidez.

— Muito feliz — respondeu-lhe no seu divertido sotaque italiano, e era verdade.

— Sinto... sinto... bem, acho que sinto que somos finalmente uma família.

Terceira Parte
Londres, 2000

— Uma generosa camada de farinha cobria todas as superfícies disponíveis. Estendia-se como um cobertor por cima do balcão da cozinha, envolvia o fogão e abafava a torradeira. Nuvens de farinha flutuavam até ao chão, instalando-se numa fina película arenosa apenas até terem a oportunidade de se colarem à sola de um sapato que passasse e serem transportadas até à carpete do hall de entrada. O próprio ar estava impregnado de farinha. Enchia os pulmões de Chiara, entranhava-se-lhe nos poros e empoeirava-lhe o cabelo. Ela parecia uma cortesã francesa demente que saíra a cambalear, cheia de pó, directamente da História, decidiu.

E o que era pior, de cada vez que ela pegava no rolo da massa, sentia o desânimo a abater-se sobre ela, tal como a farinha se abatia sobre a cozinha. Sentia náuseas devido ao aroma doce e enjoativo de pão a cozer que inundava o seu pequeno apartamento, dia após dia, e era um alívio abrir uma das janelas de guilhotina e inundar os pulmões com o cheiro das ruas de Londres. Nenhuma espiga do campo ou ciabatta, nenhuma baguete francesa ou pão de tomate seco ao sol podia competir com o cheiro forte e metalizado dos fumos do trânsito e o odor fétido dos caixotes cheios de lixo, que deveriam ter sido recolhidos no dia anterior. Quando Chiara sugeriu o livro sobre a arte de cozer pão à sua editora, Janey, não lhe parecera uma ideia tão terrível. Estavam no restaurante Ivy, nessa altura, a comer bolinhos de salmão e a tentar descobrir os famosos sub-repticiamente por detrás das ementas. Apesar do facto de não ter comido pão desde que os hidratos de carbono foram considerados fruto proibido nos finais dos anos 90, Janey agarrara a ideia.

— A arte de cozer pão — suspirou. — Podias tornar esta ideia atraente outra vez. Cozer pão seria a nova jardinagem. Esta é a altura certa para isso. As pessoas estão a refugiar-se novamente nos seus lares, buscam as tradições, querem valores sólidos. Cozer pão pode dar-lhes isso. Todavia, as tuas receitas devem tornar todo o processo muito menos complicado e moroso, para que se encaixe nas suas vidas ocupadas.

— Hum, claro, obviamente — murmurou Chiara em concordância, enquanto pensava, com uma sensação de pânico crescente, em como iria conseguir fazer isso.

Janey inclinou-se para a frente, agora entusiasmada. Com uma mão puxou para trás a franja de cabelo loiro completamente liso. A outra mão estava sobre o cesto do pão e acariciava um bolinho de noz com ternura. — Podia arranjar-te um programa de televisão ou um horário no Get Set Cook. Há também um montão de

potenciais patrocínios. Talvez uma associação com algo do tipo Farinha Linda e Leve. Ou podias lançar a tua própria linha de formas anti-aderentes. Bom, preciso de ir embora e reunir a equipa para eles desenvolverem uma estratégia de marketing adequada, mas consigo ver aqui muitas oportunidades de rentabilização do investimento.

Chiara deixou escapar um pequeno suspiro e revirou os seus grandes olhos castanhos. O que ela amava era a comida. Ir às compras ao mercado, com as bancas amontoadas de beringelas de pele roxa e brilhante, de cogumelos cobertos de terra, de pimentos vermelhos e maduros e de alcachofras com as folhas verdes e duras a apertar firmemente os seus corações. Adorava desempacotar o seu troféu e imaginar a vida extra que lhe conferiria com um pouco de molho de chili ou uma fritura crepitante no azeite em lume forte. Mas, acima de tudo, ela amava comer, provando avidamente enquanto cozinhava, lambendo os dedos e as colheres, empilhando pratos e tigelas ou, por vezes, comendo mais do que devia directamente da panela. Quanto às estratégias de marketing e a rentabilização do investimento estava tudo muito certo, mas dificilmente a podiam culpar se não lhe despertassem a mesma paixão que um tabuleiro de tomates assados lentamente, banhados em vinagre aromático ou que um pedaço de carne de vaca estufado em vinho tinto e cebolas até a carne tombar suavemente do osso.

— E como se chamaria o livro do pão? — Janey, sempre uma mulher de negócios, arrastou-a de volta à realidade. — Rainha da Cozinha Britânica usa o Miolo.

— O quê? — Chiara mexia nos curtos tufos de cabelo castanho, um hábito que prometera abandonar.

— Estou a brincar, estou a brincar — garantiu Janey. O bolinho de noz estava agora no seu prato mas ela ainda não se sentira tentada a debicá-lo. Em vez disso, comprimia-o entre os dedos como um daqueles brinquedos anti-stress para executivos. — O pão é tão real, não é? Há algo de genuíno nele. Confiamos em alguém que coze o pão. O pão é honesto.

Chiara parou de ouvir e concentrou-se no que restava do seu bolinho de peixe. Só podia culpar-se a si mesma por aquilo, ela sabia-o. Durante todos os anos em que trabalhou nas cozinhas fumegantes e desgastantes dos restaurantes de Londres, sonhava em publicar um livro de receitas. No seu tempo livre, andava de um lado para o outro na cozinha a engendrar ideias. Era hábil na cozinha, sempre o fora. Quando era criança, ajudava a mãe, Maria, na cozinha mal começou a andar. No início, era-lhe permitido ficar de pé numa cadeira a mexer o molho da carne para

o assado de domingo, impedindo que pegasse no fundo, e, depois, foi promovida a responsável por estender a massa quando a mãe fazia uma tarte, roubando os cantos para as tartes mais pequenas recheadas com compota.

Quando recordava esses anos, eram os sabores e aromas das refeições que preparavam juntas que alimentavam a memória de Chiara mais do que qualquer outro acontecimento ou momento em particular. De forma ainda vívida na sua mente, estavam os pratos de Inverno de salsichas de porco, enrugadas pela cozedura em lume brando no molho de cebola grosso e castanho, de grandes porções de empadão de carne com a crosta estaladiça de queijo Cheddar, ou fartos pratos de bacalhau assado no forno e batatas fritas onduladas, que nunca resistiam a envolver num pão branco e macio cheio de manteiga e devorar enquanto o calor da batata frita derretia a manteiga, que lhes escorria pelas mãos. Depois, havia os momentos passados com o seu pai Alex, sentados na promenade ao fim da tarde, quando o céu brilhava em tons de rosa e ouro, a ouvir as ondas rebentar contra o molhe e a comer fish and chips de um jornal e puré de ervilhas de um recipiente de plástico. Ou a gastar todo o seu dinheiro para o bilhete do autocarro em maçãs caramelizadas no pavilhão de divertimentos e a ter de voltar a pé para casa.

Era quase inevitável que Chiara acabasse a cozinhar para viver, embora a comida que preparava debaixo dos olhos dos melhores chefs nos restaurantes de Londres fosse diferente: grandes quantidades de ingredientes frescos e caros em porcelanas refinadas confeccionadas debaixo de calor, barulho e, às vezes, medo. Durante aqueles anos a cozinhar, houve muita coisa de que não gostou. As horas intermináveis, os chefes com predisposição para berrar. Mas, graças àquela infância que passara na cozinha estreita da mãe, nunca perdera o amor pela reconfortante comida tradicional britânica. A maioria das pessoas preparava-a de forma tão errada há tanto tempo que se esquecera de como poderia ser aprazível quando correctamente cozinhada. E era isso que o seu livro se propunha oferecer: receitas infalíveis para as pessoas prepararem pratos britânicos saudáveis e apetitosos.

Infelizmente, ninguém pareceu achar que fosse uma boa ideia para um livro. Na verdade, recebeu tantas rejeições de agentes e editores que chegou a pensar em forrar as paredes do quarto com elas. Somente Janey viu o seu potencial e mostrou confiança no seu sucesso.

— Chiara, acho que acertaste em cheio — disse-lhe no seu primeiro encontro. — Reinventaste a comida inglesa para uma geração que tem pouco tempo e quer poucas calorias. Isto vai ser um sucesso estrondoso.

Chiara ficara tão agradecida que teria concordado com qualquer coisa. Autorizou Janey a rebaptizar todas as suas receitas com nomes terríveis, vieram-lhe à ideia nomes como Estufado de Lancashire Actualizado e Rissóis Reais Sem Cerimónia, e concordou em posar para a fotografia da capa do livro sentada num trono, com uma coroa na cabeça e agarrando um enorme pepino no lugar do ceptro.

O título do livro era Rainha da Cozinha Britânica e Janey estava certa, foi um sucesso. Foram publicados extractos no jornal, ela apareceu tantas vezes na televisão e na rádio que alcançou o estatuto de pequena celebridade e os livros voavam das prateleiras. Uma Chiara bastante desconcertada perdera a conta ao número de reimpressões que tinham sido encomendadas.

Janey começou a pressioná-la para o livro número dois. — Temos de capitalizar esta popularidade — realçava.

O problema era que Chiara sentia que só tinha um livro dentro dela. Levara anos a aperfeiçoar as receitas que dignificavam as páginas do Rainha da Cozinha Britânica. Eram boas, ela tinha essa confiança, mas não fazia a mínima ideia do que poderia fazer a seguir.

— Não te sobraram algumas receitas? Porque é que não tentas rever os teus apontamentos para ver se te surge alguma coisa? — alvitrou Janey.

Mas os apontamentos de Chiara não produziram quaisquer surpresas e a sua mente estava vazia de ideias. Começou a preocupar-se com a possibilidade de ter perdido a capacidade de fazer algo que outrora lhe ocorria de forma tão natural. Chegou a um ponto que, cada vez que tentava pensar no seu segundo livro, a sua cabeça ficava cheia de uma espécie de ruído branco de pânico e ficava simultaneamente com náuseas e com os olhos cheios de lágrimas.

Janey disse-lhe que era normal, que aquele segundo livro era manifestamente difícil, que devia relaxar e deixá-lo vir. Mas os conselhos bem-intencionados não a ajudavam. O tempo passava espantosamente depressa, Chiara preenchia os dias com tudo menos comida, e o segundo livro foi relegado para a mesma zona do seu cérebro ocupada por pensamentos vagos sobre coisas como fundos de pensão e declarações de impostos, que, apesar dos sentimentos de culpa, negligenciava.

O almoço no Ivy tinha sido uma tentativa para a animar um pouco. Janey trouxera a sua própria lista de ideias que Chiara se esforçou por ler de pernas para o ar. Ela viu algo parecido com a Rainha da Cozinha Inuit, mas talvez pudesse ser cozinha indiana. O que quer que fosse, ela perdeu a esperança. Os seus olhos tinham-se desviado para o cesto do pão, cheio de bolinhos de noz tão delicados como os ovos sarapintados de pássaros no ninho, quando disse bruscamente: — Pão, quero falar de pão a seguir. Sabes, pães simples do campo, sêmeas

aromatizadas, pães recheados, calzone, pães doces. As possibilidades são inesgotáveis.

E, então, deu consigo fechada na pequena cozinha, mergulhada em farinha, fermento e massa a levedar, com o forno a cuspir calor. Gerações de mulheres antes dela tinham feito aquilo, debruçadas sobre um pedaço de massa, amassando, moldando, alisando e esticando com o rolo. Soutiens foram queimados, a luta pela igualdade de direitos fora travada e ela ainda estava ali, alimentando o forno com tabuleiro atrás de tabuleiro de pastosos montículos habilmente feitos e espreitando, depois, ansiosamente pela porta de vidro para os ver a transformar-se em pães.

— Ora, não é uma imagem bonita? Tudo que precisas é de um avental cor-de-rosa aos folhos e ficarás a esposa perfeita. — A sua melhor amiga Harriet estava descontraidamente encostada à porta da entrada, com um copo de Martini numa mão e a trela do pastor irlandês Salty na outra.

— O que é que estás a beber? — Chiara cheirou o ar. — Poderá ser... álcool?

— Martini de chocolate para ser exacta. Vodka, creme de cacau branco, um cheirinho de vermute e raspas de Milky Bar a flutuarem no topo. É delicioso.

— Posso tomar um? Ou possivelmente dois?

— Querida, eu vivo da bebida. Tu cozinhas. Podes beber um quando terminares de trabalhar.

O modo de vida de Harriet era mesmo a bebida. Geria um clube nocturno privado, chamado The Office, onde alguns membros seleccionados, geralmente de vocação literária, se embebedavam de modo excêntrico seis noites por semana.

— Não ficam bêbedos, querida, apenas ligeiramente alegres — gostava de a lembrar Harriet.

Harriet e ela conheceram-se quando tinham dezoito anos, na universidade. A sua mãe, Maria Domenica, com medo de ela não conseguir fazer amizades, instruíra Chiara para bater às portas dos quartos ao lado e em frente ao seu na residência e se apresentar aos ocupantes. Nervosamente, Chiara obedecera e encontrara Harriet por detrás da porta em frente. Era uma criatura fascinante com o cabelo preto preso num puxo, usando um vestido amarelo de seda dos anos vinte. Tinha uma caixa de vinho tinto razoável no fundo do guarda-vestidos e dividiu uma garrafa com Chiara, que nunca tinha conhecido alguém tão exótico enquanto crescia em Mersey-side. Ficou presa a Harriet logo desde o início e, mesmo depois de saírem da universidade e se mudarem para Londres, não foi capaz de se afastar dela.

Passaram os anos seguintes numa das ruazinhas mais anónimas que se cruzavam

na área entre Oxford Street e Shaftsbury Avenue e que era sobejamente conhecida por Soho. Aquela que fora uma zona colorida, um pouco suspeita, repleta de artistas, escritores e aristocratas devassos, mudara muito desde esses tempos. Agora, tropeçavam em seringas de drogados quando caminhavam pelo bairro, e tinham de abrir caminho através de magotes de adolescentes ultra-modernos, que bebiam café em copos de papel da Starbucks quando queriam ir comprar legumes ao Berwick Street Market.

Elas também tinham mudado, tanto ela como Harriet. Havia deixado os seus vinte anos para trás e tinham enriquecido e conseguido atingir o sucesso à medida que foram envelhecendo. Não havia razão possível para o facto de continuarem a viver juntas, apertadas num exíguo apartamento no sótão, todavia permaneciam lá, agarradas ao pouco que restava do velho Soho e das suas vidas antigas pelas pontas toscas das suas unhas bem roídas.

O clube de Harriet ocupava dois pisos da casa georgiana. As persianas eram mantidas em baixo e as luzes ténues para esconder as camadas de pó e a pintura a descascar das paredes. Os telemóveis e a música foram banidos, portanto o único som existente era o das rolhas de champanhe a saltarem e o murmúrio constante de conversas inteligentes. Havia uma grande sala principal, mobilada com cadeiras, mesas e velhos sofás de couro mal combinados, onde a maior parte da comida e as bebidas eram servidas. Taças de limões enfeitavam as mesas e velas brancas votivas crepitavam em pires. A porta ao lado dava para uma salinha ínfima, praticamente cheia com uma cama enorme, cheia de almofadas, e era para lá que os membros do clube se podiam retirar quando se sentiam um pouco «alegres».

Com Salty, o seu pastor gigantesco, sempre à mão, Harriet nunca tinha problemas com clientes desordeiros, por mais embriagados que pudessem estar. No final da noite, quando a porta se fechava com o último cliente, ela subia o último lance das irregulares escadas de madeira para o minúsculo andar no último piso que partilhava com Chiara.

Mas, agora, a amizade delas tinha-se desenvolvido numa espécie de casamento, melhor do que um casamento, pensou sempre Chiara. As discussões eram raras e os amantes, quando estavam de passagem, nunca lhes roubavam a intimidade, por mais que tentassem. No final de cada dia, Chiara e Harriet partilhavam os seus segredos. Não conseguiam imaginar que fosse de outra forma.

Ninguém ficara mais entusiasmada com o sucesso do Rainha da Cozinha Britânica do que Harriet. Dúzias de garrafas de champanhe foram emborcadas no The Office por entre sucessivos brindes a Chiara e à sua habilidade. E agora a sua

amiga estava a interessar-se vivamente pelo livro número dois.

— Então, o que é isso? — Cheirou os pães que Chiara deixara a arrefecer na prateleira de metal.

— Pão de azeitonas branco, pão de azeitonas integral, pão de azeitonas de cereais

— respondeu, cansada.

-E?

— Estão todos horríveis — lamentou-se. — Devias levá-los lá para baixo para o clube e servi-los aos membros mais embriagados com um queijo forte de cabra.

— Achas? — perguntou Harriet com hesitação.

— Sim, afasta mas é isso da minha vista.

— Chiara? -Hum?

— Tu gostas mesmo de pão?

— Já gostei, Harriet. Eu adorava pão. Achava que era a substância da própria vida.

Harriet terminou o Martini e lambeu as raspas de Milky Bar dos lábios carnudos.

— Então — começou pensativamente —, já consideraste que escrever um livro só de receitas de pão possa ser um erro?

Chiara largou o pão que estava a comprimir e os braços descaíram-lhe em desalento. — É um erro, não é? — disse tristemente. — Oh, meu Deus, o que é que eu vou fazer? A Janey vai matar-me.

— Que se lixe a Janey.

— Bem, sim, mas não é assim tão simples, pois não? Eu assinei contratos, fiz promessas, pus o meu nome no tracejado. Ela provavelmente tem o direito de me matar se eu não escrever o maldito livro do pão.

Harriet pressionou o copo do Martini contra a mão dela. — Bebe — instou. — É tudo o que te resta.

Chiara bebeu um gole enorme e cambaleou para trás em choque. — Meu Deus, é forte.

— É álcool puro, querida. Costuma ser forte.

— Não sei como consegues beber essa zurrapa.

— Eu bebo, minha querida, porque é o meu trabalho. E eu dedico-me a ele, tal como tu te dedicas a proporcionar às massas algumas ideias para os seus jantares todas as noites.

— Então achas que as massas prefeririam que o seu pão de azeitonas fosse branco, integral ou de cereais?

Harriet levantou a mão. — Dá-me só um momento — disse. Com desvelo, arrancou uma côdea de pão de cada carcaça. Meteu o primeiro pedaço à boca e

mastigou cuidadosamente com uma expressão neutra no rosto. Depois, esticou a mão para o copo de Martini. — Tenho de limpar o meu palato — declarou.

Repetiu o procedimento com o segundo e terceiro bocados e depois sorriu para Chiara. — Olha, não estão horríveis, estão ótimos. Eu ficaria muito contente em servi-los aos meus clientes com ou sem queijo forte de cabra. Mas ainda acho que devias repensar toda esta ideia do pão. Não tens paixão pelo pão. E foi o teu amor incondicional pela comida britânica que fez do teu último livro um sucesso, e não os nomes das receitas de Janey ou aquela capa maluca.

Chiara estava sorumbática. — Eu sei — concordou.

— Portanto, vais fazer o seguinte: vais descer comigo e com o Salty agora e tomar uma ou duas bebidas antes de fecharmos. E amanhã vais ter um dia sem pães.

Isso significa sem pão nenhum. Nenhum. Percebes?

— Sim, vou evitar o pão a todo o custo.

— Muito bem. E, em vez de cozeres, tudo o que farás é pensar. Vais pensar no que realmente queres fazer. Que tipo de comida te faz vibrar de paixão e de curiosidade e de vida. E depois escreverás um livro acerca disso.

— Sabes uma coisa, Harriet? — Chiara sorriu. — Para alguém sempre tão bêbeda que nem um cacho, és incrivelmente sensata.

Os olhos de Chiara abriram-se quando os primeiros raios da cinzenta luz matinal entraram pela janela enegrecida pela fuligem e tocaram o branco lavado das paredes do seu quarto. Embora tentasse, não conseguia dormir depois de amanhecer. Harriet dormiria metade do dia se pudesse, mas no minuto em que acordou, Chiara teve de pôr as pernas para fora da cama e esticar os seus braços emperrados.

Não havia mais espaço no quarto do que noutro sítio qualquer do pequeno apartamento. A cozinha era apenas um corredor pretensioso e Harriet dormia naquilo que fora a sala de estar, deixando a Chiara somente o espaço suficiente para uma cama individual, um cabide para as roupas, uma secretária para o computador portátil e algumas pilhas ordenadas de livros de receitas e revistas gastronómicas que lhe serviam de inspiração. Felizmente, ela nunca fora muito apegada a bens materiais. Eram, na sua opinião, um fardo que pesava sobre as pessoas. E, apesar de adorar o Soho, Chiara achava romântica a ideia de Harriet e ela poderem fazer as malas de um momento para o outro e seguir viagem, se algum dia o desejassem.

Sonolenta, Chiara olhou para o espelho na parede. O cabelo castanho cortado rente ainda hirto da farinha, os olhos castanhos afastados pegadiços com o sono. Tinha um rosto que ria facilmente. Era aberto, sem maldade até. A pele era salpicada de sardas, e adquiria rapidamente um tom caramelo com o sol, mas agora estava pálida do trabalho na cozinha. Ela sabia que podia ficar apresentável se dispensasse a si mesma uma meia hora e uma oferta decente de produtos para o cabelo e de maquilhagem, mas naquela manhã não estava para se incomodar. Aquele era o seu dia sem pão e ia aproveitar cada segundo. Vestiu uma camisola e umas calças de ganga à pressa, tentou passar as mãos pelo cabelo impossível e estava pronta.

Encontrou um Salty ensonado, estendido a todo o comprimento da carpete do hall de entrada. Ele levantou a cabeça quando ouviu os seus passos e bateu esperançosamente com a cauda no chão.

— Queres ir dar um passeio? — A cauda batia mais rápida e ruidosamente. — Então levanta-te, seu cão preguiçoso.

Londres podia ser linda àquela hora, especialmente aos fins-de-semana.

Piccadilly Circus estava quase deserto e Chiara caminhava energicamente, passando pelo Fortnum & Mason e pelo Ritz, sentindo-se como se o West End lhe pertencesse a ela e a ela somente.

A Primavera abria caminho aos narcisos amarelos no solo do Green Park. Havia

ali outras pessoas a passear de manhã cedo, algumas com cães, e Chiara libertou Salty da trela por alguns momentos para o deixar brincar com um exuberante e refinado caniche chamado Fergus, antes de voltar a prendê-lo e continuar a caminhada, passando pelo palácio e ao longo do passeio junto à margem do lago no St. James Park.

Enquanto andava, tentava perceber por que razão não se sentia muito mais feliz. Tudo lhe corria pelo melhor. Era saudável e estava em boa forma, era a autora de um livro de culinária com um sucesso fabuloso e não era nada feia quando exposta a uma luz decente. Tinha bons amigos e muita sorte. A sua vida era rica. Então, porque é que ela se sentia tão... isolada pela tristeza? Era como se a felicidade que ela queria estivesse ali mesmo, mas ela estivesse entorpecida de mais para o sentir.

A enorme cabeça cinzenta e peluda de Salty agitava-se à sua frente e ele arfava de contentamento. Os cães é que estavam certos, pensou Chiara. Dêem-lhes de comer, um sítio para dormir, um Pouco de amor e um passeio todos os dias e eles são felizes. Salty nunca parecia sofrer de depressões fortuitas como ela.

Por aquela altura, estavam novamente no Soho. Chiara estava mais do que disposta a beber um café, por isso dirigiu-se até ao Bar Itália, onde arranjou uma mesa na esplanada e pediu um cappuccino. Prendeu o Salty à perna da cadeira de modo a ter as duas mãos livres para aquecê-las na chávena. Podia ser Primavera, mas havia uma brisa forte que soprava ao longo da Frith Street.

Salty avistou Harriet antes de Chiara e praticamente rebocou a cadeira dela para o meio da rua com a excitação. Harriet sorriu e acenou-lhes. Exibia uma figura deslumbrante ao passear-se pelo Soho, mesmo vestindo, de modo informal, umas velhas calças de ganga e um poncho vermelho às franjas. Os homens viravam-se sempre e ficavam a olhar quando ela passava, mas ela raramente reparava neles. Harriet gostava de homens, mas gostava deles segundo as suas próprias condições.

Escolhia um amante de vez em quando e era tão desejosa de sexo como de Martini.

Mas, na verdade, Chiara só a ouvira dizer as palavras «Amo-te, meu amor» a ela e ao Salty. Não tinha tempo para se apaixonar perdidamente nem para ficar com o coração despedaçado. A medida que os anos foram passando e que foi sofrendo as suas próprias decepções, Chiara desejou muitas vezes conseguir ser assim.

— O que estás a fazer na rua a esta hora? — gritou para Harriet. — O apartamento ardeu ou quê?

— Não, querida, eu acordei e percebi que tinhas saído e pensei que seria melhor

encontrar-te rapidamente antes que cedesses ao ímpeto de comer o produto à base de trigo cujo nome não me atrevo a mencionar.

— Na verdade, estava mesmo a namoriscar a ideia de pedir umas torradas com Marmite.

Harriet lançou-lhe um olhar furioso.

— Mas depois lembrei-me que hoje era o dia sem pão — acrescentou.

— Silêncio, não fales nisso. Não penses nisso. — Harriet afun-dou-se numa cadeira e deixou que Salty descansasse a enorme cabeça no seu colo. — Pede ao senhor simpático que me traga um café — rogou.

O empregado italiano era bem-parecido, com um sotaque carregado e um inglês macarrónico. — Aqui está o seu cappuccino, linda senhora — disse ele, desfazendo-se em simpatias com Harriet. Como já há muito tempo se habituara a ser a amiga mais feia, Chiara não se importava de ser ignorada por todo o sexo masculino sempre que Harriet estava por perto, mas havia limites.

—Eh, esse cappuccino é para mim. Pode trazer outro para ela— disse-lhe.

Ele lançou-lhe um olhar dissimulado e depois encolheu os ombros de forma teatral para Harriet. — Trago-lhe o seu café num segundo — afirmou bruscamente.

Harriet riu-se. — Este é temperamental — comentou, enquanto ele entrava no café todo cheio de importância. — Talvez tivesses tido mais sorte se tivesses falado em italiano com ele.

— Sim, pois bem, vou adicionar «aprender italiano» à minha longa lista de coisas a fazer, se achas que isso melhorará a minha reputação junto dos empregados locais.

— Pelo menos deves arranhar qualquer coisa, não?

— E porque deveria?

— Tu tens um nome italiano, sangue italiano.

— E tu pareces mais italiana do que eu. — Ela sempre tivera um bocadinho de inveja do cabelo negro como o azeviche de Harriet e da sua pele morena.

-Eu sei, eu sei, mas em mim é apenas superficial. Tu és o artigo genuíno. —

Harriet recostou-se na cadeira e avaliou-a. — Sabes, sempre achei isso um pouco estranho em ti.

— O quê?

— Ora, tu deves ter família em Itália, correcto? E, no entanto, nunca fizeste o mais pequeno esforço para os encontrar. Porque será?

— Não sei. Acho que foi sempre por lealdade à minha mãe. Ela nunca encorajou perguntas acerca do lado italiano das coisas. E isto é um eufemismo. Ela nem

sequer cozinhava comida italiana, sabes. Não me lembro de uma única refeição que não fosse inglesa.

Harriet torceu o nariz. — Que estranho — observou. — Mesmo assim, se fosse comigo, eu gostaria de saber. É a tua história pessoal, não é? O sítio onde nasceste é uma parte do que tu és. E como não sabes exactamente de onde vens, como poderás compreender verdadeiramente quem és?

—Tão profunda e séria... e ainda não tomaste café — provocou Chiara.

—Sim, onde está aquele rapaz temperamental com o meu cappuccino

Finalmente, com cafeína suficiente na corrente sanguínea para as manter despertas até à hora de deitar, abandonaram o Bar Itália e caminharam calmamente pelas ruas cheias de restaurantes e cervejarias, que começavam agora a despertar e a preparar-se para a clientela do dia.

—Tantos tipos de comida — comentou Chiara com um ar triste enquanto passavam por restaurantes tailandeses, vietnamitas, franceses e húngaros. Ela espreitava os menus — odes ao óleo de citrão-la, poemas à paprica — algures perto do desespero.

— De facto, nada disso é necessário — concordou Harriet. — Um pedaço decente de queijo e uma pêra madura bastam-me.

— E será que precisamos realmente deles? Dos livros de culinária, das revistas de gastronomia, dos sites na Internet com receitas?

— Não é uma questão de precisar, pois não? — realçou Harriet. — É uma questão de querer. E as pessoas devem querer livros de receitas porque continuam a comprá-los, mesmo que não façam uma única receita que apareça neles.

—E não poderia haver pensamento mais deprimente — replicou Chiara. — Exemplares do Rainha da Cozinha Britânica guardados, intactos, nas estantes por esse país fora. Nem uma mancha do Maravilhoso Molho de Carne da Avozinha, nem uma pinga do Principesco Molho de Salsa a manchar as suas imaculadas páginas.

Harriet riu-se. — Não penses que eu não sei o que estás a fazer — disse. — Estás a tentar convencer-te a ti própria a não escrever outro livro, não estás? Pois bem, isso não vai resultar.

—Tenho mesmo de escrever outro livro de culinária, Harriet?

Não posso apresentar um guia que ensine a pedir aquelas refeições para levar e comer em casa?

—Boa ideia. Podias chamá-lo a Duquesa do Pronto-a-Levar.

A Janey vai querer que apareças disfarçada de cheeseburger na capa.

Chiara riu-se e olhou para o relógio. — Anda lá, eu ajudo-te a preparar o clube para a hora do almoço. Tens apenas de me manter longe da vergonhosa coisa de fermento, está bem?

Mas foi o pensamento de Itália, não do pão, que esteve na mente de Chiara durante o dia inteiro. E se ela tivesse realmente tias, tios e primos lá, talvez até uma meia-irmã ou um meio-irmão? E se o seu pai verdadeiro estivesse lá? Seria muito difícil encontrá-los? E, se ela conseguisse descobri-los, que tipo de recepção teria? O embrião de uma ideia começou a ganhar forma.

Quando a tarde chegava ao fim, Harriet sacou a rolha de uma garrafa de Barolo.

—

Apetece-te um italiano espirituoso, querida? — perguntou-lhe.

— Com certeza que sim. — Chiara estendeu um copo vazio na direcção de Harriet.

Bebeu um gole e reteve-o na boca por um momento para degustar a plenitude do sabor. — Mmm, é divino.

— É bom, não é? — concordou Harriet.

— Era capaz de beber garrafas e garrafas dele.

— Eu já bebi.

Chiara riu-se. Graças a Deus tinha Harriet. Não havia ninguém como ela. — Pois —começou hesitante —, tive uma ideia. Queres ouvir?

— Continua — encorajou Harriet.

— Bem, parece-me óbvio que o livro do pão não tem futuro. Sempre que penso em cozer pão, tenho vontade de levar as mãos à cabeça e berrar.

— O que farás então?

—O que sugeriste. Vou descobrir quem sou.

Harriet ficou confusa. — Não estou a perceber.

—Nem eu. Não totalmente — admitiu Chiara. — É provavelmente uma ideia maluca, mas eu pensei que... bem, podia tirar umas semanas para fazer algum trabalho de detective e tentar localizar a minha família italiana. Não sei... talvez se eu conseguir descobrir de onde venho, possa ajudar-me a perceber para onde vou.

Harriet anuiu lentamente. — De que região de Itália é que eles são? — perguntou.

— Não sei. E o que eu quero dizer... é, no máximo, uma ideia em desenvolvimento.

Se calhar seria melhor esquecer tudo e ir lá para cima cozer pão.

— Fica exactamente onde estás — ordenou Harriet, enchendo o copo. — Eu acho que vale a pena pensar melhor no assunto. Se estivesse de facto a tentar localizar

a tua família, por onde começarias?

— Ora, deixa-me ver. Acho que iria passar alguns dias a casa, a Merseyside, para ver se encontrava algumas pistas lá para começar.

— Então, tudo o que estarias a investir seria o preço de um bilhete de comboio — salientou Harriet. — Acho que vale a pena tentar, não concordas?

3

Circulando com uma hora de atraso, e sem carruagem-restaurante, o comboio avançava pela paisagem inglesa rumo ao norte. Chiara tinha uma revista nas mãos, mas o seu olhar perdia-se pelos campos verdes e canais que alternavam com hipermercados Homebase e parques de estacionamento. Àquele ritmo, Inglaterra ficaria em breve sem campo. Um dia, uma fina camada de cimento cobriria a terra inteira como uma casca de ovo.

Londres causava-lhe frequentemente claustrofobia. Era como se houvesse demasiada gente para um lugar tão pequeno, o espaço era certamente insuficiente. Antigamente, aquela sensação desaparecia assim que o comboio deixava Londres para trás. Mas os espaços verdes entre as cidades pareciam estar a diminuir e, daquela vez, quando o comboio começou a avançar pelos túneis escuros que levavam à Lime Street Station, ela apercebeu-se de que se sentia tão claustrofóbica como sempre.

Chiara não telefonou antes a informar que ia chegar, portanto as pessoas que estavam à espera no portão para saudar os passageiros não foram lá por sua causa. Por um instante, ela ficou parada, sozinha, no meio da multidão, enquanto decidia qual a melhor forma de chegar a casa. Apanhar o autocarro através do túnel Mersey era a opção mais rápida mas ela descartou a ideia. Não preferira sempre o ferry} O serviço não era tão frequente naqueles dias — aliás, tudo aquilo começava a parecer-se mais com um programa turístico — mas ela caminharia pelo Pier Head de qualquer forma e, se tivesse sorte, estaria lá um ferry à espera de a levar para casa.

Balançando a pequena mala na mão, caminhou pela desgastada e ativa cidade em direcção ao rio, com os ouvidos atentos ao melodioso sotaque familiar que lhe dizia que estava em casa. Aquele era o lugar de onde veio. Grande parte estava sujo e degradado, o lixo entupia as bermas, mas mesmo assim, por alguma razão, ela amava aquele lugar. Imaginou se poderia haver alguma cidade em Itália que ela conseguiria amar de igual forma, um local onde ela se sentisse instantaneamente em casa como acontecia em Liverpool.

Questionara a mãe acerca de Itália, claro que sim. Mas Maria Domenica mudava sempre de assunto ou ficava impaciente. — Olha para ti a tentar pôr-me a falar quando o teu quarto está uma grande desordem e eu tenho uma grande pilha de roupa para tratar. Vai cuidar dos teus afazeres, rapariga — dizia, com uma sacudidela no longo cabelo negro, virando-se depois abruptamente e afastando-se.

Acabou por ser mais fácil não a incomodar com perguntas.

Tentara sondar Alex discretamente para obter alguma informação, mas ele não era de forma alguma mais expansivo. A sua voz ecoava das profundezas de qualquer que fosse o motor do carro que estivesse a consertar. — Itália, nunca lá estive, querida — respondia. — Não te posso ajudar.

Apesar de o seu nome ser Chiara Fox, sempre soube que Alex não era o seu pai verdadeiro — foi a única coisa que lhe disseram. — Ele foi-se embora e não pode ser encontrado. — Era tudo o que Maria Domenica lhe dizia quando Chiara lhe perguntava acerca do seu pai biológico. — Procurei-o durante anos e nunca lhe encontrei o rasto, por isso é escusado tentares, meu amor. Dá graças por teres um homem maravilhoso como o Alex como teu pai e pára de te preocupar com o que poderia ter sido.

No final, acabou por deixar de pensar nisso. Atirou toda a aquela história para o fundo do seu pensamento e concentrou-se na realidade, o aqui e agora — como o netball¹, os trabalhos de casa e, eventualmente, os rapazes. Chiara sempre imaginou que um dia, quando estivesse preparada, a sua mãe se sentaria com ela e lhe contaria tudo. Nesse dia, ficaria a saber o nome do pai, o que era feito dele e a razão pela qual ele não quisera ter nada a ver com ela.

1 Jogo originariamente conhecido como basquetebol feminino, adaptado do basquetebol nos Estados Unidos da América, com regras ligeiramente diferentes, no qual tomam parte dois grupos com sete elementos cada. O nome netball foi mais tarde adoptado quando as mulheres também começaram a jogar basquetebol. (TV. da T.)

Talvez Maria Domenica tenha tido a intenção de lhe contar todas essas coisas a seu tempo mas foi-lhe roubada a oportunidade. Primeiro, vieram as dores de cabeça atrozes que a punham a andar pela casa a fechar as persianas e a correr as cortinas e a faziam ficar enroscada no sofá de olhos bem fechados durante horas a fio. Depois vieram as idas aos médicos e especialistas para testes e exames e, por fim, o diagnóstico. Maria Domenica tinha um tumor no cérebro.

— Ninguém sobrevive a um tumor como este — comunicara-lhes o neurocirurgião. — O

melhor que podemos fazer é ganhar algum tempo e um pouco mais de qualidade de vida.

A capacidade de falar de Maria Domenica foi a primeira a desaparecer e depois a de ler e escrever, à medida que o tumor desligava lentamente o seu corpo.

Quaisquer que fossem os segredos que ela não contara, ficaram então enclausurados dentro dela. Somente os seus olhos expressavam a sua frustração e o seu terror. Chiara e Alex sentavam-se por turnos a seu lado — lendo, pondo música ou, simplesmente, acariciando-lhe a mão — até que ela entrou no sono do coma do qual nunca acordou.

Foi sepultada em terra inglesa e nunca mais se falou de Itália. Chiara deixou Alex

sozinho na casa alta junto ao rio e regressou a Londres e às cozinhas quentes e agitadas onde ganhava a vida. Levou-lhe algum tempo para conseguir discar o número de telefone de casa sem esperar ouvir a voz da mãe, aqueles sons de vogais curtas de Liverpool e os erres carregados e enrolados. Chiara supunha que Alex esperasse que ela fosse visitar a sepultura da mãe quando estava em casa. Ela odiava ir lá, detestava a ideia da mãe ali debaixo, sufocada por camadas de terra húmida.

Chiara conseguia agora sentir o aroma salgado do rio e ouvir os gritos das gaivotas. À sua frente, de forma indistinta, estavam os amplos edifícios que ela recordava como as sombras negras da sua infância. Entretanto, tinham sido limpos com jactos de areia até ficarem como novos. Havia o edifício Liver Bird, coroado com as suas duas criaturas tipo cegonhas e, logo a seguir, o gracioso edifício Cunard. Para o seu lado esquerdo ficavam as restauradas docas Albert, com as lojas, o museu e a galeria de arte, provando que Liverpool podia ter bom aspecto quando se fazia um esforço. Para a sua direita, quilómetros de docas debilitadas continuavam a suplicar por uma remodelação.

Teve de correr os últimos metros pelo cais de desembarque abaixo até ao ferry, que apitava freneticamente, e saltar para bordo. Uma golfada de fumo saiu pela chaminé e partiram, balanceando sobre as ondas cinzentas e encrespadas. Apesar do vento frio, Chiara sentou-se na cobertura superior ao ar livre. Era ali que costumava sentar-se com a mãe havia tantos anos. Eram capazes de passar dias inteiros naquele ferry, atravessando o rio uma e outra vez. Ela achava aquilo infinitamente divertido e a mãe jamais se queixara. Ficava contente por se sentar a seu lado, com a brisa a embaraçar-lhe o longo cabelo negro, até chegar a altura de ir para casa e preparar o jantar de Alex.

Chiara foi uma filha única muito mimada. Embora a mãe e Alex tivessem tentado ter outro bebé durante anos, nunca aconteceu. Falou-se em tratamentos médicos, mas Alex bateu com o pé e recusou sempre aborrecer-se com médicos e as suas ideias ultra-modernas. — A Chiara é minha filha e é a única de que eu preciso — repetira teimosamente. — E quanto a Maria Domenica, sempre que Chiara implorava para ter uma irmãzinha com quem brincar, limitava-se a encolher os ombros e a dizer carinhosamente: — Nem todos se dão bem com irmãs, sabes. Chiara lançou um olhar de lado para as altas casas vitorianas que se alinhavam ao longo da Promenade de Egremont e avistou aquela onde cresceu. Devia ser tão estranho para Alex, agora completamente sozinho, sem a mulher e sem a filha. Chiara teria ficado feliz se ele tivesse encontrado outra pessoa, mas quando levantou a questão, ele empalideceu de repente. — Eu tive uma sorte dos diabos

quando conheci a tua mãe — dissera. — Ninguém tem a mesma sorte duas vezes. Teria sido educado ter telefonado a avisar que ia chegar, admitia agora. Alex nunca gostara de surpresas. Mas era demasiado tarde. Já estava a caminho. Acabou por correr bem, Alex ficou aliviado ao vê-la. — Para ser sincero contigo, estava a começar a perder o juízo nestas últimas semanas — confessou. — O que quer que eu faça, aonde quer que eu vá, faz-me lembrar a tua mãe.

Chiara tocou-lhe suavemente no ombro. — Pai, não podes continuar assim. — Não me parece que tenha alternativa.

— Podias procurar uma forma de terapia — sugeriu. — Podias vender a casa e mudar-te para algum sítio que não te traga tantas lembranças.

O queixo de Alex contraiu-se teimosamente. — Não, não me parece. Sou bastante feliz aqui. Não vejo interesse em mudar por mudar, querida.

Chiara reparou como ele tinha emagrecido. Todos aqueles anos enquanto a mãe era viva e lhe cozinhava refeições copiosas e opulentas, Alex estivera em risco de ficar obeso. Agora, estava só pele e osso. Decidiu que iria meter mãos à obra na cozinha enquanto estivesse lá e iria encher-lhe o frigorífico.

— Que surpresa agradável ter-te em casa. — Sorriu abertamente para ela, com a pele a enrubescer de felicidade. — Estava a planear encontrar-me mais tarde com o Bob e o Tony, no Farmers' Arms, para uma ou duas cervejas. Podias vir. Iam adorar ver-te.

— Não — riu-se. — Não vou estragar a tua noite de rapazes. E, de qualquer forma, tenho coisas para tratar aqui.

— Que coisas?

— Ah, bem, é disso que te quero falar. Senta-te, eu vou pôr a chaleira ao lume. Mas ela teve dificuldade em ir directa ao assunto. Explicou-lhe a sua falta de inspiração para o livro número dois e como a ideia do pão não funcionara bem. Fê-lo rir quando descreveu o dia sem pão e a forma como deu voltas à cabeça para chegar a algo que verdadeiramente a apaixonasse.

— E então o que decidiste? — perguntou impacientemente.

— Bem, o que se passa é que eu não sei se vou conseguir o que quero.

— Porquê?

— É um pouco complicado.

— Porque...

— Porque envolve outras pessoas para além de mim e não tenho a certeza se vou conseguir encontrar essas pessoas.

— Chiara, querida, o que é que tu andas a tramar? — Alex bebeu um gole de chá e ergueu as sobrancelhas.

— Ah, não está claro?

— Não, não está nada claro.

Chiara encheu as bochechas de ar e soltou um sopro de ar quente, mexendo nervosamente no negro cabelo curto.

— É difícil? — perguntou Alex.

— Sim, um pouco — respondeu.

— Eu gostaria de pensar que não há nada que tu não me possas dizer. Afinal de contas, sou o teu pai.

Chiara inspirou e preparou-se para encher as bochechas e soltar novamente o ar.

— Querida? — incitou Alex.

— Sim, tu és o meu pai e tens sido fantástico — começou. — Não podia ter pedido melhor. Mas o que acontece é que eu tenho outro pai, algures por aí, e talvez primos e tias e isso, e gostaria de ir a Itália à procura deles. Se tu não te importares.

Alex ficou pesaroso. — Nós, eu e a tua mãe, não fomos muito justos contigo, pois não?

— O que queres dizer?

— Todas aquelas perguntas e nunca tiveste quaisquer respostas.

Chiara olhou para ele. Não era capaz de falar.

— O problema é que eu não tenho respostas para te dar — admitiu. — A tua mãe também nunca falava comigo sobre isso. Eu pressionei-a uma ou duas vezes mas ela nunca cedeu.

— Como é que pudeste permitir que ela tivesse uma parte tão grande da sua vida sobre a qual nada sabias? — Chiara estava quase zangada por ele.

— O que tu tens de saber é que eu era um falhado quando conheci a tua mãe.

Sem emprego, sem objectivos e sem me importar muito com isso. Ela aceitou-me quando a maioria das raparigas me teria evitado. E eu estava... bem, eu estava grato. Não quis abanar o barco. Tudo o que ela desejasse, se dependesse de mim, ela iria tê-lo, e isso incluía respeitar a privacidade acerca do seu passado.

— Então não sabes de nada? — Chiara não podia acreditar. — Nem nomes, nem lugares?

— Nada.

— Sendo assim, é melhor desistir. E voltar ao meu pão mal cozido.

Alex ficou pensativo. — Sabes, há algumas coisas lá em cima que pertenciam à tua mãe. Algumas caixas cheias de desenhos que eu ainda não fui capaz de abrir. Ela guardava-as para si mesma quando era viva e pareceu-me errado intrometer-me agora. Mas tu és a filha dela, portanto para ti é diferente. E tens todas essas

perguntas, todas essas perguntas por responder. Talvez haja algo naquelas caixas que responda a uma ou duas delas.

— Talvez. — Chiara bebeu o chá e desejou que fosse um espirituoso Bartolo italiano. — Mais tarde, quando estiveres no pub, vou dar-lhes uma vista de olhos, está bem?

— Boa ideia.

Chiara pousou a chávena na consola da lareira. — Entretanto, porque é que não vês se há, algures por aí, uma garrafa de vinho que possas abrir enquanto eu vou abanar o frigorífico e desencantar alguma coisa para o jantar?

As caixas estavam no topo, precisamente no último andar da casa, no quarto que Maria Domenica sempre mantivera como seu. A poltrona ainda estava ali, onde ela a deixara, virada para a janela, de modo a poder desfrutar da extensa vista sobre o rio até Liverpool. Ela amava aquela vista. Amava até a enorme e horrível torre de cimento que outrora albergara um restaurante, e que ainda dominava a linha do horizonte com a sua rígida monstruosidade.

— Por vezes, há beleza na fealdade — dizia-lhe Maria Domenica.

— Nas fábricas e chaminés, nos edifícios que deveriam ter sido demolidos há décadas atrás ou jamais construídos. Há beleza aí. Só precisas saber onde a procurar.

Enquanto permanecia no quarto que quase cheirava à sua mãe, Chiara lembrou-se de quando ela ficava sentada a fitar a paisagem horas a fio, com o longo cabelo negro a cair pelas costas da cadeira. Ela gostava mais da vista quando o tempo estava tumultuoso, quando a chuva fustigava as janelas e o mar da Irlanda enviava as suas melhores ondas para galvanizar o rio. — Faz-me recordar o dia do meu casamento — comentava às vezes. E, Chiara lembrou-se que ela tinha muitas vezes um bloco de desenho no joelho e um lápis na mão, apesar de os desenhos desaparecerem sempre antes de alguém ter a possibilidade de os observar convenientemente.

As caixas, deduziu Chiara. Devem estar dentro das caixas. Encontrou-as empilhadas numa prateleira alta no cimo do guarda-vestidos. Equilibrando-se num banco, tirou-as para baixo, uma por uma, e colocou-as no chão ao lado da poltrona. Eram simples caixas castanhas de supermercado, carimbadas com nomes como Feijões Cozidos Heinz ou Lenços de Papel Kleenex, mas na parte de cima de cada caixa, a marcador preto, a mãe escrevera as suas iniciais «MF» e uma data. Chiara abriu a caixa mais recente e encontrou o que estava à espera — desenhos a lápis das paisagens preferidas de Maria Domenica e esboços rápidos das pessoas que ela amava. Havia um de Alex a espreitar por baixo do capot de um carro e um outro onde ela se reconheceu a brincar na promenade com a sua primeira bicicleta. A mãe tinha um verdadeiro talento, concluiu. O trabalho era um esboço, mas ela conseguira captar o sorriso preguiçoso e cativante de Alex e a sua intensa concentração quando se esforçava por não cair da bicicleta. Mas as paisagens urbanas eram melhores — grandes blocos de edifícios suspensos sobre o rio Mersey. Eram paisagens maravilhosas. Chiara não conseguia acreditar que eram fruto do lápis da mãe.

A segunda caixa ofereceu mais obras de arte. Maria Domenica não se limitara a

trabalhar a lápis. Também tentara pintar com aguarelas e experimentara o carvão. Um ou outro desenho naquela caixa era mais grosseiro e menos bem conseguido. Olhando para baixo, Chiara encontrou as iniciais de Alex no canto. Era evidente que Alex não tinha demorado muito tempo a aperceber-se de que não tinha talento.

À medida que se aproximava do fundo da caixa, voltava apenas a encontrar o trabalho da mãe.

A derradeira caixa era sua última hipótese. Se não houvesse nada lá dentro que a conduzisse a Itália, então desistiria, decidiu, e voltaria ao seu rolo da massa.

Os primeiros blocos de desenho continham cenas familiares — Mrs. Leary a servir sanduíches no café, crianças a darem mergu-lhos-bomba na piscina. Os Banhos de New Brighton já há muito haviam desaparecido, foram demolidos quando a Câmara decidiu que a manutenção era demasiado dispendiosa. Chiara sentiu uma pontada de nostalgia quando encontrou um desenho dela orgulhosamente sentada no cimo do escorrega e um outro onde escondia o rosto por detrás do algodão-doce.

Depois, a meio da caixa, os desenhos mudaram. Aquelas cenas não eram paisagens urbanas, eram rurais. Uma casa tosca rodeada de campos poeirentos e árvores. Um búfalo a pastar junto a um lago. Um homem moreno com uma cara de duende e óculos prateados a colocar um avental branco e engomado, ao lado de uma máquina de café antiquada. Pareciam italianos. Teria a mãe desenhado de memória?, interrogou-se Chiara. Se sim, então foram extraordinariamente bem conseguidos.

Mesmo no fundo da caixa estava um envelope endereçado com a caligrafia da mãe e outro envelope, sem selo, mas tão fino que parecia não conter nada. Chiara enfiou os dedos dentro do primeiro e retirou uma fotografia, enrugada e desbotada, a preto e branco. Na fotografia aparecia um homem moreno com uma grande barriga e olhos risonhos e uma mulher de proporções igualmente generosas.

Estavam vestidos com as suas melhores roupas e a imagem transmitia um ar de formalidade. Chiara pensou que fosse provavelmente uma fotografia de casamento, tirada há muito tempo. Entusiasmada agora, sacudi o envelope e espreitou para dentro, mas aquela fotografia era tudo o que continha.

Faltava a carta. Chiara sabia que estava a invadir a privacidade da mãe e que ela nunca o teria aprovado. Hesitou por instantes enquanto decifrava o nome e o endereço na frente do envelope. Lia-se: «Erminio & Pepina Carrozza, Fattoria di Carrozza, San Giulio-in-Campania, Itália.»

Oh, que se lixe, pensou Chiara e abriu cuidadosamente o envelope. A carta que continha era composta por três páginas e toda escrita em italiano. Ela apenas reconheceu as palavras no cimo: «Cara Mamma e Papa.»

Chiara ficou paralisada. Tinha a sensação de que começava finalmente a desvendar o mistério. Fixando a carta, tentou perceber mais do que dizia. Distinguiu o seu próprio nome e a palavra Liverpool, mas tudo o resto era incompreensível.

Harriet tinha razão, admitiu, devia ter aprendido italiano. Mas uma coisa era clara, Maria Domenica escrevera à sua mãe e ao seu pai em Itália e nunca chegou a pôr a carta no correio. Porquê? O que é que a impedira? Chiara tinha agora mais questões do que nunca.

No fim, arrumou tudo dentro das caixas, deixando de lado apenas três coisas — a fotografia, a carta e o desenho a lápis dela própria no escorrega alto dos Banhos de New Brighton.

Bocejou e espreguiçou-se. Não havia mais nada que pudesse fazer até encontrar alguém que falasse italiano o suficiente para traduzir a carta. Mas sentia-se mais confiante agora. Com o endereço, a fotografia e as palavras que a mãe escrevera mas não enviara para casa, tinha o suficiente para começar uma investigação. No dia seguinte de manhã, faria alguns telefonemas para se informar sobre voos baratos, decidiu, depois iria à cidade comprar uma daquelas cassetes «Aprenda a falar italiano sozinho». Ajudá-la-ia, pelo menos, a ter as noções básicas da língua antes de partir para lá, embora estivesse certa de que a maioria das pessoas falaria inglês. Toda a gente falava naqueles dias, não era?

Levando as suas pistas e o seu desenho, Chiara desceu. Precisava de uma bebida. Começou a remexer nos armários da cozinha até encontrar uma garrafa de um mau vinho de mesa francês. Sabia ligeiramente a rolha, mas ela não se importou. Era o impacto do álcool que procurava, não um paladar agradável.

Levou o copo e a garrafa para a sala grande da frente que dava para o rio e deixou-se cair no sofá. Quando Alex chegou a casa do pub, ela tinha bebido até à última gota da garrafa.

— A beber sozinha? — comentou. — O primeiro sinal de alcoolismo.

— Oh, eu já passei há muito tempo do primeiro sinal. — Chiara riu-se. — Eu vivo com a Harriet, lembra-te? Beber é uma questão de sobrevivência.

— E tu és chef — notou. — São conhecidos por beberem.

— É verdade. E o que é mais importante, pode estar nos meus genes. Posso descender de uma família de bêbedos inveterados. E parece que estou prestes a descobrir.

— O que estava dentro das caixas? — perguntou rapidamente Alex.

— Desenhos e pinturas, montes e montes deles, alguns muito bons. E estas — mostrou-lhe a fotografia e a carta — são as minhas únicas pistas, mas ao menos tenho algo em que me basear.

Alex observou atentamente o casal na fotografia e a morada no envelope. — Lamento, mas não reconheço nada.

— Não pensei que reconhecesses.

Franzindo o sobrolho, ele sentou-se ao lado dela no sofá. O seu hálito cheirava agradavelmente a cerveja mas o seu corpo estava tão tenso e rígido quanto antes.

— Sinto que estou a desiludir-te — disse-lhe. — Eu devia ser capaz de ajudar em alguma coisa.

— Provavelmente sabes muita coisa útil, mas simplesmente não tens consciência disso agora. Se falasses comigo um pouco sobre a Mamma, talvez pudesses ajudar.

— Bem, se quiseses. Sobre que tipo de coisas é que queres que eu fale?

Chiara fez uma pausa e reflectiu por um bocadinho. — Tenta lembrar-te do dia em que ela chegou a esta casa, quando eu era muito pequenina. O que é que te intrigou nela? Fez alguma coisa que achasses estranho?

— Ela caminhava — respondeu Alex sem hesitar. — Se calhar tu lembras-te desses passeios. Dia após dia, sempre que tinha tempo livre, ela saía, arrastando-te por toda a cidade. Deve ter percorrido todas as ruas existentes mais do que uma vez.

— Andava à procura de alguém?

— Sim, penso que sim, mas nunca o encontrou.

Alex levantou-se e foi até ao móvel do bar no canto. Tirou uma garrafa de Shiraz australiano. — Para a próxima, ficas a saber que agora é aqui que está guardado o vinho decente — disse-lhe enquanto abria a garrafa. Encheu um copo para si e ofereceu-lhe a garrafa.

— Oh, vamos a isso. Amanhã de manhã vou estar com uma ressaca de um vinho tinto nojento de qualquer maneira, por isso mais vale continuar — disse-lhe Chiara.

Alex sentou-se de novo a seu lado e bebeu pensativamente. — Ela era esquisita em relação aos seus desenhos. Apesar de a ter encorajado ao máximo, inscrevi-a nas aulas de arte, comprei-lhe material, até fiz uma tentativa, mostrava-se relutante em deixar-me ver o seu trabalho. Claro que pode ter sido apenas timidez ou falta de confiança, mas tinha a impressão de que era mais do que isso.

— O quê?

— Não sei, era como se ela tivesse vergonha, ou medo. Nem gostava que eu a visse a desenhar.

— Mas há muitos desenhos teus e meus. Deves tê-la visto a fazer esses?

— Não, nunca, imagino que ela os tivesse feito de memória. — Terminou o vinho e voltou a encher o copo. — Há mais uma coisa que pode ser significativa.

-Sim?

— Ela agiu de forma estranha quanto ao nosso casamento.

Naquele tempo, as pessoas costumavam enviar uma foto do casamento para o jornal local para que a publicassem; a Maria não me deixou fazê-lo. Nem sequer permitiu que pusesse um anúncio na coluna dos nascimentos, mortes e casamentos. E quando eu a pedi em casamento, ela recusou ao princípio. Mas não disse que não me amava ou que não gostava de mim. Disse apenas: «Não posso casar contigo. Simplesmente não é possível.» Nunca mais me esqueci disso.

— E o que é que achas que isso queria dizer?

— Não sei. Julgo que nunca quis saber. Mas tenho um pressentimento de que tu vais descobrir. — E lançou um olhar à fotografia do casal bem alimentado. — E se essas duas pessoas ainda estiverem vivas, tu vais encontrá-las.

Chiara sorriu. — Acho que tenho hipóteses. E o primeiro passo é encontrar alguém que traduza esta carta.

Era. um daqueles raros dias em que o Soho parecia vazio. Até o Bar Itália estava deserto. Chiara nunca pensou ver tantos bancos livres ao longo do balcão, e a máquina de café permanecia em silêncio. O empregado por quem procurava estava lá fora a fazer alongamentos idiotas na berma do passeio, segurando na bandeja redonda prateada à sua frente como um volante de direcção.

Chiara deu um jeito ao seu cabelo castanho. Suscitar um interesse temporário poderia ser necessário à tarefa que se avizinhava ou, no mínimo, lançar algum charme. Sentia-se ligeiramente ridícula, pois escolhera propositadamente roupas justas naquela manhã, em vez das calças largas e confortáveis ou das calças de ganga lar-gueironas que usualmente disfarçavam a sua figura esguia.

—Olá! — Ela sorriu de forma insinuante para o empregado.

— Lembra-se de mim?

Ele abanou a cabeça negra e carregou o sobrolho.

Chiara aguentou-se. — Eu estive aqui, no outro dia, com a minha amiga Harriet, sabe, aquela muito bonita. Estivemos a tomar um cappuccino aqui fora na esplanada.

—Você e mais outras mil.

Ele encolheu os ombros e franziu de novo o sobrolho. — Quer um cappuccino agora?

— perguntou de má vontade.

Chiara retirou a carta da mãe do seu bolso. — Não, na verdade, eu gostaria de saber se posso pedir-lhe um favor? Tenho esta carta. Está em italiano e eu não percebo uma palavra. Pensei que pudesse ser capaz de traduzi-la para mim? — Estava tão desesperada para saber o que a carta dizia, quase a explodir de impaciência, mas resistiu ao impulso de a enfiar nas mãos dele.

Com uma expressão apalermada, ele olhou a carta com desconfiança. — É de um namorado ? — perguntou finalmente.

— Não, não, é muito mais importante do que isso. É da minha mãe e...

— Ouça — interrompeu-a —, não tenho tempo, estou a trabalhar.

Chiara fez um gesto em direcção aos bancos vazios. — Sim, mas não está muito ocupado neste momento e eu tenho a certeza de que só lhe levará alguns minutos a traduzi-la. Por favor? Ficaria eternamente agradecida.

Ele indignou-se. — Estou a trabalhar.

—Pois bem, e terá tempo mais tarde? Não estaria a pedir-lhe isto se não fosse realmente importante.

De modo relutante, ele tirou-lhe a carta da mão. O seu turno terminava às seis,

disse-lhe, e iria tentar tê-la traduzida a essa hora, mas não lhe prometia nada. Chiara olhou para o relógio. Ainda era tão cedo. Como é que iria preencher aquele tempo todo?

No caminho para casa, entrou no supermercado e encheu um saco com produtos de limpeza: uma embalagem de Jif, outra de lixívia, coisas para pulverizar, coisas para esfregar. Atacou o apartamento a partir da porta da frente, conseguindo desalojar farinha das frinchas, lavando o chão e paredes, limpando até a parte interior da sanita e as extensões mais recônditas do duche. Mas tratava-se apenas de um apartamento pequeno, e limpá-lo de cima a baixo não lhe ocupou nem de perto o tempo suficiente. Pegando no frasco de Jif e num pano, Chiara dirigiu-se para o clube. Havia lá muito mais que limpar. Estava a esfregar as superfícies, removendo camadas de pó, quando Harriet a deteve com um olhar sério.

— Recuei até à época dos dinossauros — declarou Chiara. — É melhor teres cuidado. Os arqueólogos podem muito bem insistir em interditar o acesso a esta área e passar o pó a pente fino à procura de fósseis.

— Não é pó o que tu estás a remover, mas sim o ambiente. Deixa isso em paz.

— Oh, por favor, deixa-me só limpar estas prateleiras e a lareira. E talvez a parede em frente. Vá lá.

— Mas que raio é que se passa contigo?

— Estou inquieta. Não consigo acalmar-me. Tenho de esperar até ao final da tarde até que aquele empregado traduza a minha carta e isto está a dar cabo de mim.

Harriet revirou os olhos.

— Sim, eu sei, eu sei. Devia ter deixado que fosses tu a levá-la.

Terias obtido melhores resultados.

Harriet arrancou-lhe o Jif das mãos. — Porque é que não fazes alguma coisa de útil? Vai lá em cima e ouve aquela cassette italiana de novo. Vê se consegues aprender algumas palavras. E não te preocupes, eu vou contigo ao Bar Itália mais logo para me certificar de que ele traduziu realmente a tua carta.

— Obrigada. — Chiara entregou-lhe o pano também. — És uma verdadeira amiga. Mas, afinal, não foram necessários os poderes de Harriet. Chiara irrompeu pela porta do Bar Itália às seis em ponto e os olhos do empregado marejaram-se de lágrimas assim que a avistou.

— Que carta tão linda, que carta tão triste. — Acenou com a carta a Chiara e ela pôde ver que ele estava a adorar o drama do momento.

— O que diz? — Chiara guinchou como um caniche sobreexcitado. — Leia para nós.

Ele abanou a cabeça. — Aqui não. Temos de nos sentar num local sossegado. Estas não são palavras para serem lidas num sítio barulhento como este.

— Vamos voltar para o apartamento — sugeriu Harriet.

— Estás a gozar? — Chiara estava ao lado dela. — Isso significa termos de andar cinco ruas.

— Bem, vamos subir a rua até à Soho Square então, mas despacha-te.

A relva fora recentemente aparada e a pequena praça cheirava tanto a fresco quanto algo tão perto de Oxford Street podia cheirar. Sentaram-se num banco, com o empregado no meio delas, e esperaram impacientemente enquanto ele tirava a carta do bolso.

Ele pigarreou e fez uma pausa de forma dramática. — Estão preparadas? — perguntou.

— Sim — responderam em uníssono. Chiara pensou se Harriet queria estrangulá-lo quase tanto quanto ela.

É isto o que diz: «Querida Mamma e querido Papa, espero que esta carta vos encontre bem. Não podem imaginar como lamento ter fugido naquela noite. Prometi a ambos que ficaria em San Giulio e era realmente essa a minha intenção.»

Ele parou. — Há partes da carta que estão borratadas — assinalou. — Acho que ela estava a chorar.

Chiara anuiu, com a garganta apertada.

O empregado inclinou a cabeça e prosseguiu a leitura: «Fugir pareceu-me a atitude acertada a tomar naquele momento. A única coisa que podia fazer. O Marco é um homem mau. É vaidoso e fraco e ciumento. Ele magoou-me e eu temia que magoasse a Chiara a seguir. Eu sei que achou que ele fez a coisa certa, Mamma, quando me mandou embora naquela noite e me disse para voltar para o meu marido.

Mas estava errada. O lugar de uma mulher nem sempre é ao lado do marido. Por vezes, ela está um milhão de vezes melhor sem ele.

Preciso que saibam que encontrei agora alguma felicidade. Estou em Inglaterra, num lugar perto da cidade de Liverpool onde tenho pessoas que me amam e também amam a Chiara. Ninguém levantou a mão contra mim, nem ameaçou a minha filha.

Vivemos numa casa agradável e não nos falta nada. Tivemos ambas muita sorte. Não há mais nada a dizer, excepto que vos amo muito. Quando penso que talvez nunca mais vos veja, fico com o coração partido. Quero sentar-me na cozinha consigo, Mamma, e ajudá-la a cozer o pão. Ou cavar na horta e escolher um

coelho para o jantar do Papa. Aqui faz muito frio. Quero comer pasta digna desse nome, beber vinho feito pela Mamma e falar a minha língua. Quero passar alguns momentos debaixo dos pessegueiros. E quero, acima de tudo, ser italiana outra vez. Quero sentir o calor do sol que parece brilhar sempre em Itália. Mas tenho medo de regressar. Acho que agora é impossível.»

O empregado levantou a cabeça. — É aqui que ela pára. Não conseguiu continuar. — Fez-se silêncio por um instante e depois ele voltou a falar. — A Chiara a quem ela se refere é você?

— Sim.

— Ela nunca regressou a Itália?

— Não.

— Pois deve ir. Se é assim que se sente, ela deve voltar lá. Devia marcar-lhe um voo hoje mesmo.

— Não, não é possível.

— Bem, se o problema é dinheiro, peça um empréstimo — exclamou.

Chiara quase não suportou ter de pronunciar as palavras. — A minha mãe morreu —

conseguiu dizer.

Ele ficou chocado. — Isso é terrível.

Chiara anuiu. — Sim, é. É terrível.

Harriet aproximou-se e segurou-lhe a mão. — Querida, tenho tanta pena que essa carta seja tão triste.

— Por favor, não sejas amorosa comigo, senão começo a chorar e não vou ser capaz de parar.

— O que queres que faça então?

— Podemos ficar só aqui sentadas por algum tempo.

Harriet apertou-lhe a mão. — Sim, claro.

E ficaram os três sentados no banco, enquanto a luz esmorecia, observando os clientes tardios que se apressavam, passando pelo gradeamento alto da praça, de sacos na mão. Ninguém se incomodou em reparar neles. Deslocavam-se depressa de mais e estavam demasiado concentrados em chegar às estações de metro ao aos pubs, ou em dirigir-se para Chinatown para uma refeição barata.

Chiara fitou uma pequena e engraçada imitação de casa de estilo Tudor no centro da Soho Square e pensou, como era habitual, porque seria que alguém se tinha dado ao trabalho de construir o que não podia ser mais do que um barracão para utensílios. Não fazia sentido.

— Foi tão infeliz durante todos aqueles anos — disse por fim.

— E eu nunca soube. Ela era apenas a minha mãe a fazer as coisas normais das mães. Nunca me preocupei em pensar nos sentimentos dela. E, durante todo esse tempo, ela estava desesperadamente triste.

— Não, não era isso o que ela dizia na carta — argumentou Harriet. — Não dizia absolutamente nada disso.

— O que queres dizer?

— Ela estava claramente triste quando escreveu a carta. Mas estava a contar-lhes que tinha encontrado felicidade e pessoas que a amavam. Ela queria que eles soubessem que vocês estavam ambas em segurança.

— Ela diz que tem o coração a partir-se.

— E diz que é muito afortunada.

A dor de Chiara transformou-se em fúria, como tantas vezes acontecia. —

Afortunada? Teimosa, é o que é — contestou amargamente. — Teimosa de mais para regressar à sua casa em Itália e pedir desculpa. Ela foi teimosa mesmo até ao fim. Não deixou o Alex colocar corrimões adicionais pela casa, nem nos deixou mudar a cama lá para baixo para a sala de estar quando ficou muito doente. Não, tínhamos de a arrastar para cima e para baixo por aquelas malditas escadas, dia após dia. Não quis uma enfermeira, nada de estranhos em casa, não quis ir para o hospital... e o que a mãe queria, a mãe tinha.

— Chiara, estás a ser injusta.

— Eu sei, mas quem me dera nunca ter encontrado esta carta. Agora, sou eu que me sinto mal. Ela deixou a Itália por minha causa, diz que tinha receio de que me fizessem mal, e foi infeliz para o resto da vida. E a culpa é minha.

O empregado continuava sentado em silêncio no meio delas. Parecia confuso, como se estivesse a ter dificuldades em acompanhar. — Ela nunca chegou a enviar esta carta para a família? — perguntou quando, por fim, teve oportunidade.

— Não, deve ter reconsiderado.

— Então, porque é que não a vai entregar por ela? — Ele olhou para o endereço no envelope. — San Giulio, eu conheço. Fica perto de Nápoles, não muito longe do mar. Não é um local minúsculo, mas também não é enorme. E Carrozza é um nome bastante fora do comum. Não deverá ser muito difícil encontrá-los.

Harriet estava pensativa. Tirou o envelope das mãos do empregado e fixou-o por momentos.

— Eu concordo com o... meu Deus, como é que se chama? Nem sequer sabemos o seu nome.

—Eduardo.

—Eu concordo com o Eduardo. Tens de entregar esta carta.

É a coisa certa a fazer. Mas acho que deves preparar-te para algumas verdades duras.

Chiara pensou fazer uma pequena ideia sobre o que seriam essas duras verdades, mas queria ouvir Harriet dar-lhes voz, por isso, perguntou: — O que queres dizer com isso?

Fez-se um silêncio incómodo por momentos. — Bem — começou Harriet —, o que eu quero dizer é... Eduardo, porque é que não lê de novo a carta para a ouvirmos outra vez com mais atenção?

E assim o fez, tentando imbuir a sua segunda leitura de todo o drama e comoção que emprestara à primeira. Chiara pensou vê-lo a forçar uma lágrima.

Harriet apertou-lhe a mão outra vez. — A palavra que me chamou à atenção dessa vez foi «marido». Acho que precisas de te preparar para a ideia de que a tua mãe ainda tivesse um marido em Itália quando se casou com Alex.

— Meu Deus.

— Pois.

— E suponho que este marido, este tal Marco que ela diz ser um homem mau, deva ser o meu pai?

— É o que parece ser mais provável — concordou Harriet.

A escuridão caíra como a cortina de um teatro. Não havia lua nem estrelas e até as luzes da cidade pareciam ténues. Podiam ouvir o ruído do trânsito em Oxford Street e Charing Cross Road, mas no centro da praça tudo era silêncio. Chiara tinha consciência de que provavelmente não deveriam estar ali sentados. Em breve, alguém viria fechar os portões. Mas não conseguia sequer pensar em mover-se. A ideia de se levantar e caminhar pelas poucas ruas que a levavam a casa paralisava-a. Eduardo colocara um braço em volta dos seus ombros e Harriet ainda lhe segurava a mão. Também pareciam estar paralisados.

Chiara observou um jovem sem-abrigo a preparar o seu saco-cama para uma noite na soleira da porta em frente. A vida era uma merda, pensou. O mundo era um sítio triste e deprimente e ela não conseguia continuar a enfrentá-lo.

—A minha mãe era bígama e o meu pai um agressor — disse calmamente. — Genial.

Eduardo cheirava bem, a água-de-colónia, na qual possivelmente se encharcara naquela manhã, que havia esmorecido para um nível aceitável. Chiara encostou-se a ele, procurando algum conforto.

—Querida, estou a ficar gelada — disse Harriet. — Vamos voltar para o meu quente e adorável clube e conversar um pouco mais sobre isto? — Deslizando para fora do banco, estendeu-lhe a mão e pô-la de pé. — Vamos lá, meu amor.

-Eu não vou a Itália, Harriet — declarou de um modo quase agressivo. — Nem agora, nem nunca.

A voz de Harriet era tranquilizadora. — Não tens de ir se não quiseres.

—Exactamente, não tenho de fazer nada que não queira. —Largou a mão de Harriet e, sem olhar para trás para Eduardo, afas-tou-se a passos largos, com as lágrimas a arder-lhe nos olhos.

Chiara trazia demasiada roupa. Estava a sufocar dentro de uma T-shirt de manga comprida e calças de ganga grossas, aquela não era forma de conhecer a Itália. Mesmo assim, apesar de tudo, estava satisfeita por ter vindo. Roma era uma cidade magnífica e as pessoas pareciam de alguma maneira mais vivas do que os londrinos que deixara para trás. Vestiam-se melhor, mexiam-se melhor e, seguramente, comiam melhor. Cada refeição era um regozijo. Então era aquele o verdadeiro sabor da pasta, pensou, quando se sentava na esplanada, no passeio de um caffè na Piazza Navona e enrolava o spaghetti no garfo. Saboreou o gosto intenso do tomate fresco, do aromático manjerição e do azeite de qualidade. Já fervilhavam ideias na sua cabeça para um livro sobre a simples comida camponesa italiana.

Enquanto comia, observava duas crianças a salpicarem-se com a água da fonte no centro da praça. Era muito diferente da fonte lisa e quadrada dos Banhos de New Brighton onde costumava brincar em criança. Esta era enorme e impressionante, toda cheia de figuras heróicas e de virtuosismo. Comida simples e arquitectura complicada, este era o modo de vida italiano, pensou Chiara. E passou uma côdea de pão em volta da tigela para absorver o que restava do delicioso molho.

— É buono? — O empregado, um homem idoso, piscou-lhe o olho quando levantou o prato completamente limpo.

— Molto buono, grazie — respondeu, com toda a confiança de quem passara uma quinzena a ouvir a cassette «Aprenda a falar italiano sozinho».

— Ah, brava, brava! Parla italiano — exclamou, franzindo os seus olhos castanhos enquanto o seu rosto se abria num largo sorriso.

Chiara devolveu-lhe o sorriso. Os homens ali eram extraordinários. Pareciam pensar que era da sua responsabilidade admirarem todas as mulheres que passavam.

De cada vez que ela saía à rua, era agraciada com assobios elogiosos e um «ciao, bella», apesar de ainda ninguém se ter atrevido a beliscar-lhe o traseiro.

Ficar em Roma era tentador, matando o tempo a calcorrear a cidade, desde o Coliseu até às Escadas de Espanha. Mas ela não parava de se lembrar que aquela não era uma visita turística. Escondida na sua mala, entre as meias e a roupa interior, estava uma carta, amarelecida, com décadas, que iria entregar a uma família em San Giulio. A sua família.

Sempre que pensava nisso, sentia-se mal. Não conseguia visualizar esse primeiro encontro. Será que iam abraçá-la ou fechar-lhe a porta na cara? À noite, ficava acordada na sua cama de hotel, preocupada com isso.

Harriet ordenou-lhe que parasse de entrar em pânico. — Concentra-te apenas em encontrá-los e tudo o resto se resolverá. — Era o seu conselho. Era fácil para ela dizê-lo, pensava Chiara com amargura. Harriet estava a salvo, por detrás do bar do The Office, fortalecida com Barolo.

Para começar, fora Harriet que a convencera a vir a Itália. A sua insistência encontrara eco na paixão de Eduardo e os dois, primeiro, venceram-na pelo cansaço e, depois, praticamente a empurraram para dentro do avião. Estava-lhes grata agora, não queria ter perdido Roma por nada deste mundo, mas à medida que os dias iam passando, ela ia adiando a viagem ao Sul.

Não podia protelar mais. Por superstição, acondicionou apenas algumas coisas na mochila e deixou o restante no hotel. Tudo o que precisava era de algumas mudas de roupa, uma escova de dentes, uma escova para o cabelo indisciplinado, o computador portátil para as receitas, uma máquina fotográfica e, claro, a carta e a fotografia. Não queria desafiar o destino ao assumir que ficaria em San Giulio por mais do que apenas alguns dias.

A mochila estava agora a seus pés e, assim que acabasse o tira-misu e o café que o empregado estava prestes a trazer, seguiria para a estação para apanhar o comboio rumo a Nápoles. Dali, segundo o seu guia turístico, havia uma carreira de autocarros até à praça de San Giulio. Ela imaginava que fosse uma vila bonita, com velhos edifícios em pedra e camponeses interessantes. E a comida, mal podia esperar por provar a comida. Esperava encontrar a verdadeira cocina povera, menos refinada do que as refeições que comera em Roma mas não menos saborosa. Mesmo que nunca encontrasse a sua família, estava certa de que havia muito para desfrutar naquela viagem.

Não tinha pressa de chegar à Stazioni Termini. A partir do mapa das ruas podia ver que tinha um longo caminho a percorrer desde a Piazza Navona e decidiu fazê-lo a ritmo de passeio, delei-tando-se com o aroma doce a cebolas fritas que as portas abertas dos restaurantes deixavam escapar e espreitando as montras das lojas enfeitadas com roupas extravagantes, que ela própria jamais se atreveria a usar. Só o facto de observar a população local era por si só um entretenimento. Guiavam como loucos ou como se estivessem a fugir de uma catástrofe, com uma mão na buzina, o pé a fundo no acelerador, quando entravam nas ruas estreitas e movimentadas a grande velocidade. Chiara estava francamente espantada pelo facto de as bermas das estradas não estarem atulhadas de destroços de carros e peões moribundos, e estava certa de que seria fácil de mais para uma turista como ela, distraída com uma inesperada obra de arquitectura clássica ou uma bela fonte, ser ceifada por alguém a conduzir de casa para o emprego em tempo

recorde.

Mesmo quando não estavam enclausurados nas suas viaturas, os romanos pareciam estar sempre à beira de perder o controlo, falando tanto com as mãos como com as vozes, passando da gargalhada à cólera e vice-versa com uma rapidez assustadora e sem aviso. E por Deus, como eram barulhentos! Quando passeava pelas ruas menos movimentadas, Chiara reparou em mais do que uma velhinha vestida de preto, plantada na rua, a ter uma longa conversa em elevados decibéis com alguém numa varanda seis pisos acima. Seria lógico de mais que alguma delas subisse de elevador e se juntasse à outra, seria descolorido e monótono de mais, muito pouco italiano.

De repente, Chiara sentiu-se terrivelmente cerimoniosa, como uma personagem saída de um romance de Jane Austen, toda cheia de modos requintados e chávenas de porcelana. Nunca antes pensara em si como pouco emotiva, mas em comparação com as pessoas volúveis que estava a conhecer, a sua postura rígida era o epítome perfeito da rigidez. Tinha uma mãe italiana e, presumia, um pai italiano, portanto não conseguia imaginar como é que tinha ficado assim. O frio inglês devia ter penetrado nela, trazido pelos ventos gelados que sopravam do Mar da Irlanda e subiam o rio Mersey, abanando as janelas da casa alta mpromenade.

Deu-se uma pequena e barulhenta confusão quando ela finalmente chegou à estação.

O problema foi que ninguém parecia chegar a um consenso quanto à fila onde ela deveria colocar-se para comprar o bilhete específico que precisava para viajar de Roma para Nápoles.

— Tem de comprar um bilhete para o Rápido e eu não lhe posso vender desses. Tem de ir para aquele balcão ali — informou rudemente o vendedor de bilhetes num italiano ultra-rápido.

E, então, ela esperou noutra fila de uma outra bilheteira só para lhe comunicarem: «Precisa de comprar um bilhete para o Rápido. Eu não lhe posso vender um desses aqui» e foi recambiada para o balcão de onde viera.

Chiara estava com calor, confusa e farta de estar na fila. Abriu a boca e começou a gritar com ele em inglês. — Estou farta disto, raios! Um de vocês diz-me uma coisa, o outro diz-me outra. Só quero comprar um maldito bilhete para Nápoles e não saio daqui até que alguém me venda um. — Estava a comportar-se como uma italiana, reconheceu ela com espanto.

O vendedor de bilhetes não podia ter compreendido uma palavra do que ela disse, mas percebeu a forma como o disse. Calmamente, aceitou o dinheiro e

empurrou o bilhete para o outro lado do balcão, fazendo-lhe um gesto autoritário com a mão para ela se ir embora. Chiara sentia-se exausta do esforço que fizera ao ener-var-se tanto. Não conseguia imaginar como seria agir naquele nível altamente emotivo o dia inteiro, todos os dias e, contudo, as pessoas em redor sorriam e riam mais do que os seus formais homólogos londrinos. Talvez fosse mais saudável, a longo prazo, viver com as emoções ao rubro.

Foi um alívio afundar-se no lugar à janela, no comboio que estava extraordinariamente fresco e em boas condições e que partiu suavemente da estação no exacto momento indicado pelo horário. Apesar de permanecer um mistério para Chiara o facto de semelhante raça caótica ser capaz de ter um sistema de caminhos-de-ferro que funcionasse, ela estava agradecida por o conseguirem.

Saiu do comboio em Nápoles e recuou no tempo directamente até à verdadeira Itália — quente, confusa e absolutamente desconhecida. Os taxistas escancaravam os capots dos seus carros e jogavam jogos de cartas ferozes e ruidosos; uma mulher gorda com uma criança muito magra, envergando umas vestes masculinas longas e sujas, mendigava uns trocados; e toda a gente parecia estar a falar ao mesmo tempo num dialecto que soava não só de um modo bem articulado como também gutural para um ouvido acostumado a entoações romanas. Ali as pessoas eram mais baixas, mais escuras e mais barulhentas, com rostos mais duros e matreiros.

Chiara estava habituada ao ruído e às hordas de gente, mas mesmo assim quase se sentiu ameaçada quando atravessou a multidão, uma figura solitária agarrada uma pequena mochila. Precisou de todo o seu poder de autocontrolo para não se precipitar rapidamente de volta para o comboio que a levaria comodamente dali. Com aquela atitude poderia finalmente dizer que era adulta, decidiu. Quando não se quer fazer algo, mas faz-se de qualquer forma, porque se sabe que se tem de fazer.

Chiara entrou no autocarro que a levaria para mais perto da família que receava conhecer. Estava quente e abafado, mas as janelas estavam tão abertas quanto possível e, assim que começaram a andar, uma brisa agradável refrescou-lhe a cara. Mães e filhos estavam enfiados na maioria dos lugares. As mães tinham rostos cansados e muitos quilos a mais a balançar nos braços e queixo, mas as crianças eram encantadoras. Os seus olhos eram como uvas passas e lançavam miradas, por detrás das costas dos assentos, à pálida e escanzelada senhora de cabelo curto espetado. Chiara tentou concentrar-se nas crianças em vez da estrada. Bem nenhum adviria de observar o modo como os condutores italianos se

comportavam nas longas e rectas faixas de autostrada, disso ela tinha a certeza. O campo era castanho, plano e árido. Aquela não era a Itália dos postais ou da sua imaginação. Consultou o relógio, o autocarro começou a cortar caminho através das ruas cheias de prédios de habitação que pareciam ter sido construídos à pressa nos anos setenta. Ali e acolá, via uma árvore, mas fora isso não havia espaços verdes. Cada edifício era apunhalado centenas de vezes por antenas de televisão e a roupa secava em cordas esticadas nas varandas. Imaginou o som de cães a ladrar e de bebés a chorar que provavelmente acompanhavam a vida diária daqueles caixotes deprimentes.

Chiara esperava ver encantadoras casas rústicas e velhas igrejas típicas, mas não havia nenhuma. Os blocos tristes de apartamentos foram uma constante até ao fim do itinerário do autocarro.

A praça onde saiu do autocarro foi aquilo que se aproximou mais do pitoresco. Palmeiras altas ao longo da velha praça calcetada, em direcção a uma igreja baixa, com reboco branco a cair aos flocos das paredes. Havia carros estacionados de ponta a ponta, enfiados onde quer que houvesse espaço, e à sua volta lambretas Vespa zumbiam como mosquitos, transportando raparigas bonitas de cabelos ao vento e rapazes musculados de T-shirts justas. Havia mais jovens reunidos em redor da fonte seca no centro da praça e nos bancos debaixo das palmeiras. Rindo e conversando, pareciam despreocupados e, para Chiara, muito mais bonitos do que o cenário que os rodeava.

Ficou parada, de mochila ao ombro, a inspeccionar o ambiente, tentando decidir qual o próximo passo a dar. Numas das esquinas da praça, avistou um pequeno caffè à moda antiga. Àquela distância, conseguia apenas ler as palavras onduladas em letras douradas na pesada porta de vidro — Il Caffè dei Fratelli Angeli.

Decidiu dar um passeio e esticar as pernas, que estavam perras depois da viagem de autocarro. E quando ficasse cheia de sede, regressaria e arranjará uma mesa no pequeno caffè. Não mencionaria ainda o nome Carrozza, queria primeiro ficar com uma impressão do local onde a sua mãe devia ter passado a juventude.

Era quase certo que tinha mudado muito desde os tempos de Maria Domenica. A maioria dos apartamentos modernos não estaria ali nessa altura e a vila seguramente não se teria estendido tanto para dentro do campo árido.

Caminhou pela sombra das palmeiras e subiu uns degraus de pedra gastos da igreja. Por um instante, considerou entrar e dar uma vista de olhos mas sentia-se demasiado intimidada. E se o padre quisesse fazer-lhe perguntas? E se quisesse saber o que fazia ela ali? Por isso, continuou a andar, passando por uma pequena banca de mercado enfeitada com limões frescos. A velhinha curvada, cujo rosto

enrugado espreitava por detrás do fruto amarelo e ceroso, chamou-a, uma espécie de convite. Mas Chiara sorriu-lhe apenas e continuou a andar.

Passou por várias lojas: a padaria, o talho e a leitaria, onde cinco ou seis mulheres, com cestos nos braços, faziam fila para o mozzarella de búfala fresco do dia. Cresceu-lhe água na boca ao pensar no queijo macio e succulento a derreter-se na sua língua e resolveu que iria provar uma ou duas fatias muito em breve.

Depois as lojas extinguiram-se pouco a pouco, dando lugar aos sombrios prédios de habitação e Chiara também se sentiu desencorajada a continuar pela fealdade. Voltou para atrás na direcção do caffè pelo mesmo caminho que tinha descoberto anteriormente.

A pesada porta de vidro do Caffè Angeli rangeu ao abrir-se e ela deteve-se, ficou imobilizada com a estupefacção. Nunca na sua vida vira um sítio tão fantástico como aquele. Cada uma das paredes estava coberta com frescos. Cupidos trepavam por cima das banquetas de couro vermelho e uma Vénus saía graciosamente da sua concha mesmo por detrás dajukebox. Uma canção de amor italiana estava a tocar; ela não compreendia as palavras, mas o vibrato na voz do cantor falava de um coração partido.

Por detrás de um longo balcão em aço inoxidável, polindo uma enorme Gaggia antiquada com um pano limpo, estava um homem bem-parecido, cujo cabelo escuro tinha as pontas prateadas. As rugas de expressão assentavam confortavelmente num rosto austero e tinha a constituição esguia e adequada a um trabalhador que estava de pé o dia inteiro. Chiara diria que ele era talvez quatro ou cinco anos mais novo do que a mãe e imaginou se eles se conheceriam. Era uma ideia que a fazia estremecer, por um lado, de excitação e, por outro, de pavor.

— Buongiorno. — O homem tirou os olhos da máquina e sorriu-lhe convidativamente.

O pó de café espalhado nas suas mãos grandes e quadradas sujava-lhe o avental branco e engomado, amarrado à cintura.

— Oh, olá — respondeu, ainda atordoada pela extravagância pura do que ela julgara ser um desprezioso caffè de bairro.

O homem brindou-a de novo com o seu generoso sorriso. Os dentes eram brancos e contrastavam com a pele escura. — Inglese ou americana? — perguntou.

— Inglese. Sou inglesa. Desculpe, falo apenas um bocadinho de italiano, não muito.

— Um bocadinho é melhor do que nada — replicou. O inglês dele era bom, com

um sotaque mais puro do que muitos dos empregados no Bar Itália. — Gostaria de tomar um café ou talvez comer qualquer coisa?

— Sim, por favor. — Ela deslizou para cima de um dos bancos altos de couro junto ao balcão. — Um caffè con latte e um panini seria ótimo.

Ele franziu levemente o sobrolho. — Eu tenho mozzarella fresco do dia com tomate e pão caseiro. Acho que iria gostar mais — disse-lhe. — E já é muito tarde para esse café com leite. É mau para a digestão. Sirvo-lhe um expresso e um copo de acqua minerale.

O seu tom era educado mas não admitia qualquer contestação. Chiara anuiu em serena concordância. — Obrigada — disse.

Ele ocupou-se da comida e da bebida dela. — O meu nome é Giovanni Angeli — disse-lhe, de olhos castanhos com longas pestanas a espreitar por cima da Gaggia. — Eu chamo-me Chiara.

Ele fez uma pausa, com o café na mão. — Chiara é um nome bastante invulgar. E qual é o seu sobrenome?

— Fox — respondeu, e ele encolheu os ombros e colocou o café à frente dela no balcão. Chiara bebeu um gole. Estava quente e forte, a cafeína trouxe-lhe um novo vigor. Aquela era a sua oportunidade e se não agisse depressa, acabaria por lhe escorregar das mãos.

— O meu nome é Fox mas o nome da minha mãe era Carrozza, Maria Domenica Carrozza.

O nome pareceu ecoar pelas paredes e elevar-se das pinturas. Até os cupidos pareceram paralisar em pleno voo. O queixo de Giovanni Angeli caiu e, sem dizer uma palavra, precipitou-se para dentro da cortina de veludo vermelho por detrás do balcão. — Papa, papa, vieni qua súbito! — gritou.

Um homem idoso com uma expressão afável e uma coluna direita surgiu, queixando-se numa voz baixa e rezingona. Parecia que acabara de ser acordado de uma sesta.

Giovanni estava a falar depressa de mais para ela compreender o que ele estava a dizer, mas percebeu o seu nome e o nome da mãe — Maria Domenica Carrozza.

O velhote emudeceu, os seus olhos remelosos arregalaram-se por detrás dos óculos de armação prateada e fitaram-na, incrédulos. Saiu de detrás do balcão e pegou-lhe na mão. — Venga, venga ?— disse, arrastando-a em direcção a uma pintura da Virgem com o Menino no centro da parede tão preenchida. O rosto da Virgem pareceu-lhe familiar. Tinha cabelos longos e lisos, um nariz bicudo e olhos encovados. O velho homem esticou a mão e tocou-lhe com reverência no rosto. — Maria Domenica — declarou numa voz rouca, depois, a sua mão

enrugada baixou-se para acariciar o cabelo macio do bebé no joelho da Virgem.
— Chiara — acrescentou.

Chiara estava confusa. — Desculpe, não estou a perceber — disse, virandlo-se para Giovanni. Havia lágrimas a deslizarem-lhe pelo rosto, correndo em rios pelas rugas de expressão e riscando as suas faces. Ele não tentou limpá-las. E quando ela se voltou para encarar o velhote, também ele estava a chorar. Agarrou-a pelos ombros e puxou-a para si num abraço. Chiara sentiu o corpo dele a tremer. Ela abraçou-o também, sem saber porquê.

Por fim,, Giovanni tomou-a pelo braço. O seu braço era quente e tranquilizador. Empurrando-a delicadamente, fê-la sentar-se numa mesa perto da pintura da Virgem com o Menino.

— O teu nome é Chiara e a tua mãe é Maria Domenica Carrozza e nasceu nesta vila?

— perguntou-lhe gentilmente, e ela assentiu com a cabeça em resposta.

Ele apontou para a pintura. — Deixa-me explicar-te o que o meu pai Franco estava a tentar dizer-te. Aqui, na parede, esta Virgem foi pintada à imagem da tua mãe e as feições do bebé foram copiadas das tuas.

O mundo enlouquecera, pensou Chiara. Estes italianos bizarros estavam a dizer disparates e a comportar-se como alienados. — Não compreendo — repetiu ela. — Não há muito que compreender — assegurou Giovanni, e o seu tom era calmo e comedido. Chiara confiava nele. — A tua mãe trabalhou aqui para o meu pai e ele gostava muito dela. Ela deixou a vila há muitos anos e nós tivemos sempre a esperança de ter notícias dela, mas nunca chegaram. E agora tu estás aqui, no Caffè Angeli, e é maravilhoso. Parece um milagre que nos tenhas encontrado de novo.

Ele estava outra vez a chorar, sem pudor, e Chiara começava a reear a pergunta que sabia estar a caminho.

— Como está a tua mãe? Como está Maria Domenica? — perguntou Giovanni, tal como ela esperava.

Recostou-se na cadeira e estudou-os a ambos em silêncio por um instante — o mais velho como um duende encarquilhado, o mais novo cujos olhos ainda brilhavam de vida. A expectativa iluminou-lhes os rostos. Ela não sabia bem o que lhes dizer. Aqueles homens amaram a sua mãe, disso tinha a certeza. Tentou encontrar um modo suave de comunicar a notícia de que a sua mãe já se fora.

— Em primeiro lugar, deve dizer ao seu pai que a minha mãe teve uma vida feliz em Inglaterra — começou. — Encontrou pessoas que a amaram e um lar

confortável.

Acho que ela sempre sentiu saudades de Itália mas Inglaterra era a segunda preferida.

— E agora? — questionou Giovanni, com a voz de um homem que começava a suspeitar qual era resposta para a sua pergunta. Os dois homens choraram novamente quando ela lhes contou acerca da morte lenta e silenciosa da mãe e da sua subsequente busca da família italiana e, com sorte, do seu pai verdadeiro.

— Talvez me possam ajudar? — terminou.

— Bem, podemos facilmente dizer-te onde está a tua família — informou Giovanni, secando as lágrimas nos cantos do avental engomado e manchando o rosto com pó de café. — Eles estão onde sempre estiveram, na pequena quinta, mesmo nos arredores da vila. Posso levar-te de carro até lá, se quiseses.

— Não, acho que prefiro ir sozinha — respondeu sem hesitação.

— Bom, nesse caso, eu indico-te a direcção certa e podes chegar lá a pé em vinte minutos. Não é um passeio muito agradável, ao longo da estrada principal, mas é plano e bastante fácil. A tua mãe razia-o frequentemente nos velhos tempos, muitas vezes empurrando o teu carrinho de bebé.

— Ela trazia-me para aqui quando eu era bebé?

— Claro que sim. Enquanto ela trabalhava, tu dormias aqui no teu berço na salinha de estar do meu pai por detrás da cortina. Lembro-me de como eras bem-comportada. — Giovanni sorriu e ela—devolveu-lhe o sorriso. — O meu pai receava que tu chorasses o dia todo e afugentasses os clientes, mas só te ouvíamos quando estavas com fome ou precisavas de mudar a fralda.

Giovanni e o pai eram um armazém de velhas memórias e ela desejava limpar-lhes o pó e saber mais sobre a vida da sua mãe em Itália. Mas uma questão urgente inquietava-lhe o pensamento. — E o meu pai, o Marco, também está na quinta? — inquiriu.

Giovanni fez a mesma careta que fizera antes quando ela lhe pediu o café com leite àquela hora do dia. — O teu pai? — Fez uma pausa e disse bruscamente. — Não, o Marco não está aqui. Abandonou a vila há muito tempo. Mas os outros estão cá e, se os quiseses ver, acho que devias pôr-te a andar daqui a pouco. Mas volta aqui amanhã, sim? Eu e o meu pai gostaríamos de conversar contigo mais um pouco. Temos muitas perguntas, tal como tu, seguramente.

Giovanni desenhou um esquema para que ela não se perdesse e os dois homens beijaram-na e abraçaram-na quando se despediram dela. Franco segurou-lhe a mão até ao último momento, como se não suportasse deixá-la ir e balbuciou alguma coisa no seu italiano estranho e indistinto de homem idoso.

— O que é que ele disse? — perguntou ela a Giovanni.

— Ele disse que terias de voltar amanhã. Vai preparar-te a sua pizza especial. Era a favorita da tua mãe.

Quando ela virou as costas aos dois homens, sentiu que finalmente tinha amigos ali em Itália. Se as coisas corressem mal com a sua família, poderia voltar para ali. Franco e Giovanni tomariam conta dela, estava certa disso.

A palavra «culpa» estava visivelmente estampada no rosto de Giovanni enquanto ele observava as costas fortes e elegantes de Chiara desaparecerem pela porta do Caffè Angeli. Quando se certificou de que ela se fora, voltou-se para o pai e perguntou: — Será que devíamos ter-lhe contado mais?

— Que mais é que lhe querias ter contado?

— Que tenho a certeza de que o pai dela não é o Marco, que a Rosaria é uma cabra e que a receberá friamente, que a mãe tinha boas razões para fugir quando o fez.

Franco resmungou. O seu rosto era agora um traçado de rugas e os seus cabelos eram poucos e preciosos, mas não perdera o seu espírito. — Acho que já interferiste o suficiente nos assuntos daquela família, não achas? — afirmou duramente. — É tempo de deixar as coisas seguirem o seu curso natural. O que tiver de ser, será.

Giovanni regressou ao polimento da máquina. O pai nunca o perdoara completamente pelo que ele fizera naquela hora avançada da noite há todos aqueles anos. Não era o dinheiro que ele objectava — teria dado a Maria Domenica o seu último centavo — mas o facto de lhe ter permitido desvanecer-se na luz cinzenta da manhã sem uma palavra. Giovanni ainda se lembrava da fúria do pai, da sua língua cáustica quando se apercebeu de que ela desaparecera completamente, de que ninguém saberia onde a encontrar.

Parecera-lhe a coisa certa a fazer naquela altura, argumentara, mas Franco fora surdo às suas justificações. Talvez tenha errado, pensou muitas vezes mais tarde, mas era tão jovem e o rosto de Maria Domenica estava tão ferido e pisado que o assustara. Lembrava-se de ter tentado agir corajosamente e de querer protegê-la, mas a verdade é que ele temia que Erminio Carrozza e Gino Manzoni aparecessem na soleira da sua porta, de espingarda em punho, se suspeitassem do seu envolvimento. Tinha feito aquilo que achara melhor. Era assim tão errado? E esfregou com mais força a Gaggia. Por mais que a limpasse a fundo, no dia seguinte estaria novamente coberta de uma crosta de pó de café seco e duro, tal como as suas roupas, o seu cabelo e a sua pele. Tudo cheiraria a torrado e a amargo. Tinha de proteger as roupas em sacos de plástico bem fechados até ter

tempo de as lavar ou o fedor infestaria todos os quartos da casa. Pelo menos, Maria Domenica escapara daquela vila, pensou, e da monótona e previsível vida por ali, dos cheiros azedos e desagradáveis. Ela não deixara a lealdade ou o dever para com a família travá-la. Mas agora, contra todas as previsões, a filha voltara. Quem sabia o que ela iria encontrar ali?

Giovanni estava certo quanto ao percurso; era fácil, mas feio. A via parecia ter sido alargada recentemente para uma estrada de duas faixas. Não tinha havido tempo para ajardinar e montes de terra dura bloqueavam de vez em quando o seu caminho à medida que avançava. Por fim, os prédios desistiram de subjugar a paisagem e Chiara deu consigo a passar por casas de dois andares em espaços maiores. Estavam alegremente pintadas em tons de rosa, laranja e amarelo, quase como se os seus proprietários, deprimidos com as suas perspectivas, se tivessem tentado animar com a cor.

Agora, estava impaciente por chegar lá. A sensação de medo tinha passado finalmente e as suas pernas não a faziam avançar tão depressa quanto desejava. Primeiro, viu os pessegueiros e, por detrás deles, uma pequena casa irregular. Deteve-se ao início do caminho de entrada e pensou, pela primeira vez, sobre qual seria a melhor forma de se apresentar. Não valia a pena estar com rodeios, decidiu, mais valia falar abertamente. Iria dizer-lhes, logo, exactamente quem era e porque estava ali.

Enquanto percorria o caminho de entrada, um cão castanho e forte, com um longo pêlo emaranhado em tranças, esticou o grosso cadeado e ladrrou-lhe histericamente. Uma família de galinhas sujas começou a correr em todas as direcções à sua frente, levantando uma nuvem de poeira. Uma horta junto à porta da cozinha presenteou-a com ervas daninhas, um manjerição muito alto e um tomateiro indisciplinado. O lugar parecia maltratado e vazio.

Chiara impeliu-se a si própria através do pátio e bateu na grande porta de madeira com uma mão pesada antes de ter tempo de mudar de ideias. Para seu espanto, a porta abriu-se de imediato e ela ficou momentaneamente boquiaberta. O homem alto e esbelto parado à sua frente devia ser o ser humano mais belo que alguma vez vira. Os olhos não eram castanhos, mas também não eram mesmo verdes, e estavam emoldurados por pestanas tão longas e exuberantes que não pareciam reais. A pele morena era extremamente lisa e límpida, capaz de levar uma mulher ao Botox, e o cabelo era lustroso como a asa de um melro. Não pôde deixar de reparar nos longos dedos que mantinham a porta aberta. Até as unhas pareciam ter sido polidas e limadas.

—Signora} — disse ele com perplexidade, erguendo uma sobrancelha impecável.

Ela recuperou o suficiente para conseguir balbuciar: — Olá. — Depois voltou a fixá-lo novamente, esforçando-se por encontrar uma imperfeição.

— Estás perdida? — perguntou ele num inglês hesitante.

— Não. — E engoliu em seco e abanou a cabeça.

— Então como posso ajudar? — inquiriu.

Ela conseguiu recuperar a fala após um momento de mudez e estupefacção perante a beleza dele e, de enxurrada, revelou tudo de uma vez — quem era, o que fazia ali, porque escolhera aquela altura para vir — um não mais acabar de palavras que devia ter sido difícil de acompanhar. De alguma forma, ele conseguiu.

— Acho que é melhor entrares — disse-lhe quando ela terminou.

Abriu a porta um pouco e ela entrou directamente para a grande cozinha que era, no mínimo, rústica. Uma mesa de pinho gasta e velhas cadeiras de vinil dominavam o centro da divisão. Abraçando uma parede estava um armário de cozinha envelhecido, com as prateleiras de cima carregadas de pães redondos. Os guarda-louças não combinavam e o velho lava-louça estava rachado. Não havia sinais de comodidades modernas, como um microondas ou uma máquina de lavar louça, reparou, mas em cima de um fogão antigo uma caçarola enorme estava a ferver e, a julgar pelo padrão fresco na parede, estava cheia de um molho à base de tomate.

Chiara desejou levantar a tampa para cheirar e provar, fazer perguntas e tomar notas, mas aquele não era claramente o momento certo para isso.

— Senta-te — disse o adónis, puxando a cadeira menos estragada. — Queres um copo de água?

— Sim, por favor, gostaria muito.

Ele encheu um copo por lavar com água da torneira e ela lembrou-se de todos os avisos para beber apenas água engarrafada. As pontas dos seus dedos tocaram brevemente nas dele quando Chiara lhe tirou o copo das mãos. Arrepiou-se e ele sorriu como um homem que sabia exactamente o poder que exercia sobre o sexo oposto.

— O meu nome é Paolo — disse-lhe.

— Tu és... eh... temos algum grau de parentesco?

Paolo encolheu os ombros. Parecia absolutamente inalterado com o seu aparecimento à porta da entrada. — Primos, acho — replicou. — Fica aí e eu vou chamar a Mamma. Ela é tua tia, suponho. — Voltou a sorrir de um modo tão eficaz como da primeira vez. — Chama-se Rosaria. Está a dormir uma sesta neste momento, mas acho que gostaria de ser acordada para te conhecer.

Chiara esperou cinco minutos, depois dez, depois quinze. Pareceu-lhe ouvir o

som de vozes exaltadas mas não podia ter a certeza. Finalmente, uma porta abriu-se e uma figura carrancuda surgiu à entrada. Talvez tivesse sido bonita em tempos, antes de a flacidez se ter apoderado dela e de a boca ter perdido a energia para expulsar a carranca, mas agora era impossível acreditar que ela era de algum modo aparentada com a elegante e graciosa Maria Domenica.

Os braços eram grandes e gordos, como dois sacos de roupa suja mal-amanhados, os olhos eram duas uvas passas ressequidas numa cara de pão-de-leite pastoso, o corpo inchado era um fardo para ela. Entrou pesadamente na cozinha como alguém cujos joelhos se tinham acostumado à dor.

—Rosaria? — perguntou Chiara de modo hesitante.

Ela respondeu-lhe com uma torrente de italiano que soou a um acolhimento mais injurioso do que caloroso.

—Desculpe, não entendo.

Suavemente, Paolo interveio. — Não te preocupes. A Mamma ainda não está devidamente acordada e a tua chegada aqui foi um grande choque para ela.

— Olha, eu posso ir embora. Podia voltar amanhã ou noutra altura, se for melhor.

— Não, fica onde estás. A Mamma acorda sempre esfomeada. Vou preparar-lhe alguma coisa para comer e a sua disposição melhorará. Ela sabe falar um pouco de inglês, eu próprio a ensinei, e assim que tiver o estômago cheio é provável que se lembre de alguma coisa do que aprendeu.

Paolo serviu pratos de pão, queijo, azeitonas, tiras de beringela conservadas em vinagre balsâmico e prosciutto cru. De facto, enquanto mastigava, Rosaria pareceu acalmar. Nem sequer ofereceu a Chiara um pouco do que estava a comer mas, como tinha reparado nas moscas a zumbir à volta da comida e as galinhas alojadas debaixo da mesa, Chiara ficou agradecida. Estava longe de ser rigorosa com a higiene na sua própria cozinha, mas aquilo era de mais.

Por fim, Rosaria parou de mastigar, limpou um pouco de gordura do queixo com as mãos e disse muito lentamente, partindo cada palavra em sílabas separadas: — Maria Domenica.

— Sim, Maria Domenica — replicou Chiara. — Mia mamma.

— Ela fugiu.

— Sim, eu sei.

— E agora tu estás aqui.

— Sim.

— O que pretendes de nós?

— Na verdade, eu tenho algo para vocês... uma carta que a minha mãe escreveu aos seus pais, Pepina e Erminio. Acho que devem ser eles aqui nesta fotografia.

Retirou a enrugada fotografia de casamento a preto e branco do seu saco e fê-la deslizar pela mesa. A expressão mal-humorada de Rosaria não mudou. Talvez fosse tarde de mais, pensou Chiara, e o velho casal tivesse morrido.

Paolo virou-se e agraciou-a com outro rasgo do seu charme. - Pepina e Erminio? A esta hora do dia eles normalmente vão dar um passeio pelo pomar, de mãos dadas como um jovem casal apaixonado. Vou ver se os encontro. Assim que souberem de ti e da tua carta, virão tão depressa quanto as suas velhas pernas permitirem.

Quando ele saiu, Chiara relaxou um pouco e apercebeu-se de que estava a manter uma postura artificial — de barriga para dentro e peito para fora — para causar a melhor impressão. Nunca dera consigo a pensar que deveria ter investido uns minutos extra a maquilhar-se convenientemente em vez de passar apenas o rímel nas pestanas e aplicar um pouco de base aqui e ali. Ele era deslumbrante e não parecia haver nenhuma esposa em lado nenhum, o que talvez não fosse surpreendente, tendo em conta a sogra que ela teria de aturar.

Chiara não teve de esperar muito tempo até ouvir os gritos e suspiros excitados de duas velhas pessoas esbaforidas. Uma senhora robusta de cabelo branco irrompeu pela porta, seguida de um homem mais velho e ainda mais robusto. Acercaram-se dela, abraçando-a e beijando-a, beliscando-lhe as bochechas. — Chiara, Chiara, bella Chiara — falavam em coro. Depois a velha senhora sentou-se pesadamente numa cadeira, tirou o avental pela cabeça e começou a chorar para o tecido florido. Rosaria revirou os olhos e abanou a cabeça, mas o velhote pôs-se ao lado da mulher e acariciou-lhe o braço. Chiara não compreendia as palavras que ele murmurava, mas podia ver que eram tranquilizadoras. Ela retirou a carta da mochila, desdobrou-a e colocou-a delicadamente sobre a mesa de pinho. Chiara mordeu os lábios quando viu a forma da caligrafia no papel amarelecido.

Quando os soluços de Pepina abrandaram, Chiara estendeu-lhe a carta. — De Maria Domenica — disse simplesmente.

Foi Paolo quem lhe tirou o papel das mãos. — Eu leio-a. A vista deles já não é grande coisa hoje em dia e eles nunca mais conseguirão encontrar os óculos. Estão sempre no lugar onde menos se espera.

Começou a ler as palavras agora familiares numa bonita voz que condizia com o seu bonito rosto. Enquanto falava, Pepina apertava com força a mão de Erminio, com os nós dos dedos a ficarem brancos. — Mia figlia, mia figlia — exclamou quando ele terminou, seguido de outra torrente de italiano.

Paolo traduziu. — Ela quer saber onde está a filha.

Chiara agradeceu a Deus por aquela ser a última vez que teria de dar a notícia a pessoas que amaram a mãe. Repetiu mais ou menos as mesmas palavras que usara com os dois homens no caffè, mas nada podia amenizar o choque. Mais uma vez, Pepina desapareceu por debaixo do seu avental e Erminio chorava também a sua morte, soluçando mais abertamente do que alguma vez vira um homem a chorar. — Ela era feliz — repetiu Chiara desesperadamente. — Teve uma vida feliz. Conheceu outro homem, chamado Alex, que a amou muito e que foi como um pai para mim.

Rosaria pôs-se de pé e foi mexer o molho que borbulhava no fogão. Chiara roubou um olhar a Paolo. Ele estava reler a carta, franzindo o sobrolho quase sem enrugam a sua pele lisa.

— É tão triste — disse ele, olhando para ela. — A tua mãe nunca voltou a casa e, no entanto, a Pepina e o Erminio estiveram à espera dela todos estes anos.

Porque é que ela não veio?

— Não sei — respondeu Chiara. — Penso que, talvez, porque tivesse medo do meu pai.

— O teu pai?

— Sim, o meu pai, o Marco.

— Não. — Ele abanou a cabeça. — O Marco não é teu pai, é meu.

— Mas eu pensei, a partir da carta, que a minha mãe fosse casada com ele...

Rosaria parou de mexer o molho e soltou um gritinho: — Casada? — O seu conhecimento de inglês ressurgira subitamente. — Oh, sim, ela foi casada com ele, mas isso não quer dizer que tu fosses filha dele. Estamos a falar de Maria Domenica... puttana!

Chiara sentiu-se tonta. A situação começava a escapar à sua capacidade de compreensão. Parecia que estavam a falar de duas pessoas diferentes. Sabia o significado da palavra puttana e não se aplicava à sua mãe. Ela não era uma prostituta. Ela nunca fora senão totalmente fiel a Alex, Chiara estava segura disso. Por momentos sentiu um desejo infantil de enfiar os dedos nos ouvidos e recusar-se a ouvir mais, mas a curiosidade foi mais forte. — Então, se o Marco não era o meu pai, quem era?

A expressão de Rosaria era rancorosa e a sua voz quase histérica. — Podia ter sido qualquer um — lamentou em italiano. — Aquele artista que pintou aquelas imagens pagãs nas paredes do Caffè Angeli ou algum homem que ela conheceu em Roma. Pode até ter sido Franco ou o filho Giovanni. Eles eram chegados, chegados de mais, e tudo podia ter acontecido por detrás daquela cortina vermelha ao fundo do caffè. Ela provavelmente dormiu com todos eles.

—Eu não acredito nisso. — A voz de Chiara ressoou, quando Paolo traduziu. Pepina e Erminio olharam para cima alarmados, mas logo de seguida voltaram aos beijos e abraços e beliscões na face. —Bella, bella — repetiram vezes sem conta.

A crueldade da voz de Rosaria interrompeu-os. Estava a falar num italiano furioso outra vez, mas, desta vez, Chiara não teve problemas em traduzir o seu tom. Não era bem-vinda ali — isso era demasiado óbvio.

Baixou-se e pegou na mochila, pronta para inventar uma desculpa e sair. Mas aquele movimento mínimo e a sua intenção não escaparam a Erminio, que lhe pôs uma mão delicada mas impeditiva no ombro.

Quando ele se virou para Rosaria, Chiara viu uma expressão nos seus olhos que a fez imaginar o homem que ele fora outrora. Falou de forma concisa e serena, porém Rosaria podia sentir a fúria contida nas suas palavras. Não tolerou qualquer discussão e, quando terminou, Rosaria deixou cair a colher de pau que tinha na mão e saiu da cozinha, indignada.

Chiara olhou para Paolo, procurando alguma espécie de interpretação. Para seu alívio, ele parecia despreocupado com a discussão e apenas sorriu novamente. — Os meus avós querem que fiques aqui. Dizem que vamos preparar o quarto aqui ao lado para ti. Era onde a tua mamma costumava dormir.

— Mas eu não posso, Paolo. A tua mãe não me quer aqui, isso ficou bastante claro.

— Não te preocupes com ela. Ela é temperamental. E, de qualquer forma, não é a dona da casa, pertence aos meus avós e eles não vão querer saber de tu ficares em nenhum outro sítio.

— Não estarei a ser um pouco inconveniente?

— Possivelmente, mas serás ainda mais inconveniente se tentares ir embora. Vais fazê-los ficar muito tristes mais uma vez. E olha para eles. Não vais querer magoá-los, pois não?

Chiara observou o velho casal de rostos enrugados, de pele cor de noz, com roupas desbotadas e corpos atarracados. Estavam a sorrir-lhe, esperançosos, apesar de Pepina ainda ter lágrimas nos olhos. Se ao menos ela se tivesse esforçado um pouco mais para aprender italiano, talvez tivesse sido capaz de comunicar com eles.

Assim, apenas podia sorrir até lhe ficar a doer o maxilar e repetir as palavras:

— Grazie, grazie.

Naquela noite, quando escureceu, Paolo enxotou as galinhas para fora da cozinha e Pepina acendeu as velas ao longo da mesa de pinho. Trouxeram as mais

deliciosas iguarias para ela provar: pros-ciutto cruado curado pela própria Pepina, uma pesada fatia de queijo parmigiano para cortar às fatias com uma faca afiada, um prato de brócolos levemente cozidos a vapor misturados numa caçarola com azeite, um pouco de alho e alguns pimentões vermelhos picantes, uma taça de courgettes bebés, cortadas em fatias e secas ao sol, e depois alouradas em azeite e conservadas em vinagre, alho e pimenta grosseiramente picada. E ainda o mais fresco queijo mozzarella, que se derretia na boca, com o maior cesto de pão caseiro, tão duro e grosseiro que Chiara receou partir os seus frágeis dentes ingleses.

Cada vez que Chiara pensou que o jantar tinha terminado, Pepina regressava ao fogão e trazia mais pratos para a mesa. Bolas de arroz recheadas com queijo e tenras parras fritas em azeite abundante, levemente alouradas numa frigideira com ainda mais alho, uns feijões amarelos estranhos que Paolo lhe disse que eram tremoços. Chiara achou que ia rebentar mas não foi capaz de dizer não a nada. A comida chamou Rosaria de novo à cozinha, mas esta comeu em silêncio e evitou o olhar de Chiara. Dela emanavam maus sentimentos, embora mais ninguém parecesse registar algo de errado. Chiara seguiu o exemplo dos outros e prosseguiu com o dever sério de provar uma dose substancial de cada prato. Erminio observava com aprovação o que ela comia. — Mangia, mangia — disse, esfregando a redonda barriga.

— O meu avô gosta de uma mulher com apetite — explicou Paolo.

Chiara tinha-o de novo como intérprete, portanto podia dizer aos avós exactamente porque é que a comida que estava a provar era tão importante para ela. Eles anuíram e sorriram orgulhosamente quando souberam que ela tinha ganho a vida como chef de cozinha e estava agora a tornar-se numa escritora famosa de livros de culinária.

— A minha avó sempre foi uma cozinheira magnífica, a melhor da vizinhança — disse-lhe Paolo. — Deves ter herdado o talento dela.

— Suponho que sim — respondeu Chiara, quase aturdida com a admiração. Ela era parente daquelas pessoas, saía a elas. Só de pensar nisso ficava mais feliz. Depois teve uma ideia. Pediu a Paolo para traduzir mais uma coisa para ela. — Será que ela me ensina? Podes perguntar-lhe se ela me mostra como se confecciona a comida tradicional da família, que a minha mãe também comeu? A comida que tem sido cozinhada por gerações das mulheres Carrozza? Sabes, ando à procura de inspiração para o meu segundo livro. Estou a pensar que talvez a possa encontrar aqui.

E Paolo perguntou e a velha senhora pareceu tão entusiasmada com suas palavras

que se pôs de pé e voltou às suas panelas em cima do fogão como se quisesse começar imediatamente.

Erminio fê-la sentar outra vez. Depois falou novamente, com o mesmo tom de autoridade na voz, e Paolo assentiu com a cabeça. — O meu avô diz que amanhã de manhã cedo a Rosaria ficará aqui a limpar a cozinha, que aparentemente deixou chegar a este estado nojento, e nós iremos contigo à vila para comprar ingredientes frescos. A seguir, depois de descansarmos um pouco, começaremos a cozinhar.

— Parece-me esplêndido.

— Deves ir para a cama cedo — aconselhou. — Tiveste um dia muito longo e os meus avós esperam que acordes com o raiar do sol. Ninguém, excepto a Mamma, dorme até tarde aqui.

Deitada na cama estreita onde a mãe dormira outrora, Chiara cheirou os lençóis e a almofada e imaginou que conseguia sentir o cheiro do seu longo cabelo negro. Que sonhos teria ela tido enquanto estava ali deitada?, pensou. Quais seriam as suas esperanças e as suas preces?

Ver Maria Domenica através dos olhos da sua família era como ficar parada a observar a sua paisagem favorita de uma perspectiva diferente. Tudo era familiar na paisagem, mas nada estava onde deveria estar. Começava a pensar que nunca chegara, de facto, a conhecer a mãe. E, quanto ao seu pai, não estava mais perto de resolver o mistério.

Aliás, graças à Rosaria, tinha mais candidatos do que antes.

Quando finalmente adormeceu, sonhou com a cozinha na porta ao lado. Mas no seu sonho, era uma jovem e esguia mulher de olhos castanhos, parecida com a sua mãe, quem mexia os molhos a ferver em cima do fogão e trabalhava a massa do pão.

Os seus movimentos eram rápidos, ela era cheia de vida e de planos tranquilos para o futuro.

Chiara dormiu profundamente. Não despertou com o burburinho de vozes a falar em italiano, ainda que por uma ou duas vezes se tenham exaltado. Continuou a dormir e a sonhar os sonhos de outra pessoa.

Paolo e Rosaria estavam sentados lado a lado na soleira da porta da cozinha na sua pose habitual, a cabeça de Paolo apoiada nos ombros da mãe e ela alisando suavemente o cabelo já incrivelmente liso do filho.

— Mamma — disse mansamente. — Tu tens de te comportar, tens de ser simpática.

— Porque é que tenho de ser simpática? — A sua voz era áspera e alta de mais.

— Chiu, vais acordá-la e eu preciso de falar contigo a sós. — Ele aproximou-se ainda mais de Rosaria e ela deu-lhe um leve beijo na testa.

— Meu Paolo, meu Paolo, eu amo-te tanto que seria capaz de fazer qualquer coisa por ti — gemeu. — Mas por favor, não me peças para ser simpática com aquela bastarda. Ela não tem o direito de estar aqui. Vai arruinar tudo, vai arruinar as nossas vidas. Ouviste como o Papa falou comigo? Isso é só o começo, meu filho. Tal mãe, tal filha. Maria Domenica só causou problemas. Ela sempre fez tudo como quis, do início ao fim.

— Sim, mas Mamma, agora é a nossa vez. Tudo o que temos de fazer é entrar no jogo dela. Vamos ajudá-la a reunir as receitas para o próximo livro. E depois, se formos pacientes, teremos a nossa oportunidade de ganhar um bom dinheiro.

— Rosaria retorceu-se ligeiramente e encostou a cabeça de Paolo ao seu peito, sorrindo. — Não estou a perceber — murmurou. — Como é que vamos ganhar dinheiro com ela?

— Confia em mim.

— Não, diz-me como. Explica!

Paolo levantou a cabeça impacientemente. — Tu ouviste-a. Pensa.

Os seus olhos arregalaram-se e os lábios comprimiam-se. — Não fales assim comigo. Primeiro o teu pai, agora tu. Fala comigo com delicadeza.

Ele voltou a pousar a cabeça no peito dela e a sua voz voltou a assumir um tom meigo. — Pensa, Mamma. O seu último livro vendeu milhares e milhares de exemplares. Ela disse-me que é bastante famosa em Inglaterra, apareceu nos jornais e na televisão. Se ela escrever outro livro e se for um sucesso, nós também seremos famosos. Toda a gente saberá que foi connosco que ela aprendeu as receitas italianas e é assim que vamos ganhar o nosso dinheiro.

— Eu ainda não compreendo.

— Turismo, Mamma. Vamos trazer os turistas aqui. Vamos fazê-los pagar para ficar numa quinta de camponeses e aprender a cozinhar a comida autêntica da região, a comida que eles viram no livro da Chiara. Vão pagar caro para aprender os segredos da cozinha da Mamma Pepina. Confia em mim, eu já li sobre isto. O turismo gastronómico está na moda. A gente rica está disposta a pagar pelo privilégio de viajar por meio mundo e preparar refeições na cozinha de outra pessoa.

— Mas olha para este lugar. O Papa deixou-o degradar-se tanto. Quem pagaria para ficar aqui?

Paolo encolheu os ombros. — Sim, é verdade que precisa de uma camada de tinta e de um arranjo, mas é importante que seja rústico. É por isso que as pessoas estão

a pagar, pelo ambiente.

Rosaria disse, com um risinho: — Oh, sim, ambiente não nos falta! Realmente, Paolo, e não vejo porque é que os turistas hão- de querer vir aqui a San Giulio. Não preferem ir a locais como Amalfi e Positano, as aldeias bonitas junto ao mar? Nunca vais conseguir trazê-los aqui.

—Não, Mamma, eu acho que vai resultar. Teremos de investir algum tempo e talvez algum dinheiro, imprimir brochuras, criar um site na Internet. Mas se o meu plano funcionar, a Chiara fará a maior parte de publicidade para nós. Trará os turistas a San Giulio. Rosaria devia ter-se sentido feliz — Paolo estava perto dela e o seu estômago estava cheio de comida.

Todavia, as palavras do seu filho único deixaram-lhe a sensação fria e vazia que tinha de cada vez que pressentia que o interesse dele havia sido despertado por uma outra mulher.

— Gostas dela? — perguntou abruptamente.

— Parece-me uma boa rapariga.

— É como as outras — avisou. — Ofuscada pela tua aparência, meu Paolo. Mas nunca te amará como eu. Nenhuma mulher te amará tanto como a tua Mamma te ama.

Paolo pressionou a face contra o corpo macio. — Não te preocupes, Mamma. Eu não te vou deixar. Estou a planear usar a rapariga, não consegues ver isso? Tu e eu temos de conseguir ganhar algum dinheiro. Não podemos ficar aqui sem fazer nada por muito mais tempo, à espera que os velhotes morram. E, aliás, como eu sempre digo, nem temos a garantia de que eles nos vão deixar alguma coisa.

Provavelmente, o tio Salvatore vai ficar com tudo.

— Não estamos assim tão desesperados por dinheiro, figlio. O teu pai manda-nos um cheque de vez em quando. Tem sido sempre muito bom nisso.

— Se o meu plano resultar, Mamma, podemos rasgar o cheque dele em mil pedacinhos e devolvê-lo. Vamos estar a nadar no nosso próprio dinheiro. Confia em mim.

Podes fazer a tua parte, ajudando a Chiara com as receitas, fazendo-a sentir-se bem-vinda.

Rosaria suspirou. Lembrou-se de si mesma, tão bonita no seu vestido azul favorito, conduzindo arriscadamente o carro da Mamma até à quinta dos Manzoni. Para onde tinham ido os anos? Porque é que tudo correra tão mal? Por momentos, só de pensar no plano de Paolo, engenhoso como era, ficava exausta. Não tinha energia para avançar para o futuro com ele.

— Mamma? — A cabeça dele descansava agora no seu ventre.

— Se tiver de ser, Paolo, mas só se tiver de ser.

O sol brilhava quando Chiara abriu os olhos. Forte e resplandecente, iluminava os cantos mais empoeirados do quarto, as paredes amareladas, cheias das cicatrizes onde em tempos os posters estiveram pregados, e as pilhas de objectos diversos, sapatos velhos e roupas usadas, que se foram acumulando ali desde que aquele se tornara um quarto vago. Como o resto da casa, o antigo quarto de Maria Domenica transmitia desleixo a Chiara. Pepina e Erminio estavam a ficar demasiado velhos para se preocuparem em manter a casa num estado aceitável e Rosaria não tinha esse gosto. Se houve mais filhos, pensou Chiara, devem ter-se mudado e ter tido as suas próprias famílias, já que ela não vira quaisquer vestígios deles.

Da porta ao lado, ouviu o som de alguém a mexer-se, alguém velho e lento, cujos movimentos sugeriam uma rotina bem treinada. Chiara ouviu a mesa de pinho a ranger como se alguém estivesse a exercer pressão sobre ela. Curiosa, levantou-se da cama estreita, vestiu umas calças de ganga e uma T-shirt e foi investigar. Pepina olhou para cima e sorriu quando ela entrou na cozinha. O sol incidia sobre o seu rosto, destacando sem misericórdia a sua pele enrugada. A velha senhora aparentava cansaço, pensou Chiara, e mesmo assim os seus braços ainda eram bastante musculados e as mãos pareciam ser fortes enquanto trabalhava ritmadamente a massa na mesa da cozinha.

— Ilpane — explicou Pepina, e afastou-se para deixar que Chiara experimentasse trabalhar a massa. O velho armário de cozinha ainda tinha uma prateleira repleta de pães, mas a sua avó parecia claramente precisar de mais porque já tinha colocado outro monte de farinha grossa em cima da mesa e feito um buraco no meio para encher de fermento e água quente.

Pacificamente, laboraram juntas lado a lado, trabalhando a massa até que Pepina ficou satisfeita com a sua consistência. Chiara sabia, sem lhe terem dito, que a sua mãe estivera naquele exacto lugar ao lado de Pepina, ajudando-a a fazer o pão do dia. Começava a compreender a mãe, a divisar o que a moldara. Na noite anterior, quase se arrependera de ter ido até lá, mas naquela manhã soube que tinha sido a coisa acertada a fazer.

Erminio e Paolo não acordaram até que o aroma do pão a cozer alcançou os seus quartos. De Rosaria não havia sinal. Foi preciso soar a voz ribombante de Erminio para a trazer aceleradamente pelo corredor, de cabelo grisalho solto pelos ombros e o rosto inchado pelo sono.

Lançou um olhar dissimulado a Chiara e os seus lábios taciturnos esticaram-se num sorriso incompleto. — Bom-dia, espero que tenhas dormido bem — disse

rapidamente.

Foram as palavras mais afáveis que dissera até ali. Chiara estava surpreendida, mas agradecida. Talvez tivesse ultrapassado o choque inicial e afinal estivesse disposta a fazê-la sentir-se bem-vinda.

—A tua mãe parece mais contente comigo hoje — comentou com Paolo mais tarde, enquanto ele a conduzia até à vila, com Pepina e Erminio apertados no banco de trás.

-Ah, eu disse-te, a Mamma é temperamental. Ontem à noite viste-a no seu pior, mas estou certo de que vai melhorar a partir de agora. Ela está satisfeita por estares aqui, eu consigo ver isso.

Erminio e Pepina insistiram que ele fosse pelo caminho mais longo para que pudessem passar pelas partes antigas da vila, pelos edifícios altos de cor de areia molhada com pátios à sombra, escondidos atrás de muros altos como um segredo.

—Os meus avós dizem que a maior parte da vila era assim quando a tua mãe era jovem. Não havia tantos prédios nessa altura.

San Giulio era uma pequena aldeia rodeada de campos de búfalos.

— É pena que tenha mudado — disse Chiara num tom melancólico.

— Oh, a mudança não é uma coisa assim tão má — disse Paolo com ligeireza. — Havia muita pobreza nessa altura e muita gente vivia em condições terríveis. O meu avô fala-me de famílias tão pobres que tinham apenas uma tigela de spaghetti na mesa para partilhar ao jantar. Acho que agora é melhor.

Conseguiram encontrar um lugar para estacionar na esquina da praça e, com o cesto no braço, Pepina liderou a expedição das compras. Era dia de mercado e as bancas que vendiam legumes frescos, carne e queijo estavam alinhadas ao longo da rua principal. Os vendedores chamavam-nos quando eles passavam, gabando-se das suas beringelas de casca macia, das courgettes doces e dos grandes botões de alcachofras. Pepina era uma compradora cuidadosa, apalpando e apertando o produto antes de se dignar a comprá-lo, regateando como se pensasse que conseguiria alguma coisa com isso. Parecia conhecer toda a gente e o progresso deles pela rua era lento, fazendo curtas paragens a cada meia dúzia de metros para que Chiara fosse apresentada a mais uma velha família que se lembrava da sua mãe.

Algumas das pessoas mais velhas comoviam-se quando ficavam a saber quem ela era, abraçando-a e beijando-a, enchendo-a de pequenas ofertas. Educadamente, bebeu um copo de um líquido turvo e amargo, pressionado contra ela pela velha senhora por detrás da banca de limões. Uma ameixa perfeita foi colocada nas suas mãos pelo vendedor de fruta, um salame inteiro por outro feirante. Tanto Pepina

como Erminio pareciam extraordinariamente orgulhosos dela. — A nossa neta — diziam a toda a gente que passava. — Conheçam a nossa bela neta, Chiara, finalmente em casa após tantos anos.

Enquanto regressavam à praça, Chiara lembrou-se dos dois homens no Caffè Angeli.

Deviam estar a pensar o que seria feito dela.

— Paolo, achas que podemos entrar no caffè antes de voltarmos para a quinta?

Tenho de dar uma palavra ao Franco e ao Giovanni.

Paolo pareceu embaraçado. — Os meus avós não entram no Caffè Angeli — explicou.

— Nunca mais lá foram desde que a tua mamma fugiu. Acho que, de alguma forma, culpam o Franco e o Giovanni pelo que aconteceu, apesar de eu não saber bem porquê.

E quando souberam daquela pintura da Virgem e da criança na parede foi a última gota.

Chiara franziu o sobrolho. — É um pouco complicado, não é?

— Um pouco — concordou. — Mas podíamos sentar-nos num banco à sombra por um bocado e dar algum descanso aos velhotes. Assim, terias oportunidade de lhes dar uma palavrinha rápida.

— Não vou demorar muito — prometeu.

O Caffè Angeli estava a abarrotar. O burburinho da conversa era mais alto do que o barulho da Gaggia e os clientes esvaziavam as chávenas de expresso mais rapidamente do que Giovanni as conseguia encher. Ocupado como estava, ainda teve tempo de desviar o olhar do seu trabalho e piscar-lhe o olho. — É melhor avisar o Papa que estás aqui, para ele fazer aquela pizza que te prometeu.

Não havia espaço ao balcão, portanto Chiara abriu caminho e foi quase para dentro da área de serviço. — Não posso ficar aqui muito tempo porque os meus avós e o Paolo estão lá fora à espera, só queria que soubessem que está tudo bem. Ele ergueu as sobancelhas. — Isso é ótimo.

— No entanto, eu queria falar consigo. Tenho algumas perguntas.

Giovanni olhou para a fila que se formava à sua frente e abanou a cabeça. — Tens razão, agora não é uma boa altura, mas aparece logo à tardinha por volta das cinco e meia. Nessa altura, isto estará calmo e poderemos conversar o tempo que quiseres.

Naquela tarde, os ponteiros do relógio pareceram ter sido impelidos por uma força extraordinária. Foi um choque para Chiara verificar que ela e Pepina tinham estado a fritar, a cozer, a picar e a mexer durante cinco horas inteiras.

Primeiro, fizeram um molho com tomate, alho, alcaparras, azeitonas e anchovas, e adicionaram-lhe finas lascas de vitela que foram deixadas em lume brando até estarem bem cozinhadas. Em seguida, houve pizzas com bases finíssimas e, no topo, nada mais para além de tomate, de um bom azeite e do manjeriço perfumado do jardim.

Com restos de legumes que havia no frigorífico, Pepina confeccionou uma rica e succulenta sopa minestrone. E, finalmente, a avó ensinou-a a fritar. Chiara pensou que aquela era uma técnica que já dominava há muitos anos, mas a fritura de Pepina levava as coisas a outro nível.

A avó encheu uma caçarola preta de ferro fundido com óleo de girassol e aqueceu-o à temperatura exacta; nem demasiado quente, para não queimar a parte exterior dos alimentos antes de cozinhar o seu interior, nem demasiado frio, para a comida não absorver o óleo e ficar gordurosa. Com uma mão, passava deliciosos pedaços por farinha ou envolvia-os em massa crua ou pão ralado, e com a outra, cuidava da comida que já crepitava na caçarola, verificando e virando e depois retirando no momento certo.

A família reuniu-se em seu redor para provar os fritti enquanto ainda estavam bem quentes. Havia calamares, anéis de lulas e rabos de lagostins, fritos até ficarem estaladiços e perfumados por umas gotas de limão. Derretiam-se na boca.

Depois havia frituras, em óleo abundante, de massa preparada com bacalhau salgado, azeitonas, alcaparras, pinhões e uvas passas. Quase a rebentar, Chiara provou as alcachofras fritas enroladas em massa com um forte aroma a parmigiano e deixou-se cair sobre a mesa para petiscar os rebentos de espargos que a avó embrulhara emprosciutto, mergulhara em farinha, ovo e pão ralado e fritara uns poucos de uma vez.

Pepina não se sentou para comer. Petiscava enquanto cozinhasse, debruçada sobre o balcão. — Friggendo mangiando — disse a Chiara, que se virou para Paolo à espera da tradução.

— A cozinheira não se pode dar ao luxo de se sentar quando está a fazer os fritti — explicou. — O óleo está quente e é perigoso.

Requer atenção.

A comida foi servida em pratos e taças, e Paolo, de velha máquina fotográfica ao pescoço, dispôs tudo na mesa e tirou fotografias de todos os ângulos possíveis.

— Não sabia que fazias fotografia, Paolo — disse Chiara quando ele mostrou pela primeira vez a máquina fotográfica antiga.

— Já fiz alguma coisa — respondeu, olhando para a sua máquina e rindo. — Eu

sei que o meu equipamento não é lá grande coisa, mas tenho bom olho. Pensei em tirar algumas fotografias tuas, a cozinhar juntamente com a Pepina, algumas a preto e branco, outras a cores... e, nunca se sabe, um dia poderás querer publicá-las num dos teus livros de culinária!

Chiara ficou sensibilizada com o entusiasmo dele. — É uma excelente ideia, Paolo. Se alguma vez forem usadas num livro, vou assegurar-me que te paguem direitos de autor.

Ele levantou a mão. — Não, não, não há necessidade disso. Fico contente em ajudar. Gosto de passar o meu tempo contigo, Chiara. — Os seus olhos encontraram os dela e Chiara sentiu um arrepio a percorrer-lhe o corpo e imaginou como seria beijá-lo.

Durante aquela tarde, Chiara sentiu-se mais viva. De certo modo, o facto de Paolo ser de acesso interdito ainda o tornava mais desejável. E, naquele momento, enquanto o observava a curvar-se e a recuar para conseguir o ângulo certo, semicerrando os olhos e impacientando-se com as longas sombras projectadas pela luz do entardecer, Chiara não conseguiu atenuar o que reconheceu ser puro desejo. Tinha de se controlar. Tanto quanto sabia, Paolo era o seu meio-irmão e a última pessoa no mundo por quem deveria nutrir aquele tipo de sentimentos, apesar de Rosaria e ele estarem firmemente convictos de que Marco não era seu pai. Ela era uma desgraça. E, no entanto, estava certa de que a atracção era mútua. Houve alguma coisa na maneira como ele lhe tocou no cotovelo e lhe moveu o corpo para corrigir o ângulo para a fotografia. Parecia que aproveitava todas as oportunidades para lhe tocar ao de leve ou cruzar olhares com ela. Uma vez, quando ele se inclinou para a aconselhar quanto aos apontamentos que ela estava a tirar, sentiu o calor da sua respiração na nuca e quase soltou alto um gemido. O relógio, ainda em alta velocidade, avançou mais dez minutos e Chiara viu que iria chegar atrasada ao encontro com Giovanni.

— Posso pedir-te um favor, Paolo? — perguntou, tirando o avental. — Podes levar-me de carro até vila? Prometi ao Giovanni que estaria lá às cinco e meia. Ele sorriu-lhe preguiçosamente. — É melhor arranjares-te antes de irmos. E, se eu posso esperar, estou certo de que o Giovanni também pode.

Chiara ficou horrorizada quando se viu ao espelho. Havia comida espalhada pela cara e presa no cabelo, o nariz estava vermelho e brilhante e era evidente que o pouco rímel que trazia não reagira bem aos cinco minutos que ela estivera a picar cebolas. Rapidamente, lavou a cara, escovou a matéria pegajosa não identificável do cabelo e, depois, espreitou para dentro da bolsa de maquilhagem.

Os poucos cosméticos que possuía andavam ali a rolar de um lado para o outro há

anos. Raramente se preocupava em aplicar maquilhagem e, das poucas vezes que o fez, pareceu ter-se eclipsado do rosto no minuto que ela enfrentou o calor da cozinha. Naquele dia, contudo, fez um esforço adicional e besuntou-se com as camadas necessárias até ficar bem — para uniformizar o tom de pele, realçar os olhos e os lábios. Estava bem ciente, embora preferisse não estar, de que ela e Paolo iriam estar sozinhos dentro do carro pelo menos durante cinco minutos. Paolo conduziu devagar, olhando para ela e para a estrada. — És muito bonita, Chiara — disse-lhe. — A tua mamma era tão bonita como tu?

Ela riu-se com nervosismo. — Oh, era muito mais bonita, tenho a certeza.

— Mas tu pareces-te com ela, não?

— Bem, não, na verdade, não. Ela era mais morena do que eu e muito mais elegante, e tinha cabelo negro e sedoso. — Chiara mexeu no seu próprio cabelo grosso e espetado.

Paolo sorriu abertamente. — Fico contente. Quer dizer que deves sair ao teu pai. — O Marco?

— Não, não te pareces nada com o Marco, acredita em mim. Acho que deves sair àquele pintor do caffè de quem a Mamma falou, ou do estrangeiro em Roma, ou de quem quer que seja o teu pai verdadeiro. — Encostou ao lado do Caffè Angeli mas deixou o motor a trabalhar. — Não acho que sejas minha meia-irmã, Chiara. Acho que és minha prima e isso deixa-me muito feliz.

Paolo inclinou-se e tocou-lhe nos lábios com os seus. Chiara não se mexeu. Ele beijou-a, primeiro a medo e depois com mais confiança. Depois afastou-se e desapertou-lhe o cinto de segurança. — Estás atrasada, é melhor ires — disse-lhe bruscamente. — Liga-me se quiseres que te venha buscar.

Os lábios de Chiara pareciam estar chamuscados e as mãos tremiam-lhe quando abriu a porta do Caffè Angeli. Paolo podia estar certo de que eles não eram filhos do mesmo pai, mas Chiara ainda não tinha tanta certeza. E, no entanto, houvera um momento em que ela teria permitido que ele lhe tivesse feito tudo.

Giovanni pareceu sentir que havia algo de errado. Estava a limpar a Gaggia, tal como no dia anterior, mas deixou cair o pano assim que a viu entrar.

— Vem e senta-te aqui — disse, levando-a até à banqueta de couro vermelho desgastado. — Estás bem? Parece que sofreste um grande choque.

— Não, não. — Chiara passou a mão pelos lábios a arder. — Eu estou bem, a sério.

Está tudo bem.

Giovanni lançou um olhar para o outro lado da rua através da grande porta de vidro. — Foi o Paolo que te veio trazer? — perguntou. — Ele tem andado a

importunar-te?

— Não, pelo contrário. Tem sido encantador — garantiu, apercebendo-se de que lhe agradava o facto de aquele homem mais velho e bastante atraente estar ter uma atitude tão protectora em relação ela.

Giovanni sentou-se ao lado dela e apoiou os cotovelos na mesa. Parecia estar mais cansado do que na véspera, as olheiras mais profundas, a prata que lhe cobria as pontas do cabelo mais pronunciada. — Ufa, que dia — queixou-se. — Não parei. Dava-nos jeito uma trabalhadora a sério como a tua mãe, deixa que te diga.

— Ela trabalhava muito?

— Não parava um segundo. Fazia-me parecer um caracol — brincou ele. Depois ficou mais sério. — O meu pai gostava dela como uma filha, sabes. Não fala dela há anos, mas ontem à noite, depois de saíres, não o consegui calar. Hoje está exausto. Tive de o mandar para casa.

— Oh, que pena. Tinha tantas perguntas e esperava que ele fosse capaz de me ajudar a respondê-las.

— Porque é que não tentas perguntar-me a mim? Dir-te-ei tudo o que souber. Eu conhecia a tua mãe e gostava muito dela. Conversávamos às vezes e ela chegou a fazer-me algumas confidências.

Chiara saiu-se imediatamente com esta: — Eu sou filha do Marco?

Giovanni abanou a cabeça. — Ela sempre disse que não eras e o meu pai acreditava nela. Só se casou com o Marco porque foi obrigada a isso. Naqueles tempos, não havia mães solteiras. Uma mulher que se entregasse antes de se casar estava arruinada... como a Rosaria.

— A Rosaria ficou arruinada?

— Exactamente. Uns meses depois de Maria Domenica ter desaparecido, toda a gente reparou que a Rosaria estava a ficar muito gorda, depois também ela desapareceu.

A Pepina tentou fazer passar o bebé por seu filho mas toda a vila sabia que o filho era da Rosaria e que o Marco era o pai. Noutras circunstâncias, talvez tivesse sido forçada a casar com ele, mas neste caso não podia, claro, já que ele ainda era casado com a tua mãe.

— Não podiam ter conseguido anular aquele casamento?

Giovanni abanou a cabeça. — Depois do que aconteceu com a Maria Domenica, eu acho que o Erminio preferiria morrer de vergonha a permitir que outra filha sua casasse com o Marco. Não, a Rosaria foi mantida em casa.

Teve de cuidar do irmão e das irmãs até que todos casassem, mas nenhum outro homem haveria de lhe tocar.

—Meu Deus, não admira que seja uma grande vaca.

Giovanni riu-se e o cansaço desvaneceu-se. — Ela teve a sua quota de desilusões — concordou. — Mas se bem me lembro, ela foi uma vaca desde o início.

As coisas começavam agora a encaixar-se no devido lugar para Chiara, mas ainda tinha tantas perguntas. O que é que tinha acontecido a Marco, por exemplo?

Giovanni foi buscar um copo de Campari com soda e sentou-se para terminar a sua história. Era um homem que adorava falar com mulheres e ela gostava disso nele.

—Os pais do Marco morreram num acidente de automóvel —contou-lhe. —

Tinham estado a beber e, na escuridão, despistaram-se e saíram da estrada. O Marco herdou a quinta e vendeu-a quase de imediato por um bom preço a um empreiteiro que queria construir prédios de habitação. Usou o dinheiro para se instalar em Roma e, segundo as últimas notícias, estava a gerir um clube nocturno. Se realmente quiseses encontrá-lo, não deverá ser muito difícil. E, afinal, ele é a única pessoa que sabe verdadeiramente se é ou não teu pai.

Chiara bebeu um gole de Campari e anuiu. Não era uma ideia má de todo. Mas não havia outros homens que podiam ser o pai dela?

Giovanni deu uma sonora gargalhada quando ela lhe perguntou sobre o artista de quem Rosaria lhe falara. — Deves estar a referir-te ao Vincenzo. Ele fez muitos frescos aqui, incluindo aquele da tua mãe. Mas não é o teu pai, nem pensar. Tu já eras nascida quando Maria Domenica o conheceu. Não, para mim, o cenário mais provável é o de a tua mãe se ter apaixonado por alguém durante o ano que passou em Roma.

Continuaram a conversar, bebendo mais uns copos de Campari, e Giovanni foi desenterrando da memória tudo o que conseguia lembrar-se acerca dos velhos tempos. Por mais triviais que as histórias pudessem parecer, Chiara ouvia-as reconhecida.

—Há mais alguém com quem deva falar? — terminou ela.

— Alguém que tenha conhecido suficientemente bem a minha mãe e que possa lançar luz sobre a identidade do meu pai?

Giovanni reflectiu cuidadosamente sobre a questão. — Há a Lúcia, a irmã da Pepina, mas está muito senil. Não estou bem certo que o que ela te disser possa fazer algum sentido. Vive num dos velhos prédios no outro lado da praça. Tem duas filhas, mas são ambas umas parvas e, de qualquer maneira, a tua mãe também nunca quis ter muito a ver com elas.

— Talvez vá ver a Lúcia — meditou Chiara. — Mas parece-me que a pessoa ideal com quem deveria falar era o Marco. Terei de tentar descobri-lo.

— Cleópatra, era esse o nome do clube nocturno — exclamou Giovanni triunfalmente. — Não conseguia lembrar-me do nome antes. Presumo que seja um local vistoso, caso o Marco tenha tido alguma coisa a ver com a decoração.

Os dias voaram e, apesar de terem sido passados entre as quatro paredes da cozinha de Pepina, ofereceram uma diversidade infinita. A velha senhora ensinou-lhe tudo o que sabia e, todas as noites, assim que tivessem terminado e lavado os tachos e panelas, regalavam-se com os pratos que tinham criado. Para Chiara, havia dias em que o paladar natural de uma simples pasta e fagioli parecia ser a perfeição, noutros uma taça de couves, arroz arbório, pancetta e alho cozinhados em lume brando num denso caldo de galinha era tudo o que queria comer para o resto da vida. A comida era forte e saborosa. Aproveitavam o máximo dos vegetais

que cada estação do ano lhes oferecia, pois a família Carrozza, tal como a maioria da vizinhança, fora em tempos pobre de mais para poder comprar muita carne.

De manhã, Pepina levava-a até à horta para ver o que estava pronto a ser colhido. Ao percorrerem as faixas de terreno desalinhadas, as suas pernas roçavam nas plantas de manjerição dispersas, que inundavam o ar com um perfume pungente. Pepina mostrou-lhe como apanhar as alcachofras altas e pontiagudas antes que começassem a espigar e, mais tarde, colocou um pouco de alho grosseiramente picado, salsa e sal entre as folhas verdes e apertadas e cozeu-as a vapor num pouco de água e azeite. Chiara mal podia esperar para comê-las. Avidamente, mergulhou folha atrás de folha no saboroso molho e meteu-as entre os dentes. Também colheram pimentos vermelhos e brilhantes e fritaram-nos em azeite com um pouco de cebola e, em seguida, cozeram-nos em lume brando com tomate. Quando pensou que Chiara não estava a ver, Pepina tentou acrescentar sorrateiramente uma ou duas pitadas de um ingrediente secreto na panela.

— O que era isso? — demandou Chiara.

— Nada — assegurou-lhe a avó, com os olhos demasiado esbugalhados e o sorriso rígido de mais para se tratar de verdadeira inocência.

Por fim, após algumas falinhas mansas, Pepina acabou por ceder. — Açúcar — confessou.

— Apenas um pouquinho de açúcar para adoçar a minhapeperonata.

Chiara ficou decepcionada. Imaginou que fosse uma erva especial que somente a sua avó conhecia. Mas, na verdade, não havia ingredientes secretos. Apenas uma ou duas pitadas de açúcar para confeccionar um prato acima da média.

Na pequena e desordenada horta de Pepina, emaranhados entre as alcachofras, os pimentos e o manjerição, proliferavam viçosos tomates a amadurecer ao sol. A terra onde cresciam parecia dura e seca e, ainda que misteriosamente, sabiam

mais a tomate do que qualquer coisa que Chiara jamais provara. Quando lhes cortava a pele, explodiam numa doçura sumarenta. As bolas aguadas e polposas que vendiam no supermercado não mereciam o nome de tomate, concluiu, enquanto ficava com as mãos verdes de os colher e a língua vermelha de os comer.

Nas tardes mais quentes, quando Pepina ficava cansada, Paolo pousava a máquina fotográfica e ajudava. Juntos, fizeram polpette ai carne, succulentas almôndegas estufadas em molho de tomate em lume brando. Paolo bateu um ovo e juntou-o à carne de porco picada, temperando a viscosa mistura com um pouco de alho, cebola, pão seco e salsa. Em seguida, modelaram juntos as bolas peganhentas com as mãos. — Mmm, as minhas favoritas — declarou ele. Sob a supervisão de Pepina, fritou-as num tacho pouco profundo para preservar o sabor antes de as colocar no molho borbulhante e, assim, cozinham na perfeição. Alguns pratos, Chiara sabia-o, nunca chegariam a Inglaterra ou às páginas de um livro. Um dia, por exemplo, Pepina preparou uma panela grande cheia de água fresca e enguias, de pele preta

escorregadia, a contorcerem-se ainda vivas. Defumou-as sobre o grelhador a lenha e ficaram com um sabor fantástico, mas Chiara não se preocupou em tirar notas.

Era muito pouco provável que as enguias alguma vez fizessem parte da ementa em Islington, Notting Hill ou nos seis condados à volta de Londres, e eram as pessoas de lugares como aqueles que compravam os seus livros.

Havia dias em que Pepina a fazia levantar ainda mais cedo. Não se cozia pão nessas manhãs, pois era a altura que a avó havia destinado à comida das festividades, os pratos mais elaborados desfrutados por toda a Campania em dias de festa e dias santos. Primeiro, fizeram um ragu, o rei de todos os estufados de tomate, rico em pedaços de carne de porco e vitela e guarnecido com rolos de carne de vaca recheados de alho e pinhões. Cozinharam-no lentamente no mais brando dos lumes durante seis horas, mexendo-o frequentemente e adicionando água até que a carne adquirisse a cor do tomate e o molho escuro desenvolvesse um sabor intenso e penetrante.

Depois fizeram um sartu, uma base moldada de arroz recheada de camadas de acepipes: cogumelos porcini, almôndegas minúsculas, salsichas picantes e muito, muito mais. O aroma que aquele bolo gigante de arroz exalava enquanto alourava no forno era refinado, e Chiara quase se babou quando chegou a hora de cortar um pedaço, regá-lo com o ragu e fazer a sua primeira prova.

Pepina guardara o melhor para o fim. O seu úmballo di mac-cheroni era uma

criação grandiosa — um tambor feito com massa para bolos, recheado com pasta temperada com ragu e parmigiano, e disposta em camadas de salame, ervilhas, beringelas fritas, ricotta cremoso e mozzarella aos cubinhos.

Os olhos de Rosaria ficaram do tamanho de pratos quando o viu no centro da mesa da cozinha. — Um úmballo — suspirou. — Mamma, há anos e anos que não faz um.

A tia de Chiara não resistiu a dar nas vistas com os seus conhecimentos dos pratos típicos da Campania. — Raramente usamos alho e cebola juntos no mesmo prato — dizia com desenvoltura, enquanto observava as duas mulheres a cortar, a descascar e a picar. — Subjuga todos os outros sabores. Não debes ser ambiciosa e encher a tua comida de centenas de coisas diferentes, sabes, Chiara? Por vezes, um ingrediente é suficiente. Vês como a Mamma faz o ravioli } A única coisa com que o recheia é com um pouco de queijo ricotta. Não há sequer uma partícula de salsa no recheio. Oh, e outra coisa, não é necessário afogares a tuapasta em molho. Só precisas do suficiente para proporcionares uma cobertura.

Às vezes, Pepina contava histórias sobre os tempos idos e Rosaria fazia o que podia para as traduzir. — A Mamma diz que em Nápoles costumavam pendurar o maccheroni no varal da roupa a secar. Por mais pobres que fossem, havia sempre pasta para os sustentar. Mas a carne, já era outra história. Algumas famílias nem sequer a podiam comprar. Embora nós sempre a tivéssemos tido aqui em casa — acrescentou orgulhosamente. — O Papa tinha casotas de coelhos nas traseiras da casa e, uma ou duas vezes por semana, matava um para a refeição. Nesta casa, houve sempre boa comida para nos encher a barriga.

Enquanto Rosaria olhava, as duas mulheres passavam horas e horas a trabalhar, lado a lado. No início, Chiara temia que o esforço fosse demasiado para a velhota, todavia, com o passar dos dias, Pepina não parecia ficar cansada, mas cada vez mais jovem e forte. Erminio aparecia despercebidamente uma ou duas vezes por dia, mergulhando os dedos na comida, provando, saboreando e roubando o que podia. Rindo, Pepina enxotava-o sempre para fora da cozinha com um pano, como fazia com as galinhas.

A noite, Chiara abria o computador portátil na velha mesa de pinho e digitava algumas notas acerca dos pratos que haviam criado juntas. As palavras fluíam do seu pensamento tão depressa que os seus dedos desajeitados mal conseguiam acompanhar. Toda a sua paixão por comida, completamente perdida quando estava a trabalhar no livro do pão, fora finalmente recuperada e ela não queria esquecer-se de nada — nem de um único ingrediente, nem do sabor da primeira garfada em cada novo prato, nem, especialmente, da expressão de regozijo sereno

no rosto da avó quando partilhava os seus conhecimentos.

Paolo parecia estar sempre algures por ali. Se tinha alguma espécie de emprego, não parecia ocupar muito do seu tempo. Era misterioso quando ela lhe perguntava exactamente do que é que ele vivia. — Negócios — respondia num tom que não convidava a mais perguntas. Adquiriu o hábito de andar pela cozinha durante o dia e sentar-se a seu lado enquanto ela escrevia à noite, enchendo-lhe o copo com um vinho tinto grosseiro de vez em quando. Não a tinha beijado de novo, mas também não tivera oportunidade, pois nunca estavam sozinhos. Chiara fazia questão disso, pelo simples facto de que não confiava em si mesma.

Pepina podia ser velha, mas não era estúpida. O seu olhar astuto estava sempre virado para Paolo e Chiara quando estavam juntos e, se pudesse, mandava Paolo fazer recados que envolviam conduzir até à vila e voltar, quatro ou cinco vezes por dia. Era evidente que a avó possuía uma crença inabalável em que Marco era o pai de ambos, concluiu Chiara. Enquanto que ela, apesar de isso lhe parecer agora improvável, não estava preparada para correr o risco.

Numa noite, Chiara sentiu-se desesperadamente confusa, esperou que Paolo saísse de carro para a vila e aproveitou para desabafar com Harriet no The Office. Uma voz italiana atendeu o telefone e, por instantes, Chiara pensou que se tinha enganado no número.

— Não, não, aqui fala o Eduardo — informou a voz, quando ela começou automaticamente a desculpar-se.

— Eduardo, o que estás aí a fazer?

— Estou a trabalhar no bar. A Harriet roubou-me ao Bar Itália.

O tom dele era pretensioso, pensou Chiara, o que provavelmente significava que, por aquela altura, ele e Harriet eram namorados.

Quando a amiga finalmente pegou no telefone, pareceu-lhe estar a milhares de quilómetros de distância, a voz estranha, o sotaque pouco familiar. — Meu Deus, estás metida numa trapalhada — disse por fim, quando Chiara terminou de explicar a situação.

— Eu sei que estou metida numa confusão, raios, mas o que é que eu hei-de fazer?

— Bem, tu gostas realmente desse tipo, o Paolo?

— Gosto? Gosto? Não, não gosto dele, Harriet, eu estou doida por ele. Cada vez que ele olha para mim, eu... — As palavras falharam-lhe e ela ficou em silêncio.

— Tu já disseste isso acerca de outro homem, sabes, Chiara.

— Mas desta vez é diferente — gemeu.

Harriet não disse nada. Tudo o que Chiara conseguia ouvir era o burburinho constante de conversa e o suave tilintar de copos. Apesar de ainda ser cedo,

devia estar a juntar-se um grupo significativo de pessoas no The Office e, por momentos, Chiara desejou estar lá também, açambarcando o melhor lugar no fundo do bar

e gastando, levianamente, o seu dinheiro em bom champanhe. Com o telefone ainda colado ao ouvido, olhou em volta para as paredes amareladas da cozinha que se haviam tornado nas fronteiras do seu mundo nos últimos dias e desejou fugir de volta para a sua vida real.

— Harriet? Harriet, estás aí?

— Hã, sim, desculpa. Tenho uma fila grande a formar-se aqui. As pessoas do Soho estão com sede, hoje.

— Acho que vou voltar para casa — disse-lhe Chiara, sem grande convicção.

— Mas não estás a gostar do tempo que estás a passar com os teus avós?

— Sim, mas...

— Não, ouve, Chiara — Harriet estava exasperada —, não vais deixar que esse homem se intrometa entre ti e a tua família, estás a ouvir? Diz-me, porque é que tu tens sempre de fazer isto?

— O que queres dizer? Fazer o quê? — Chiara estava indignada.

Houve o som abafado de uma rolha a saltar e o silvo do champanhe a espumar num copo e, depois, Harriet falou de novo. O volume da sua voz aumentou para competir com o barulho de cinquenta pessoas a beber enquanto ela iniciou um sermão. — Porque é que tu tens sempre de perder o controlo desta forma quando se trata de homens? És tão sensata noutras áreas da tua vida. Será que não consegues reagir com calma?

— Acho que sim... — a voz de Chiara esmoreceu tristemente.

— A tua mãe fugiu de San Giulio — terminou Harriet. — Não acredito que vás fazer a mesma coisa.

Convenientemente chamada à razão, Chiara desligou o telefone e ligou o computador. Quando ouviu o carro de Paolo lá fora, ia a meio do trabalho de inserção dos apontamentos do dia.

Paolo fora à vila, já muito tarde, com uma longa lista de compras na mão, escrevinhada pela caligrafia quase ilegível de Pepina. Regressou vergado com o peso dos pacotes e dos sacos de supermercado cheios de comida, essenciais para o próximo dia de cozinhados. De mãos vazias, Rosaria seguiu-lhe o rasto até à cozinha. Quando viu Chiara, não se deixou ficar. Com um aceno na sua direcção, dirigiu-se para o seu quarto nos fundos da casa irregular.

Erminio e Pepina também já se tinham retirado. Exaustos pelo dia de cozinhados e comezainas, precisavam de descansar e, assim, pela primeira vez desde que ele

a beijara, ela e Paolo ficaram sozinhos.

Ele sentou-se ao seu lado à mesa e, por cima do ombro dela, leu as palavras no ecrã. — Como vai isso? — perguntou por fim.

Chiara adorava o som da voz dele. Era forte e sensual, tão rico como chocolate quente e, embora por vezes se esforçasse para modelar as palavras inglesas que não lhe eram familiares, os erros de pronúncia só acentuavam o seu charme.

— Vai bem — respondeu-lhe, erguendo os olhos do ecrã e vendo a pele macia e as longas pestanas de Paolo demasiado perto dela.

O seu corpo ansiava por ele, apesar de saber que estava errado, e traía-a agora, respondendo à proximidade dele com um leve sussurro de desejo. Quando ele se aproximou dela e lhe tocou na parte superior do braço, o sussurro transformou-se numa canção apesar dos seus melhores esforços para a silenciar.

— Paolo, por favor, pára — censurou, afastando o braço.

— Não compreendo.

— Sim, tu compreendes.

Nos seus olhos verdes passou um súbito brilho petulante quando bateu com a mão na mesa e praguejou baixinho em italiano. — O que tenho de fazer para te convencer? A palavra de Rosaria não é suficiente? Tu ouviste-a dizer que nós não somos irmãos. Não somos parecidos, não soamos da mesma forma, somos diferentes em tudo. E garanto-te que, se fosse antinatural ou errado, eu não sentiria este desejo insuportável por ti. — Ele olhou para ela por instantes e depois repetiu com a sua voz de chocolate derretido. — Eu desejo-te, Chiara. Desta vez, ela entregou-se completamente ao beijo. Permitiu que os seus braços a enlaçassem e que o seu cheiro quente almiscarado tomasse conta dela. Os seus lábios moviam-se rapidamente e a sua língua pressionava ardentemente contra os seus lábios até que ela se rendeu.

Uma mão alcançara o seu peito e tocava-o agora com a mesma firmeza que a sua avó usava para amassar pão, quando, por detrás deles, Chiara ouviu o ranger de uma porta a ser aberta e o arrastar dos pés de uma velhota através das lajes de pedra. Paolo saltou para trás, mas era tarde de mais, Pepina vira-os juntos. As palavras que os seus lábios derramaram eram enfurecidas e Paolo corou e recuou ainda mais, ao mesmo tempo que Pepina cuspiu frase atrás de frase num italiano encolerizado.

Chiara sentiu a vergonha invadi-la, mas a raiva da velha senhora não a atingiu, restringiu-se ao neto.

Por fim, Pepina virou-lhes as costas e começou a desempacotar ruidosamente as compras que Paolo deixara espalhadas, com descuido, pela mesa e pelo chão da

cozinha. Ele olhou para Chiara, enquanto a velhota atirava e batia com as portas dos armários. — Quando voltares para Inglaterra, eu quero ir contigo — disse-lhe.

— Não acho que seja uma boa ideia.

— Eu sabia que dirias isso, mas não me importo. É um país livre. Mesmo que sejas demasiado mal-educada para me convidar, irei na mesma.

— Paolo, de que servirá isso?

Chiara apercebeu-se de que Londres era o último lugar onde queria que Paolo estivesse. De alguma forma, ele parecia luminoso de mais, ofuscante de mais para a tonalidade cinzenta da cidade. Não suportaria vê-lo no seu mundo, ele feriria os olhos dela. Tentou imaginá-lo no The Office, agarrando uma taça de champanhe e conversando com a estranha mescla de jornalistas, aristocratas de segunda categoria e aspirantes a artistas que frequentavam o lugar. Estava certa de que nunca encaixaria. Mesmo que Paolo acabasse por ser apenas seu primo, como é que alguma vez iriam conseguir fazer uma relação funcionar?

Agora estava mal-humorado e, pela primeira vez, Chiara vira nele algumas parecenças com a mãe, no modo como a boca descaía e o belo rosto se transformava em pedra. Desejou ver aquela cara feia desaparecer e retornar à perfeição.

— Paolo — disse meigamente —, não fiques zangado. Eu não vou desaparecer para sempre. Terei de regressar a Londres, a determinada altura, para me encontrar com a minha editora, mas não terei de ficar por tanto tempo assim.

Paolo sorriu e, arriscando a ira de Pepina, inclinou-se para lhe dar um beliscão rápido na face. — Só não quero que desapareças tal como a tua mãe — disse-lhe. — Iria destruir-nos a todos.

Chiara não conseguia concentrar-se na comida por mais tempo. O seu pensamento andava à deriva enquanto observava Pepina a estufar o polvo no próprio suco. Esqueceu-se de mexer o molho e ele pegou no fundo. Deixou as costeletas de porco com funcho a assar no forno até começarem a esturricar. Deixou a pasta cozer demasiado tempo e teve de a deitar fora e começar de novo. Só conseguia pensar em Paolo, no beijo que partilharam e na torrente de vergonha e desejo que a invadiu depois.

Sentia-se confusa e furiosa. Porque é que a mãe fizera tanto segredo de tudo? Não podia ter confiado pelo menos numa pessoa, quando soube que estava grávida?

Era muito fácil para Paolo dizer que não eram filhos do mesmo pai, mas não havia ninguém em San Giulio que o pudesse garantir com toda a certeza.

Depois Chiara lembrou-se de que Giovanni mencionara alguém que seria capaz de valer a pena investigar — Lúcia, a irmã de Pepina. Dissera que ela estava senil e que não fazia muito sentido, mas mesmo assim era digna de uma visita. Lúcia vivia num dos primeiros prédios de habitação. Com chãos de mármore e tectos altos, era mais gracioso do que as restantes caixas atarracadas que o rodeavam. E era mesmo ali perto da praça, ao virar da esquina do Caffè Angeli, o que significava que não seria um transtorno muito grande para Giovanni tirar o avental e fazer um intervalo de meia hora para servir de tradutor.

O italiano da velha senhora era indistinto e confuso. Chiara não podia ter compreendido uma palavra do que ela dissera mesmo que tivesse passado mais tempo a ouvir as cassetes de línguas.

Lúcia tinha o cabelo pintado de loiro, a pele notavelmente lisa e usava uma grossa pulseira de ouro no pulso e uma profusão de correntes à volta do pescoço.

Podia ter passado por alguém completamente normal, excepto pelo facto de não conseguir estar sentada quieta por um segundo. Quando Giovanni tentou falar com ela, começou a andar de um lado para o outro na cozinha, passando um pano pelas portas do guarda-louça e polindo os puxadores das portas com uma energia obsessiva. Nos cantos do tecto, no entanto, Chiara pôde ver teias de aranha e o chão estava repleto de bolas de pó.

Quando ouviu o nome da sua mãe ser repetido uma ou duas vezes, Chiara perguntou impacientemente: — O que é que ela está a dizer?

— Não tenho bem a certeza. Eu perguntei-lhe sobre a tua mãe, e se ela lhe fez confidências quando regressou de Roma e ela só diz:

«Ela amava-o muito, ela amava-o muito.»

—Quem é que ela amava muito? — perguntou Chiara. — O Marco?

A velha senhora parou de polir e virou-se para ela. — No, no, on Marco — disse, soando sã e segura. — Tuopapa.

—Sim, mas quem era o pai dela? — Giovanni pressionou a velhota confusa.

Mas Lúcia voltou a limpar e a tagarelar e Giovanni só encolhia os ombros quando Chiara lhe pedia para traduzir. — Não vale a pena. Nada do que ela está a dizer faz sentido para mim.

Beberam a limonada que ela oferecera em copos altos e estavam prestes a sair quando a velha senhora teve outro rasgo de lucidez. Levou as mãos ao rosto de Chiara e falou directamente para ela antes de se despedir. Giovanni reprimiu um sorriso e esperou até que estivessem fora da porta de entrada antes de traduzir aquelas palavras.

—A Lúcia disse que se ao menos lhe tivessem dado um ou dois quadros, alguns adornos e, talvez, uma peça decente de mobília Para embelezar aquele lugar miserável, a Maria Domenica nunca teria fugido. E disse que aquelas mulheres Manzoni sempre foram uma raça sovina.

Apesar de tudo, Chiara deu uma risadinha. — Oh, isto realmente não é nada engraçado. A pobre coitada da velhota... — lamentou, com a mão sobre a boca. Giovanni riu-se também. — Por um instante, pensei que ela ia contar-te algo importante. Mas, se é que algum dia ela soube de alguma coisa, agora desapareceu para sempre. — Conduziu-a até um dos bancos à sombra de uma palmeira. — Vamos sentar-nos aqui por um bocadinho. Eu não tenho de voltar já para o caffè.

— Sempre trabalhou ali? — inquiriu Chiara. Ele anuiu. — Sim, desde que era um rapaz e costumava atrapalhar a tua mãe e confundir as encomendas todas.

— Nunca quis fazer outra coisa?

— Claro que sim — Giovanni estendeu as mãos, de palmas abertas, à frente dela.

—Eu queria ter feito tantas coisas. Queria ter estudado e viajado. Aprendi inglês porque pensava ir viver para a América um dia e fazer fortuna. Mas, no final, algo me impediu de abandonar San Giulio. Talvez o meu pai? Sabia que ele iria ficar muito sozinho se eu me fosse embora. E, depois, havia sempre a esperança de que a tua mãe voltaria um dia. Nós pensámos que voltaria.

— Então, estive à espera dela?

— Acho que sim.

— Estaria, porventura, um pouco apaixonado por ela?

Giovanni enfiou as mãos entre os joelhos e apertou-os com força. —

Apaixonado? Bem, não sei, afinal eu era apenas um rapaz — disse, num tom

sério. — Tinha, certamente, uma grande paixão por ela. Era bonita, inteligente e divertida. Mas, amor... não sei.

— E nunca se casou? — pensou Chiara em voz alta.

Giovanni levantou-se, embaraçado, e Chiara apercebeu-se de que fora longe de mais. O que quer que aquele homem tivesse sentido pela sua mãe estava trancado dentro dele, de forma tão segura quanto os segredos da pobre Lúcia estavam escondidos dentro dela.

Chiara deixou San Giulio com muito mais do que o que levava consigo quando lá tinha chegado. À pequena mochila foi acrescentada uma mala com roupas mais leves, que teve de comprar para conseguir aguentar os dias quentes que passara debruçada sobre o fogão de Pepina, cozendo, mexendo e provando. E o computador cheio de notas e ideias.

Finalmente, tomara uma decisão quanto ao que ia fazer a seguir. Iria escrever um livro. Mas não um vulgar volume de receitas. Seria um livro cheio de tristeza, alegria e, o mais importante de tudo, de paixão. Contaria a história de como a mãe abandonara a vila de San Giulio e ela a redescobriria. E partilharia os segredos que aprendera entre as quatro paredes a descascar da cozinha de Pepina.

Quando ela contou os seus planos à avó, a velha senhora estendeu-lhe a mão e apertou a dela. Paolo também ficou eufórico. Mesmo quando lhe deu um beijo de despedida, continuava com um sorriso caloroso no rosto.

Tinha pela frente mais semanas de cozinhados, testes e aperfeiçoamento de receitas na sua própria cozinha até estar completamente segura de que eram completamente infalíveis. Naquela fase, Janey convocaria o fotógrafo e estilista de comida e Chiara teria de confiar as suas receitas a outra pessoa.

Antes de deixar a vila, Chiara passou um dia inteiro no Caffè Angeli. Com uma paciência infinita, Giovanni ensinou-lhe a manusear a temperamental Gaggia e ela ajudou-o a servir cafés e pastéis

sfogliatelle recheados de ricotta, em forma de concha, durante toda a manhã. A hora do almoço, Franco fez-lhe a prometida pizza e ela comeu-a sentada na banquetta de couro vermelho, mesmo por baixo da Virgem com a cara da sua mãe. Até ajudou a limpar e a varrer no final do dia, a empilhar as cadeiras e a dizer disparates com Giovanni, tal como Maria Domenica deveria ter feito há muitos anos.

Conseguia imaginar a mãe a encaixar-se facilmente no ritmo simples da vida no caffè. Sustentada a café forte e a bons mexericos, teria sido capaz de trabalhar duramente, todos os dias da sua vida, lado a lado com Franco e Giovanni. A sua existência fora daquelas paredes devia ter sido insuportável para ter conduzido Maria Domenica para longe daquela felicidade fácil, percebeu Chiara.

Os dois homens não quiseram dizer adeus e Franco envolveu-a num forte e longo abraço. Depois Giovanni apertou-a contra o seu corpo magro e vigoroso e segurou-a assim durante um pouco mais do que ela estava à espera. Pelo menos não choraram como Pepina e Erminio. Apesar de todas as promessas de que voltaria, os seus avós ficaram inconsoláveis.

Rosaria surgira no último minuto para lhe dar dois beijos rápidos e secos nas faces e, apesar de Chiara estar segura de que ela estava satisfeita por vê-la pelas costas, o seu rosto esboçou um sorriso afável.

Paolo ficou com ela até entrar no autocarro. Quando se despediram, ele beijou-a longa e ardentemente, ali mesmo, no meio da praça, não se importando se os vissem. No bolso tinha um pedaço de papel com o número de telefone e o endereço dela em Londres bem impresso. — Telefono-te todas as noites — prometeu. — E, se não voltares, vou lá buscar-te.

Chiara abraçou-o e aspirou o seu cheiro almiscarado uma última vez. — Vou sentir a tua falta — disse-lhe, lutando para não chorar.

E, em seguida, no momento em que ela subia para o autocarro, com um pé no primeiro degrau da plataforma e o outro ainda nas lajes de San Giulio, Paolo disse as palavras que ela ao mesmo tempo temera e ansiara: — Eu amo-te, Chiara.

O motorista buzinou para os apressar e só houve tempo para apertar a mão de Paolo antes de as portas se fecharem e o autocarro arrancar pelo corredor de prédios feios.

Na cabeça de Chiara só houve lugar para Paolo durante a maior parte da viagem até Roma. Era uma loucura pensar sequer em ter um relacionamento com ele e, mesmo assim, após cada dia que passava, ela estava mais determinada a tentar. Sim, havia diferenças culturais, mas as pessoas lidavam com elas a toda a hora. Tudo o que tinha de fazer era resolver de uma vez por todas a história da sua paternidade, e quaisquer outros problemas que surgissem inesperadamente haveriam de ser solucionados.

Roma parecia tão graciosa e orgulhosa depois da poeira feia de San Giulio.

Chiara apanhou um táxi logo à saída da Stazioni Termini e disse ao motorista: — Leve-me a uma discoteca chamada Cleópatra.

— Sei onde é mas não está aberta, ainda é muito cedo — replicou. — E se não se importa que lhe diga, provavelmente não será o melhor lugar para si. Só lá vão miúdos.

— Não há problema. Não estou a planear ficar lá a divertir-me — informou-o, sentindo-se ligeiramente deprimida pelo facto de, naqueles dias, até os taxistas a considerarem velha de mais para ir às discotecas.

O edifício causava uma impressão razoável a partir da rua. A colossal cabeça de uma esfinge olhava para baixo, por cima de um conjunto de intrincadas portas de bronze. Estavam firmemente fechadas e trancadas e Chiara teve de bater com força e insistentemente durante cinco minutos antes de alguém responder. O

homem que finalmente abriu a porta aparentava ter cinquenta e poucos anos. Tinha um cabelo oleoso pintado com hena a cair-lhe pelas costas e grossas argolas de ouro em ambas as orelhas. — O que quer? Estamos fechados — disse-lhe bruscamente.

—É o Marco Manzoni? — perguntou com hesitação, sentindo algum alívio quando ele abanou a cabeça em resposta. — Bem, ele está cá?

—Quem é que quer saber?

Por um instante, Chiara considerou responder-lhe: «A filha dele», mas pensou melhor. A porta de bronze ser-lhe-ia provavelmente fechada na cara muito mais depressa do que fora aberta, suspeitou.

—Sou só uma velha amiga da família que ele não vê há muito tempo — acabou por dizer.

Ele abriu um pouco mais a porta e Chiara viu de relance umas pirâmides e mais esfinges, pairando de forma indistinta, mas imponente, na obscuridade por detrás dele. — É melhor entrar, então. Estou certo de que Marco gostará de a ver. Nunca vi o Marco a não ficar satisfeito por ver uma rapariga bonita.

Ele indicou-lhe o caminho através de um corredor não iluminado em direcção ao bar. Estava lá um homem, sentado sozinho num dos bancos, comendo languidamente azeitonas de um copo de Martini.

— É o Marco Manzoni? — perguntou ela. Ele virou-se devagar. Chiara soube a resposta à sua pergunta assim que lhe viu o rosto. Longas pestanas roçavam-lhe as maçãs do rosto, que eram tão suaves como as de uma rapariga. Os lábios eram carnudos e macios, as mãos bem tratadas, as roupas muito bem confeccionadas. Ainda a mastigar uma azeitona, ele anuiu e esperou que ela dissesse algo mais.

— O meu nome é Chiara — disse-lhe.

Ele sorriu-lhe e, por momentos, ela pensou que Marco sabia quem ela era.

—Chiara, é um nome bonito — comentou, passando rapidamente a mão pelo cabelo curto e bem arranjado. — Mas, querida, desculpa, não me lembro de ti. No meu ramo estamos sempre a conhecer muitas raparigas bonitas, sabes, portanto não conseguimos evitar alguns lapsos de memória. — E sorriu-lhe novamente.

—Gostaria muito de te voltar a conhecer — acrescentou com o seu sotaque meio italiano e meio falso americano. — E tenho a certeza de que não me vou esquecer de ti pela segunda vez.

Para seu horror, percebeu que ele estava a namoriscá-la, e ficou grata por Paolo ter herdado apenas a sua aparência e não o seu charme postiço e as suas deixas de velho libertino e atiradiço.

—Pois não é muito surpreendente que não se lembre de mim—disse-lhe rapidamente —, porque eu era muito nova da última vez que nos vimos. Mas tenho a certeza de que se lembra da minha mãe. Chamava-se Maria Domenica Carrozza.

Esperava que ele ficasse chocado ou, pelo menos, surpreendido, mas ergueu apenas uma sobrancelha e replicou: — Ah, a minha encantadora mulher. E como está ela?

—Morta, na verdade.

Marco encolheu os ombros e disse sem o sentir: — Lamento a tua perda.

— A sério? Não acredito nem por um segundo que lamente. — A sua voz era hostil agora. Desenvolvera uma forte antipatia por ele e não se preocupava em disfarçá-la.

— Olha, não sei o que é que a tua mãe te disse sobre mim, mas... — começou Marco.

— Nada — interrompeu ela. — Ela nunca mencionou uma palavra a seu respeito. Agora ele ficara surpreendido. A sua vaidade não lhe permitia conceber a ideia de que tinha sido esquecido. Bebeu um gole de Martini e inclinou o copo na sua direcção. — Vou tomar o pequeno-almoço. Fazes-me companhia?

— É um pouco cedo de mais para mim.

— Estou um pouco surpreendido por ela nunca ter falado sobre mim, sabes. Ela podia ter-te dito que eu fiz o meu melhor por ti, pelas duas. Não foi fácil ficar com a responsabilidade de tomar conta de uma mulher e um bebé quando eu próprio era ainda uma criança. Mas fico contente por ver que te tornaste numa linda mulher. Porque é que não vens sentar-te comigo, tomar uma água mineral e falar sobre os velhos tempos?

Ele ainda estava a namoriscá-la. Mudara-se, agora, para uma poça de luz e Chiara podia ver o inchaço por baixo dos olhos e os derrames de veias nas faces e em volta do nariz. O cabelo era liso e de um tom preto baço, denunciando a tinta barata que ele andava a usar.

—Só vim por uma razão — disse-lhe Chiara —, que é fazer-lhe uma pergunta. -Sim?

—Você é o meu pai?

Marco atirou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada sincera, com um dente dourado a reluzir na boca aberta. — Eu? Oh, não, penso que não.

—Pensa ou tem a certeza?

— Tenho a certeza, tenho a certeza. Terei, possivelmente, algumas filhas espalhadas pelo país, mas tu não és uma delas, querida. Definitivamente não.

— Como pode estar tão certo disso?

— Simplesmente porque nunca dormi com a tua mãe até tu nasceres. Casei com ela porque era jovem e estúpido e permiti que os nossos pais me forçassem a isso.

Mas eu não sou teu pai.

— Então quem é?

Marco esvaziou o copo, comeu a última azeitona e reflectiu por um momento sobre a questão. — Ora, se me tivesses perguntado isso logo após Maria Domenica ter fugido pela segunda vez, eu teria apontado o dedo directamente ao Vincenzo, o artista que pintou aquelas imagens ridículas no Caffè Angeli. Viste aquela da tua mãe, presumo?

Chiara anuiu.

— Só as vi de relance. O Franco proibiu-me de entrar ali depois de Maria Domenica ter desaparecido. Deve ter-me culpado por alguma razão, suponho.

— Então, esse tal de Vincenzo. Acha que pode ser o meu pai?

Marco acendeu um cigarro e começou a fumá-lo avidamente, atirando fumo para a cara de Chiara. — Não. Na altura, achei, mas já não acho.

Depois de ela ir embora, ele não pareceu importar-se e, seguramente, não fez nenhuma tentativa de a seguir. De vez em quando, ainda o vejo por Roma. Pinta retratos de turistas nas Escadas de Espanha, no Coliseu ou na Via Veneto.

Chiara começava a ficar impaciente. — Então, se não é ele, quem é? — perguntou.

— Boa pergunta. Eu não sei a resposta, lamento. É verdade que estivemos em Roma ao mesmo tempo, eu e a tua mãe, mas eu nunca a vi. Ela trabalhava num caffè junto às Escadas de Espanha e eu trabalhava como um doido num talho em Trastevere. Os nossos caminhos quase nunca se cruzaram. Tu não és minha filha. Chiara quis acreditar nele, mas não havia nada em Marco que a fizesse pensar que era digno de confiança. Era um mentiroso e um intrujão. Abandonara Paolo e Rosaria.

— Mas o Marco tem um filho em San Giulio — afirmou.

— O belo e jovem Paolo. — Deitou a cinza no copo de Martini vazio em cima do balcão. — Ele não tem nada do que se queixar.

Desconta o cheque muito generoso que lhe envio todos os meses e posso dizer que nunca ouço uma palavra dele.

Alguém tinha ligado todas as luzes da casa e, na claridade, as pirâmides foram desmascaradas, eram de esferovite mal pintada e as esfinges estavam amarelas da nicotina.

— Tenho de ir — disse a Marco.

— Volta mais tarde, quando isto estiver a dar — convidou. — Ofereço-te umas bebidas.

Chiara nem se preocupou em responder, voltou-se e saiu pelo corredor, passando pelas imitações baratas de papiros com imagens de figuras egípcias paralisadas. A discoteca cheirava a mofo e ela sentiu-se bem quando chegou à rua outra vez e ouviu o ranger das portas de bronze a fecharem por trás dela.

Se Marco estava a dizer a verdade, então não havia nada a impedir o seu relacionamento com Paolo. Ela deveria ter-se sentido satisfeita, todavia sentiu entorpecimento em vez de felicidade.

As pessoas estavam sempre a empurrá-la para fora do passeio. Empregados de escritório a correrem atrasados para o trabalho acotovelavam-na para fora do seu caminho e para a frente de estafetas de mota que circulavam em contramão numa rua de sentido único com a pressa de entregarem as encomendas. Os turistas, de olhos nos mapas, esbarravam contra ela e os motoristas dos táxis pretos passavam por ela sem parar quando Chiara lhes acenava com o braço no ar a fazer sinal de paragem. Perdera a sua resistência londrina, concluíra. As semanas na pacata vila de San Giulio deixaram-na enferrujada em relação às regras da cidade.

Nem parecia que estava a regressar a casa. Saiu do comboio Heathrow Express na estação de Paddington e a densa trama de ruas de Londres cercou-a como uma ratoeira. Ela acabara mesmo de chegar e estava já a imaginar quando é que poderia fugir dali novamente.

Não estava ninguém à sua espera na estação pela simples razão de que ela não informara ninguém de que iria chegar. Enquanto se esforçava por arrastar a bagagem para fora do comboio e lutava por um carrinho para a transportar, teve consciência dos abraços e beijos e cumprimentos que tinham lugar à sua volta e lembrou-se de Paolo e de como estava longe dele agora.

Ficou retida no trânsito, respirando os fumos do gasóleo do velho autocarro Routemaster à frente, observando o contador do táxi. O motorista tentou iniciar uma conversa com ela. - Esteve de férias, boneca? — perguntou. Mas ela foi monossilábica o suficiente para ele se sentir rapidamente desencorajado.

Como Harriet não estava à sua espera, o apartamento estava uma confusão. Parecia haver um pouco de Eduardo em cada divisão — os seus produtos de beleza na casa de banho, um par de sapatos abandonado na cozinha, o casaco de ganga na cadeira do hall da entrada.

Chiara estava certa, ele e Harriet dormiam juntos. Mas o amor deles era exuberante de mais para se confinar a um quarto e, nos dias que se seguiram, ela nunca sabia bem onde poderia tropeçar naquela dupla, ou em brasa e meios despidos na cozinha, ou freneticamente juntos, fechados dentro de uma fumegante casa de banho. Começou a sentir-se como uma intrusa e, embora Harriet nada tivesse dado a entender, Chiara adquiriu o hábito de comprar todos os dias o Evening Standard e abrir na página dos anúncios de venda e aluguer de casas. Era uma leitura deprimente e Chiara rapidamente percebeu que mesmo um espaço pequeno na ponta mais distante de uma linha de metro iria sugar-lhe uma grande parte daquilo que lhe sobrara do dinheiro que ganhara com a Rainha da Cozinha Britânica. Os direitos de autor ainda pingavam, mas as vendas tinham baixado

muito. Chiara não podia evitar mais. Estava na altura de ir falar com a sua editora Janey e explicar o que tinha acontecido com o prometido livro sobre o pão.

O telefonema foi feito e o encontro marcado. Aquela reunião não seria uma conversa informal à mesa de um restaurante. Pelo contrário, Janey iria recebê-la, segundo lhe disseram, na ilustre sala de reunião do conselho de administração da sua bem-sucedida editora de grande dimensão.

Chiara esforçou-se por se produzir um pouco. Comprou roupas novas, um conjunto de saia-e-casaco azul-claro da nova colecção de um designer que encontrou na Harvey Nichols e o seu cabelo, que ultimamente crescera de modo selvagem, foi domesticado por um cabeleireiro caro.

— Meu Deus, estás de fato — exclamou Harriet, quando ela apareceu no The Office para tomar uma bebida de encorajamento antes da reunião.

— Se vou enfrentar a Janey, preciso de parecer ser o tipo de Pessoa que fala a sua linguagem — explicou sombriamente. — Vou ter de falar de estratégias de marketing, de rentabilização de investimento e de promoção do produto.

Harriet estremeceu e encheu-lhe o copo quase a transbordar.

— Por favor, não te armes em adulta comigo.

— Olha, não te preocupes, se a Janey aceitar a minha ideia para o livro, o fato desaparece de imediato e eu vou andar fechada na cozinha, com o meu velho avental, durante os próximos tempos.

Tal como Chiara temia, a reunião começou mal. A expressão de Janey transformou-se quando soube da morte do livro do pão.

— Mas pensei... pensei que estava tudo acordado. Imaginei que era nisso que estavas a trabalhar durante todo este tempo.

— Eu sei, desculpa. — Chiara não sabia mais o que dizer.

Janey pestanejou e engoliu em seco. — O departamento de marketing já preparou o pacote promocional para o livro do pão — continuou num tom de voz baixo e irritado. — Havia interesse numa série televisiva e estou quase certa de que conseguirias um patrocinador para o programa. Podias ter-me dito que tinhas mudado de ideias antes de termos realizado todo este trabalho de fundo.

Chiara chegou-se à frente na cadeira e apoiou um cotovelo vestido de azul no vidro da mesa da sala de reunião. — Eu sei e peço desculpa — repetiu. — Mas o que eu tenho em vez disso é um milhão de vezes melhor do que a história de cozer pão. Deixa-me explicar a ideia.

Janey fixou-a por momentos. O cabelo loiro estava puxado para trás de forma tão apertada que praticamente lhe operava um mini lifting no rosto, o casaco de caxemira preta estava abotoado até ao pescoço. Parecia não ser capaz de dizer

nada. Estava visivelmente zangada.

Chiara tirou um monte de fotografias da sua pasta. Eram as fotos que Paolo tirara, mas no topo da pilha estava uma do próprio Paolo, a provar o molho de tomate de uma colher de pau e a rir-se para quem quer que estivesse a segurar na máquina fotográfica.

—Vês este homem aqui? — Chiara virou a fotografia ao contrário para mostrar à editora. — Bem, estou apaixonada por ele. Só que não tenho cem por cento de certeza de que ficaremos juntos, porque ainda há uma ínfima hipótese de que ele possa ser meu irmão.

Os olhos de Janey arregalaram-se e as sobrancelhas levantaram-se.

Chiara passou para uma fotografia de Pepina a enrolar gnocchi na gasta mesa de pinho. — Vês esta mulher? É a minha avó e por causa dela a minha mãe tornou-se numa mulher bígama.

Captara a atenção de Janey agora, portanto, continuou a explicar toda a história.

— E é disso que tratará o meu livro — disse no final. — O livro falará da busca da verdade sobre a minha família italiana e da magnífica cuisine que eu descobri ao longo dessa busca.

— Meu Deus — disse Janey, impressionada. — É como o Jerry Springer mas com comida.

— Não — corrigiu Chiara. — É como o Jerry Springer com comida sensacional.

— Este rapaz — Janey acenou com a fotografia de Paolo no ar. — Ele sabe cozinhar?

— Não, a velhota é que é a cozinheira.

Janey ficou de novo a olhar para a fotografia. — Meu Deus, mas ele é lindo, não é? E dizes que pode ser teu irmão?

Esquecido o ressentimento, Janey começou a examinar com entusiasmo crescente as fotos de Chiara debruçada sobre o velho fogão de Pepina e a envelhecida mesa de pinho a abarrotar de travessas de comida.

— Algumas delas estão bem — observou. — Mas a maior parte da comida tem de ser fotografada novamente e disposta de modo adequado, ou acabará por parecer-se mais com comida de gato.

— Está bem — anuiu Chiara.

— E esta história do teu pai. Quem é ele exactamente? — Janey estava corada e tinha desapertado o botão de cima do casaco de caxemira.

— Bem, essa é a questão, eu não sei. Tenho a esperança de que a publicidade do livro possa estimular a memória de alguém, fazer com que alguém se revele. O que acontece é que, enquanto eu não encontrar o meu verdadeiro pai, não posso

começar a pensar em iniciar um relacionamento com o Paolo.

— Bem, existem os testes de ADN — sugeriu Janey. — Não consegues arranjar um fio do cabelo desse Marco, ou algo do género?

— Já tinha considerado essa hipótese, claro. — Sentindo-se mais descontraída, Chiara recostou-se no confortável espaldar da cadeira. — Mas descartar o Marco não é suficiente. Não, eu tenho de encontrar o meu pai. Senão não ficarei completamente satisfeita.

Preciso de pôr fim a isto.

Janey olhou para o relógio. — Está a ficar tarde — reparou. — Porque é que não saímos daqui e vamos tomar um copo de Chardonnay ali na esquina? Quero ter uma longa conversa sobre comida italiana contigo.

Meia garrafa mais tarde, Janey já havia esquecido completamente a história de cozer pão. Chiara pôde ver que havia ideias a fervilharem-lhe no pensamento e um ou dois conceitos inteligentes que Janey iria transformar em planos para fazer dinheiro. Mas não se importava com nada disso. Queria ir-se embora para começar a testar e a refinar as receitas, verificar se os ingredientes necessários estariam facilmente disponíveis e começar a escrever. Precisava de tempo e espaço para escrever a história da vida de Maria Domenica.

Lá no fundo, Chiara não acreditava verdadeiramente que conseguiria encontrar o homem por quem a mãe se apaixonara naquele ano em Roma, o homem cujos genes carregava. Mas a ideia parecia ter encantado Janey. O casamento da curiosidade humana pura com a substancial e vigorosa comida rústica cheirava-lhe a uma combinação vencedora.

— Quanto tempo? — perguntou Janey. — Quanto tempo precisas para o escrever? Chiara foi honesta. — Não sei. Há montes de trabalho a fazer. Para além de que, a determinada altura, terei de ir a Liverpool ver o meu pai e quero regressar a Itália para terminar de escrever o livro lá.

— Eu quero-o depressa — disse Janey frontalmente. — Temos negócio?

Já de novo no passeio, com a cabeça aturdida pela tarde de copos, Chiara sentiu um momento de júbilo seguido de uma sensação de pânico crescente ao pensar na quantidade de trabalho que tinha pela frente. Ela era a preguiçosa que trabalhava mais arduamente que conhecia. Se lhe dessem a mínima possibilidade, cozinharía apenas por prazer e passaria o resto do tempo a ler ou a levar o cão de Harriet em longos passeios. Agora, em cada hora de cada dia, estaria completamente assoberbada de trabalho duro.

Harriet e Eduardo estavam à espera dela no The Office, com uma garrafa de champanhe no gelo e com o Salty a arfar a seus pés.

— Como é que sabiam que iríamos estar a celebrar? — perguntou Chiara.
— Uma de nós tem de ter alguma confiança em ti — respondeu Harriet.
— Não sei — Chiara observou a amiga a encher três copos —, tenho tanto que fazer. Devia ir lá para cima imediatamente e começar já.
— Não, não, não. — Harriet estendeu um copo cheio na direcção dela. — É-te permitido passares uma noite a celebrar antes de ficares toda responsável e séria outra vez. No entanto, se quiseses podes dar um salto lá a cima para trocares esse fato horroroso. Acho que as pessoas estão a olhar para ti.
Eduardo parecia estar sempre com uma mão pousada em Harriet, reparou Chiara. Na sua opinião, isso sugeria posse mas Harriet não parecia importar-se. A intimidade fazia-a resplandecer e a sua beleza brilhava com muitos mais watts. Parecia ter ganho formas mais suaves para arredondar a constituição angulosa. O champanhe foi saboreado, a garrafa esvaziada. Com Salty aos seus calcanhares, Chiara subiu as rangentes escadas de madeira, ansiosa por se deitar. Havia uma mensagem de Paolo no atendedor de chamadas. — Sinto a tua falta, querida — dizia ele, numa voz rica e adocicada. — Quando é que voltas para casa para San Giulio?
Iria em breve, decidiu Chiara. Não conseguia ficar longe por muito tempo.

Paolo estava parado precisamente no mesmo lugar onde Chiara o vira pela última vez, junto à paragem de autocarro na praça principal de San Giulio. Aos olhos dela, a vila pareceu-lhe diferente, mais viva e colorida do que antes. O calor do fim do Verão despira as camadas de roupas dos corpos das pessoas e tisonara os seus membros nus de castanho dourado. De saltos altos e saias curtas, com as bolsas a baloiçar casualmente nos ombros, as raparigas pareciam ter acelerado as suas Vespas directamente para fora das páginas da Vogue italiana. E, ali à espera, de cabeça e ombros acima de toda a gente, estava o homem mais perfeito que ela jamais vira, que, de alguma forma, e ela não percebia como, conseguia estar mais bonito do que nunca.

Talvez tivesse ido à praia, pensou Chiara, quando Paolo a apanhou a olhar para ele através da janela e começou a acenar entusiasticamente com as duas mãos, aos saltos. Se calhar tinha mudado o penteado ou perdido peso, na verdade isso não tinha a mínima importância. Ela só queria estar fora daquele autocarro, ao lado dele na praça calcetada de San Giulio.

— Bella, bella — articulava em silêncio através do vidro.

Finalmente, Chiara deixou que Paolo a beijasse, os seus lábios estavam quentes. A pele do seu rosto cheirava a óleo bronzeador e o seu corpo a suor fresco. — Estou tão aliviado por ter conseguido chegar a tempo — disse-lhe entre beijos. — Estava tão ocupado a trabalhar na quinta que quase saí tarde de mais para a vila. — Com que trabalho é que estás tão ocupado? — perguntou ela.

Ele riu-se em resposta. — Vais ver — disse-lhe.

Enquanto Paolo guiava, Chiara lançava olhares furtivos ao seu perfil. Nunca deixava de ficar espantada com a sua perfeição — a suavidade da pele, o bronzeado uniforme, a impecável engenharia da sua estrutura óssea. Harriet tinha razão, ela tinha realmente perdido o juízo. Fora sempre assim na sua vida amorosa, apaixonava-se com demasiada facilidade e depois desejava o homem por quem se apaixonara como algumas mulheres desejavam o chocolate de leite. Mas, desta vez, superara-se a si própria. Paolo era o homem menos adequado. Apesar de estar quase convencida de que não tinham o mesmo pai, ainda assim ele era seu primo. E embora Chiara estivesse praticamente certa de que o casamento entre primos era autorizado, parecia-lhe errado sentir-se daquela forma.

Irmão ou primo, corria-lhes o mesmo sangue nas veias. E este pensamento não parava de a importunar. Por vezes, ficava a matutar nisso, dando voltas e voltas à cabeça e pensando no que haveria de fazer. Agarrar-se à sua oportunidade de

amar? Ou perdê-la e arriscar nunca mais se deparar com nenhuma? Não havia uma resposta fácil.

Chiara não queria pensar em tudo isso agora. Ali estava finalmente, sentada ao lado de Paolo e dirigindo-se para a velha casa da quinta onde os seus avós estavam à espera de a saudar. Não queria preocupar-se com nada. Apenas sentir-se feliz.

Algo estava diferente, verificou Chiara quando subiram com o carro pelo caminho poeirento da entrada.

O lugar ainda se parecia muito com a pequena casa desordenada, rodeada de pessegueiros, que ela vira pela primeira vez nos desenhos da mãe, mas algo tinha mudado.

Uma camada fresca de tinta, azul para condizer com o céu, uma mesa comprida de madeira e uma fila de cadeiras por baixo do limoeiro junto à porta da cozinha. A horta recentemente cavada, plantada e libertada de ervas daninhas. Até o cão e as galinhas pareciam ter tomado um banho. E lá atrás, entre as filas de pessegueiros no pomar, estava a decorrer algum tipo de trabalho de construção.

Paolo olhou de lado para Chiara e sorriu. — Temos andado a fazer alguns melhoramentos — contou-lhe.

— Vejo que sim — replicou, e ia começar a dizer mais qualquer coisa quando a porta se abriu e dois idosos maravilhados saíram a correr e lutaram para serem os primeiros a cumprimentá-la.

Ao abraçar a avó e o avô, Chiara sentiu que estava de volta onde pertencia.

Depois avistou Rosaria hesitando na porta da entrada, a olhar para ela. Também estava bastante diferente, como que esvaziada. As ancas e barriga não estavam como de costume, o volume em volta da cara tinha desaparecido e, finalmente, Chiara pôde ver como ela deveria ter sido uma rapariga bonita. Devolveu-lhe o olhar por momentos, fitando-a nos olhos calmamente, e depois a tia esboçou uma saudação e limpou nervosamente as mãos ao avental que trazia amarrado à cintura.

— Mamma, vem dizer olá à Chiara — encorajou Paolo. — Voltou de Londres finalmente.

— Oh, Londres — Chiara estremeceu. — Vocês não sabem como estou contente por estar longe de Londres.

— Nós também estamos contentes por não estares lá — disse-lhe Paolo. — É bom ter-te em casa.

O aroma da comida atingiu-a quando ela entrou. Pepina estivera ocupada na cozinha a preparar todos pratos que ela sabia serem os favoritos da neta. Um

spaghetti con le vongole, polvilhado por um grande molho de salsa, para ser acompanhado de pimentos vermelhos, fritos em azeite e cebola, anchovas e pão caseiro, uma travessa de alcachofras cozidas a vapor, com mais azeite e alho, e um prato de finas fatias de vitela, panadas com pão ralado e sujeitas a uma breve fritura na grande caçarola preta de ferro fundido de Pepina.

Comeram por baixo do limoeiro, com uma toalha verde estendida sobre a nova mesa de exterior e guardanapos de linho ao lado de grandes pratos de porcelana brancos.

—Hum, que delícia! — exclamou Chiara, limpando o azeite das alcachofras do prato com um grande pedaço de pão duro e dourado. — O melhor que alguma vez provei.

Os velhotes mal tinham tocado na sua própria comida. Pareciam satisfeitos por estarem recostados a observar Chiara a comer.

—Mangia, mangia — Chiara exortou Erminio no seu italiano empolado e, rindo, ele pegou no garfo.

Mais uma vez Paolo agiu como tradutor. — O nosso avô diz que na tua última visita aprendeste a cozinhar, desta vez tens de aprender a falar italiano correctamente.

—Vou aprender — prometeu Chiara. — Eu adorava poder falar com eles sem precisar de te ter sempre como intermediário.

Rosaria esticou-se, pegou na colher de servir e preparava-se para mais uma colherada de cintilantes pimentos vermelhos quando Paolo abanou a cabeça e estalou a língua nos dentes. Pousando a colher, ela ficou a fitar o prato vazio com desconsolo.

— A Mamma está a fazer dieta — explicou Paolo a Chiara.

— Sim, reparei que perdeu peso — respondeu e, virando-se para Rosaria, acrescentou: — Está ótima. Com muito menos peso.

Rosaria apenas anuiu com um aceno de cabeça. Por momentos, fez-se um silêncio incómodo que foi quebrado por Chiara, quando disse com entusiasmo: —

Então, falem-me lá dos melhoramentos. O que é que se está a passar?

—Porque é que tem de se passar alguma coisa? — perguntou Rosaria. — Não podemos dar uma arrumadela às coisas por aqui?

Paolo bateu levemente no braço da mãe. — Andávamos tão ocupados com outras coisas que desleixámos um pouco a propriedade, não foi, Mamma? — justificou ele serenamente. — Mas as coisas estão com muito melhor aspecto agora.

— Bem, a pintura ficou ótima — concordou Chiara. — E eu gosto das peças de mobiliário de exterior. Mas o que é que estão exactamente a construir no pomar?

— Cabanas. O que é que achavas que fossem? — respondeu Rosaria com sobranceria.

— Cabanas?

— Sim, é verdade. — Paolo estava animado. — Vai ser um pequeno projecto para ti, não é, Mamma? O nosso plano é tentar atrair turistas para virem aqui. Pensámos que eles poderiam vir e fazer parte de uma verdadeira família italiana e aprender a cozinhar a comida autêntica da região, tal como tu fizeste.

Chiara considerou que era uma boa ideia. O seu livro, quando fosse publicado, só podia ajudá-los, concluiu. A publicidade que traria seria inestimável. — Oh, estou a ver. Os turistas ficarão nas cabanas — sorriu. — Estou impressionada como o teu tino para os negócios, Paolo. Eu nunca teria pensado nisso.

Com um sorriso aberto, Paolo serviu o prato de Chiara com os pimentos que Rosaria cobiçara. — Come mais um pouco — instou. — Está delicioso.

Sentindo-se culpada, ela experimentou uma tira de pimento saboreando a pungência das anchovas e deliciando-se com o azeite que passava lentamente do pão macio para a sua boca enquanto mastigava. Rosaria observou-a como um cão esfomeado, mas não disse nada.

— E é a Pepina quem vai ensinar os turistas a cozinhar? — questionou Chiara. Paolo esboçou um gesto ligeiramente altivo com os longos dedos morenos. — Ainda não falamos a sério sobre os detalhes mais precisos. Não vale a pena deixá-la já toda ansiosa até sabermos ao certo se isto irá resultar.

— Mas... e as cabanas no pomar, a Pepina e o Erminio não se importam? — insistiu Chiara. — Eles adoram passear lá ao fim da tarde, não é?

— E podem continuar a passear lá — assegurou Paolo. — As cabanas não os vão impedir.

A refeição terminara e, apesar dos seus protestos, foi a Rosaria que coube debruçar-se sobre o lava-louça e lavar a pilha de louça. Ninguém permitia que Chiara fizesse nada para além de se sentar, beber vinho tinto e conversar pela noite dentro. A lua projectava sombras mais longas e as estrelas pareciam mais brilhantes ali, pensou Chiara. Imaginou os turistas sentados ao longo da mesa comprida, de guardanapos no colo, esfregando as barrigas cheias e continuava, ainda, impressionada com a perspicácia de Paolo para o negócio.

A voz dele interrompeu os seus pensamentos. — Ah, quase me esquecia — disse. — O

Franco e o Giovanni têm perguntado por ti. Talvez devesse aparecer por lá, amanhã de manhã, para os veres.

Chiara ficou surpreendida. — Não pensei que falasses com eles...

Paolo encolheu os ombros. Esbarrara com Giovanni uma ou duas vezes na praça, esclareceu, e tinham falado, portanto estava a pensar que talvez fosse tempo de passar uma borracha sobre o passado. — O que lá vai, lá vai. Tantas coisas mudaram — explicou. — O Franco, o Giovanni e os meus avós tinham as suas razões para se zangarem, mas isso é passado. Agora tu estás aqui e, se calhar, isso era tudo o que era preciso para nos aproximar.

Ficou feliz pelo facto de a sua estada em San Giulio ter resultado em algo de bom. Sentiu-se como se estivesse a dar-lhes algo em troca, como forma de agradecimento por todas aquelas receitas. Havia tantas que fazer uma triagem, escolher as mais atractivas e depois submetê-las à realização de testes fora mais difícil do que estava à espera. Mas, por fim, a derradeira etapa de compor e fotografar cada um dos pratos fora completada e agora tudo o que faltava era ela escrever as palavras. Andava a protelar, em parte porque não sabia muito bem por onde começar, e também por receio do fracasso. Chiara nunca antes se aventurara numa escrita a sério. O seu último livro, a Rainha da Cozinha Britânica, requerera somente um pequeno texto de quatro linhas antes de cada receita e, depois, resumia-se a ingredientes e método.

Franco e Giovanni eram a desculpa de que ela precisava para não começar a escrever logo na manhã seguinte. Afinal, seria uma falta de educação não ir lá cumprimentá-los.

— Se calhar amanhã levanto-me cedo e vou tomar café e comer um bolo ao Caffè Angeli — disse a Paolo. — Um pastel grande e doce e o impacto da cafeína devem dar-me toda a energia de que preciso para começar a escrever o primeiro capítulo.

Paolo enterrou os dentes na carne amarela de um pêssgo maduro. — Mmm, boa ideia

— concordou, enquanto que um fio de sumo do pêssgo lhe escorria pelo queixo abaixo. — Eles vão ficar contentes por te ver, tenho a certeza.

— Vens comigo ?

Ele limpou o sumo de pêssgo com os dedos e lambeu-os. — Não, tenho muito trabalho a fazer aqui — disse-lhe. — Não podes tentar-me a preguiçar, Chiara, senão nunca mais ficará acabado.

Algumas das suas roupas ainda estavam penduradas no guarda-vestidos do velho quarto da mãe. Já se parecia menos com um quarto vago abandonado e mais com o seu próprio espaço. Chiara levou a mala para cima da cama de solteiro e começou a desfazê-la e a arrumar mais algumas das suas coisas. O computador portátil cabia na perfeição em cima da mesa ao canto. Na cadeira junto à cama,

colocou um frasco de perfume, um hidratante e os produtos de maquilhagem. Por cima da cama, uma impressão antiga da Virgem com o Menino miravam-na do alto com atenção. Aquele seria o seu quarto durante o mês que se seguia, pensou, aconchegada pela felicidade. Ali, podia fazer uma pausa por algum tempo.

Lá fora no pomar, de lanterna na mão, Rosaria caminhava pelo meio das cabanas semiconstruídas. Para além de quase fazê-la passar fome, Paolo insistira que ela fizesse exercício diariamente.

—Quando os turistas chegarem — dissera —, será da tua responsabilidade recebê-los e fazer com que se sintam em casa. A tua imagem será muito importante.

Rosaria revirara os olhos para o céu, mas Paolo insistira. — Não faz mal se fores um pouco rechonchuda, Mamma, porque aparentarás ser alguém que come com prazer. Mas neste momento, des-culpa-me por dizê-lo, pareces uma porca insaciável.

Aquilo magoara, por isso ela dispôs-se a fazer um esforço. Paolo começou por supervisionar as porções dela à hora das refeições e, todos os dias, ela andava para trás e para a frente ao longo do pomar. Por vezes, Paolo ia lá para fora e encorajava-a a acelerar o ritmo. — Já estás muito melhor — não parava de lhe dizer. — Só não podes desistir.

Naquela noite, Rosaria esperou que ele fosse ter consigo lá fora, não porque queria ser impelida a caminhar mais rápido, não queria, mas porque tinha coisas importantes que precisava de dizer-lhe antes que fosse tarde de mais. Procurou a sua sombra alta e escura por entre as árvores, mas ele nunca apareceu. Por isso, ficou lá fora mais tempo do que era costume, meia hora ao todo, na esperança de que ele ficasse preocupado e fosse à sua procura.

— Podia ter tido um ataque de coração, estar morta e estendida na poeira, e quem é que se importaria? — balbuciou amargamente. Muito tempo depois, lá estava ele a chamar através da penumbra: — Mamma, onde estás?

— Estou aqui, seu idiota — respondeu asperamente, limpando uma película de suor da sobrelha com a manga.

— O que estás a fazer ? Já é tarde. Vem para dentro.

— Não, vem tu aqui — gritou.

Estava um pouco ofegante por causa do ritmo daquela caminhada mas tinha fôlego suficiente para dizer o que era importante. — Importas-te de parar de bajular aquela rapariga? — sibilou. — Já tens o que querias, não tens? As cabanas estão a ser construídas, ela vai ajudar-nos a atrair os turistas, portanto podes acabar com esse teu encanto agora, eh?

Paolo pôs um braço à volta dos seus ombros largos. — Não te preocupes, eu sei o que estou a fazer.

— Se lhe partires o coração, ela não nos vai ajudar.

O filho nada disse. O seu braço escorregou dos ombros dela e ele virou a cara para o outro lado, para que a mãe não pudesse ver a sua expressão à luz da lanterna. Rosaria sentiu um pequeno arrepio de medo.

— Não podes estar mesmo interessado nela, naquela coisinha vulgar — disse ela, alarmada.

— Oh, não sei. — Ela pensou ouvir um tom de provocação na sua voz, mas não estava certa disso. — A Chiara é bastante diferente de todas as raparigas daqui. Não é uma beleza, mas tem dinheiro e boas perspectivas, o que há para não se gostar nela?

Uma expressão dura transformou o rosto de Rosaria.

— Mas tu tens toda a razão — disse com brandura —, eu não quero partir-lhe o coração. Temos de a manter contente até o nosso negócio estar bem e com pernas para andar, depois, não precisaremos mais dela.

Quando ele pegou na mão da mãe e a conduziu em direcção à casa, voltou-se para ela e a lanterna apanhou o seu sorriso. — A Chiara disse-me que vão usar algumas das minhas fotografias no livro — disse com orgulho. — Pode ser o início de uma carreira totalmente nova para mim.

Os dois homens no Caffè Angeli ficaram mais do que apenas agradados por verem Chiara. Franco abraçou-a e beijou-a enquanto os seus clientes esperavam em vão pelos cafés. O sorriso de Giovanni não podia ser mais aberto nem que tivesse descoberto que tinha ganho a lotaria.

Chiara beijou-lhes as faces, uma tão enrugada e velha, a outra ainda firme e rija com uma barba de meio dia.

Após ter sido exaustivamente saudada, ocupou o seu lugar habitual, por baixo da Virgem de Masaccio com o rosto da mãe, bebeu um café forte e esforçou-se por perceber alguma coisa do jornal local.

— De que fala este artigo? — perguntou a Giovanni, quando, finalmente, este teve tempo para tirar o avental e se juntar a ela por alguns momentos.

Deixando-se cair na cadeira à frente de Chiara, brindou-a, mais uma vez, com o seu sorriso contagioso. — Oh, trata apenas do escândalo habitual acerca dos edifícios que não obedecem aos parâmetros da Câmara serem erguidos sem as licenças de construção.

— Sabia que o Paolo está a construir umas cabanas na propriedade? Acha que ele tem licença?

Giovanni riu-se. — Provavelmente não. Mas ele deve ter untado as mãos da pessoa certa com algum dinheiro e não terá problemas.

— Há assim tanta corrupção aqui? É isso o que toda a gente faz?

Giovanni encolheu os ombros e riu de novo. — É o que algumas pessoas fazem, sim.

Chiara fez uma careta. — Sim, mas o Paolo não. Porque é que haveria de se comportar dessa forma?

Giovanni estudou-a por um instante. Ia dizer alguma coisa, mas depois deteve-se.

— O quê? — incitou.

— Nada — respondeu.

— Ia dizer alguma coisa?

— Sim, mas não interessa. Deixa-me ir buscar-te um delicioso cornetto. Tenho um recheado de crema e com cobertura de amêndoas.

Sentou-se ao seu lado em silêncio enquanto ela comia o pastel. Quando terminou e limpou as migalhas das amêndoas e o açúcar glacé das pontas dos dedos,

Giovanni falou de novo, com hesitação. — Tu gostas do Paolo, não gostas?

— Sim, gosto muito dele.

— Talvez devesse ter um pouco de cuidado. Ele pode não ser exactamente a pessoa que pensas que é.

— O que quer dizer? E por causa da querela entre a sua família e a dele? Pensei que já estivesse tudo esquecido.

— Tenho a certeza de que esquecido não está, mas sim, já faz parte do passado. A lealdade emprestava agora uma ponta de fúria à voz de Chiara. — Então porque é que está a tratar Paolo com tanta dureza?

Giovanni lançou um olhar rápido ao pai. — Não me cabe a mim interferir — respondeu. — Lamento ter dito aquilo.

— Não, eu acho que deve explicar. Ele coçou a orelha evasivamente.

— Giovanni? — insistiu.

— Olha, não é nada palpável, é apenas um pressentimento que eu tenho. Ele é filho da Rosaria e do Marco, por isso está-lhe nos genes. Como eles são duas das pessoas mais dissimuladas, desonestas e egoístas que eu já conheci, não vejo como é que o Paolo possa ter escapado a parte dessa herança.

— Não, não — Chiara abanou a cabeça. — Ele tem sido sempre generoso e carinhoso comigo. Tem-me ajudado imenso na investigação. Tirou umas fotografias minhas fantásticas a aprender

—a cozinhar com a Pepina. Sem aquelas imagens, nunca teria conseguido convencer a minha editora a aceitar a ideia para este livro.

—Fico satisfeito por saber que ele tem sido atencioso contigo, Chiara. Só estou a pedir-te que tenhas cuidado. Eu vi o Marco quase a destruir a tua mãe. Não quero ver o filho dele a fazer-te o mesmo.

Chiara inclinou-se e beijou-o na face. Ele sentiu o calor dos seus lábios. Um raio de luz do sol moveu-se e iluminou-lhe as pontas prateadas do cabelo e, por instantes, ela teve vontade de esticar a mão e afagar-lhe a cabeça com ternura. Ele só estava a tentar protegê-la como um pai o faria, pensou, e deixou-se percorrer por esse pensamento, perdendo-se na fantasia. Da outra vez, ele quase admitira o seu amor pela mãe dela. Não seria aquele o cenário ideal, se o doce, bondoso e generoso Giovanni acabasse por ser o pai dela? Chiara gostava tanto dele.

Foi a visão de uma forma grande e escura a ensombrar, do outro lado, a porta de vidro que trouxe Chiara de volta à realidade. O que estaria Rosaria a fazer ali?, pensou.

Ficou ainda mais surpreendida quando Rosaria, com um prato cheio de pastéis e um caffè con latte a transbordar da chávena, se dirigiu a ela.

—Ciao, ciao a todos — disse.

Giovanni puxou uma cadeira para ela.

Rosaria comeu com total determinação. Chiara não se atreveu a falar em dietas.

Por fim, quando restavam apenas migalhas, a tia reprimiu um arroto e sorriu. — Está um lindo dia — comentou com optimismo.

—Está, não está? — replicou Chiara.

—Parece estar a formar-se uma fila ali, Giovanni. — Rosaria acenou em direcção ao balcão. — O teu pobre e velho papa está com dificuldade.

Num impulso de remorso, Giovanni pôs-se de pé. — Dá-me licença, Chiara, a Rosaria tem razão. O Papa já está demasiado velho para estar ali sozinho.

—Traz-me mais um pastelinho quando puderes, está bem? —gritou Rosaria depois de ele se levantar e, em seguida, virou-se para Chiara. — Então, estás contente por estares em casa, aqui em San Giulio? — disse, com a voz adoçada pelo açúcar glacé e pelas amêndoas.

Chiara anuiu com pouca firmeza. Não tinha a certeza se estava preparada para a nova e amistosa Rosaria.

—Também fico contente por estares de volta — continuou Rosaria, quase parecendo que estava a ser sincera. — Durante todos estes anos tenho-me sentido tão mal em relação à Maria

Domenica e ao modo como ela foi embora sem se despedir. Todos esperávamos que ela acabasse por telefonar ou escrever, mas não o fez, e estou certa de que teria as suas razões. Mas agora tu estás de volta e isso fez os meus pais tão felizes. É maravilhoso que tenhas trazido tanta alegria nesta altura das suas vidas. Chiara cobriu a mão de Rosaria com a sua e os seus olhos ficaram vermelhos com as lágrimas. — Obrigada — conseguiu dizer.

—E o Paolo está todo entusiasmado com esta história do turismo. Tem algo em que se concentrar — continuou Rosaria. —Estamos muitíssimo contentes pelo facto de usares algumas das suas fotografias no teu livro.

Parecia bom de mais para ser verdade, pensou Chiara. A sua tia Rosaria estava, por fim, completamente preparada para a receber no seio da família.

E, depois, como uma garrafa de vinho com sabor a rolha, que tem um aspecto magnífico por fora, Rosaria abriu-se e Chiara sentiu a primeira baforada bafienta. — Mas entre ti e o Paolo — disse em voz baixa —, sabes que nunca poderá acontecer nada?

—O quê? Porquê? — Chiara estava confusa.

O tom de voz de Chiara elevou-se, descontrolado. — Eu estive com o Marco em Roma. Ele garantiu-me que não era meu pai — afirmou.

Giovanni colocou outro prato de pastéis em cima da mesa, mas Rosaria estava demasiado distraída para ter reparado. — Viste o Marco? — inquiriu rapidamente.

— E ele perguntou por mim?

Chiara decidiu que aquela era uma das alturas sensatas para se desviar da verdade. — Sim, claro que sim. Eu disse-lhe que a Rosaria e o Paolo estavam bem.

Por instinto, a mão de Rosaria rumou para o cornetto e instalou-se comodamente à sua volta. — Como é que ele estava? — perguntou.

— Oh, estava bem, pareceu-me. — Chiara não sabia mais o que dizer.

— Por vezes, penso em ir lá, à discoteca dele, e vê-lo com os meus próprios olhos.

— Bem, talvez devesse... — disse Chiara cuidadosamente.

Rosaria afrouxou a pressão sobre o cornetto. Assim que estivesse mais elegante e com os bolsos cheios de dinheiro dos turistas seria a altura de ir a Roma.

— Sim, talvez — meditou. — Mas, entretanto, tem cuidado com o Paolo. Não é de modo algum certo que vocês não sejam irmãos. Quando eu for a Roma, irei até ao fundo disto por ti, pro-meto-te. Até lá, é melhor manteres-te afastada do meu filho, está bem? — O tom de Rosaria era como um perfume, pensou Chiara. Por baixo das camadas de simpatia havia uma base de ameaça. Era uma mulher difícil de se gostar e Chiara perguntou a si mesma como é que a sua mãe teria lidado com ela. Seria melhor lutar ou render-se?

— O Marco parece estar quase certo de que não é meu pai e eu acredito nele — tentou, mas quando viu o rosto de Rosaria carregar-se, acrescentou com vivacidade: — Mas eu e o Paolo não nos precipitaremos, prometo. Vamos esperar até termos a certeza. Contudo, tem de compreender como ele é especial para mim.

Tem sido tão maravilhoso comigo.

Rosaria ficou pensativa e algo no seu rosto mudou. Toda a dureza pareceu ter-se dissipado. — O meu Paolo é maravilhoso — disse suavemente. — Ele é tudo o que tenho.

Junto à máquina de café Gaggia, estava a decorrer uma pequena discussão. Franco vira o seu filho a falar com Chiara e penso que ela tivesse ficado aborrecida.

— O que é que estiveste a dizer à rapariga? — perguntou rispidamente a Giovanni, por cima do gemido dos grãos de café a moer.

— Nada, Papa.

— Não concordámos que não iríamos interferir mais naquela família? Que iríamos deixar as coisas seguirem o seu curso natural?

— Sim, Papa, concordámos — concedeu Giovanni. — Mas tem havido tantos problemas, tanto sofrimento. Eu não quero que haja mais.

Franco observou a rapariga de cabelo espetado e expressão sincera que estava embrenhada numa conversa com Rosaria. — A tua interferência não ajudou a Maria Domenica, pois não? Apenas conseguiste enviá-la para longe, para muito longe e nós nunca mais a vimos. Deixa a filha dela em paz, está bem? Ela parece ser uma rapariga inteligente. E vai resolver as coisas.

As janelas do quarto de Chiara estavam escancaradas e a brisa era bem-vinda. Ela estava sentada, debruçada sobre o computador, tentando concentrar-se e trazer à memória exactamente o que tinha sentido quando embarcou na busca da sua família e da boa comida. O ecrã permanecia em branco, os dedos quietos, pois ela queria que as palavras, quando as encontrasse, fossem rigorosamente as correctas.

Por fim, depois de muito tempo, despertou e começou a digitar: Mesmo nas imediações da pequena vila italiana de San Giulio, num pomar de pessegueiros, há uma casa. E, nessa casa, há uma cozinha. Não parece ser grande coisa — sem microondas, nem utensílios modernos — apenas caçarolas a ferverem no fogão e uma velhota a trabalhar a massa numa mesa de pinho desgastada. Esta é a história de como eu encontrei essa casa e desvendei os segredos da sua cozinha. Mas é também um relato de traição, infidelidade e perda, de rixas familiares e de um amor condenado. No coração da minha história está uma busca ainda longe de terminar...

A partir do momento em que Chiara conseguiu escrever o primeiro parágrafo, foi como se as comportas se tivessem aberto. As palavras jorraram-lhe do cérebro e fluíram através dos dedos. O mundo exterior desapareceu e o que ela via no ecrã era tudo o que lhe importava.

De peito nu, com o suor a escorrer-lhe pelos ombros, Paolo estava no topo de um escadote a cravar pregos insistentemente em mais uma das cabanas de madeira para os turistas. Giacomo Salerni estava ao seu lado, trabalhando a metade da velocidade, com o pensamento noutras coisas.

— Giacomo, acorda — disse Paolo, exasperado.

— Estou a trabalhar o mais depressa que posso — replicou Giacomo no seu tom monocórdico.

— Estou interessado em ver o quão rápido trabalhas quando chegar a altura de apresentares a factura. — Paolo não resistiu a dizê-lo.

Giacomo deixou cair o martelo e levantou as mãos no ar de forma dramática. —

Se não me queres aqui, vou-me embora, Paolo. Há mais apartamentos que estão a ser construídos na vila. Não terei qualquer problema em arranjar trabalho.

Paolo desceu do escadote, apanhou o martelo do pó e entre-gou-o a Giacomo.

— Cala-te e continua com o trabalho, está bem? — disse sucintamente e regressou ao seu próprio trabalho, batendo nos pregos com paixão e agilidade.

Sem que o filho se apercebesse, Rosaria andava de um lado para o outro num ritmo regular no meio dos pessegueiros. O calor do sol do meio-dia provocara

uma cortina de suor em forma de pérolas que deslizava pela sua testa abaixo, mas mesmo assim ela mantinha o andamento.

Podia ouvir o martelar desenfreado de Paolo e, cada vez que ele fazia uma pausa, o som das unhas de Chiara a digitar no teclado do computador. Toda a gente estava ocupada.

Com a informe saia preta a agitar-se em volta das pernas, aumentou um pouco mais a velocidade. — Oh, porque é que eu tinha de comer aqueles pastéis? — disse Rosaria baixinho, enquanto virava na vedação que limitava o terreno e retomava o caminho de regresso a casa.

Podia ver os pais agora, a descansar nas suas cadeiras de verga iguais, à sombra da vinha que crescia numa latada do lado de fora do quarto deles. Estavam ambos a murchar como as folhas do Outono. A voz de Erminio já não troava a partir do seu enorme peito como antes. E Pepina arrastava os pés pela cozinha em vez de caminhar. A excitação causada pela chegada de Chiara parecia ter-lhes sugado as últimas reservas de energia.

Rosaria voltou-se e desceu pelo caminho com sombra ao longo das traseiras da casa. As volumosas coxas das pernas roçavam uma na outra e ela sabia que deveriam estar vermelhas e inflamadas. Limpou o suor das sobrancelhas com um lenço e suspirou penosamente. Mais uma volta, decidiu, e depois seriam horas de almoçar.

Lado a lado, Erminio e Pepina estavam sentados em silêncio, observando com pouco interesse a actividade no pomar. Os seus velhos corpos estavam sentados em almofadas nas cadeiras de verga, jornais ainda por ler permaneciam nos seus regaços e uma garrafa com limonada caseira gelada descansava na mesa baixa que estava no meio deles. De vez em quando, quando o batimento do martelo de Paolo se tornava demasiado alto, Pepina estremecia e tapava as orelhas com as mãos em concha, mas a maior parte do tempo estava simplesmente a contemplar o infinito, sonhando acordada.

Erminio olhava para ela, surdo de mais para que o barulho do trabalho de construção o incomodasse, cansado de mais para se importar com o que o seu neto estava a fazer. Era um alívio entregar a responsabilidade da quinta a outro homem e ceder o lugar de chefe de família. Sentir-se-ia feliz se ainda lhe restassem alguns bons anos para poder sentar-se na sua cadeira de verga, comer a magnífica comida da sua mulher e desfrutar do destino que trouxera a sua neta para casa muito tempo depois de ele ter perdido a esperança de a voltar a ver. No Caffè Angeli, Giovanni estava a olhar para o jornal. Estava calor naquele dia e, para além de uma ocasional criança que entrava a correr para comer um

gelado, o espaço estivera sossegado. Tinha estado debruçado sobre a primeira página do jornal a reler os mesmos dois parágrafos durante vinte minutos pelo menos. Ao seu lado, uma chávena de café com leite permanecia intacta, com uma película de nata a formar-se no topo à medida que arrefecia.

Apoiando o queixo na mão, Giovanni suspirou e disse em voz alta mas para si mesmo: — É impossível.

Andava inquieto desde que a rapariga chegara a San Giulio. A bonita Chiara, com o seu rosto honesto e simpático e o coração zeloso, ainda não tinha consciência do estrago que provocara. Desde que ela entrara ali, descontraída, de mochila ao ombro, as coisas mudaram para Giovanni. Por momentos, o passado inundara o presente, agitando-o.

Ele gostava dela, não... amava-a. Estava dolorosamente consciente de que Chiara o via como um irmão, ou, pior ainda, como um pai. Giovanni era vaidoso o suficiente para acreditar que não aparentava a idade que tinha, mas mesmo assim não era possível negar que era um homem nos seus quarenta e muitos, apenas alguns anos mais novo do que a mãe dela seria. Chiara ainda estava a meio dos trinta. Haveria de querer um homem mais novo, mais forte do que ele.

—É impossível — anunciou uma e outra vez, odiando o eco cavernoso da sua voz no caffè vazio, levantou-se e caminhou a passos largos em direcção à jukebox para encher o lugar de barulho.

Ao som das velhas canções, sentou-se e encostou-se para trás, olhando em volta. As pinturas, nas quais Vincenzo trabalhara tão duramente, estavam velhas e esbatidas e a máquina de café Gaggia, com o corpo polido e os manípulos de madeira gastos, era oficialmente uma antiguidade, mas o pai recusava-se a substituí-la por um dos novos e eficientes modelos accionados por botões.

—O café nunca mais teria o mesmo sabor — queixava-se Franco sempre que Giovanni sugeria que era tempo de mudar.

Talvez quando chegasse à idade de Franco fosse igual a ele, relutante em alterar o que quer que fosse no negócio em que trabalhara a sua vida inteira. O pensamento deprimiu-o.

A mente de Giovanni centrou-se novamente em Chiara e em como, com uma ou duas palavras, ele poderia ser capaz de mudar o curso das suas vidas para sempre.

Corajoso em pensamento, tímido na vida, ele sabia, no fundo do seu coração, que permaneceria em silêncio.

O lançamento do livro de Chiara foi um acontecimento glamoroso. Foi o tipo de festa para a qual ela sempre ansiou ser convidada e nunca o foi.

Abrindo caminho por entre a multidão de caras desconhecidas, ela procurava um amigo. A sua volta, pessoas elegantemente ébrias esvaziavam copos até à última gota e ela estremeceu ao pensar na quantidade de garrafas de vinho italiano decente que estariam a desaparecer.

Harriet oferecera-se para que a festa fosse no The Office, mas Janey abanara a cabeça com o seu sedoso cabelo loiro quando viu as prateleiras cheias de livros empoeirados e a mistura de velhos sofás de couro e de cadeiras de jantar mal combinadas. — Sabes que acho este espaço encantador, querida — disse por fim. — Mas não é, de modo algum, o espaço adequado ao lançamento de um livro.

Acabaram numa galeria de arte no Soho, dirigida por uma amiga da Janey, que, por coincidência, tinha em exposição um conjunto de trabalhos inspirados na comida italiana. O espaço era comprido, em forma de túnel e aproximadamente da largura de uma estação de metro, e as telas nas paredes brancas estavam cobertas de taças de spaghetti garridas e desproporcionadas e mexilhões cor de laranja nas suas conchas. Eram bastante repugnantes, pensou Chiara, mas felizmente a galeria estava tão apinhada de gente que impedia a visibilidade da maioria das pinturas. Janey conseguira fazer daquele evento mais do que uma simples festa de lançamento. Mantivera um entusiasmo constante e um controlo firme sobre o livro durante a longa estafa que fora o processo de edição, a convocação de advogados para que tivessem a certeza absoluta de que não estariam a difamar ninguém e a verificação e reverificação das provas, muito depois de Chiara ter começado a desanimar ao vê-las.

—Eu gosto tanto deste livro — não parava de dizer a Chiara.

— Tem de ser absolutamente perfeito.

Como quase seria de esperar, Chiara deu consigo a posar para a fotografia da capa do livro com uma coroa feita de tomates maduros, usando um colar de folhas de manjerição e equilibrando uma réstia de alhos em cada mão aberta. Na sobrecapa, por cima da sua cabeça lia-se: Chiara Fox é a Rainha da Cozinha Italiana.

Com as provas todas concluídas, Chiara ficara sem nada para fazer a não ser vagabundear por Londres, beber demasiado vinho tinto no The Office e passear Salty quatro ou cinco vezes ao dia até que o cão, exausto, se começou a esconder debaixo da cama de Harriet de cada vez que a via a aproximar-se com a trela. E depois, mesmo quando pensara que já havia sido completamente esquecida pelo

mundo inteiro da edição, Janey ligara com notícias excitantes. A sua equipa tinha conseguido concretizar um acordo com a televisão. A série iria ser totalmente filmada na cozinha de Pepina e Paolo seria o co-apresentador. Ele estava fora de si de tanta excitação. Chiara observava-o agora no centro da festa, destacando-se na multidão de gente bonita, agitando o vinho num copo, numa conversa intensa com um estranho.

Ela puxou-lhe a manga. — Paolo, estás aqui. Tenho andado à tua procura por todo o lado.

— Ah, Chiara. — Paolo baixou-se e beijou-a na face. — Vem conhecer o Roger. É um realizador de televisão e tem algumas ideias fantásticas para a nossa série. Desde que chegara a Londres, a vida de Paolo tinha sido um grande turbilhão de encontros. Almoçara com consultores de viagens, tomara o pequeno-almoço com escritores de gastronomia. Tivera reuniões com agentes, produtores de televisão e editores. Paolo andava tão ocupado e tão absorvido que quase não lhe sobrava tempo para passar a mão na cabeça de Chiara ou lhe dar um beijinho rápido na face.

Como pudera ter receado que ele jamais se encaixaria no seu mundo?, interrogou-se Chiara enquanto o observava a movimentar-se entre o magote de gente, encantando cada pessoa que encontrava. Todos pareciam adorá-lo. Aliás, parecia tratar-se mais do lançamento do livro do Paolo do que do dela.

Roger, o realizador de televisão, olhou por cima do ombro dela, encontrou alguém mais famoso e foi ao seu encontro. Por momentos, Chiara ficou sozinha, a afogar-se num mar de estranhos. Depois, do outro lado do túnel, avistou Harriet, de braço dado com Eduardo e Alex, um de cada lado. Deu graças a Deus por Harriet.

Alex podia ter estado a sentir-se sozinho e perdido naquela festa, mas a sua melhor amiga localizara-o e fizera-o sentir-se bem-vindo.

— Querida, estás maravilhosa — Harriet envolveu-a nos braços. Assim que a largou, Eduardo e Alex abraçaram-na à vez.

— A tua mãe estaria tão orgulhosa de ti — disse Alex, segurando-a perto de si para olhar bem para ela. — Embora — acrescentou com um sorriso aberto —, ela fosse capaz de te mandar ir a casa para trocares esse vestido que trazes por algo mais substancial.

O pequeno vestido preto de Chiara era mais curto em baixo e mais reduzido em cima do que ela normalmente se aventuraria. Mas com a sua usual alquimia, o sol transformara-lhe a pele em ouro e ela achou que podia arriscar. Não que Paolo tivesse reparado. A extensão macia e bronzada de perna e clavícula fora-lhe

indiferente, tão ocupado que ele estava com os negócios.

Harriet ergueu o copo e brindou a ela. — A ti, querida. Ao teu sucesso como rainha de toda a espécie de cozinhas.

Chiara expressou o seu agradecimento com um aceno de cabeça e depois olhou melhor para o copo que Harriet levantara no ar. Não era o habitual vinho ou champanhe. Em vez disso, ela estava a tomar uma bebida fresca que poderia ser gin, mas era mais provável que fosse soda com lima.

— Queres um copo de vinho, Harriet? — perguntou Chiara, testando a reacção dela.

— Não, querida, obrigada — replicou, e bebeu um golinho da bebida gaseificada incolor.

Chiara examinou cuidadosamente o corpo da amiga. Os ossos de Harriet estavam a desaparecer por baixo de uma camada de carne, a cintura alargara e os seus minúsculos seios estavam maiores.

— Harriet, tu estás grávida — disse num sobressalto.

Eduardo sorriu orgulhosamente e a sua mão serpenteou em volta da cintura de Harriet até descansar na sua barriga volumosa. Harriet parecia horrorizada e Alex, seguindo o exemplo dos outros, ficou simplesmente confuso.

— Não queria que tivesses descoberto desta forma — disse-lhe Harriet.

— De quanto tempo?

— Quase quatro meses.

— Bem, e quando é que pensavas contar-me, Harriet? Quando a criança fosse para a escola?

— Oh, meu Deus, desculpa-me. — A amiga pareceu ter ficado um pouco abatida.

—

Não conseguia contar-te, Chiara, sentia que estava a desiludir-te.

— O quê?

Harriet bebeu um gole determinado do seu cocktail inofensivo. — Éramos para ser sempre só nós as duas, não éramos? No nosso apartamento por cima do The Office, passando bons momentos, sem cair na velha ratoeira do marido e filhos como as outras. Não estávamos preocupadas com o facto de termos chegado aos trinta porque iríamos ter-nos sempre uma à outra. E agora eu destruí isso tudo.

— Não, Harriet, não sejas tão doida, não podes... — Chiara deteve-se. Era a altura errada para terem aquela conversa. Além disso, Janey estava junto a ela, ansiosa por apresentá-la a alguém e não pretendia ser ignorada. — Falaremos melhor disto mais tarde, está bem? — prometeu Chiara enquanto se virou para apertar a mão ao estranho. Era uma figura de aparência algo negligenciada dentro

de um sobretudo fora de moda e com uma mochila de estudante pendurada no ombro. O cabelo castanho começava a rarear, os dentes da frente estavam manchados de amarelo pela nicotina e exalou um bafo amargo de quem fuma dois maços por dia. Não era nada do estilo da Janey, pensou Chiara, não conseguindo imaginar porque é que a editora estava tão interessada nele.

—Este é o Pete Farrell do Sunday Post — informou Janey, o seu habitual tom suave marcado pelo entusiasmo. — Pete, esta é a Chiara Fox, a Rainha da Cozinha Italiana.

Pete Farrell. Por momentos, Chiara não conseguiu recordar onde já tinha ouvido aquele nome antes. Depois, lembrou-se de ter ouvido um grupo de jornalistas a falar sobre ele, uma noite no The Office. Ele era o repórter do Sunday Post responsável por todos os grandes exclusivos. Tinha a reputação de ser agressivo e de estar no lado errado da fronteira entre o sensacionalismo e o jornalismo sério, apesar de o seu jornal se gabar eternamente de ser um título de qualidade. Os rapazes no The Office não tinham gostado muito de Pete Farrell e, agora que o conhecera, Chiara também não estava certa de que gostasse.

—Que livro fantástico, querida — disse-lhe, com os dedos nervosos a levar um cigarro invisível aos lábios. — Quero dizer, as receitas são óptimas obviamente, mas a história, essa é formidável.

—Obrigada — disse ela com delicadeza.

Pressionando-lhe as costas com uma mão e pegando-lhe no braço com a outra, conduziu-a até ao canto do outro lado da sala. — Vamos sair deste aperto para podermos conversar calmamente. Quer outra bebida? Não? De certeza? Está-se melhor aqui, não está?

Sentou-a num sofá de couro vermelho que fazia claramente parte da instalação do artista. Havia taças de lasagna coladas nos braços e, onde deveriam existir botões, havia agora decorações de massa seca. Uma delas estava a picar a coxa quase nua de Chiara e, para conseguir escapar-lhe, viu-se forçada a chegar-se para mais perto de Pete.

—Muito bem, a sua história — começou ele, inclinando-se para falar de modo confidencial. — A mãe bígama, a procura do pai verdadeiro, o namorado que pode ser seu irmão... é material muito bom. O pessoal da publicidade da Janey diz que eu posso ficar com o exclusivo dos jornais e eu creio que poderia ser a manchete da primeira página neste domingo, excluindo uma morte na realeza ou um atentado terrorista.

Ele falava depressa, pelo canto da boca, e Chiara reparou que já tinha tirado o

bloco de notas e esferográfica da mochila.

— Olhe, eu não sei. Vou ter de pensar sobre isso — disse-lhe.

— Não há tempo para isso, querida, estou em cima do prazo limite.

— Bem, nesse caso, a resposta é não.

— Então, querida — adulou. Ela notou que ele agitava nervosamente uma perna.

—

Pense na publicidade para o livro. A primeira página do Sunday Post? Não poderia pedir mais.

— Sim, estou certa de que a publicidade seria maravilhosa, mas existem outras pessoas cujos sentimentos têm de ser tidos em consideração, como o meu padrasto, o Alex — assinalou. — Ele ainda está a conformar-se com o facto de a minha mãe ter casado com ele num estado de bigamia e eu não acho que vá ajudá-lo se isto aparecer em manchete em todos os jornais. Já é suficientemente mau que o tenha escrito num livro.

Ele pousou a esferográfica relutantemente. — Não é como se toda a história não vá ser divulgada, não é? Está no seu livro, portanto, será um assunto de registo público. Um pequeno artigo não fará muita diferença a ninguém.

Como ela não disse nada, ele continuou a insistir. — Olhe, eu normalmente não faria isto, mas no seu caso sou capaz de convencer o meu patrão a oferecer-lhe algum incentivo financeiro. — Será que um chequezinho chorudo faria alguma diferença para si?

Chiara avistou Paolo a abrir caminho por entre a multidão de gente e articulou com os lábios a palavra «Socorro». Quando ela escrevera o livro, não tivera nada daquilo em consideração. Talvez tivesse sido ingénua, mas não se apercebera de que a sua vida seria revelada e divulgada para que pessoas como Pete Farrell a esquadrihassem, e que o seu último segredo pudesse ser escarrapachado em papel de jornal.

Pete estava agora a tentar vender a sua ideia a Paolo, que parecia não estar a achar que fosse assim tão má. — Tem aqui algum fotógrafo esta noite? — estava a perguntar ao repórter. — Pode fotografar-nos juntos se quiser.

—

Sim, óptimo, óptimo — Pete concordava com a cabeça.

— Não, esperem, não é nada óptimo — discordou Chiara.

Paolo tentou equilibrar-se no braço da cadeira mas foi impedido Por uma taça de lasagna. Então, encarrapitou-se ao lado dela, em cima das decorações de massa seca, e colocou um braço em volta dos seus ombros. — Não sejas maluca, isto é fantástico — insistiu

ele. — O Pete está a oferecer-se para dar a conhecer o teu livro a milhões de pessoas em todo o país. Sê simpática com ele, Chiara, antes que ele mude de ideias. Deixa-o apresentar uma história realmente boa aos seus leitores.

Contrariada, Chiara concordou em responder às perguntas de Pete e, nervosa, viu-o encher as páginas do bloco de notas com a sua estenografia rebelde. Não pôde deixar de reparar que Paolo falou quase tanto como ela, descrevendo animadamente o primeiro encontro deles. — Sim, sim, este material é ótimo — não parava Pete de murmurar por entre dentes enquanto continuava a escrevinhar. Assim que ele terminou, um fotógrafo fê-los posar abraçados à frente das pinturas garridas de spaghetti. — Juntem as cabeças, vá lá, juntem as cabeças — gritou. — Precisamos de posar assim tão juntos? — perguntou Chiara, afastando-se um pouco, mas Paolo disparou-lhe um olhar magoado e ela cedeu. Já conseguia imaginar a sensação de medo intolerável que teria quando, no domingo seguinte, desse um pulo ao outro lado da rua para comprar os jornais. Todos aqueles Sunday Post com os rostos dela e de Paolo escancarados. Chiara começou a rezar por uma morte na realeza, mas sentiu-se atormentada com o remorso quase imediatamente.

O nível do volume da festa aumentara bastante e agora as pessoas estavam mais a mexer os lábios umas para às outras do que propriamente a falar. Chiara puxou a manga de Paolo. — Vamos embora daqui — disse. — Vou buscar o Alex, a Harriet e o Eduardo. Podemos ir todos jantar.

Ele parecia distraído. — Vai indo — respondeu-lhe. — Está um agente ali que eu quero cumprimentar. Diz-me só aonde vão e eu vou lá ter convosco mais tarde. Chiara deixou-o absorvido numa conversa com uma rapariga enérgica, vestida de preto, com óculos de armação escura. As suas cabeças e corpos estavam muito próximos. O fotógrafo do Sunday Post teria adorado aquela pose, pensou Chiara, enquanto seguia Harriet para fora da sala.

Quando viu a manchete do Sunday Post, Chiara ficou um milhão de vezes mais horrorizada do que pensou que ficaria: BIGAMIA, INCESTO, BULIMIA: CHIARA FOX TRIUNFA SOBRE A TRAGÉDIA.

O vendedor de jornais não disse uma palavra quando lhe estendeu o jornal, ficou apenas a olhar como se ela fosse uma espécie de objecto sobrenatural em exposição num museu, uma cabeça encolhida ou um ornitorrinco.

Não conseguiu voltar ao apartamento tão depressa quanto gostaria. Mas depois, uma vez lá dentro, não conseguiu arranjar coragem para olhar para o jornal.

—Harriet — gemeu —, ajuda-me.

Harriet ouviu uma voz cansada e derrotada a chamar por ela.

— Espera, já vou. — E, uns minutos depois, um rosto macilento apareceu à porta do quarto. — Isto é pior do que qualquer ressaca — lamentou Harriet. — Não acredites em ninguém que te tente dizer o contrário.

—Não é suposto já teres passado o trimestre no qual se têm enjoos matinais? — perguntou Chiara, e recebeu um olhar fulminante em resposta.

—Pediste ajuda — disse Harriet secamente. — O que se passa?

Em silêncio, Chiara estendeu-lhe o Sunday Post. — Podes ler, Por favor, e dizer-me o que diz aí? Não suporto olhar para isso.

—Meu Deus — exclamou Harriet, tirando-lhe o jornal das mãos e passando os olhos pelas primeiras linhas.

Chiara esperou angustiadamente pelo veredicto. — Bem — começou Harriet —, está tudo razoavelmente próximo da verdade, embora um pouco empolado. A única parte que eu não percebo mesmo é esta história acerca de tu seres bulímica. Tu regurgitaste um camarão para um guardanapo durante a festa do lançamento do livro ?

—Bem, sim, mas estava estragado — replicou Chiara, sentin-do-se ultrajada.

Harriet começou a rir-se. — Bem, de acordo com o Pete Farrell, andas a combater corajosamente a bulimia.

—Que filho da mãe. Podia processá-lo por isso.

Harriet continuava a rir. — Tem uma imagem gigantesca da capa do livro e toda uma série de informação publicitária acerca da co-apresentação de Paolo na série televisiva. É uma publicidade impagável.

—O maldito camarão estava estragado — repetia Chiara nas costas de Harriet, enquanto a amiga grávida corria novamente para a casa de banho.

A retirada afigurou-se-lhe como a sua única opção. O mundo exterior estava cheio de gente a tomar o pequeno-almoço e a passar os olhos pelo jornal à procura de

mexericos, e a pequena e segura área debaixo do seu edredão era o único local prudente para estar. O telefone tocou repetidamente no decorrer do dia, mas no apartamento ninguém se incomodou em atendê-lo. Alex estaria provavelmente a tentar contactá-la, pensou Chiara, tal como Janey. E talvez Paolo tivesse ligado uma ou duas vezes — Paolo, que achara mais sensato alugar um quarto num hotel barato, longe da Russell Square, do que ficar com ela no Soho. A sua desculpa fora a falta de espaço no apartamento, mas Chiara tinha a certeza de que não era só isso. Ela conseguia sentir um recuo, um distanciamento da intimidade. Paolo não dissera nada, nem fizera nada. Todavia, o seu instinto dizia-lhe que tinha havido uma mudança no relacionamento deles.

Chiara devia ter passado pelas brasas pois quando abriu os olhos a luz tinha mudado. Pestanejou, ofuscada pelo sol da tarde e, ainda tonta com o sono, esforçou-se por levantar a cabeça da almofada.

Tinha o estômago vazio, a boca seca e a área segura debaixo do seu edredão estava agora desagradavelmente húmida com o suor.

Ignorando o frenético aviso luminoso de mensagem no atendedor de chamadas, Chiara pegou no telefone e marcou o número do telemóvel que Paolo alugara durante o tempo da sua estadia em Londres.

Ele atendeu logo ao segundo toque. — Pronto — disse, a sua voz ainda mel e chocolate.

— Paolo, sou eu. Tentaste telefonar-me?

— Não, amor, eu não.

— Ora, não viste o maldito jornal?

— Claro que sim. Comprei dez exemplares para enviar para casa. Acho que tem uma boa fotografia minha, mas tu estás um pouco rígida e pouco à vontade.

— Tu leste mesmo o artigo, Paolo? — perguntou Chiara.

— Si, cara, claro. Eu não sabia nada acerca da bulimia. Porque é que não me contaste?

Ela reprimiu o impulso de gritar, mas mesmo assim houve uma crescente nota de irritação na sua voz quando disse: — Preciso de te ver. Almoças comigo... se eu prometer não vomitar em seguida?

O Soho sempre se assemelhou a um amante abandonado aos domingos, pensava ela, à medida que avançava para o encontro com Paolo. Não havia o burburinho do dia de mercado na Berwick Street, apenas algumas folhas de couve-flor e tomates na sarjeta. A maioria dos cafés estavam fechados, os caixotes do lixo a abarrotar de detritos resultantes do divertimento da noite anterior e os passeios pegajosos da cerveja e de outro fluidos menos saborosos. Apenas se ouvia o

zunido regular dos clientes das sex shops nas ruas secundárias e, como sempre, Chiara passava ao largo delas.

Paolo chegou vinte minutos atrasado à Pizza Pizza. Por essa altura, Chiara já tinha cedido ao pão de alho, embora nunca tivesse gostado muito daquilo. Pepina teria pensado que ela perdera o juízo, empanturrando-se de pão, manteiga e alho praticamente cru. Mas, tendo em conta o que bebera na noite anterior, um banquete liberalmente regado com gordura não lhe parecia uma ideia assim tão má.

Paolo beijou-a ao de leve em ambas as faces quando finalmente chegou e preferiu sentar-se à sua frente do que ao seu lado. Fez má cara à ementa, apizza, à empregada; nada pareceu agradar-lhe.

Chiara esperou que a empregada servisse o café — que ele classificou como sendo demasiado fraco — antes de abordar o assunto que tinha em mente. — Tenho estado a pensar sobre uma coisa que a Janey sugeriu há algum tempo atrás — explicou, enquanto Paolo bebia goles minúsculos e pesarosos da sua chávena. — O teste ADN, que pensas disso? Poderíamos determinar de forma conclusiva se o Marco é meu pai e se, tal como todos acreditamos, ele não for, não haverá nada a intrometer-se no nosso caminho.

Paolo anuiu de modo dubio. — Suponho que sim — disse. — Mas sabes, no teu caso, não me precipitaria. O livro está nas bancas agora e eu não me surpreenderia nada se trouxesse a identidade do teu verdadeiro pai à tona. Sendo assim, não haverá necessidade de te preocupares com o Marco ou com testes científicos dispendiosos.

— Então achas que devemos esperar pelo momento certo.

— Exactamente — concordou.

Chiara queria saber mais, descobrir se os sentimentos dele em relação a ela estavam a mudar, mas quase receava saber a resposta.

— Paolo — começou —, está tudo bem?

— Sim, sim. Está tudo esplêndido.

Ela agarrou um tufo de cabelo nervosamente. — Eu amo-te — arriscou.

Paolo apenas assentiu com a cabeça, bebeu mais um gole de café e franziu o sobrolho.

— Tu ainda me amas? — pressionou.

Ele pousou a chávena. — Eu vou gostar sempre de ti, Chiara, tu sabes isso.

— Mas ainda me amas? — insistiu.

Paolo segurou-lhe na mão. — Deixa-me ser honesto contigo — disse com suavidade e ternura. — Durante algum tempo, quando estávamos em Itália e tu

estavas lá todos os dias a cozinhar com a minha avó, eu talvez tenha pensado que me estava a apaixonar por ti. Mas, aqui, nós vamos ter uma relação de trabalho e acho que seria mais sensato se mantivéssemos alguma distância.

Chiara ficou furiosa. — Não posso acreditar que tenhas o descaramento de me dizer isso — disse, libertando a sua mão da dele. — Enganaste-me. Eras tu quem não parava de dizer que me amava. Eu até o escrevi no meu livro. E agora achas que me vais deixar assim sem mais nem menos?

— Eu não estou a deixar-te. — A sua irritação inflamou-se também. — Deixa-me refrescar-te a memória, Chiara. Nunca se passou nada entre nós para além de um ou dois beijos. As coisas poderiam ter ido mais longe mas, apesar de tudo o que eu disse, tu estavas demasiado agarrada à ideia de que o Marco era teu pai.

Agora, o momento passou. Eu tenho um negócio para gerir, agora tenho uma carreira. Não tenho o tempo nem a energia para lidar com cenas deste tipo.

Porque é que não podemos manter esta relação apenas ao nível profissional?

— Ótimo, se é isso o que tu queres. — Zangada e perturbada, Chiara apertou os lábios, era orgulhosa de mais para continuar a insistir. Tinham-lhe dado com os pés vezes suficientes para ela saber que criar confusão nunca mudava as coisas. Enfiando rapidamente o casaco, pagou a conta.

Quando iam a sair do restaurante, uma rapariga chamou-os — Esperem, esperem. —

Era alta e tinha cabelo ruivo longo e encaracolado, e trazia na mão uma cópia do Sunday Post. Chiara ficou desalentada quando viu Paolo pegar na esferográfica que a rapariga lhe oferecia. — Estou tão envergonhada, eu normalmente não faço isto — garantiu, enquanto Paolo assinava o seu nome junto à fotografia na primeira página. — Mas se não conseguir os vossos autógrafos, as minhas amigas nunca vão acreditar que eu vos encontrei.

De forma relutante, Chiara assinou o seu nome a seguir ao dele. Paolo pareceu não reparar no seu desconforto. Ficou a ver a rapariga a ir-se embora, bamboleando de forma atiradiça o traseiro numas calças de ganga justas de cintura descida e, depois, começou a dar risadinhas como um estudante. — Meu Deus, se já é assim agora, imagina como será quando aparecer na televisão — comentou. Depois, olhou para Chiara de cima a baixo, como se tivesse acabado de a ver, e o sorriso aberto desapareceu-lhe do rosto. — Mas o que raio é que tu trazes vestido? — perguntou subitamente.

Chiara baixou os olhos para as confortáveis calças largas e para a velha camisola preta em mau estado. — É domingo. Toda a gente se veste informalmente ao domingo.

— Tu agora tens de pensar na tua imagem — replicou Paolo friamente. — Tens de comprar algumas roupas decentes e deixar crescer um pouco o cabelo. Sabes, se te arranjasses convenientemente, poderias ser uma rapariga bastante bonita, Chiara.

Enquanto se arrastava sozinha para casa, Chiara sentiu-se muito como imaginava que as estrelas deveriam sentir-se na manhã seguinte à noite dos Óscares, quando tinham de devolver os estojos de jóias fabulosas que apenas usaram como empréstimo. Sentia-se triste por estar a perder Paolo, mas não estava surpreendida. Nunca esperou poder ficar com ele durante muito tempo.

Em muito poucos dias, Chiara passou de não ter pai a tê-los em excesso. Parecia que homens de todo o país queriam reivindicá-la como sua filha. Janey recebera uma pilha de faxes e de mensagens de correio electrónico e Pete Farrell reenviara-lhe muitas mais.

— A maioria deles são fanáticos — disse-lhe Janey num final de tarde enquanto bebiam uma garrafa de vinho no The Office. — Mas há alguns que eu acho que valeria a pena investigar. Pete Farrell diz que o Sunday Post pagará a um detective privado para fazer o trabalho de sapa desde que lhe seja garantido o exclusivo do teu primeiro encontro com o teu pai biológico.

— Não, obrigada.

— Bem, pelo menos pensa no assunto.

— Não. — Chiara foi inflexível.

— Olha, eu sei que ele é um pouco indecoroso, mas é um óptimo jornalista e a história que publicou deu ao Rainha da Cozinha Italiana o empurrão de que precisava. O livro é um fenómeno. Os comerciais nem tiveram de o vender às lojas, o livro entrou por si só e agora está a voar das prateleiras.

A ideia de que o livro estava a vender bem porque as receitas eram fabulosas parecia não ter ocorrido a ninguém, pensou Chiara amargamente. Olhou para o nível do vinho na garrafa e concluiu que, mesmo que comesse a emborcá-lo, teria de ficar ali sentada a conversar com Janey durante mais quinze minutos pelo menos, até que não fosse considerado má educação escapulir-se dali. E se ela sugerisse mais uma garrafa?

Chiara ansiou pelo momento de poder ir para cima trabalhar nas mensagens dos aspirantes a pais, com um bule de chá Earl Grey ao lado. Confiava o suficiente nos seus próprios instintos para saber que quando visse um fax, uma mensagem de correio electrónico ou uma carta enviada pelo seu pai biológico, reconhecê-lo-ia de modo instantâneo. Involuntariamente, o entusiasmo tomava conta dela quando imaginava encontrar-se com ele cara a cara.

— Então, Chiara? — A voz de Janey interrompeu-lhe os pensamentos. — O que queres que diga ao Pete Farrell?

Chiara engoliu um generoso trago de vinho e depois sorriu abertamente quando respondeu. — Diz-lhe... diz-lhe que se não fosse por causa daquela história do camarão no primeiro artigo, tê-lo-ia escolhido de certeza. Diz-lhe que ele estragou tudo e que eu vou dar o exclusivo à Hello!

O aroma reconfortante do Earl Grey quente perfumou o pequeno quarto. Chiara correu os cortinados, acendeu o candeeiro da mesinha-de-cabeceira e deitou-se

na cama entre um monte de almofadas. Começou por ler as cartas primeiro, envelopes cheios de caligrafias tremidas de homens velhos, muitos com fotografias tipo passe. Havia homens carecas, de cabelo grisalho, homens ridiculamente novos, homens hilariantemente velhos. Alguns escreviam sobre o modo como amaram a sua mãe, outros descreviam aventuras de uma noite com estranhas que podiam ter sido a mãe dela e outros afirmavam ainda terem observado e seguido Chiara em segredo ao longo dos anos.

A mais sinistra de todas, redigida com uma bonita caligrafia, era uma carta que depressa se tornou numa descrição pormenorizada da extraordinária vida sexual do homem que declarava ter tido algo com a sua mãe. Chiara amarfanhou-a e atirou-a para o caixote do lixo com toda a força. Os faxes e as impressões das mensagens electrónicas tiveram o mesmo fim e, após uma hora de leitura ininterrupta, ficou com apenas dois «talvez». Um deles era um homem da Escócia que dizia ter estado em Roma na mesma altura que a sua mãe. Dormira com uma empregada, cujo nome nunca soubera, fora uma aventura de uma noite. — Há uma hipótese ínfima de eu poder ser seu pai — escreveu —, tão ínfima que estou em dúvida se deverei ou não pôr esta carta no correio.

O outro era uma mensagem electrónica de um homem italiano, que vivia agora em Brighton. Parecia ter a idade correcta, nascera e crescera em Roma e dizia lá ter estado durante os anos sessenta. Dormira com centenas de mulheres, vangloriava-se, e Maria Domenica poderia facilmente ter sido uma delas.

Chiara colocou ambas as mensagens na gaveta de cima da mesinha-de-cabeceira. Nenhuma lhe tinha provocado um arrepio na espinha, mas não teve coragem de as deitar fora. Talvez mais tarde, quando acabasse de filmar a série televisiva em Itália, apanhasse o comboio para Brighton ou para a Escócia para investigar aqueles homens. Não tinha pressa. Podia esperar.

De lá de baixo, ouviu a porta do bar a abrir-se. Parecia estar movimentado naquela noite. Depois ouviu um telemóvel a tocar e concluiu que Harriet — que detestava aquelas coisas — expulsara algum cliente que insistira em atender uma chamada. Ele subiu até meio das escadas, em direcção ao apartamento, para falar com a pessoa que lhe estava a ligar, bem longe do inconfundível som do burburinho do bar. — Não, querida — dizia em voz alta. — Ainda vou demorar a chegar a casa. Vou ficar a trabalhar até tarde no The Office 1.

Chiara sorriu. Essa já era velha. Não podia acreditar como é que os homens ainda conseguiam safar-se com aquele trocadilho. Embora soubesse que devia deitar-se cedo, estava bastante inclinada a trabalhar até tarde no The Office. Poderia ajudar

Harriet atrás do balcão por um bocado, fazê-la sentar-se e tirar-lhe o peso da gravidez dos pés. E poderia ter aquela conversa com ela. Aquela sobre o facto de agora poder ser uma boa altura para pararem de viajar com pouca bagagem. E de que a escolha de uma vida convencional com um marido e filhos, talvez não fosse, afinal de contas, uma coisa tão vergonhosa.

Office - escritório. (N. do E.) 79

Chiara e Harriet estavam plantadas à porta de entrada de um lugar que nunca imaginaram ter de visitar. À frente delas, alinhadas como soldados à espera da inspecção, estavam prateleiras e prateleiras de roupas em miniatura — algumas em tons rosa pastel, outras em azul-claro, mas a maioria delas em violentas cores primárias que chocavam sem pudor.

Lojas como aquelas era um autêntico atentado aos sentidos, pensou Chiara quando espreitou para dentro da Baby Factory. O ar cheirava de modo diferente, era de alguma forma mais doce, e estava imbuído do choro de seres humanos minúsculos.

Num gesto involuntário, Harriet encolheu a barriga em crescimento quando uma empregada olhou para cima e a viu. — Posso ajudá-la? — perguntou com um sorriso educado.

— Eu preciso... eu preciso... oh, sabe... de coisas para bebés — retorquiu Harriet. O sorriso não esmoreceu. — Que tipo de coisas em particular?

— Bem, na verdade, tudo — admitiu Harriet. — Mas se calhar devíamos começar pelas roupas. Tem alguma coisa em preto? Talvez um simples vestido solto ou xaile cigano?

— Não, lamento, mas o preto deve ser a única cor que não temos — respondeu num tom grave.

— Oh, estou a ver. Bem, e do que é que acha que eu vou precisar mais?

Assim que Harriet obteve uma lista exaustiva de todo o equipamento de que a sua filha ainda por nascer iria necessitar, empalideceu. — Mesinhas para mudar as fraldas, berços, carrinhos de bebé, isto especial, aquilo e aqueloutro... — repetiu horrorizada. — Fraldas descartáveis e cadeiras para o carro... e eu nem sequer tenho um carro. Tenho a certeza de que quando éramos crianças não tínhamos estas coisas todas. É ridículo. Não posso levar tudo agora.

— Bem, ainda faltam alguns meses, portanto não há necessidade de comprar tudo de uma vez — lembrou Chiara, sensatamente. — Vamos comprar só um artigo hoje.

— Está bem — concordou Harriet. — Vou querer levar um par de sapatinhos lisos em branco e depois quero ir sentar-me no bar e ficar a olhar para o álcool.

Os sapatinhos, dentro do colorido saco da Baby Factory, foram enfiados bem no fundo da carteira de Harriet. Assim que, a custo, ela se conseguiu sentar a uma mesa baixa no canto do pub, era difícil dizer que estava grávida de todo.

—Quero um whisky duplo seguido de um Pernod para aconchegar — disse a Chiara. — E três pacotes de batatas fritas com sabor a queijo e cebola.

Chiara regressou do bar com dois copos de água Perrier, lugubrememente decorados com rodela de limão velhas, e um pacote de amendoins sem sal. — Acabou-se o whisky e o Pernod, por isso tive de trazer isto — declarou.

Com um ar sorumbático, Harriet anuiu. — Boa ideia.

Beberam em silêncio por momentos, ouvindo o chiar e chocalhar irritante da máquina de perguntas e respostas de cultura geral na qual alguém estava a jogar no canto oposto.

— Apetece-te jogar uma partida de bilhar? — perguntou Chiara por fim.

— Vamos a isso — respondeu Harriet.

Muitíssimo desajeitadas, demoraram uma eternidade a colocar o giz na ponta dos tacos e a dispor as bolas dentro do triângulo sem grande perícia. Foi Chiara quem deu a primeira tacada, lançando as bolas aos rodopios sobre a mesa, mas sem que nenhuma mostrasse a intenção de se afundar numa ventanilha.

— Estou preocupada contigo — disse a Harriet.

— Não, eu é que estou preocupada contigo — replicou a amiga, debruçando-se sobre a mesa e atingindo a bola branca com uma tacada desajeitada.

— Essa foi terrível — comentou Chiara. — Falhaste completamente.

— Eu sei. Posso tentar de novo?

Desta vez Harriet conseguiu que a bola branca rolasse debil-mente ao longo da mesa e, como que por intervenção divina, a bola pareceu curvar um pouco e empurrou uma bola vermelha para dentro da ventanilha.

Harriet agitou o taco no ar. — Boa! Consegui — anunciou ao pub quase vazio e inclinou-se para dar a tacada seguinte. — Vou ficar bem, sabes, Chiara — disse ela, batendo desta vez com mais força na bola branca. — Não reagi bem quando soube que estava grávida. Levei algum tempo até decidir ter este bebé, foi por isso que não pude contar-te antes. Mas agora estou certa de que vou ficar bem. É contigo que eu estou preocupada.

— Porquê?

— Tu estás sozinha. A tua relação com o Paolo parece estar a esfriar e ainda não sabes quem é o teu pai. Sinto-me culpada. Tu não terias começado com nada desta história de Itália se eu não te tivesse chateado com isso.

Chiara pousou o taco em cima da mesa e envolveu a amiga num reconfortante

abraço. — Não te sintas mal, Harriet. Eu também vou ficar bem. Encontrei os meus avós em Itália e fiz novos amigos lá. Não me arrependo de ter ido. Nem sequer me arrependo da minha paixoneta estúpida pelo Paolo porque foi bom enquanto durou.

— Sim, mas eu sei qual é o meu futuro — Harriet acariciou o seu ventre. — E tu, sabes qual é o teu?

— Tenho um programa de televisão para fazer. E este é o único futuro com o qual consigo lidar neste momento.

A cozinha de Pepina fora completamente invadida. Havia operadores de câmara que levantavam o pó do chão por todo o lado, raparigas com auscultadores que andavam de um lado para o outro a papaguear instruções, montanhas de equipamento a serem descarregadas dos camiões e alinhadas no caminho da entrada. Paolo, como sempre, era o centro de tudo e Pepina, que se sentara num elegante banco de cozinha, novo em folha, abanava-se com um leque, tentando dar a ideia de que nada daquele caos a estava a perturbar minimamente.

Chiara deteve-se à entrada da porta. — Meu Deus — exclamou. — Isto é ridículo.

Uma rapariguinha, com um daqueles blocos de notas com mola, assobiou. — Entregas pela porta das traseiras, por favor — disse agressivamente, baixando os olhos para a bagagem de Chiara.

— Eu não venho entregar nada... bem, excepto a mim mesma. Eu sou a Chiara Fox.

A rapariga corou. — Perdão, não a reconheci — desculpou-se. — Fica muito diferente sem a coroa de tomates e o colar de manjerição. E o Paolo não soube dizer a que horas a Chiara supostamente iria chegar. — E ficou ainda mais ruborizada quando disse o nome de Paolo, olhando apressadamente para o bloco de notas e começando a assinalar com um visto de modo oficioso.

Logo depois, Pepina olhou para cima e avistou-a. Deixou cair o leque e abriu caminho através da multidão e do equipamento de filmagem no ímpeto de abraçar a neta. — Ciao, bella — disse, beijando-a em ambas as faces.

Reunindo todos os seus retalhos de italiano, Chiara começou a desfazer-se em desculpas. — Eu lamento tanto tudo isto. Não fazia ideia...

— Não te preocupes. Não há problema — Pepina tranquilizou-a e estendeu a mão para a beliscar delicadamente na bochecha.

— Sua menina bonita — disse-lhe com o seu acentuado sotaque italiano. Parecia mais velha e mais pequena. O seu peso diminuía e a cor sumira-lhe do rosto.

Erminio estava escondido, no lado de fora da casa, a dormir na cadeira de verga, debaixo da latada. Rosaria estava sentada a seu lado, escrevendo num grande livro que tinha equilibrado em cima do joelho. Tinha um telefone sem fios no braço da cadeira e estava com óculos que não paravam de lhe escorregar do nariz brilhante. Parecia ligeiramente mais magra do que da última vez que estiveram juntas, pensou Chiara, mas também mais atormentada.

— O Paolo fez reservas em duplicado — queixou-se, lançando a Chiara um olhar acusador. — Se o Giacomo Salerni não conseguir construir mais duas cabanas

antes da abertura no próximo mês, estamos completamente tramados.

— O que é que vai abrir no próximo mês? — perguntou Chiara, confusa por momentos.

— Este negócio dos turistas em que o meu Paolo está tão interessado. A agenda está a encher-se com reservas tão depressa! — E bateu no volume enorme que segurava no joelho. — Desde que o teu livro de receitas saiu, toda a gente está a telefonar-me porque quer vir aprender os segredos da cozinha da avó Pepina. Só Deus sabe como vai ser quando o Paolo aparecer na televisão. Não tenho a certeza se serei capaz de dar conta do recado.

— E a Pepina, como é que ela vai dar conta do recado? — perguntou Chiara furiosamente. — Ela está velha, não podem esperar que esteja de pé a ensinar as pessoas a cozinhar dia após dia.

Rosaria encolheu os ombros. — Oh, eu vou ajudar e o Paolo também. A Mamma só tem de picar a cebola e servir como elemento decorativo.

— E o Erminio? Não se importa de ter a casa invadida por estranhos?

O avô ouviu o seu nome a ser pronunciado e abriu os olhos. Concentrando-se em Chiara, sorriu abertamente. — Como está a minha linda menina? — perguntou, proferindo depois um chorrilho de palavras em italiano de forma tão rápida e emotiva que ela não teve esperança de acompanhar.

— O que é que ele está a dizer? — perguntou ela a Rosaria.

— Oh, por ele está tudo bem, ele não vai ter trabalho nenhum—foi a resposta que obteve.

— Sim, mas o que é que ele disse? — insistiu Chiara.

Rosaria explicou que a onda de entusiasmo causada pelo livro e pelo programa de televisão tinha ultrapassado as fronteiras de San Giulio e chegado até Milão, onde Salvatore, o seu único irmão, vivia com a família. Ele estava a caminho de casa para participarem em toda a emoção das filmagens, assim como as suas irmãs mais novas — a Sandra, a Giovanna e a Claudia.

— Durante anos e anos, estiveram demasiado ocupados com o trabalho e com os filhos para se dignarem a voltar aqui para ver os velhotes. Agora, vêm todos de uma vez e eu é que tenho de lhes arranjar um sítio para dormir e comida para lhes pôr na mesa. O velhote está entusiasmadíssimo, claro, especialmente por causa do Salvatore, que sempre foi o seu predilecto. Mas está tudo bem para ele — repetiu Rosaria penosamente. — Ele não vai ter trabalho nenhum.

A casa estava tão cheia que Chiara não pôde ficar no seu quarto habitual. Havia agora caixas, comida e equipamento empilhados lá dentro e, quando fossem removidos, o quarto iria ser necessário para o seu tio ou uma das suas tias.

— Desculpe-me, mas eu simplesmente parti do princípio que poderia ficar aqui — disse Chiara, ligeiramente aborrecida. — Disse ao director de produção que não seria necessário reservar um quarto de hotel para mim, mas deveria ter confirmado consigo antes.

— Liga para o Caffè Angeli — sugeriu a agressiva Rosaria, ace-nando-lhe com o telefone sem fios. — Talvez possas ficar com o Giovanni e o Franco na casa deles.

Antes que pudesse fazer a chamada, a jovem com o bloco de notas chamou a atenção de Chiara. — Lamento muito — começou.

— Não está a pensar que ainda vamos filmá-la hoje, pois não? Tudo o que temos agendado são cenas de comida para os genéricos de abertura e já estamos atrasados.

— Mas posso ficar a assistir, não posso?

— Sim, claro que sim, embora eu não ache que vá ser terrivelmente emocionante. Todo o material interessante será feito na pós-produção.

Roger, o realizador, surgira com um conceito para os genéricos de abertura que envolvia o uso da técnica cinematográfica do movimento acelerado para dar a ideia de que pilhas da comida de Chiara estavam a ser consumidas e pratos a serem lambidos até ficarem limpos por uma invisível força devoradora.

Enquanto os observava a prepararem-se para a primeira cena, Chiara lutou contra um sentimento de arrependimento. Estragara a paz daquele lugar com o seu livro. Mudara a vida de toda a gente e não estava certa de que fora para melhor. Apenas Paolo parecia estar verdadeiramente feliz.

Ela sentira a sua falta, nesse dia, quando o autocarro parou na praça.

Espreitara pela janela, com a ténue esperança de que Paolo estivesse no lugar habitual, acenando-lhe e atirando-lhe beijos, mas ele estava ocupado de mais naqueles dias para perder tempo à espera numa paragem de autocarro.

— O seu irmão Paolo está absolutamente lindo hoje — tagarelou entusiasticamente a rapariga do bloco de notas a seu lado. — Ele é solteiro? Todas as raparigas da equipa de filmagem estão malu-quinhas por ele, sabe. Lançaram um desafio para ver quem é que consegue beijá-lo primeiro.

— Ele não é meu irmão, é meu primo... e era mais ou menos meu namorado — respondeu Chiara.

— A sério? Perdoe-me, não me tinha apercebido. — A rapariga soltou um risinho despropositado com o nervosismo. — Bem, nesse caso, é melhor mantê-lo sempre debaixo de olho. Tem por aí muita concorrência.

Por aquela altura, a equipa de filmagens já estava quase pronta para começar a

rodar. O operador de câmara estava a evitar a borra do seu café e a acabar um pedaço de calzone recheado com finas fatias de prosciutto que Pepina preparara para a equipa. Uma estilista de comida cozera um pão liso e redondo, que estava orgulhosamente colocado sobre a mesa de pinho da cozinha e que ela polvilhava ansiosamente com farinha. Houve apenas uma interrupção.

Roger estava no meio da cozinha a ter um ataque de fúria. - Não, não, não - gritava. — Não esta nada bem.

— O que é que não te agrada? O pão está com a forma errada> — perguntou a pobre estilista da comida, com um ar horrorizado.

— Não, não é isso — berrou em resposta.

— É o tipo de faiança que estamos a usar? Tu aprovaste-a quando estávamos em Inglaterra.

— Não, a faiança está ótima — retorquiu, observando os pratos azuis e amarelos pintados à mão pousados sobre a mesa de pinho velha e gasta. Depois, bateu na testa com a mão direita como um mau actor de pantomima. — É isso, é a maldita mesa Não é suficientemente rústica. Tem de ser substituída. Não tem de forma alguma a aparência certa. Para mim, simplesmente não diz cozinha italiana. Arranja alguma coisa que esteja mais envelhecida Nervosamente, a rapariga com os auscultadores olhou para baixo para a sua folha da programação. — Isto vai atrasar-nos Roger — avisou. — E se nos atrasarmos, vamos exceder o orçamento. —Não consigo trabalhar com esta mesa — insistiu ele e saiu tempestuosamente da cozinha, gritando por cima do ombro —Dou-vos uma hora para me arranjam outra mesa.

Chiara observou Paolo. Estava tão bonito e parecia totalmente à vontade, ali rodeado pelas câmaras e a equipa de filmagens e sentiu-se quase grata pelo atraso, pois isso dar-lhe-ia a oportunidade de falar com ele outra vez. Apesar de tudo o que ele lhe dissera naquele dia na Pizza Pizza, ainda lhe custava acreditar que ele se tornara frio tão rapidamente.

—Ah, bella — Paolo reparou nela finalmente e esboçou um sorriso de boas-vindas sem grande entusiasmo. — Este Roger é incrível, eh? Repara em todos os detalhes. Acho que o nosso programa está em boas mãos.

Chiara ficou a pensar exactamente desde quando a sua série de televisão se tornara no «nosso programa». Viu o belo rosto de Paolo a olhar para ela a partir de um ecrã no canto e percebeu que os espectadores iriam adorá-lo.

—Se tiveres um momento — sibilou. — Talvez pudéssemos ir conversar lá fora?

— Claro, claro — replicou e seguiu-a pela porta fora e em direcção ao pomar.

Uma vez lá fora, longe da equipa de televisão, ele pegou-lhe nas mãos e roçou o

rosto dela no seu. — O que se passa, cara} — perguntou apreensivamente. — Não pareces estar muito feliz hoje.

— Não é o «nosso programa», Paolo, é o meu programa — disse rudemente.

— Eu sei disso, desculpa-me. Tenho tido muito trabalho, sabes. — E sorriu-lhe pesarosamente. — É muita coisa para conciliar e é esgotante. Tenho mais coisas em que pensar para além da série de televisão e do meu negócio de turismo. O meu trabalho de fotografia também pode estar a arrancar. Tenho tido um feedback fantástico daquelas minhas imagens que apareceram no teu livro e podem surgir oportunidades para outros trabalhos.

Algo estava lentamente a despontar em Chiara. Será que Paolo andara a manobrá-la o tempo todo? Será que, afinal de contas, o Giovanni estava certo em relação a ele?

— Tantas oportunidades... — ironizou. — E nenhuma delas teria acontecido sem mim e sem os meus livros, pois não? O negócio, as cabanas, os teus quinze minutos de fama?

— Isso é correcto e é uma loucura. Está tudo a acontecer ao mesmo tempo e eu tenho de tentar tirar o maior partido disso, ou não? E, para te dizer a verdade, estou um pouco assustado, Chiara.

— Assustado porquê?

— A Mamma está sempre a dizer-me que tenho mais olhos do que barriga. E, se queres saber, talvez ela tenha razão. Quando todos estes turistas chegarem e encherem isto, será que a nossa família vai conseguir lidar com a situação? Não estou certo disso. Se calhar cometi um grande erro ao investir tanto nestas cabanas.

Ele parecia genuinamente preocupado e, apesar de tudo, Chiara amoleceu. — Posso ficar por aqui, depois de terminarem as filmagens, sabes. Não tenho razões para voltar para Londres a correr. Talvez possa dar uma ajuda.

Paolo exibiu um sorriso aberto. — A sério? Isso seria óptimo. E talvez, assim que tudo estiver sob controlo, possamos ter um pouco mais de tempo para estar juntos. Continuaremos a ser bons amigos, eh?

Paolo apertou-a num abraço e Chiara sentiu o estômago a contorcer-se em resposta. Ainda não estava completamente imune a ele, por mais que o quisesse. Depois reparou que ele se distraía. Estava a observar, por cima do ombro dela, o Giacomo Salerni encostado a uma das cabanas semiconstruídas, a tirar uma soneca e a apanhar banhos de sol.

Paolo praguejou energicamente em italiano e, libertando-a, dirigiu-se a passos largos até lá para dar ao seu construtor um doloroso despertar.

Era tarde e a luz começava a enfraquecer quando Chiara chegou a San Giulio. Um grupo de adolescentes estava à porta do Caffè Angeli, apoiadas nas lambretas, a chilrear como pássaros excitados enquanto admiravam as roupas e a bijutaria umas das outras.

Lá dentro, Giovanni estava no seu posto por detrás do balcão de aço inoxidável, enquanto Franco, na mesa do canto, jogava cartas com os seus compinchas.

A recepção que ela teve foi tão calorosa como sempre, mas Giovanni levantou a mão antes de ela poder perguntar acerca da possibilidade de ficar com eles no quarto de hóspedes. — Antes de dizeres uma palavra — começou ele —, nós dissemos não quando o Paolo nos pediu e a nossa resposta vai ser a mesma para ti.

Chiara sentiu-se péssima. — Claro, não te preocupes. Posso arranjar um hotel, uma pensione ou algo do género. Não quero impor a minha presença e, a sério, posso...

Acenando novamente com a mão, Giovanni cortou-lhe a frase. — Espera um momento, acho que estamos a falar de duas coisas diferentes. Pensei que vinhas pedir-me para filmarem parte do teu programa de televisão aqui no Caffè Angeli. Era isso o que o Paolo queria.

Chiara ficou horrorizada. — Oh, por Deus, não. Não os deixem vir para aqui filmar. Eles são um pesadelo.

Giovanni riu-se. — Não te preocupes, mesmo que eu tenha considerado a ideia, o Franco não o permitiria. Mas tu querias outra coisa?

Precisas de um lugar para ficar?

Chiara anuiu. — Sim, mas foi um grande atrevimento da minha parte pedir-te e, sinceramente, eu arranjo um hotel ou...

— Chiara, Chiara, é claro que és bem-vinda em minha casa para ficares lá connosco o tempo que quiseres. O Franco vai ficar radiante... desde que não tragas nenhum operador de câmara contigo para casa, obviamente. — Sorriu para o pai. — O Papa nem sequer vê televisão, diz que é tudo um disparate. Lá em casa, só ouvimos um pouco de ópera e as notícias na rádio.

— Parece-me perfeito. Para dizer a verdade, eles só conseguiram fazer pouco mais de meio dia de filmagens e eu já estou completamente farta daquilo tudo. No entanto, o Paolo adora. Acho que ele foi mais talhado para aquilo do que eu.

— Sim, parece muito entusiasmado — concordou Giovanni. — Ele esteve aqui no outro dia e quase não falou de outra coisa. E também estava convencido de que nós iríamos querer envolver-nos no seu negócio de turismo, mas o Papa também

não quis ouvir falar disso. Diz que aqui no Caffè Angeli somos felizes com as coisas do jeito que elas estão.

Chiara colocou um avental e ajudou a servir os poucos clientes da noite. Foi uma noite calma e houve tempo para conversar com Giovanni e para se pôr a par dos mexericos locais. Ele parecia saber de tudo que acontecia de interessante na vila. —Puseram a irmã da Pepina, a Lúcia, num lar de idosos —contou-lhe. — Pobre coitada, ela adorava aquele apartamento e nunca ninguém pensou em tirá-la dali um dia, mas estava a ficar tão senil que não era seguro deixá-la sozinha.

«E o que mais? Oh, a Gina Rossi fechou a banca da limonada que costumava ter na esquina da praça. Só Deus sabe que idade é que ela terá, uns cem, talvez. Diz que já não tem mais forças para espremer limões o dia todo e nenhum dos mais jovens está interessado em tomar conta do negócio.

«E soubeste do Giacomo Salerni? — Os olhos de Giovanni pestanejaram. — Tem andado pela cidade a queixar-se a toda a gente de como o Paolo é terrível. Segundo ele diz, o Paolo insiste em usar os materiais mais baratos e nunca tem o salário do Giacomo em dia.»

— Estás a dizer isso simplesmente porque não gostas do Paolo — provocou Chiara.

— Eu? Não tem nada a ver comigo — disse Giovanni com inocência. — Só estou a transmitir o que o Giacomo tem andado a espalhar. Mas o Papa acha que aquelas cabanas vão desmoronar-se em cima das cabeças dos turistas do Paolo, de tão mal construídas que estão.

— Então ele sempre as construiu sem licença de construção, não foi?

— Não me perguntes a mim. Eu não sei de nada — riu-se Giovanni.

Os dias estabilizaram-se numa rotina agradável. A loucura da vida em frente às câmaras era equilibrada, todas as noites, com o tempo relaxante partilhado com Giovanni e Franco. Havia algumas noites em que Chiara estava demasiado desorientada para fazer algo mais para além de tomar um banho e deitar-se cedo. Outras vezes, ajudava no caffè durante algumas horas e entretinha os dois homens com as suas histórias do dia.

Sentia-se muito próxima de ambos. Apesar do seu conhecimento de italiano permanecer francamente patético, ela e Franco faziam-se entender com uma mistura de linguagem gestual e sorrisos. O homem irradiava calor e ternura. E Giovanni, bem, esse era especial. Por mais cansada que estivesse, o dia de Chiara não parecia estar completo se não passasse uns minutos a conversar com ele antes do banho e da hora de deitar. A conversa dele tranquilizava-a. Actuava nos nós das suas costas e torcicolos do seu pescoço de forma tão eficaz quanto um

massagista o faria. Todos os dias, Chiara esperava ansiosamente pelo momento em que podia sentar-se e refrescar-se com uma fatia de melancia e a companhia de Giovanni.

Roger, o realizador de televisão, fora implacável. Filmara cenas de Chiara e Paolo a cavar na horta, a chamuscar o peito no fogareiro de Pepina e a fazer compras no mercado. Tinha sequências de imagens deles a alimentarem-se um ao outro com garfadas de comida, apanhara Erminio a entrar sorrateiramente pela cozinha para roubar pequenos pitéus e estava a planear uma grande cena final que mostraria a família a desfrutar de um longo almoço italiano por baixo do limoeiro. Mas, por mais ataques de fúria que tivesse, havia uma cena que não conseguia filmar. Franco não se deixava convencer a autorizar uma única câmara dentro do Caffè Angeli.

— Velho maluco — reclamava Roger. — Tem todas aquelas pinturas espantosas nas paredes. Seria de esperar que quisesse mostrá-las. Paolo, Chiara, vocês devem ser capazes de fazer alguma coisa? Falar com ele, oferecer-lhe mais dinheiro.

— Nós tentámos, nós tentámos — garantiu Paolo. — Tu pedis-te-lhe, não pediste, Chiara?

—

Sim — mentiu. — Mas ele também não fará isso por mim.

Naquela manhã chegara outro envelope para Chiara da parte de Janey. — Mais pais para ti — imprimira distintamente na parte da frente.

Ainda não tinha tido tempo de o abrir, mas assim que terminasse as filmagens do dia, iria directamente para casa de Franco para averiguar o conteúdo.

Franco vivia perto do Caffè Angeli, num dos poucos edifícios de estilo antigo que restavam de pé na vila. Construído à volta de um minúsculo pátio, estava degradado apenas o suficiente para ser encantador. Por dentro, estava cheio de grandes e antiquadas peças de mobília, armários e cadeiras esculpidas, tudo presentes de casamento oferecidos a Franco e à sua mulher há muitos anos. O lugar era guardado por um cão castanho desajeitado chamado Bruno, um animal vadio que começara a alimentar e do qual agora não se conseguia livrar.

Em rigor, Bruno não podia estar dentro de casa, mas, quando Chiara chegou, os dois homens ainda estavam a trabalhar, e por isso ela atraiu o cão para dentro e puxou-o para cima da sua cama, deixando-o enroscar-se ao seu lado.

— Se não contares nada a ninguém, eu também não conto — sussurrou na orelha do cão, que se aninhou tão perto dela que Chiara conseguiu sentir a força do batimento do seu coração. Rasgou o envelope e tirou a carta de Janey:

Mais fanáticos, suponho, mas nunca se sabe, não é? Pete Farrell do Sunday Post manda dizer que a oferta de um detective privado continua de pé. Diz-me alguma coisa se mudares de ideias.

O livro continua a vender bem. Encomendei uma reimpressão para coincidir com o início do programa de televisão. Mal posso esperar por vê-lo.

Beijinhos,

J

Daquela vez só havia alguns faxes e impressões de mensagens electrónicas e Chiara examinou-os rapidamente e pô-los de parte. Deixou apenas uma única carta para o fim, apalpando-a e agitando-a como uma criança excitada com um presente de Natal. Era suficientemente grossa para conter uma fotografia e algumas folhas de papel de carta de qualidade.

Quando tentou abri-la, sentiu-se a tremer. A princípio, pensou que fosse o cão, ainda encostado a ela, que estava a palpitar, mas ele dormia um sono bem-aventurado e era ela quem tremia de excitação. Impacientemente, rasgou o envelope e virou-o ao contrário. Uma fotografia a preto e branco caiu. Era uma fotografia típica de turistas, tirada à frente da Fonte de Trevi e mostrava uma rapariga esguia, de cabelo negro, olhos encovados e um nariz pronunciado ao lado de um bonito rapaz de cabelo loiro. Estavam ambos a sorrir para a máquina fotográfica e com os olhos semicerrados contra a ofuscante luz do sol. Pareciam ser muitíssimo jovens.

A carta estava escrita num papel liso e branco e a caligrafia era clara e limpa. Chiara não conseguia começar a lê-la. Pousou a carta na cama por um momento, respirou fundo algumas vezes, depois voltou a pegar nela e deixou os olhos concentrarem-se no que estava escrito:

Minha querida,

Sou eu, William Smith, quem está na fotografia que tens nas mãos, com a rapariga por quem estava apaixonado, cujo nome era Maria Domenica Carrozza. Conheci-a um dia quando estava num caffè junto às Escadas de Espanha. Eu estava em Roma a estudar Arte e sentia-me sozinho. Ela reparou em mim e foi afável.

Primeiro, deu-me a sua amizade, depois o seu amor. Só estávamos juntos há alguns meses quando ela me disse que estava grávida. Eu entrei em pânico e fugi para casa, em Inglaterra. Quando caí em mim e regressei a Roma à procura dela, ela havia desaparecido. Ninguém sabia onde estava, parecia ter sumido sem deixar rasto. Apercebi-me, então, de como sabia tão pouco sobre ela.

Naqueles meses em que estivemos juntos, só eu é que falava. Até o nome da vila dela era um mistério para mim. Sinto-me tão envergonhado e triste por ter uma

filha durante todos estes anos e não a conhecer. E triste também por eu e a Maria Domenica nunca mais nos termos encontrado.

Chiara pousou a carta e deixou que as lágrimas que lhe enchiam os olhos finalmente transbordassem. Chorou por Maria Domenica e por aquele estranho William, mas, acima de tudo, chorou por si mesma. O cão castanho lambia-lhe as lágrimas salgadas das faces e, quando os seus olhos ficaram limpos, leu as poucas linhas finais.

Não sou um escritor como tu. Não estou habituado a pôr os meus pensamentos e sentimentos no papel, portanto, temo que esta carta seja tristemente inadequada. Adorava falar contigo, ver-te. Irei com alegria, basta que o digas. Mas acho que a bola deve estar do teu lado, minha querida. Deves decidir até aonde queres levar isto. Depois de todos estes anos, talvez seja tarde de mais para ser um pai para ti. Embora espere que não.

Com afecto,

William Smith

Chiara descansou a cabeça no dorso peludo do cão e buscou conforto no ritmo regular da sua respiração e no calor do seu pequeno e gordo corpo. Apertava a carta numa mão e a fotografia na outra. Tentou imaginar aquele homem, aquele William Smith, e como seria a sua aparência agora. Ele queria conhecê-la, mas ela não estava certa do que fazer. Imaginava o embaraço, os silêncios incômodos e os recuos às tentativas de abraços paternais.

Quando Giovanni e Franco chegaram a casa, exaustos do dia de trabalho, Chiara ainda estava deitada na cama, com o Bruno a dormir ao seu lado. O cãozito acordou com o som da chave na fechadura, sentou-se e ladrou, mas era demasiado preguiçoso para saltar para o chão e ir investigar.

Giovanni abriu a porta e deu uma olhadela ao quarto. — O que é que o animal está a fazer dentro de casa? Bruno, vai já para o chão—ordenou, chocado com a visão do cãozito apanhado com satisfação no meio dos lençóis e almofadas.

—Desculpa, a culpa é minha — murmurou Chiara.

O cão revirou os olhos e retirou-se da cama e do quarto furtivamente, mas Giovanni pareceu não reparar. Estava a olhar para Chiara, enroscada na posição fetal sobre a cama. — O que se passa?

—perguntou, preocupado.

Ela soergueu-se e estendeu-lhe a carta e a fotografia em resposta. Giovanni sentou-se cuidadosamente na ponta da cama e examinou-as. — Bem, isto é bom, não é? — disse quando terminou de ler. — Encontrei finalmente o teu verdadeiro pai.

— Eu sei. Pensei que iria sentir-me fantástica quando o encontrasse, mas não me sinto. Estou muito confusa em relação ao que devo fazer a seguir.

— Vai conhecê-lo.

— Não é assim tão simples.

— Desculpa, mas é.

Chiara tentou explicar como se sentia mas, enquanto falava, as suas palavras pareciam-lhe patéticas. Estava assustada, percebeu, com medo de dar aquele passo seguinte no caso das coisas não correrem da melhor forma. — O que farias no meu lugar? — perguntou.

Giovanni ficou pensativo. Pôs-se mais à vontade em cima da cama e apoiou-se numa das almofadas de Chiara.

— Não penses em mim, pensa na tua mãe — começou. — Ela pode ter sido obstinada e teimosa e ter feito algumas escolhas erradas ao longo da vida, mas era corajosa. Nunca teve medo de enfrentar o desconhecido. Se ela estivesse no teu lugar agora, não

acredito que pensasse duas vezes. Ela iria conhecer este homem.

Chiara olhou para ele e mordeu o lábio inferior. — Achas?

Giovanni encostou-se na almofada, encolheu as pernas na cama e entregou-lhe a carta de William. — Sim — insistiu. — No papel, ele soa bem. E esta é, sem dúvida, a tua mãe na Fonte de Trevi com ele. Para ser honesto, Chiara, não tens escolha. Se não fores encontrar-te com ele, vais arrepender-te para o resto da vida. Chegaste até aqui, encontraste-me a mim e ao Franco e à tua família, agora só tens de dar o derradeiro passo.

Giovanni tinha razão, ela sabia-o. Assim que o programa de televisão estivesse pronto, Chiara iria conhecer aquele estranho que tinha o mesmo sangue que ela. Giovanni estava agora instalado no mesmo lugar que o pequeno corpo robusto e peludo de Bruno ocupara pouco tempo antes. Se ela se movesse ligeiramente, poderia aquecer-se a seu lado tal como fizera com o cão. Talvez ele colocasse os braços à sua volta e a amparasse, e as narinas de Chiara se enchessem com o aroma amargo a grãos de café torrados misturados com uma fragrância de champô para bebé que ele usava no cabelo de pontas prateadas.

— Eu não vou fugir, Giovanni. Tu vais saber sempre onde estou, vou fazer questão disso.

Giovanni olhou para ela e deixou escapar: — Se fosses só dez anos mais nova, não te deixava ir. Faria com que ficasses aqui comigo para sempre.

Levantou-se rapidamente e já estava fora da porta antes que ela pudesse responder.

Chiara ficou estupefacta. Como pôde não ter reparado que Giovanni se estava a apaixonar por ela? E se tivesse reparado, o que teria feito?

Tinha demasiado em que pensar. Chiara só conseguia lidar com uma crise emocional de cada vez e, por agora, era William Smith, o seu verdadeiro pai, quem estava pacientemente à espera da sua resposta. Decidiu escrever-lhe uma carta nessa mesma noite e pô-la no correio no dia seguinte.

Um copo de plástico de café fraco estava a trepidar ligeiramente à sua frente, com uma bolacha de chocolate gigante ao lado. Chiara não conseguia suportar a ideia de provar nenhum dos dois. Desejou estar em qualquer lugar, excepto naquele comboio, a percorrer a espinha de Inglaterra a grande velocidade, que a levava para mais perto de um estranho chamado William Smith.

Chiara lera e relera as palavras da carta do pai antes de se aperceber do mais importante de tudo, o carimbo postal e o endereço do remetente. Ficou chocada a olhar para ambos e depois chorou. William Smith estava em Liverpool, mesmo do outro lado do rio em frente à casa onde ela crescera. Teria estado sempre lá?

Chiara bebeu o café e fez uma cara feia perante o sabor insípido e amargo.

Desesperada por se manter ocupada, tirou uma capa de plástico do saco de viagem e ordenou o conteúdo pela centésima vez. Lá dentro estava o desenho a lápis que a mãe fizera dela rindo nervosamente quando tentava equilibrar-se no topo do escorrega mais alto dos Banhos de New Brighton; a velha fotografia de casamento de Pepina e Erminio, antes de o tempo e a tristeza os despojarem da juventude dos seus rostos; e uma fotografia que William enviara dele próprio com Maria Domenica a posarem juntos ao lado da Fonte de Trevi. Ficou tanto tempo a fixá-

la, que se fechasse os olhos continuaria a ver cada detalhe — os girassóis no vestido da mãe, o feio chapéu colocado na cabeça do turista sentado no banco ao lado dela, a fonte gloriosa por trás deles. Maria Domenica estava a sorrir mas, numa inspecção mais pormenorizada, os seus olhos pareciam desconfiados enquanto os mantinha semicerrados perante a luz do sol. Será que não confiava ou não gostava de quem quer que estivesse por detrás da máquina fotográfica? Ou, mais provavelmente, porque quando a fotografia foi tirada ela já tinha começado a suspeitar que estava grávida?

Chiara imaginou como a mãe se deveria ter sentido perdida e sozinha durante todos aqueles anos, com aquela história fechada dentro de si, nunca se sentindo livre para contá-la a ninguém. Sentiu-se zangada consigo mesma e desleal. Como fora capaz de transformar a mais intensa e privada das histórias num livro para estranhos lerem?

Se não fosse pela obsessão de encontrar o pai, o Rainha da Cozinha Italiana poderia ter sido apenas mais um livro de receitas e não teria sido mau de todo. As pessoas teriam comprado o livro na mesma para se babarem com as fotografias e jurarem que um dia se lembrariam de comprar os ingredientes para a pasta e fagioli antes de o colocarem na prateleira juntamente com todos os outros

livros de culinária.

Mas Chiara não teria ficado satisfeita com isso. Revelando os segredos da sua mãe, ela conseguiu ser bem-sucedida onde Maria Domenica havia falhado.

Encontrara o homem que posara tão orgulhosamente com a mãe junto à Fonte de Trevi tantos anos antes. Estava prestes a conhecê-lo. A menos que... a menos que. Por momentos, Chiara esforçou-se por imaginar o que a mãe teria feito no seu lugar. Não era uma coisa fácil, pois Maria Domenica fora uma pessoa diferente

mais contida, às vezes lenta a entregar-se, muitas vezes misteriosa. Apesar do que o Giovanni dissera, será que Maria Domenica teria ido até ao fim com este encontro com William? Ou teria decidido que as suas vidas tinham progredido tanto que seria pouco seguro ou desejável que os seus caminhos se cruzassem nesta altura?

De alguma forma, conseguia imaginar a mãe satisfeita meramente por saber que William estava vivo e bem de saúde, continuando com a sua vida sem nunca o ver. Perdida na indecisão, Chiara olhava pela janela. Havia um canal que corria paralelo à via férrea, com estreitos barcos de cores garridas e pequenas pontes corcundas. Era bonito mas ficou rapidamente para trás à medida que o comboio avançava.

Chiara fizera aquela viagem tantas vezes quando a mãe ainda era viva!

Aproveitando um ou dois dias de folga de qualquer que fosse a cozinha quente de restaurante que ocupava o seu tempo, sentava-se no comboio e contava os marcos divisórios até casa: primeiro a Watford Junction, depois a periferia das Midlands que se estendiam em suaves ondas para norte e, de súbito, a Runcorn Bridge e estava quase lá.

Alex gostava de ir esperá-la à estação de Lime Street, condu-zindo-a até casa, através do túnel Wallasey, em qualquer um dos seus barulhentos e duvidosos carros que estivesse na rua. Quando chegavam lá, a mãe estava sempre à espera na cozinha e, frequentemente, havia alguma das suas guloseimas favoritas, como biscoitos de manteiga a cozer no forno, a inundar a estreita divisão de um calor doce e amanteigado.

Quando era tempo de regressar a Londres, um ou dois dias depois, Maria Domenica ficava a dizer adeus no portão até ao último minuto. — É a última oportunidade para dizeres adeus à tua mãe — Alex gostava de mencionar quando virava na esquina, e quando Chiara olhava para trás, a mãe estava sempre lá, sempre a dizer adeus.

Os regressos a casa nunca mais seriam assim. A morte levava o mundo afectuoso e

seguro para o qual a mãe sempre a atraía. Lembrar que esse mundo desaparecera para sempre era a mais solitária e mais triste das sensações.

Chiara desembrulhou a bolacha de chocolate e deu-lhe uma dentada reconfortante. Olhando novamente pela janela, nasceu lentamente dentro de si a certeza de que aquele era o único caminho a seguir. De facto, não tinha escolha. Como o comboio que se desloca de London Euston para Liverpool Lime Street, também ela tinha de continuar a avançar.

As coisas tinham mudado na casa alta junto ao rio. Alex tinha as páginas de ofertas imobiliárias espalhadas por todo o lado e estava a fazer círculos em volta de anúncios de bungalows para uma aposentação confortável e lares de quartos. — Estás a pensar mudar-te? — perguntou Chiara, chocada. Deixou cair o saco de viagem no chão e livrou-se do casaco.

—O mercado imobiliário enlouqueceu — disse-lhe. — Este espaço vale uma verdadeira fortuna. Estou a planear vender a casa, comprar uma mais barata e gastar a diferença num pequeno barco, para que eu, o Bob e o Tony possamos ir pescar juntos.

Chiara acenou em direcção ao Mar da Irlanda, picado e pardacento. — Que tipo de peixe é que vão apanhar ali? — inquiriu.

—Peixes radioactivos ?

Ele riu-se para ela. — Não se trata de apanhar peixes, não é, Chiara? Esse não é o objectivo.

E depois sentou-se a seu lado e tomou-lhe a mão, agora sério.

—Ainda não disseste porque vieste a casa, Chiara, meu amor. Está tudo bem? Inesperadamente emudecida por lágrimas não derramadas, retirou a carta de William Smith do saco e entregou-lha. — O meu pai — conseguiu balbuciar. Alex não atacou cegamente o envelope como ela fizera, mas pesou-o na mão e observou-o por instantes. — Tem o carimbo de Liverpool — mencionou objectivamente e, em seguida, retirou as folhas de papel.

Chiara viu como a sua tez rosada perdeu a cor enquanto lia as palavras de William Smith. — Desculpa-me, pai — disse-lhe. — Isto está a perturbar-te. Ele abanou a cabeça e agora era a sua vez de lutar contra o silêncio. Por fim, pigarreou e foi capaz de dizer: — Não estou perturbado, apenas um pouco chocado.

— Chocado? Com o quê?

— Aqui — apontou para o endereço do remetente na parte de cima da carta. — Vês o que diz aqui.

— William Smith, Materiais para Artes Plásticas de Liverpool, Bold Street,

Liverpool — leu Chiara. — O que é que tem de tão chocante?

— Bem, o que acontece é que — começou Alex lentamente —, era nos Materiais para Artes Plásticas de Liverpool que eu costumava comprar o papel de desenho e os lápis para a tua mãe.

Chiara reflectiu nas palavras de Alex por momentos. — Oh — exclamou debilmente.

—No entanto, é provável que tenha mudado de gerência centenas de vezes desde essa altura — acrescentou apressadamente Alex.

—Quero dizer, qual é a loja que hoje em dia é gerida pelo mesmo fulano durante mais de trinta anos?

— Não, tens razão — concordou Chiara, mas havia uma sensação pesada no estômago que não tinha sentido antes. E esfregou a barriga com nervosismo.

— Estás bem? — perguntou Alex?

— Uma bolacha de chocolate gigante no comboio — retorquiu. — Não me deve ter caído bem.

Alex não estava realmente a ouvir. A sua expressão era de desorientação e a tonalidade rosada ainda não tinha voltado às suas faces. — Ela foi lá uma vez, sozinha... a tua mãe — mencionou.

-E?

—Só lá foi uma vez. Regressou a casa de mãos vazias e disse que preferia que eu fosse lá e comprasse as coisas por ela. Disse que era como receber um presente de cada vez.

Chiara não podia acreditar que a mãe conseguira esconder dela um segredo daqueles durante tanto tempo. — Então, achas que...? —começou.

— Eu não sei, Chiara. Talvez.

— E como é que ele era? — pressionou-o. — Deves lembrar-te do homem que te atendia. Como é que ele era?

— Não sei, Chiara. — Havia um olhar de desespero em Alex.

—Para ser franco, ele nunca me causou grande impressão. Era apenas um sujeito. Porque é que não vais até à loja? Assim poderás ver com os teus próprios olhos.

Ele ainda não tentara beijá-la, nem sequer tocá-la, e ela estava agradecida.

Chiara não estava preparada para que William Smith fosse seu pai.

Decidira ir aos Materiais para Artes Plásticas de Liverpool sem lhe dizer, para o apanhar de surpresa. Aquela era a última peça do puzzle, o capítulo final por escrever do seu livro e o seu passo abrandara à medida que percorria Bold Street e se aproximava das prateleiras de postais com pretensões artísticas à volta da porta de entrada da loja.

Ficou a olhar pela montra. A loja de William era um espaço exíguo e desorganizado. Prateleiras empilhadas com tubos de tinta e papel de desenho subiam até ao tecto alto, e cada centímetro de chão estava atravancado com cavaletes de pintura e ainda mais suportes com ferramentas de artistas — tiras de pastel, latas de acrílico, pincéis e tintas. Por detrás do balcão, absorvido a atender um cliente, estava um homem alto e esguio, com um rosto forte.

Mentalmente, Chiara comparou-o à fotografia que ainda trazia na carteira. Talvez os cabelos, agora reduzidos a uma camada de penugem, tivessem sido abundantes e loiros; e as faces, agora marcadas pelas rugas, tivessem sido outrora lisas. Era possível que, na juventude, ele se tivesse parecido com o homem que posara à frente da Fonte de Trevi com o braço em torno da sua mãe. Não podia ter a certeza.

Permaneceu junto à montra, observando através da janela, enquanto os clientes entravam e saíam. Apesar de querer passar por aquela porta, os seus pés não a faziam avançar.

Perdida ali no passeio, observou e esperou que os últimos clientes fossem embora, a porta foi fechada atrás deles e o sinal amarelecido de «fechado» pendurado. Depois, sentindo-se fraca e estúpida, caminhou cabisbaixa como uma cobarde rumo a casa para Alex, ele fez-lhe um chá e ofereceu-lhe palavras de solidariedade e compreensão. Mas depois, por fim, quando estava prestes a subir as escadas para o seu velho quarto no último andar da casa, um tom mais severo apoderou-se da voz de Alex: — Tens de voltar lá amanhã, sabes disso, meu amor. Já chegaste até aqui, não vais desistir agora.

Então ela dormiu sobre o assunto e quando acordou, de manhã, o medo quase desaparecera e o que o substituíra era mais fúria. Apanhou o autocarro, mais uma vez através do túnel Mersey até Liverpool e, desta vez, percorreu energicamente a Bold Street e não deixou que o seu passo esmorecesse até se aproximar dos Materiais para Artes Plásticas de Liverpool. Tentando não dar nas vistas, Chiara entrou na loja sorrateiramente e, meia escondida por um cavalete, fingiu estar

absorvida nuns frascos de tinta. Quando achou que era seguro, observou mais atentamente o homem atrás do balcão e pensou ter identificado algumas parecenças com ela própria — nos olhos grandes e boca generosa quando sorria um adeus a um cliente, nos dedos largos que digitavam os números na caixa registadora.

Ele olhou para cima e encontrou o olhar dela. — Bom-dia. Está tudo bem? Chiara corou, assentiu com a cabeça e, com a coragem a esmorecer, saiu apressada da loja assim que isso lhe pareceu apropriado.

Bebendo um café do outro lado da rua, sentiu desprezo pela sua cobardia e pensou no seu próximo passo. Será que deveria voltar lá e, com todo o descaramento, apresentar-se? Ou deveria correr novamente para a segurança dos braços de Alex?

Chiara estava a terminar de beber o resto do café quando ouviu alguém a pigarrear perto de si.

— Perdão — disse uma voz masculina profunda.

Ela olhou para cima. William Smith hesitava na porta de entrada. — Tu és a Chiara, não és? — perguntou.

— Como é que sabe? — disse numa voz subitamente estrangulada pela timidez.

Ele sorriu. — Eu vi a tua fotografia no Sunday Post. Reconhe-ci-te daí.

Ficaram a olhar um para o outro por momentos e depois Chiara lembrou-se dos seus bons modos. — Gostaria de se sentar e tomar um café? — convidou.

Imaginara aquele homem durante tanto tempo e, agora, ali estava ele diante dela.

O seu pai tinha uns olhos cansados e um cabelo fino que parecia sair da sua cabeça em pequenos tufo, exactamente como o dela sempre fizera. Quando ele mexeu ansiosamente numa madeixa, ela reconheceu o seu próprio tique nervoso. Reviu-se na linha do queixo, na naturalidade do rosto, na leveza do sorriso. Era maravilhoso mas estranho. Mal sabia o que sentir.

— Só tenho quinze minutos — disse ele, escolhendo sentar-se no banco em frente a ela. — Uma amiga está a tomar conta da minha loja mas não pode substituir-me por muito tempo.

Fez-se um silêncio incómodo. Chiara sorria para ele, mas não conseguia encontrar as palavras acertadas.

— A minha mãe procurou-o — rebentou por fim. — Ela andou às voltas por New Brighton durante anos e anos na esperança de ver a sua cara.

Ele desviou o olhar e corou. — Eu sei. Eu li o teu livro. Lamento muito.

— Ela esforçou-se tanto por encontrá-lo antes de se casar com o Alex.

— Eu sei disso — disse, esforçando-se ainda por olhá-la nos olhos.

— Costumava pensar nela? Ou em mim? — Chiara começava agora a ficar mais zangada.

— Sim, claro que pensava em vocês. Eu era estúpido e irresponsável, mas não era um monstro. Não sou insensível. — Fez uma pausa por um instante e baixou a voz.

— Para ser franco, tentei não pensar em vocês. Amadureci, casei, tive dois filhos e a vida pareceu passar a um ritmo extraordinário.

— Eu tenho irmãos? — Avassalada, Chiara sentiu-se a embrandecer com ele.

— Sim, o David e o Mark. O meu casamento acabou mas eu continuo a vê-los. Já sabem da tua existência.

— E são parecidos comigo?

Ele sorriu. — Os teus olhos, o teu cabelo.

—E querem conhecer-me? — Estava ansiosa agora.

Lentamente, ele abanou a cabeça. — É uma situação difícil.

Ainda não me perdoaram por eu ter deixado a mãe deles. Não estão preparados para aceitar que o pai tenha tido uma filha com outra mulher ainda antes de eles terem nascido.

—Está sempre a deixar as mulheres — notou com indiferença.

—Não. — Olhou para o café que arrefecia, mas não bebeu nenhum gole. — Não é nada disso. Cometi erros. Nunca devia ter deixado a tua mãe. Nunca devia ter casado com a minha mulher. —E estendeu as mãos, com as palmas para cima. — Todos cometemos erros, não é? — E esperou, em silêncio, pela resposta.

Chiara pensou com cautela. Quaisquer que fossem as palavras que escolhesse dizer em seguida, eram as mais importantes. Articulou a frase cuidadosamente na sua cabeça, como se estivesse a falar numa língua estrangeira.

—Eu compreendo — disse por fim. — Mas não o posso perdoar. Não assim, de um momento para o outro.

Quando os quinze minutos de William se esgotaram, Chiara concordou em regressar e encontrar-se com ele mais tarde, quando ele tivesse fechado a loja. William sugeriu voltarem ao café e jantarem cedo.

—Acho que vais gostar da comida — disse-lhe, claramente aliviado por encontrar refúgio em gracejos seguros.

Dizer adeus a William Smith foi quase tão embaraçoso como fora dizer-lhe olá. Chiara tinha a esperança de que eles pudessem fazer algo para aliviar a tensão que pairava entre os dois. Queria desesperadamente gostar do seu pai. Mas, e o mais importante de tudo, ela precisava que houvesse uma razão, uma boa razão,

para o facto de ele nunca ter tentado encontrar a mulher que abandonara e a criança que, seguramente, ela estaria a criar.

De todas as refeições que ela alguma vez fizera, aquele jantar foi o mais estranho de todos. Não se tratava da comida, que estava ótima. Como poderia ela reclamar de uma grande tigela de spag-hetti com alho-francês, brócolos, bacon, pinhões. Havia uma salada de rúcula com pedaços generosos de queijo parmesão e um cesto de pão para molhar no apetitoso molho.

Para alívio de Chiara, a conversa fluiu. Ela contou a sua infância a William, como crescera na casa alta na Promenade de Egremont, a sua vida em Londres e as suas experiências em San Giulio.

Mas aquilo que não dizia era o mais importante. Aquela era a primeira vez que estava sentada a comer com o seu pai e sentia o tempo a voar — os pratos de massa foram levantados, as sobremesas foram servidas — sem nunca sentir que estavam a chegar às pequenas coisas cruciais sobre as quais precisavam verdadeiramente de conversar.

O tempo ia passando e William tentou sempre desviar a conversa de Maria Domenica. Ouviu desconfortavelmente a descrição de Chiara do que acontecera à vida da sua mãe depois de ele a deixar. Não parava quieto com a sua chávena e o açucareiro enquanto ela relembrava as viagens deferry que faziam através do rio Mersey e descrevia o café nos Banhos de New Brighton, onde a mãe trabalhara para os Leary até muito depois de continuar a precisar realmente do dinheiro. Ficou pensativo quando ela lhe falou da força do amor de Alex por ambas e esfregou um dedo largo por baixo dos olhos húmidos quando ela não poupou detalhes sobre os últimos meses de vida da mãe.

—Como tudo isto é triste — disse quando ela terminou. —Quem podia imaginar que as coisas iriam acabar assim. Sem a tua mãe chegar a saber o sucesso em que te tornaste.

Depois, com alguma lisonja, William contou a Chiara a história que ela não sabia — como ele tinha visto Maria Domenica pela primeira vez no caffè junto às Escadas de Espanha. Era um estudante, acabado de chegar a Roma vindo de Florença, onde tinha estado a estudar a arte da Renascença e arquitectura. Não conhecia ninguém em Roma, nem tinha muito dinheiro.

—Todos os dias deleitava-me com uma bebida de pé ao balcão no caffè dela, porque não podia pagar os preços do serviço à mesa.

Acho que a tua mãe se apercebeu de como eu estava só. E encontrava sempre tempo para parar e trocar algumas palavras comigo.

— De que é que falavam?

— Normalmente, como eu tinha estado a fazer esboços de edifícios e rostos de pessoas, a Maria Domenica gostava de dar uma vista de olhos ao meu bloco de desenho para ver no que é que estava a trabalhar. Era uma rapariga bonita e eu já estava meio apaixonado por ela. Por isso, quando ela mencionou que nos dias de folga gostava de explorar as galerias e o Museu do Vaticano, ofereci-me para a acompanhar. Depois ela pediu-me para eu a ajudar com o inglês dela e isso deu-nos uma oportunidade para nos aproximarmos um do outro. Mas eu não a seduzi. A verdade é que eu era tão inexperiente quanto ela. Talvez tenha sido por isso que ela engravidou tão depressa. Nenhum de nós sabia realmente o que estava a fazer. —E o que aconteceu quando soube que ela estava grávida? —Aquele era o ponto crucial de tudo. Era o que Chiara precisava de saber.

William ficou calado por momentos. Olhou para ela e depois desviou o olhar. — É uma história da qual não me orgulho — disse suavemente.

—Conte-me — instou ela.

—A Maria Domenica deu-me a notícia numa noite — começou a medo. —

Tínhamos ido dar um passeio e estávamos sentados

na Fonte de Trevi a observar os turistas que lançavam as moedas.

Ela parecia calada, preocupada, quando finalmente desembuchou.

Estava grávida. Tinha a certeza. E depois chorou e eu abracei-a, murmurando não sei o quê, algo para a reconfortar, suponho, mas, por dentro, estava em pânico absoluto. Naquela noite, ela fez-me entrar clandestinamente no seu quarto por cima do caffè e ficámos acordados durante horas, a conversar, a fazer amor. Na manhã seguinte, Maria Domenica levantou-se cedo para o trabalho e eu fiquei no quarto até que a costa estivesse livre para, assim, poder esgueirar-me lá para fora sem que ninguém visse. Voltei para a minha pensione, empacotei os meus blocos e as minhas roupas numa mala. E fugi. Não me lembro do que me passou pela cabeça naquele dia, para além de medo e pânico. Só me recordo de que pensei que era novo de mais para ser pai e queria distanciar-me o mais possível da confusão que tinha criado.

Havia lágrimas nos olhos de Chiara e ela deixou que caíssem pois não tinha força para as enxugar. — Imagina como ela se deve ter sentido? Consegue imaginar? — perguntou-lhe, quando foi capaz de falar de novo. — Deve ter ficado o dia inteiro à espera de o ver entrar para tomar a sua bebida. Deve ter andado dias a pensar onde estaria. Talvez tenha percorrido Roma à sua procura, nas galerias e museus. Imagino quanto tempo terá ela levado a perceber que o William não ia voltar.

William estava angustiado e não disse nada.

Chiara tentou não o odiar, tentou compreendê-lo. — Acha que alguma vez a amou

de verdade? — perguntou.

— Sim, eu amei-a — respondeu ele em voz baixa.

Chiara só tinha mais uma pergunta. Estava relutante em fazê-la. Queria dar a William a oportunidade de o dizer por vontade própria. Mas estava quase a acabar o seu chocolate quente e ele não parecia dar sinais de que iria abordar o assunto.

— E tem estado sempre aqui? — perguntou por fim.

Ele anuiu lastimosamente.

— Durante todo o tempo que eu e a minha mãe percorríamos as ruas de New Brighton, o William estava mesmo do outro lado do rio? — repetiu com torpor.

— Estava aqui — concordou. — Estava mesmo do outro lado da rua, na loja de arte.

Era do meu tio e ele deu-me emprego quando eu voltei de Itália. Depois, quando se reformou, comprei-lhe o negócio. E, desde essa altura, tenho estado sempre aqui.

Chiara aguardou um brevíssimo instante, sabendo que as suas palavras seguintes podiam destruir aquela pequena amizade que tinham forjado. — O meu padraсто costumava vir cá, sabe, para comprar materiais para a minha mãe — acabou por dizer.

Ele hesitou, parecendo surpreendido. — A sério?

— Sim, ele vinha cá muito.

— É estranho, não é? Que coincidência.

— Sim, e sabe o que é ainda mais estranho? A minha mãe também veio cá uma vez. —

O seu tom era acusador. — Ela deve tê-lo visto.

Ele suspirou e ficou perturbado.

— Ela viu-o, não viu?

Ele anuiu lentamente.

— E então? Se o William sabia que ela estava aqui, também de via saber que eu estava aqui.

William tentou acalmá-la. — Não me culpes, Chiara — disse em voz baixa, aproximando a sua cabeça da dela. — A culpa não foi minha.

Chiara afastou-se dele bruscamente, puxando a cadeira para trás com tanta força que os pés produziram um guincho no cimento polido do chão e a empregada olhou para cima com espanto.

— Porque é que a culpa não é sua? — perguntou, encolerizada.

— De quem é que pode ter sido a culpa?

— Olha — começou por dizer, mas precisamente nessa altura a empregada apareceu com a conta. William colocou o cartão de crédito na mão dela e fez-lhe sinal para se ir embora. — Olha, ela realmente veio aqui uma vez, tens razão. Foi terrível. Não sei qual dos dois ficou mais chocado, a tua mãe ou eu.

— E então ? — incitou Chiara.

— É claro que ela me falou de ti. Mostrou-me a aliança de casamento no dedo e disse-me que tinha encontrado um pai maravilhoso para ti. Quase não me deixou falar. E estava segura de que não queria que eu fizesse parte da sua vida... de nenhuma das vossas vidas. Deu meia-volta, saiu altivamente da loja e eu nunca mais a vi.

— E não foi a correr atrás dela? Nem tentou encontrá-la?

— Chiara, eu fiquei atordoado. Vê-la outra vez era a última coisa que esperava. E eu era casado e tinha dois filhos pequenos. Nenhum deles sabia da vossa existência. Podes certamente compreender como foi difícil para mim?

— Durante todo aquele tempo... — disse Chiara de modo inseguro. — O William de um lado do rio e a minha mãe do outro. Ambos guardando os vossos segredos. Nenhum dos dois a pensar no que seria melhor para mim.

A empregada estava de volta. William assinou o talão sem se preocupar em conferi-lo convenientemente. — Não é justo — disse, voltando a sua atenção novamente para Chiara. — Não é justo para mim, nem para a tua mãe. Ela disse-me que vocês eram as duas felizes e que não queria arruinar essa felicidade. Será que teria sido melhor para ti se soubesses que eu estava aqui?

Chiara encolheu os ombros. A sua expressão estava fechada, a boca formava uma linha fina, os olhos eram pedras. — Eu penso que o William deve ser um homem muito fraco - foi tudo o que disse.

— Fraco? Talvez seja. Fiz muitas coisas de que me arrependi. Mas não me arrependo de não ter seguido a Maria Domenica no dia em que ela veio aqui. Já era demasiado tarde para nós. Tínhamos casado ambos com outras pessoas, ambos tínhamos construído outras vidas.

— Eeu?

— Sim, eu sei, e lamento. Mas agora temos a nossa oportunidade, não temos?

Fica aqui em Liverpool durante algum tempo e vamos conhecer-nos melhor.

Vamos fazer uma tentativa. Eu acho que vale a pena. E tu?

Chiara quis chorar. Quis cair nos braços dele e entregar-se tão plenamente como havia feito com todos os outros homens na sua vida. Mas havia algo a impedi-la. Talvez a sua lealdade à mãe. Ou talvez o simples facto de não ter a certeza de que William Smith conseguiria ser o pai que ela desejara, aquele com quem sonhara e

por quem ansiara durante todos aqueles anos em que crescia do outro lado do rio. Ela abanou a cabeça. - Não vai ser fácil - disse com alguma tristeza. — O William soube da minha existência durante anos e nunca fez nada. Não pode esperar que eu agora seja uma filha para si por um simples capricho.

— Não é um capricho... — começou, mas a empregada trouxera-lhes os casacos e não havia razão para continuarem sentados na mesa por mais tempo. Levantando-se, deixaram-se conduzir até à porta e disseram um embaraçoso e frio adeus na rua.

— Voltarei a ver-te? - perguntou William quase desesperadamente.

— Sim, mas não sei quando — respondeu Chiara com sinceridade, recuando um ou dois passos perante a tentativa de um braço envolvente.

— Não te vás embora assim — rogou-lhe o seu pai.

Chiara quase se rendeu. Depois, imaginou a mãe a correr pela Bold Street, sabendo que finalmente encontrara o seu William mas que era demasiado tarde. E endureceu perante o homem alto e de aspecto cansado que estava à sua frente.

— Por favor, não crie demasiadas expectativas. — Apontou em direcção às montras escurecidas da loja de Materiais para Artes Plásticas de Liverpool. — Agora já sei onde está. Mantereí o contacto, virei visitá-lo novamente... dê-me apenas algum tempo.

Quando o deixou e começou a percorrer as movimentadas ruas da cidade à procura de um táxi, Chiara sentiu-se exausta, triste e ainda um pouco zangada, mas, acima de tudo, sentiu-se só. De algum modo, imaginara que o encontro com William Smith alimentaria a parte que estivera vazia dentro de si desde que a mãe morrera, que o facto de o encontrar a voltaria a preencher. Agora, a expectativa que depositara naquele encontro desaparecera e ela sentia-se mais vazia do que nunca.

Chiara quis fugir de Liverpool, deixar bem para trás a cidade e aquele estranho que era seu pai. Por um ou dois segundos pensou que ia chorar. Depois, a sua mente pareceu desanuviar-se e ela percebeu que só havia um lugar aonde pertencia verdadeiramente. Um lugar onde ela sabia, do fundo do coração, que não podia esperar nada menos que o afecto e a segurança de um verdadeiro regresso a casa.

Com um chapéu de abas largas a cobrir-lhe o cabelo negro, Harriet parecia estar perfeitamente à vontade, sentada na longa mesa por baixo do limoeiro. Segurava um bebé rechonchudo no joelho e um copo de vinho na mão e talvez houvesse umas linhas de cansaço nos cantos dos seus olhos que não existiam alguns meses antes.

— Anda lá, Chiara, estou a morrer de fome. Despacha-te — gritou em direcção à cozinha.

Erminio, compreendendo o sentido do que ela dissera e não as palavras, riu-se em aprovação e deu umas pancadinhas na barriga.

Ia haver um casamento. Todas as pessoas mais importantes da sua vida estariam ali e, naquele dia, Chiara estava a preparar-lhes um longo e tardio almoço na cozinha da avó.

Uma sopa de marisco como entrada, tingida pela tinta dos chocos e pelo tomate e cheia de frutos do mar e tentáculos. Alex pareceu desconfiado quando a viu, mas Franco encorajou-o a meter uma colherzinha na boca e ele acabou por admitir que não estava nada mal.

Ia haver um casamento e todos pareciam felizes.

Estavam apenas na Primavera, mas Chiara insistiu que estava suficientemente quente para comerem lá fora. Estendeu uma toalha aos quadrados vermelhos e brancos na mesa de madeira e cobriu-a com os cestos do pão dourado de Pepina e jarros do seu vinho quase preto.

A avó recusara-se a deixá-la cozinhar sozinha e vigiava-a de perto na cozinha, chamando-a à atenção com pequenos toques de uma velha e sábia mão de cozinheira quando achava que Chiara estava a colocar azeite a menos na frigideira ou a ser muito poupada no sal.

Era assim que Chiara adorava cozinhar, sem preocupação, com uma pitada disto e um pouco daquilo. Quem é que se importava se aqueles pratos nunca mais tivessem o mesmo sabor? Aquilo era comida para aquele momento, para as pessoas ali fora reunidas no pátio empoeirado, as únicas pessoas de quem gostava verdadeiramente.

Harriet viera sozinha até San Giulio. — O Eduardo está a tomar conta do The Office — declarara. Chiara julgou detectar uma minúscula nota de desencanto na voz dela, mas não explorou a questão.

Quanto a Alex, estivera desejoso de estar ali, na casa que Maria Domenica escondera dele, de conhecer a família acerca da qual sempre sentira curiosidade. Estava rígido com a timidez mas, apercebendo-se do seu desconforto, Franco

girava à sua volta, oferecendo-lhe amizade e gentileza em igual medida. Chiara considerou o envio de um convite a William Smith, mas no fim acabou por não o colocar no correio e não estava arrependida. William não pertencia ali. Talvez um dia se sentisse preparada para o deixar juntar-se aos outros à sua mesa, mas não era já. Ele ainda era um estranho e aquilo era assunto de família.

— Aqui está, come, come — disse a Harriet quando pôs uma taça diante dela. — Mas não comas demasiado desse pão. Lembra-te que há montes de comida para vir para a mesa. Há favas novas e tenras com queijo de cabra quente e um prato de brócolos com chili picante e alho. Há alcachofras estufadas com batatinhas novas e há galinha guisada com vinho branco, sumo de limão e folhas de salva. E depois vamos descansar um pouco e, talvez, dar um passeio no pomar antes de terminarmos o nosso almoço com uma tarte de chocolate amargo e amêndoas e, como digestivo, talvez um ou dois copos do limoncello caseiro da minha avó, que é belíssimo.

Beijou as pontas dos dedos como vira o avô fazer tantas vezes e sorriu perante os convidados sentados à mesa, a respirar o vapor aromático da sopa de marisco. Antes de regressar ao calor da cozinha para ir buscar mais comida, Chiara não conseguiu resistir a parar e inclinar-se para beijar a nuca de um homem, sentindo o agora familiar odor amargo e torrado e roçando a face no cabelo de pontas prateadas quando se afastou.

Giovanni virou-se e olhou para ela. — Bella, precisas de ajuda lá dentro? — perguntou, com os cantos da boca a curvarem-se num sorriso.

— Não, não, fica aqui. Eu é que estou a cozinhar esta refeição.

— Pelo menos deixa-me ajudar-te a carregar as coisas pesadas da cozinha. — E agarrou a mão de Chiara, puxando-a para si para mais um beijo.

Ia haver um casamento. Ela e Giovanni iriam estar juntos e fazer os votos na decrépita igreja branca da praça e, em seguida, teriam o seu almoço de casamento no Caffè Angeli.

Fora lá que a amizade deles se transformara em amor, numa tarde em que estavam sentados na banquetta vermelha por baixo dos olhos vigilantes da Virgem com o rosto da sua mãe. Comeram gelado, beberam o inevitável café e conversaram durante horas a fio. E Chiara apercebera-se de que a paixão nem sempre vinha primeiro. Por vezes, tal como os seus alvos braços de cozinheira adquiriram lentamente a cor de caramelo num Verão cheio de sol, o amor podia crescer gradualmente.

E podia desaparecer também, tão depressa como um bronzeado de Verão, quando chegassem as nuvens.

Protegendo os novos e frágeis sentimentos que existiam entre eles, Chiara oferecera-se para vestir um engomado avental branco e encontrar o seu futuro atrás da envelhecida Gaggia e do gasto balcão de aço inoxidável. Os seus dedos manobravam as alavancas que as mãos de Maria Domenica tocaram outrora e, ao final do dia, limpava as mesas, empilharia as cadeiras e varreria o chão, enquanto ela e Giovanni conversariam sobre os mexericos mais interessantes do dia.

— E a tua carreira? — argumentou ele. — Trabalhaste tanto para seres um sucesso, não podes desistir dele agora.

— Posso continuar a cozinhar — realçou. — E suponho que ainda poderei escrever livros. Se calhar não continuarei a ser tão famosa, mas eu também nunca estive muito interessada na fama, apenas na comida.

—Giovanni duvidou dela. Olhando para o pai, que andava de um lado para o outro atrás do balcão, ofereceu-se, sem muita convicção, para ir com ela para Londres.

— Conseguirei, certamente, arranjar um emprego num restaurante ou num caffè} Podíamos tentar.

Falaram sobre isso ao longo de muitos dias, tentando encontrar um futuro que resultasse para ambos, até ao final de uma tarde de Inverno aquecida pelo sol, quando penduraram o sinal de «fechado» na porta do Caffè Angeli e se escaparam para a quinta dos avós de Chiara para se sentarem debaixo dos pessegueiros. A quinta começara já a sucumbir lenta e continuamente à degradação. Algumas das cabanas de Paolo tinham começado a curvar-se em ângulos bizarros desde muito cedo e Erminio declarou-as inseguras para habitação humana. Paolo tentou argumentar mas, antes que desse por isso, as galinhas de Pepina haviam requisitado uma das cabanas e um galo cantava energicamente a partir das janelas tortas durante todo o dia, recordando a toda gente as lacunas de Giacomo Salerni como construtor.

Quando Pepina começou a armazenar o excesso de frascos de pickles e de conservas dentro de algumas das outras cabanas, Paolo não deu muita luta. Por essa altura, o fluxo de turistas diminuía e Chiara suspeitava que, quando a sua fama se esvanecesse, tudo se evaporaria. Havia tantas outras escolas de culinária, mais bem organizadas e geridas em locais muito mais bonitos, que certamente as pessoas as prefeririam. As cabanas acabariam eventualmente por desabar e os pessegueiros alastrariam os seus ramos por cima das ruínas e a vida continuaria no seu ritmo lento e regular. Rosaria comeria até ficar gorda de novo, Pepina e Erminio continuariam a dar trémulos passos à medida que a idade avançava, e

somente o descontentamento rabugento de Paolo azedaria os seus dias.

Deitada de costas, observando os retalhos de céu azul através do rendilhado de ramos, Chiara concluiu que era ali que ela queria ficar.

— Eu quero ficar aqui — disse a Giovanni. — Não só por tua causa, mas também pelos meus avós e pelo Franco. E sim, suponho que também por mim. Estou mais perto da minha mãe aqui. Sinto que finalmente a conheço.

Mesmo assim, Giovanni perguntava-lhe todos os dias: — Tens a certeza de que é aqui que queres ficar?

E, todos os dias, ela lhe respondia ainda com mais convicção:

— Sim, tenho a certeza.

Agora, enquanto se precipitava dentro e fora da cozinha de Pepina como uma seta, servindo as travessas de legumes primaveris, deteve-se a observar Giovanni a comer. Com a cabeça debruçada sobre o prato, mergulhou um pedaço de pão na sopa, girou-o e deu-lhe uma dentada com leite. Ele apanhou-a a olhar. — Está delicioso — elogiou, pescando da sopa a concha de uma amêijoia e despejando a carne e o líquido dentro da boca com um prazer guloso. — Está tudo absolutamente delicioso. — E o seu coração inun-dou-se de um amor intenso por ele.

A música do almoço elevou-se da mesa — uma percussão de talheres nos pratos, um coro de murmúrios elogiosos.

Chiara desejou fotografar a cena ou desenhá-la, tal como a mãe seria capaz de fazer, para que pudesse lembrar-se daquele momento para sempre: Pepina ralhando com o glutão do Erminio por ele lhe roubar a comida do prato; Franco e Alex, de rostos corados, brindando com copos de vinho tinto, Harriet beijando a cabeça do seu bebé.

Paolo e Rosaria estavam sentados no extremo da mesa, envergando as suas melhores expressões. Quando pensavam que ninguém estava a prestar atenção, discutiam discretamente entre eles. Chiara aprendera finalmente a ver a tia e o primo através dos olhos de Giovanni e conhecia-os pelo que eles eram: ambiciosos, interesseiros e pouco dignos de confiança. Contudo, eram da família e ela era suficientemente compassiva para considerar que mereciam um lugar à sua mesa com os outros.

Os olhos de Chiara contemplaram a cena mais uma vez enquanto levava a colher à boca. — Toda a minha felicidade está aqui.

— Assustou-se a si própria ao dizê-lo em voz alta.

Giovanni olhou para ela, ergueu uma sobrancelha e sorriu.

— Bem, está mesmo — disse ela com indignação, enquanto Giovanni lhe

despenteava o cabelo espetado com uma mão delicada. — E não vejo que haja nada errado nisso.

À distância, Chiara via nuvens de tempestade a reunir-se e ou-viu-se um leve ribombar longínquo de trovão, mas por cima das suas cabeças o céu continuava limpo e azul. Já teria escurecido quando a tempestade os atingisse e ela e Giovanni estariam a salvo dentro da sua casinha alugada, aquecendo o corpo um do outro na cama enquanto escutavam o ritmo tamborilado das torrentes de chuva lavando o telhado coberto pelas telhas de terracota.

FIM

Sugestões de livros:

ENCONTRE O AMOR EM ITÁLIA

EDIÇÕES

ASA

Excerto

Inspirado em Cyrano de Bergerac, *Receitas de Amor* é uma comédia de equívocos, plena de romance, magia culinária e da sensual atmosfera de Itália.

RECEITAS DE AMOR

Anthony Capella

Numa ruela transversal do viale Glorioso, em Tras-tevere, Roma, existe um bar conhecido por quem o frequenta simplesmente como Gennaro's. Olhando para ele, não é um grande bar, tendo mais ou menos o tamanho e a forma de uma pequena garagem para um carro, mas o turista de passagem notaria que tem espaço ao ar livre para duas pequenas mesas e um sortido de cadeiras de plástico desirmanadas que captam a luz do sol de manhã, enquanto o amante de café notaria ao passar que tem espaço no interior, no balcão de zinco desdourado, para uma enorme e reluzente Gaggia 6000, a Harley-Davidson das máquinas de café expresso. Tem ainda espaço, à justa, atrás do balcão de zinco desdourado, para Gennaro, amplamente considerado pelos amigos como o melhor barista de toda a cidade de Roma e, ainda por cima, um tipo porreiro.

É por esta razão que, uma bela manhã primaveril, Tommaso Massi, de vinte e oito anos, e os amigos, Vin-cent e Sisto, estavam de pé no bar, a tomar ristretti, a discutir o amor, à espera que os cornetti chegassem da padaria e, no geral, a passar o tempo com Gennaro antes de saltarem para as Vespas para se dirigirem aos vários restaurantes na cidade onde trabalhavam. Um ristretto é feito com a mesma quantidade de café moído que um expresso normal mas com metade da água e, como os expressos de Gennaro não eram, eles próprios, em nada normais, mas pura adrenalina líquida, e como, em todo o caso, os três jovens possuíam todos um temperamento excitável, a conversa era animada. Mais do que uma vez, Gennaro teve de lhes recordar que não discutissem ao mesmo tempo — ou, como se diz no vernáculo romano, parlare 'nu strunzo 'a vota; só dizer uma bacorada de cada vez.

O poder invulgar do ristretto de Gennaro era o resultado de ele afiar as duas lâminas gêmeas de moagem da Gaggia até obter o gume de uma navalha, de compactar o pó daí resultante no porta-filtro até adquirir a consistência do cimento, de deixar depois que se formasse uma pressão na enorme máquina e de esperar até o mostrador indicar oitenta libras por polegada quadrada antes de

finalmente descarregar um jacto de água explosivo no café compactado. O que saía do bico, depois disto, quase não era um líquido, mas um fio castanho-avermelhado com o aspecto do mel a gotejar da ponta de uma faca de manteiga, com um crema de cor acastanhada e um travo doce e oleoso que dispensava o açúcar, exigindo apenas um trago de acqua minerale e uma dentada de um cornetto polvilhado de açúcar, se a padaria os tivesse entregue. Gennaro adorava aquela máquina como um soldado adora a sua arma e passava mais tempo a desmontá-la e a limpá-la do que a tirar café. O seu objectivo era levá-la a cem PSI, muito fora do manómetro, e conseguir um ristretto tão espesso que se pudesse barrar como compota. Tommaso estava secretamente convencido de que a simples tentativa de uma tal proeza era correr o risco de a Gaggia explodir e os levar a todos com ela, mas respeitava o empenhamento e ambição do amigo e não dizia nada. Afinal, era evidente que não se podia ser um grande barista sem correr riscos.

A conversa, nessa manhã, era sobre o amor mas também sobre futebol. Vincent, que tinha ficado noivo recentemente, estava a ser repreendido por Sisto a quem a ideia de um homem se limitar a uma só mulher parecia uma loucura.

— Hoje podes pensar que encontraste a melhor mulher do mundo, mas amanhã...

— Sisto deu um piparote com os dedos debaixo do queixo — quem sabe?

— Ouve — explicou Vincent pacientemente ou o mais pacientemente de que era capaz —, há quanto tempo és adepto da Lazio?

— Toda a minha vida, idiota.

— Mas o Roma é... — Vincent hesitou. Queria

dizer «uma equipa melhor», mas não valia a pena transformar uma discussão amigável sobre mulheres num

combate de morte. — Está a jogar melhor — disse ele com tacto. — Nesta época. Até agora. E depois?

— E nem por isso começaste a apoiar o Roma.

— É un altro paio di maniche, cazzo. É uma coisa completamente diferente. Não se pode trocar de equipa.

— Exactamente. E porque não? Porque se fez uma escolha e é-se fiel a essa escolha.

Sisto ficou em silêncio por um momento durante o qual Vincent se virou triunfantemente para Gennaro e pediu outro ristretto. Depois Sisto disse manhosamente: — Mas ser um Laziale não é como ser fiel a uma mulher. É como ter dezenas de mulheres porque a equipa com-põe-se de pessoas diferentes todos os anos. Como sempre, estás a dizer bacoradas.

Tommaso, que até agora não tinha entrado na discussão, murmurou: — A

verdadeira razão por que o Vincent e a Lúcia ficaram noivos é que ela disse que deixava de dormir com ele se não casassem.

As reacções dos amigos a esta informação foram curiosamente diferentes.

Vincent, que tinha contado isto a Tommaso na maior confidencialidade, ficou furioso, depois envergonhado e depois — quando se apercebeu de que Sisto estava claramente com inveja — satisfeito consigo mesmo.

—É verdade — disse ele, encolhendo os ombros. —

A Lúcia quer chegar virgem ao casamento, como a mãe.

Por isso tivemos de deixar de dormir um com o outro até ficarmos noivos.

A declaração de Vincent, aparentemente ilógica, não suscitou comentários dos amigos. Num país em que ainda na geração anterior imperava um catolicismo categórico e fervoroso, todas as pessoas sabiam que as raparigas tinham tantos graus de virgindade como o azeite — que, claro, se divide em virgem extra (primeira prensagem a frio), virgem extra (segunda prensagem), virgem superfino, virgem extrafino, e por aí abaixo numa sequência de doze ou mais categorias de virgindade e quase-virgindade antes de finalmente atingir um nível de promiscuidade tão impensável que é simplesmente rotulado como «puro», sendo assim apenas indicado para exportação e para acender fogueiras.

—Mas pelo menos agora não tenho falta — acrescentou. — Durmo com a rapariga mais bonita de Roma,

que me adora, e vamos casar e ter casa própria. Há melhor que isto?

— O Tommaso também não tem falta — frisou Sisto. — E não se vai casar.

— O Tommaso dorme com turistas.

Tommaso encolheu os ombros modestamente. — Ei, tenho alguma culpa se estrangeiras bonitas se atiram a mim?

Esta conversa amena foi interrompida pela chegada dos cornetti, um tabuleiro de minúsculos croissants açucarados que, por sua vez, pediam um último caffè antes do trabalho. Enquanto Gennaro se preparava, limpando os tubos da sua amada Gaggia com um jacto de pressão, Tommaso levou uma violenta cotovelada nas costas de Sisto que indicou a janela com um sugestivo abanar da cabeça.

Pela rua fora vinha uma rapariga. Tinha os óculos de sol seguros no alto da cabeça no meio de um boémio torvelinho de cabelo louro que, juntamente com os jeans pelo meio da perna, a mochila de alça única e a simples T-shirt, a rotulava imediatamente de estrangeira ainda antes de se reparar no guia turístico, intitulado Quarenta Frescos Significativos do Alto Renascimento, que ela levava aberto numa mão.

— Uma turista? — disse Sisto, esperançoso. Tommaso abanou a cabeça. —

Estudante.

— Como é que sabes, maestro }

— Tem a mochila cheia de livros.

—Psst! Biondinal Bonal — chamou Sisto. — Ei! Louraça! Boazona!

Tommaso deu-lhe um safanão. — Não é assim que se faz, idiota. Mostra-te simpático.

Sisto achava intrigante que uma rapariga com a sorte de ser loura e atraente não ficar impressionada por lhe chamarem a atenção para o facto, mas deixou-se conduzir pelo amigo mais experiente e calou a boca.

Excerto

Uma temporada de férias na Toscana promete amor, mistério, e sonhos de uma noite de Verão.

AMOR-PERFEITO

Amanda Craig

As enormes portadas de madeira da Casa Luna, trancadas contra o calor e o crime, foram abertas violentamente e deixaram entrar a luz de um novo dia. Pia voltou-lhes as costas e começou a varrer. Havia sempre poeira: poeira do estuque velho, a desfazer-se, poeira das enormes vigas de carvalho escuro do tecto, poeira de visitantes há muito esquecidos e poeira das estradas do país, da brancura de ossos descarnados. Enquanto a figura roliça de Pia se dobrava e esticava, elevava-se uma camada fina de partículas brilhantes, num redemoinho, como se estivessem vivas. Ela sabia que haviam de voltar, como sempre, mas apanhava o que conseguia com a vassoura.

As teias de aranha enrolavam-se como fio fino à volta de um espanador de cabo comprido, as aranhas corriam precipitadamente para esconderijos temporários nas fendas. Os escorpiões saíam apressadamente das paredes de pedra irregulares para permanecerem invisíveis sobre pedras polidas do lado de fora. Os bichos-carpinteiros suspenderam o seu martelar e os ratos que viviam atrás das escadas desapareceram numa confusão penugenta. As torneiras da casa de banho ficaram livres de visco e sujidade, e a cozinha viu o lava-louça limpo, o fogão polido e o frigorífico descongelado.

-Ai, ai, ai, ai — berrava Serafina, cunhada de Pia, ouvindo a estação local de rádio —, why do you always make me cry }

Pia juntou-se-lhe em coro.

«You naughty love, you little boy, You treat my heart just like a toy!»

Cantavam com prazer, batendo vigorosamente os tapetes fora da janela com batedores de varas resistentes. Um lagarto semelhante a um minúsculo dragão, que

tostava ao sol no peitoril quente da janela, fugiu como uma flecha e desapareceu no meio dos jasmims.

À medida que o sol subia, uma orquestra em miniatura de cigarras espalhadas pelas árvores começou a cantar com gritos estridentes a música do pino do Verão, não parando senão ao cair da noite. As andorinhas precipitavam-se à volta da casa e dos ciprestes com guinchos agudos. Ia ser outro dia muito quente. As duas mulheres trabalhavam a um ritmo uniforme, sem descanso. Vestiam batas floridas e exibiam uma expressão de concentração e satisfação, pois estavam em paz, ao contrário daqueles para quem estavam a preparar a casa. Que aspecto tão tenso tinham sempre aqueles estrangeiros à chegada! É claro que a viagem nunca era agradável. A própria Pia nunca tinha ido mais longe do que Arezzo, e lá sentira-se bastante desconfortável, rodeada de edifícios e rostos estranhos, de tal maneira que nunca mais voltou. Os pobres estrangeiros sofriam sem dúvida muito mais, atirados pelo ar de um país para outro. Mas era a cor da pele que a fazia ter pena deles.

—

Eles vivem no escuro, como cogumelos — especulava Serafina.

Pia duvidava de tal coisa.

—Não sabem ser felizes, coitadinhos.

Tinha uma ideia aproximada de como era o resto do mundo através do grande aparelho de televisão a cores que se encontrava permanentemente ligado na cozinha; parecia ser um lugar que era melhor evitar. A sensatez desta opinião era confirmada pela extrema relutância em partir que experimentavam todos aqueles que ficavam na casa.

Contou os lençóis que comprara no mercado em Camucia. Fora uma maçada os ladrões terem levado os lençóis antigos de linho que o Signor Bill fornecera, mas Pia remediara a falta com lençóis novos, de algodão e poliéster, do mercado — muito mais fáceis de lavar e engomar. Os ladrões eram uma peste anual, atacavam as casas de férias dos estrangeiros - um alvo fácil porque estavam normalmente isoladas e desprotegidas. Sabiam que o Signor Bill trabalhava em Hollywood, e em Cor-tona todos tinham nisso extremo orgulho, vivendo na esperança de que um dia ele fizesse um filme em que todos teriam um papel. Os cortonesi apreciavam entusiasticamente as qualidades fotogénicas da sua cidade e das suas próprias características enquanto povo, que continuavam bastante desconhecidas do mundo exterior. Quando descobriram que o Signor Bill tinha apenas uma televisão com doze anos e uma aparelhagem hi-fi velha e estragada, os assaltantes levaram os lençóis — felizmente, o mobiliário antigo era simultaneamente muito

pesado e demasiado esparso para valer a pena o incômodo.

Pia escolheu entre os lençóis repostos. Um par para uma cama king-size. O marido e a mulher ficariam nesse quarto; era o que tinha a melhor vista para os montes e uma casa de banho tipo suite. Três pares de lençóis individuais com rainúnculos amarelos para as crianças — dois meninos e uma menina de acordo com o bilhete que lhe deixou o agente imobiliário. Os estrangeiros ainda tinham famílias grandes, ao contrário dos italianos nos dias que correm... Pia, que adorava crianças, suspirou. Depois de pensar um pouco, tirou um pequeno serviço de chá de porcelana num tabuleiro de estanho prateado. Não era nada de especial

— apenas um bule branco, um jarro, e quatro chávenas e pires, nenhuma maior do que o polegar de uma criança e decoradas com uma flor púrpura em miniatura que podia ter sido ou não uma violeta. A menina havia de gostar, pensou Pia. Talvez fizesse lanches, como ela própria fizera, há muito tempo atrás.

Pôs-se de novo a fazer as camas. Havia as duas camas duplas mais pequenas, cada uma com a cabeceira esculpida em madeira de castanheiro. Uma delas seria para a avó das crianças, sem dúvida. A outra era para os amigos do casal. O número de pessoas que viriam não ficara totalmente definido, por isso Pia deixara as camas por fazer nos últimos três quartos. Havia lençóis suficientes, mas à justa. As toalhas de turco brancas que levou para as casas de banho estavam velhas e puídas, mas eram generosas de tamanho. Nada ali era novo, à exceção dos lençóis e da piscina que tinha sido escavada no quintal para tornar a casa mais rentável. Antes disso, os estrangeiros tinham relutância em vir passar lá os meses de Verão; fora a amável insistência do agente imobiliário que persuadira o proprietário a considerá-la como um investimento.

— Quem vem desta vez? — Perguntou Serafina.

— Americanos.

Trocaram sorrisos. Independentemente da choruda gorjeta que pudessem deixar no fim, os americanos ficavam sempre extravagantemente agradecidos por um tira-misú deixado no frigorífico, ou pelos legumes frescos da horta que estavam a pagar.

Praticamente só usavam o duche, e tratavam Pia como se em vez do Signore, fosse ela a dona da casa. Quando partiam, deixavam quantidades enormes de comida esquisita no frigorífico — caixas de gordura amarela que nenhuma pessoa sensata imaginaria ingerir, e latas de refrigerantes — mas também os restos de muitos sabonetes agradáveis e de champôs. Os alemães também eram meticolosos e tão asseados que era raro deixarem o que quer que fosse por fazer. Os ingleses, por

outro lado... Pia fez um trejeito. Alguns eram simpáticos, mesmo quando não percebiam que o dinheiro era sempre melhor que uma garrafa de whisky, ou que estavam a desperdiçar água preciosa a encher as banheiras. Outros causavam-lhe arrepios. Nunca se esquecera da festa inglesa do ano anterior, de que resultaram garrafas de cerveja à volta da piscina, baldes do lixo a transbordar e os canos entupidos com preservativos. O Sonho Italiano não se preocupava com as nacionalidades que reservavam a Casa Luna desde que tivessem dinheiro para pagar, mas eram sempre os ingleses que causavam problemas. Normalmente não eram suficientemente ricos para a Toscana.

Pia e Serafina deleitavam-se a contemplar a riqueza das outras pessoas, que achavam que se reflectia nas suas tarefas. Adivinhava-se uma época movimentada, com tantas casas alugadas a estrangeiros. Um automóvel buzinou ao longe. Pia olhou a encosta para lá da piscina onde o seu sobrinho Rico trabalhava, despido até à cintura, a limpar os filtros e a substituir o cloro, para lá da longa avenida de ciprestes que delimitavam a estrada. Ali estava, um automóvel comprido e de tom claro, o tipo de carro que é sempre conduzido por um chauffeur de uniforme de um hotel de luxo de Florença ou Roma. Chegaria dentro de cerca de meia hora, depois de Rico o ajudar a fazer a curva apertada da estrada. Observou com cuidado a sala de visitas antes de voltar a fechar as portadas.

"Um romance para quem gosta de histórias sensuais."

"Encorpado como um tinto italiano, Caffè Amore é um livro de leitura compulsiva que combina

as oportunidades perdidas de O Bandolim do Capitão Corelli com os prazeres gastronómicos de Chocolate."

"Uma excelente leitura de Verão."

2005, Nicky Pellegrino

Este livro foi composto por Maria da Graça Samagaio, Porto, e impresso e acabado por GRAFIASA, Rua D. Afonso Henriques, 742 - 4435-006 Rio Tinto PORTUGAL

1: edição: Julho de 2006 2: edição: Agosto de 2006

Depósito legal n.º 246207/06

ISBN 972-41-4732-0

Reservados todos os direitos ASA Editores, S.A.

SEDE Av. da Boavista, 3265 - Sala 4.1

Tel. 22 6166030 • Fax 22 6155346

Apartado 1035 / 4101-001 PORTO PORTUGAL

[E-mail: edicoes@asa.pt](mailto:edicoes@asa.pt)

Internet: www.asa.pt

DELEGAÇÃO EM LISBOA Av. Eng. Duarte Pacheco, 19 — 8.º Tel. 21 3802110 • Fax 21 3802115 1070-100 LISBOA • PORTUGAL

Para a Sylvia e o Dino que se conheceram na Via Veneto Primeira Parte
San Giulio, Itália, 1964